

nina blazon

cbt **Faunblut**



Nina Blazon

Faunblut

Sinopse:

Uma história de amor situada em um fascinante universo mágico...

O misterioso Faun chegou à cidade onde vive a jovem Jade com uma missão: capturar os Ecos, as criaturas que há um tempo assombram a tranquilidade do Reino da Lady. Proveniente do Norte, Faun foi recrutado pela tirana governadora e, cumprindo com o que lhe foi designado, instalou-se no pequeno hotel que dirige Jade e seu pai.

O primeiro encontro entre Jade e Faun é hostil, mas com o passar dos dias Jade se sente cada vez mais atraída por seu hóspede, com quem só compartilha algumas horas ao pôr do sol, porque durante o dia se comporta como se fossem estranhos.

Ao cabo de algumas semanas, Jade cai, por acidente, no rio e se dá conta de que sua imagem refletida na água ganha vida. Então tem uma revelação: e se ela fosse portadora do sangue de Eco? Isso a converteria em acérrima inimiga do homem por quem está apaixonada...



*Para Tim, que também nesse livro me acompanhou
pela zona escura com muita paciência, humor e apoio.
E para Susanne Evans, meu agradecimento mais profundo!*

*Jade contemplava esses olhos verdes
e as estrias que cobriam as bochechas
como o craquelado dos quadros antigos.
“Sem corpo”, lhe sussurrava a garota.
Da ferida que lhe brotava sangue de água.
“Sem sangue”.*

Capítulo Um – Caçadores e Presas

A primeira vista, seu aspecto era pavorosamente humano. Pelo que Jade podia vislumbrar desde seu posto a sombra do muro, só eram dois.

Encontravam-se parados no centro da antiga praça da prefeitura, e erguiam o olhar até as cercas das casas em ruínas que se perfilavam contra o agitado céu de tormenta. Iam totalmente cobertos, e pela barra de suas roupas pingavam gotas de água suja.

Levavam inclusive a cabeça coberta: um com um farrapo, o outro com o que parecia ser um pedaço de rede de pesca de malha fina. Sob a luz fraca daquela manhã de início de verão, seus rostos ficavam ocultos; parecia como se na deserta praça da prefeitura alguns seres incorpóreos, fantasmas dos antigos habitantes, aguardavam ante seus lares destruídos enquanto os vãos das janelas, tão insondáveis como seus rostos invisíveis, lhes sustivessem o olhar de forma despeitosa indolência.

Jade apertou a mochila contra o peito e retrocedeu até o muro. Ainda que a manhã fosse tão fria que o ar se condensava, de repente se sentiu invadida por uma sensação febril. Inspirou profundamente para não se deixar levar pelo pânico. Sabia que tinha que desaparecer dali o quanto antes, mas ficou imóvel, incapaz de afastar o olhar. Fascinada a seu pesar, observou a elegância com que os dois personagens se moviam o que lhes fazia parecerem bailarinos. Delatava-lhes o modo em que assimilavam e refletiam em seus gestos, e em sua postura a magnitude da desolação que os rodeava.

Havia neles algo sutil, algo ligeiro demais e evanescente para ser humano. Detiveram-se de novo frente à antiga prefeitura, da qual só restava de pé a fachada, salpicada de orifícios de projétil, e voltaram a olhar para o alto.

- Venha, vamos embora.

A forte mão de Lilinn pousou em seu ombro.

- São... são Ecos. – murmurou Jade sem ar.

- Eu sei. Não devem nos descobrir.

Jade tragou saliva. Claro que não.

Ela ainda estava muito consciente do cadáver maltratado de um homem que Martyn e as demais pessoas do rio haviam tirado da doca há algumas semanas.

Além disso, no Mercado Negro se murmurava que dias atrás haviam encontrado contra a grade da Golden Gate os corpos de duas sentinelas da Lady, com feridas na nuca e a expressão de horror gravada em seus rostos rígidos.

Jade retrocedeu com calma, tateando a cada passo, agachada e com tanto cuidado que nem sequer o mármore gasto do chão rugia em baixo de seu sapato.

Quatro passos ainda, mais três para chegar ao fim do muro. Ela ainda estava segurando sua mochila vazia contra o peito como se fosse um escudo protetor. Estremeceu ao pensar que, talvez, os olhos mortos levassem um tempo a espiando as escondidas, seguindo todos e cada um de seus movimentos. Em todo caso, se dizia que tinham os olhos mortos. Os contos que se contavam ao ouvido das crianças desobedientes falavam de garras, presas, e de uma língua longa e afiada como um punhal que levava a morte.

Outras histórias sustentavam que os Ecos tinham cara de múmia, que a única coisa que parecia vivo neles eram os olhos, de cor clara e verde como a água do Wila, e capazes de paralisar a quem os olhassem com muita intensidade.

Ainda que Jade mal pudesse respirar por causa do medo e nervosismo, não pode evitar, pouco antes de dobrar a toda velocidade a esquina atrás de Lilinn, deu uma olhada rápida para trás.

Os Ecos haviam desaparecido. Só a água que havia caído de suas túnicas molhadas e esfarrapadas brilhava no chão empedrado.

- Lilinn! Já não estão lá.

Aquele sussurro mal havia sido audível, contudo, a cozinheira se virou e franziu o cenho com preocupação. Não costumava ter o olhar sério, mas naquele instante, na sombra, seus olhos de cor azul celeste pareciam os de um falcão, uma impressão que reforçava mais ainda a maquiagem negra que os perfilava.

- Maldita seja! – Resmungou.

Jade soube que as duas pensavam o mesmo nesse momento. Trocaram um olhar mudo, apertaram-se mais contra o muro protetor mais próximo e contiveram a respiração. Mas era tarde demais para se esconder: os restos do mármore rugiam em baixo do peso de uns passos rápidos... que se dirigiam diretamente até elas.

- Por ali. – Indicou Lilinn com a mão. – A antiga escola!

Jade havia fugido em outras ocasiões: do pessoal da Lady quando localizavam o Mercado Negro, dos ladrões e dos bêbados. E, claro, dos caçadores que a haviam tomado por ladra. Desta vez, entretanto, tinha de ser mais rápida e também mais cuidadosa.

Teria sido fácil ultrapassar a Lilinn, que usava saia, e não foi nem de longe, tão veloz como ela, mas aquele dia não estava para corridas.

O longo cabelo de Lilinn, que estava preso em uma trança artisticamente enroscada, oscilava a cada passo como se fosse uma serpente dourada.

Deslizaram em silêncio por debaixo de uma porta coberta de hera, e se apressaram pelo amplo corredor que, em outros tempos, os estudantes percorriam. Fazia anos que as plantas trepadeiras haviam começado a invadir as paredes, e, nem sequer os invernos gélidos haviam impedido seu avanço. O edifício já não tinha teto e, ao levantar a vista se viam as nuvens pálidas e pesadas que se deslocavam pelo branco céu matutino.

Jade conhecia todos os cantos da Cidade Proibida, desde a sala onde os estudantes se sentavam para comer em longas mesas, até a rua principal ladrilhada com mármore preto. E também a pequena praça do mercado, os becos intrincados e as ruínas dos armazéns de telas, e os comércios de onde antigamente os vendedores comercializavam tecidos de sedas e peles. Umas pontes de pedra arqueadas atravessavam os canais que saiam do Wila, o rio que cruzava a cidade. As enredadeiras afundavam seus dedos de cor verde pálido por debaixo das pontes e os estendiam até as escadas cobertas de mofo.

Jade e Lilinn cruzaram a toda velocidade um pátio traseiro, e desde ali até uma ponte muito arqueada e estreita que as pessoas do rio chamavam Lombo de Gato.

Passaram perto de uma igreja meio destruída e correram em direção a um palácio esplêndido com dois colossos barbudos de mármore que sustentavam o céu ao invés do telhado.

Ao chegar à esquina do palácio, Jade se deteve com a respiração entrecortada; ainda que procurasse não fazer nenhum barulho, teve a impressão de que seu pulso ressoava por todos os becos. Diziam que os Ecos tinham bons ouvidos, melhor inclusive que os gatos.

Escutou ao seu redor. Não ouviu rugidos, nem som algum e, sem dúvida, havia algo ali que lhe deixava arrepiada. Lilinn lhe deu uma cotovelada de advertência e se sobressaltou apesar de levar um bom tempo ouvindo-os: latidos, amortecidos e longe, pior com a intensidade aumentando. As pessoas da Lady. Só faltava isso! Havia descoberto já os Ecos? Ou talvez os cachorros seguissem o rastro de humanos?

Lilinn e Jade cruzaram os olhares e voltaram a observar com atenção quanto lhe rodeava. Aquele era o pior lugar para fugir. Da pequena praça em forma de estrela, que havia junto ao edifício, partiam vários becos e caminhos. Não importava a direção que pegassem, quando se afastassem do edifício possivelmente seriam vistas.

E se os Ecos espreitavam a volta da esquina esperando que duas humanas caíssem em sua armadilha?

Jade levantou o olhar. Um dos colossos de mármore a olhava sorridente lá de cima. Ao abrigo dos enormes músculos de pedra, justo por onde dobrava o braço, uma pomba havia construído seu ninho. Aquele era um lugar seguro na cidade cheia de gatos e cachorros vagabundos. E claro, era um excelente ponto de observação.

Lilinn, confusa, enrugou a testa ao ver que Jade deixava a mochila no chão e tirava os sapatos. Mas quando se deu conta do que se propunha, soltou um estalo de espanto. Deu um passo para frente para agarrá-la por uma manga, mas Jade foi mais rápida. Já havia

encontrado tateando uma greta no muro, e rapidamente começou a subir pela parede do palácio. Subir por ali não era especialmente difícil: faltavam algumas pedras na parede, e, inclusive a perna do colosso estava cheia de fissuras, que ela apoiava os dedos dos pés para subir. Alegrou-se de usar calças de linho folgadas naquele dia, que lhe permitiam uma boa liberdade de movimentos

Ao voltar, por um instante, o olhar para trás, viu Lilinn. Era uma beleza serena e distante, mas nesse momento tinha as bochechas ruborizadas e os olhos lhe mandavam raios de raiva contida.

- Desce daí! – Lhe ordenava com gestos autoritários. Mas Jade negou com a cabeça e continuou subindo. Seguiu se impulsionando com as mãos ao mesmo tempo em que procurava manter-se oculta pelo gigante de mármore. A pedra enrugada lhe machucava as mãos. Depois de alguns metros de subida, os músculos já tremiam, e nos dedos dos pés nus, sentia o corte da pedra em alguns pontos. Com um esforço sobre-humano, subiu sobre a borda de mármore da túnica do colosso, e machucou a pele do tornozelo. No último segundo conseguiu conter uma maldição e suportou aquela dor aguda sem emitir som algum.

Na dobra da túnica do colosso, pôde sentar-se como se fosse uma rede de pedra. Por um instante desfrutou do triunfo, do tremor e da agitação dos músculos e da sensação embriagadora de altura.

A pomba a observava com a cabeça ladeada, disposta a levantar vôo ao menor movimento.

Jade se inclinou cuidadosamente para frente e observou as ruas que havia abaixo. Desde ali, a Cidade Morta parecia um labirinto de becos sem saída, portas e nichos. Os canais escorriam entre as ruínas como pálidas artérias. Ao longe brilhava o extenso rebordo de cor verde cristalino do Wila. Mas além do rio, a Cidade Nova se erguia por cima da neblina matutina: na margem norte, a sede do governo da Lady destacava como um monólito polido de cor gris.

Em outros tempos, aquele edifício havia sido um palácio, um edifício intrincado e imponente com janelas em arco, e ainda que com as novas muralhas agora lembrava mais uma fortaleza, os habitantes da cidade seguiam chamando-o assim. Não muito longe dali, destacavam-se a igreja de Cristal e as residências dos lordes ricos. Muitas delas ostentavam fachadas novas e brilhantes, mas junto ao rio havia também uma série de edifícios antigos com novos senhores. Um bom trecho rio acima, no limite entre o presente e o passado, estava à casa de Jade.

Uma rajada de vento soprou pelas costas da garota, e jogou seu espesso cabelo cacheado em seus olhos. Assim era como Jakub, seu pai, gostava de chamar seu cabelo. Jade, impaciente, recolheu as mechas e formou uma bola, e o meteu na gola da roupa. Não havia nem rastro dos Ecos. Os latidos agora soavam muito próximos, vinham do norte e estava claro: o pessoal da Lady se aproximava desde a grande ponte do Dragão, talvez não sabiam nada dos Ecos, talvez só patrulhavam ou andavam buscando o Mercado Negro ao qual Jade e Lilinn se dirigiam. Com o coração acelerado, revistou as ruas em busca dos Ecos,

de um movimento, de algum indício. Ao dar uma rápida olhada para baixo, deu-se conta de que Lilinn já não estava junto à parede, seguramente havia se escondido. Sabia que a cozinheira estaria furiosa e que teria que fazer frente a um bom sermão de reprovação. Entretanto, tudo aquilo carecia de importância então. Onde estavam os Ecos? Jade revirou os olhos. Ali mais longe, na antiga Rua dos Tintureiros, junto ao canal: uma poça no chão, um rastro de gotas. E, também, ao vê-lo se encolheu sem querer, um movimento deslizante, o voo da dobra de uma rede. Ao instante, o fantasma desapareceu atrás de uma esquina. Os Ecos, no entanto, deslocavam-se até o sul em direção aos limites da cidade.

Era evidente que retrocediam ante os latidos dos cachorros, e que haviam perdido a pista de Jade e Lilinn. Respirou com alívio. Agora só restava se livrar dos caçadores da Lady.

Pelo que via desde onde estava, aproximavam-se avançando em arco até o palácio da cidade. Era aproximadamente uma dezena, e cada um deles levava um cachorro. Os galgos¹, esbeltos cachorros de caça tigrados de cor marrom claro, estavam ansiosos para que os soltassem. Jade se deslizou por cima do arco de pedra, soltou-se e deu uma olhada para a esquina da rua. Lilinn também havia deixado sua bolsa e sapatos a salvo. Bom!

Deixou-se cair ao chão com um gesto ágil, e ao amortecer o impulso do choque com as mãos, notou umidade entre os dedos. Incorporou-se assustada e olhou as mãos. Os Ecos não só haviam estado perto do edifício, mas sim justo ao lado. Por isso Lilinn havia se escondido com tanta rapidez!

- Sai! – Murmurou Jade para a escuridão. – Os Ecos já se foram, os caçadores nos perseguem.

Não obteve resposta. Jade tentou ignorar o comichão que sentia no estômago. Perto dela ouviu o golpe de alguns cascos, alguns latidos roucos, o impacto de umas pedras e um estrépito, como se os restos de uma parede fossem desmoronar.

Logo se ouviu um grito abafado e, finalmente um disparo.

Jade se sobressaltou tanto que bateu a cabeça contra a parede. Outro disparo ressoou nos becos, logo se ouviram alguns gritos e uma voz autoritária procedente de onde os Ecos haviam partido.

- Ali atrás!

Antes que Jade pudesse se esconder atrás da parede, o primeiro caçador apareceu por uma esquina da rua. Era uma mulher jovem. Usando casaco feito com pedaços de couro de tons escuros e claros dispostos de forma que lembravam um tabuleiro. A caçadora revirou os olhos, levantou a arma e apontou para algo que estava a poucos metros a direita de Jade. Em um décimo de segundo, ela captou todos os detalhes: a cor castanha do cabelo da mulher, que levava firmemente preso, os olhos de cor cinza e o brilho negro da arma. O disparo esteve a ponto de lhe destroçar os ouvidos.

¹ Raça de cachorro. <http://www.delsolmedina.com/Afotos/galgos8.jpg>

Pedaços do muro caíram sobre seus ombros e, enquanto ainda chovia escombros, deu-se conta de que um tiro de rebote havia estado a ponto de acertá-la. Por instinto, buscou abrigo no arco da porta. Encolheu-se tremendo junto ao resto da porta destruída, encolhendo-se o máximo possível. Não foram ali por ela, a caçadora nem sequer a havia visto, ainda assim, o terror a prendeu.

- Aqui! Um rastro de água que vai até a antiga igreja! – Exclamou a voz de um homem.

Ouviram-se uns latidos de cachorro, e a mulher e os demais caçadores se apressaram na direção sul. Jade havia suposto bem: buscavam Ecos. Ainda assim, só se atreveu a levantar a cabeça depois de um momento. Tinha que voltar com Lilinn. Sem dúvida, sua amiga estaria a caminho da ponte dos Grifos, que era seu ponto de encontro caso se perdessem de vista na cidade.

Jade deixou cair por completo os braços que, todavia, sustentava sobre a cabeça para se proteger. O alívio fez surgirem lágrimas em seus olhos.

- Onde você estava? – Sussurrou para a silhueta que a olhava contra a luz.

Jade se incorporou rapidamente, e a sombra retrocedeu de imediato. Um débil raio de sol ficou preso na fina malha de uma rede de pesca. Jade se deteve em meio movimento, essa silhueta não era a de Lilinn.

Há poucos passos dela, um Eco a investigava fixamente. Para Jade, pareceu entrever debaixo daquela malha suja o fulgor de olhos, ainda que o que lhe parecia mais terrível era a mancha escura que ocupava o lugar onde tinha que estar sua face. A criatura emitiu um sussurro, um ruído afogado que a calou profundamente.

Em qualquer outra ocasião, haveria jurado que preferiria andar descalça sobre brasas ardentes que pedir ajuda as pessoas da Lady, mas desta vez, desesperada, tomou ar, apossou-se de todas as suas forças e gritou:

- Um Eco! Aqui! Aqui!

O Eco se encolheu, tencionou as extremidades como um depredador disposto a saltar com a pele eriçada, e se lançou até ela.

Enquanto o grito ainda retumbava no ouvido, o tempo desapareceu para ela; não soube como havia conseguido fugir do palácio e da cidade, e se encontrou correndo, levada por suas próprias pernas. Sua respiração entrecortada lhe ressoava na cabeça. Ouviu que o Eco ia ganhando terreno.

Um grito sussurrante alcançou seus ouvidos e lhe percorreu as costas com um estremecimento. Sinahe! Era uma palavra em uma língua estranha. Pareceu-lhe que já sentia a respiração na nuca, e que a longa língua em forma de adaga ia se cravar em suas omoplatas, teve a certeza de que garras se estendiam até ela, dispostas a derrubá-la ao chão. Saltou a um lado com um grito, zigue-zagueou e se meteu por um arco de pedra. Dobrou então uma esquina fechada e esteve a ponto de resvalar com uma telha. A dor nas

plantas nuas de seus pés a fez estremecer. Recuperou-se cambaleante, e logo correu até uma praça com uma fonte que estava próxima a uma ponte.

Um bando de pombas levantou vôo, soaram alguns disparos, tão estrondosos e próximo que se converteram em um estrondo doloroso para os ouvidos de Jade. Topou então com a boca abertas de uns galgos, garras brilhantes de cachorros e as bocas como armas. Os dedos estavam pousados e dispostos nos gatilhos. A dúvida recorreu à expressão dos caçadores, Jade, suspensa por um instante entre a vida e a morte, deu-se conta de que não sabiam se deviam apertar o gatilho.

- Aperta! – Gritou um.

Dispararam imediatamente. Jade se jogou no chão, rodou para o lado, sobre si mesma e se afastou da linha de tiro se arrastando. O cheiro seco, acre, da munição queimada dos cartuchos que recordava um pouco ao cheiro do pescado defumado, provocou-lhe náuseas imediatamente. Conseguiu chegar a um canto afastado. Aí se incorporou e fugiu seguindo a borda de um canal estreito.

Como se tratasse de restos de um naufrágio, uns botes de remos pendiam de umas cordas podres cobertas de largas barbas de algas.

Cheirava a pedra gordurosa e água salgada.

Detrás dela soaram mais disparos. Então se deu conta, com horror, de que o Eco havia conseguido sobreviver. E, o pior, que seguia seu rastro e se aproximava. Podia notá-lo e cheirá-lo, e antes que ela pudesse se dar conta... passou ao seu lado com toda pressa!

Uma chuva de gotas roçou em sua bochecha e um pedaço de capa úmida roçou seus tornozelos feridos, a continuação, e se apressou a toda velocidade até a ponte seguinte, que se encontrava ainda a uns trinta passos. Jade estava assombrada demais para gritar.

O Eco parecia saber exatamente até onde ir. Ao outro lado do canal estava à zona dos antigos comércios, um bom esconderijo, labirinto e cheio de sótãos que conectavam com os canais. O Eco atravessou a empinada ponte em grandes passadas. No instante em que alcançou o ponto mais alto do arco, vacilou de repente e voltou a olhar a Jade.

A garota, que avançava cada vez mais lentamente, deteve-se em seco.

Por acaso o Eco pretendia voltar para atacá-la? Nas malhas da rede de pesca se desenhava a curva de uma bochecha. Aquela criatura a olhava com tanta tensão que parecia a estar esperando. Então, um novo estrépito atravessou o ar. O Eco retrocedeu e cambaleou para trás enquanto o disparo, todavia ressoava nos becos. Um pouco antes de chegar à entrada da ponte, há poucos passos de Jade, perdeu o equilíbrio e caiu no chão.

Jade deveria ter sentido alívio, mas o único que sentiu foi medo e um afogo estranho. Contemplou impotente como aquele ser ferido mortalmente caía como um casaco vazio. Ali jazia o inimigo, aquele que em sua boca levava sangue humano! As pernas de Jade

falharam e caiu ao chão, aguentando a si mesma com ambas as mãos no pavimento de pedra.

Estava úmido e fresco, impregnado de água.

Observou perplexa como aquela criatura se retorcia, agonizava e, finalmente, ficava imóvel no chão. Incompreensivelmente, a postura indefesa daquele ser a emocionou e escureceu.

Uns passos se aproximaram desde o outro lado da ponte. Primeiro Jade acreditou que era um lembrete imediato, que a obrigava a reviver o que acabava de acontecer, mas então reconheceu o segundo Eco. Aproximava-se a toda pressa pela ponte, agitando seus úmidos farrapos. Quando ele viu Jade, esteve a ponto de voltar, mas se acalmou e deteve seu passo deslizante a entrada da ponte. Voltou o olhar para o corpo de seu companheiro.

Durante um instante eterno, as duas figuras permaneceram imóveis: uma encolhida no chão de pedras, a outra de pé, e entre elas, o cadáver.

Quando pequena, Jade esteve a ponto de sofrer uma picada de uma cobra d' água. O réptil havia chegado à cozinha através de um dos canos que entravam em sua casa, direto do rio. Jade quis escapar, mas, ao invés disso, ficou paralisada, incapaz de fazer nada além de cravar o olhar nos olhos indiferentes daquela serpente venenosa, até que, ao final, o animal se lançou rapidamente para frente. Jade, entretanto, retrocedeu a tempo. Nesse momento se sentia como naquele dia: paralisada pelo medo, observando como o Eco, com um movimento grácil, de sonâmbulo, girando sobre si mesmo em busca de uma via de fuga. Logo, deu a volta, tencionou o corpo e começou a correr. O corpo de Jade reagiu de forma automática, notou como se deixava cair no chão e golpeava com os ombros nas pedras. Aproximou os joelhos do queixo e passou os braços pela cabeça, em modo de proteção.

O Eco saltou por cima do cadáver de seu companheiro, mas, longe de se aproximar de Jade, deu a volta e fugiu em direção ao norte. Ao saltar, a túnica acariciou o rosto do morto e fez ir para o lado a rede de pesca que o cobria. De repente, Jade estava cara a cara com o rosto daquela criatura morta. Uma ferida aparecia pelo ponto da têmpora onde a bala havia penetrado.

Ao invés de brotar sangue, dali emanava um rastro de água clara que formava no chão, debaixo de sua cabeça, uma poça cristalina e refletida. O Eco tinha a pele branca, quase transparente, e carecia de sangue. Não tinha cara de múmia, nem tampouco de besta. Era um rosto humano, na verdade, quase humano, agradável e delicado, de lábios pálidos. Sobre as maçãs do rosto, apresentava algumas estrias muito finas, parecidas o craquelado de um quadro antigo. Baixo a luz amarela do sol de amanhecer, parecia como se fossem se desprender da pele como pão de ouro, era como se alguém, séculos atrás, houvesse pintado um retrato e houvesse deixado a obra exposta a vontade do tempo. Era um semblante frágil e maravilhoso, cuja visão despertou em Jade o incômodo desejo de acariciá-lo.

Unicamente os olhos, vazios e abertos como o céu, estavam mortos, tal como contavam as histórias. Contudo, havia neles certo fogo-fátuo, pelo lampejo de assombro e... medo.

De repente ouviu alguns latidos e gritos estrondosos que procediam de todas as partes, inclusive do outro lado do canal. Em seguida se perguntou, enjoada "Estamos?".

Foi então que notou na nuca o respirar cálido de um cachorro desejoso de carne fresca.

- De pé. – Lhe ordenou a voz autoritária de uma mulher.

Jade se incorporou tremendo.

- Você viu o outro? – Prosseguiu a caçadora.

Era a mulher do casaco de couro e estava totalmente sem fôlego. Jade tentou, sem sorte, dar outra olhada ao Eco morto, mas, de repente, todo o espaço diante da ponte se viu invadido por cachorros e caçadores que lhe impediam de ver outra coisa.

A caçadora a segurou pelo braço de modo rude.

- O outro! Você o viu? – Vociferou.

Jade assentiu atordoada.

- Para onde foi?

Jade quis dizer algo, mas então se deu conta dos cachorros. Um de um lado ao outro, atordoados, com os focinhos grudados ao chão, cheirando por pistas.

Eram capazes de perceber o rastro dos Ecos? Como os Ecos em lugar de sangue tinham água...

- Hey! Estou falando com você! – A caçadora a sacudiu com força. – Para onde?

Jade levantou o braço, mas, ao invés de apontar para o norte, indicou a direção oposta.

"O que você está fazendo?" – gritou uma voz aterrorizada em sua cabeça. – "Ficou louca? Está protegendo um Eco!".

Mas logo veio a sua mente a imagem daqueles olhos vazios e foi incapaz de dizer algo.

A caçadora mal interpretou sua expressão atordoada, assentiu e a soltou.

- Ao antigo Mercado de Seda! – Ordenou.

Uma dezena de caçadores chamou seus cachorros com assobios e se apressaram na direção indicada. Só restando à caçadora e outros dois homens, que haviam coberto o cadáver do Eco com seus farrapos. Olharam para Jade com olhos receosos. Ela era consciente da imagem que dava aos caçadores: uma garota com uma fita em pedaços na testa, calça de linho folgado, pés descalços e machucados, despenteada. E, como se fosse pouco, ademais andando sozinha pela Cidade Proibida. Por sorte, não levava a mochila, caso contrário, haveriam dado por suposto que se dirigia ao Mercado Negro.

- Você é do pessoal das barcas? – Perguntou a caçadora com brusquidão. O cachorro ao seu lado mostrou os caninos e grunhiu. Jade negou com a cabeça.

- Sou do Hotel Larimar – Disse com um tom de voz especialmente decidido. – Meu pai é Jakub Livonius. A Lady o conhece.

De fato, isso era exagerado. Poucas vezes a Lady se lembrava dos cidadãos que lhe pediam audiência. De todos os modos, na grande sala da recepção, pendia uma permissão assinada por ela que autorizava Jakub a dirigir um hotel na velha casa junto ao rio, assim como viver nela.

A caçadora franziu o cenho, e seus olhos tinham algo de felinos. A desconfiança brilhava neles. Jade se deu conta então, de que essa mulher não poderia ser muito mais velha que ela, que devia ter uns vinte anos.

- Livonius, bom – Disse a caçadora seca. – Teu nome?

- Jade.

- É cidadã, verdade? Se for assim, mostre a marca. Vamos!

Jade, obediente, arregaçou a manga esquerda, levava em seu antebraço esquerdo o símbolo de Lady Mar, um lírio diminuto, que se tatuava na pele com a cinza branca das flores queimadas. Todos os habitantes da cidade levavam essa marca. Era um presente da Lady, e em outras ocasiões, vinha a ser como um seguro de vida. Segundo como lhe dera a luz, brilhava debaixo da pele em um tom verde ou azul especial.

Ninguém era capaz de imitar aquela tonalidade, e os cadáveres dos tatuadores que haviam tentado vender com um lírio falso o direito de cidadania aos forasteiros, apodreciam na forca, situadas ante a porta leste da cidade, junto ao ossuário.

- O que estava buscando na Cidade Morta? – Inquiriu à caçadora.

Jade só esperava aparentar que estava suficientemente assustada.

- Eu não queria vir por aqui. Estava no rio, perto da ponte dos Grifos. Então tive que fugir. Dos Ecos.

Bom, pelo menos a última parte não era mentira. Contudo, a caçadora não parecia acreditar. E os dois homens, que permaneciam em pé com os braços cruzados frente ao vulto em farrapos, sorriram com desdém.

A caçadora deu um passo à frente. Jade observou que segurava a arma com mais força e mordeu o lábio inferior. Por um instante, teve a certeza de que a mulher ia lhe disparar. O coração começou a bater com força, e sentiu umas palpitações na têmpora. Entretanto, a caçadora não levantou a arma, mas sim agarrou a coleira de seu cachorro. O cachorro era tão alto que não precisou se inclinar para fazê-lo.

- Você acha que pode me fazer de idiota? – Disse. – Sei perfeitamente o que estava procurando na Cidade Morta, e teve muita sorte que os Ecos não tenham te capturado. Espero que, com o ocorrido, Jade Livonius, tenha ficado muito claro. Se nós não estivéssemos na retaguarda...

Levantou as sobrancelhas em um gesto eloqüente.

- Moira! – Gritou um de seus homens.

A caçadora se virou para ele com um gesto de impaciência. Logo se virou de novo para Jade, e com um gesto descuidado, soltou a coleira de ferro que prendia o cachorro pelo pescoço.

- Vá – Disse em voz baixa e com um tom tão penetrante que parecia uma punhalada. – Dentro de um minuto aticarei o cachorro para ir atrás de ti. Assim que seja rápido.

Não se fez de vítima. A caçadora já havia afastado o olhar dela, como se houvesse desaparecido de seu pensamento, Jade se virou e correu o quanto lhe permitiram as pernas, na direção do rio e da Cidade Nova.

Apesar da intensa dor que sentia nos pés, para ela era muito pior a raiva contra os caçadores e a sensação de humilhação. E havia também a lembrança de um rosto despedaçado, de alguns rasgos doces e frágeis, e de olhos vazios.

Corria tão rápido que os pulmões começaram a arder temerosa de que o cachorro fosse alcançá-la. Entretanto o cachorro não a seguiu, e, aos poucos, deixou de ouvir disparos.

Quando avistou a ponte dos Grifos, atreveu-se a diminuir o passo.

Finalmente se deteve atordoada. Sua respiração entrecortada lhe parecia estranha, e começou a tremer de espanto. Nessa ocasião nem sequer se sentiu segura ao ver as duas figuras de pedra tão familiares, que guardavam aquela ponte estreita: dois leões com enormes asas de águias.

Não viu a Lilinn em nenhum lado e, por um minuto, temeu que os caçadores a houvessem pego, ou que os Ecos ao fugir houvessem a ferido, ou matado. Em sua mente desenhou a imagem dessas bestas que lhe havia encucado anos atrás, através das histórias.

Entretanto, o sol já estava acima dos telhados das casas, e desenhada um reflexo trêmulo da ponte na água. As chalanas e os botes deslizavam por cima da corrente, e na beira, os cisnes pretos, que decoravam também o símbolo da cidade, lançavam cascatas de gotas brilhantes ao agitar sua plumagem.

Como sempre, Lilinn surgiu de repente do nada. O alívio fez aflorar as lágrimas nos olhos de Jade, mas ao mesmo tempo sentiu tanta raiva contra Lilinn que a haveria sacudido com vontade.

- Maldita seja! Onde você se meteu? – Espetou.

Lilinn não respondeu, dirigiu um olhar estranho para Jade, deixou cair à mochila e a abraçou.

- Graças a Styx! – Disse com a voz afogada. – Ouvi alguns disparos e temi que...

Lilinn mesmo se interrompeu, e Jade se deu conta de que sua amiga tragava saliva.

- Não aconteceu nada comigo – Murmurou. – A caçadora me deixou partir sem mais. E você? O que aconteceu?

- Não percebe? Caí no canal. Tentei saltar para um barco, mas no fim acabei tendo de atravessar pelo barro.

Lilinn esboçou um sorriso fraco e começou a torcer a saia ensopada.

Aquele gesto parecia tão tranquilo que ninguém, exceto Jade, haveria se dado conta de como suas mãos tremiam.

- Por que não me fez nenhum sinal? – Perguntou Jade.

- Eu tentei, mas você não me olhou lá de cima. Queria que fizesse o quê? Assobiar? Estava atrás da parede, se você houvesse esperado cinco segundos a mais ao invés de sair correndo com toda pressa, teria me visto.

- Tinha que fugir. Havia um Eco, e os caçadores... o mataram com um tiro.

Jade teve que se conter para pronunciar essas palavras com um tom trivial, que não denotasse nem dor, nem horror, nem desconcerto.

Lilinn se incorporou e lhe dirigiu um olhar de assombro. Em seus olhos se desenhava os reflexos da luz do rio.

- Você viu quando o matavam?

Jade apenas pôde assentir.

- Perto de você?

Jade clareou a garganta.

- Dispararam nele na frente dos meus olhos e...

"E ajudei outro Eco a fugir". Mas essa última parte haveria resultado em problema demais e injustificável. Assim Jade mordeu a língua e se calou.

Lilinn empalideceu tanto que Jade acreditou ter de novo, ante si, um Eco: o temor que se refletia em seu olhar a fazia parecer uma irmã gêmea daquele ser monstruoso. Jade teve que afastar o olhar.

- Contemplar a morte nunca é algo bonito – Mumurrou Lilinn depois de um instante. – Já pode dar graças à ninfa do rio por ter te livrado de algo assim!

Jade assentiu e dirigiu um último olhar a Cidade Morta, antes de fazer um sinal a Lilinn para que a seguisse pelo porto.

- Será melhor voltarmos – Disse com sua habitual sensatez na voz, que, por sorte, não havia desaparecido por completo. – Por favor, não diga nada sobre os Ecos a Jakub. Já sabe como ele fica quando ouve falar deles

Lilinn respondeu com um simples suspiro e assentiu.

- Espera um momento! – Gritou quando Jade se dispunha a cruzar a ponte. Correu até ela e começou a tirar os pedaços de pedrinhas do cabelo. – Sim, está pronta – Prosseguiu com ênfase – tampouco contará a Jakub que estivemos na mira dos caçadores.

Capítulo Dois – O coração da casa

O hotel Larimar era anterior ao reinado da Lady, e existia inclusive antes da construção da ponte dos Grifos. Havia quem afirmava que era inclusive mais antigo que a Cidade Morta. De fato, Ben, o centenário desdentado que pedia esmola no mercado do porto, em seus momentos de lucidez recordava ter contemplado quando menino as duas moréias de pedra que, em modo de decoração grotesca, retorciam-se ao redor de uma janela redonda na fachada do hotel. A entrada principal da mansão antiga dava ao rio e não a rua; uma escada conduzia desde a porta do edifício até as verdes águas, facilitando assim aos hóspedes o acesso direto ao hotel desde a barca.

A casa, segundo dizia uma inscrição sobre a porta, havia sido construída por um tal de Jostan Larimar. Ao lado, a indicação do ano havia descascado há tempos e havia desaparecido, engolida pelo rio. Quatorze dos dezoito quartos do hotel tinha grandes banheiros com banheiras de bronze que, com os anos, haviam escurecido. O toque de ouro falso nas paredes havia adquirido um tom avermelhado, o qual dava ao lugar um certo ar de esplendor oxidado, ligeiramente expirado. Ninguém sabia por que Larimar havia construído sua residência orientada ao contrário e tão próxima ao rio. Havia quem se aventurava em dizer que - naquela época - o Wila não era tão amplo e, que entre a casa e a borda do rio havia tido um caminho. Outros, por outro lado, estavam convencidos de que por trás de tudo aquilo tinha de haver um segredo obscuro, uma maldição, um pacto ou algo pior incluso. Uma das numerosas lendas sobre a cidade dizia que o edifício tinha um coração palpitante feito de corais do rio, e situado a grande profundidade, no úmido sótão escavado pelo rio.

Os viajantes que haviam pernoitado naquelas habitações desconjuntadas chegavam a jurar que haviam ouvido as batidas da casa em meio da escuridão. E as pessoas do rio, as que nada gostavam além de histórias de paixões e delírios, alimentavam esses rumores e contavam a todos os recém chegados, que todas as noites o hotel se despertava para se entregar ao abraço do rio, o espumoso e verde Wila, a ninfa, que quando a maré crescia estendia seus dedos úmidos até as paredes e lançava víboras d'água e moréias, como espiãs, pelo encanamento até a cozinha.

No entanto, Jade sabia a verdade. Conhecia todos os cantos de sua casa, inclusive as salas alagadas do sótão, as que o Wila conquistava alguns centímetros a cada ano. Fazia tempo que os caranguejos do rio haviam se instalado ali, em garrafas de vinho gastas e em estantes cobertas de algas. De fato, Jakub capturava ali mesmo uma boa parte de sua comida, em cestos feitos especialmente para isso.

As batidas da casa eram simplesmente o estalo metálico do antigo elevador, produzido por umas ruelas dentadas desgastadas e mal encaixadas, este som, reforçado pela reverberação dos corredores vazios, ao passar pelas paredes ressoava amortecido e

rítmico. E o gemido fantasmal que mais de um hóspede parecia ter ouvido era só o chiado agudo do velho motor elétrico, ou bem o guincho de emergência que permitia inclusive mover o elevador de forma manual quando não havia corrente. Algo que, de fato, acontecia praticamente sempre.

Os verdadeiros espíritos do hotel, porque era suposto, havia alguns, faziam-se notar de um modo totalmente diferente.

O Larimar possuía quatro pisos e um ático empinado, depois de anos de esforço, Jade e Jakub haviam ido conquistando um andar atrás do outro, como exploradores avançando em um reino desmoronado. Haviam limpado os escombros abandonados pelas pessoas da Lady há quase vinte anos durante o assalto a cidade, e haviam coberto a maioria dos orifícios dos disparos. Haviam retirado dos quartos a ruína e a poeira, e haviam voltado a torná-los habitáveis. Não haviam conseguido ainda colocar vidros em todas as janelas. E a escada que deveria unir o segundo andar com o terceiro continuava destruída. Por eles, só quando o elevador tinha corrente, os hóspedes poderiam se alojar nos pisos superiores. E, geralmente, as habitações especialmente grandes e suntuosas do quarto andar continuavam desocupadas.

Em muitas partes haviam empilhado velas de barcos e redes de pesca velhas como cortina, e muitos móveis pareciam veteranos de guerra com pernas de madeira. Havia pedras que sustentavam camas que só possuíam três pernas, e mais de uma mesa se havia desfeito com a umidade das noites de verão. Quase todos os banheiros tinham azulejos gastos e, no entanto, cada quarto desprendia uma beleza que desde anos era motivo de elogios entre os hóspedes.

Jade tinha a impressão de que, nos dezesseis anos que levava vivendo ali com seu pai, a casa havia crescido com ela, e que a noite, convertia-se em uma fortaleza feita de pedra, argamassa e madeira.

Também nessa ocasião, depois de seguir a Lilinn por toda a estreita entrada de serviços e pisar no chão de mármore de cor rosa envelhecido, sentiu-se totalmente a salvo. Aquela pedra desgastada e lisa resultava refrescante e benéfica para suas mal tratadas plantas dos pés. A luz da manhã fazia dançar partículas de pó pela sala e se prendiam contra os quatro, espelhos decorativos com discos de bronze que eram o orgulho de Jakub. Havia umas almofadas enroladas apoiadas na parede, e ferramentas jaziam espalhadas no chão frente à caixa do elevador.

- Já estamos de volta! – Exclamou Lilinn deixando a mochila de Jade sobre uma cadeira situada frente à porta de entrada.

- Tão rápido?

A voz de Jakub soou amortecida e distante, como procedente do mais profundo dos sótãos. Jade havia planejado subir imediatamente pela escada e deixar que Lilinn levasse à bronca, mas Jakub, como sempre, foi mais rápido. Quando ouviu o chiado e o estalo do dispositivo mecânico, o rosto de seu pai apareceu pela caixa do elevador. Uma mancha de graxa lhe atravessava a testa, convertendo suas rugas de expressão em sulcos negros muito

definidos. As mãos de Jakub, com dedos curtos e fortes, também estavam sujas e escuras. Só o cabelo e a barba, com uns riscos espessos que brilhavam em um tom mais avermelhado que castanho destacavam-se naquela sujeira.

- Então? Conseguiu um relé? – Grunhiu enquanto se revirava para sair da caixa do elevador.

Como sempre, pareceu como se uma criatura da terra acabasse de aparecer do subsolo.

Jakub usava naquele dia uma calça marrom de trabalho e uma camisa de couro, suja de graxa, que lhe cobria o amplo peito e os ombros fortes. Sorriu para Jade, fechou com um golpe forte a grade do elevador, e limpou as mãos com um trapo. Mas quando seu olhar pousou nos pés descalços de Jade e reparou em seu tornozelo machucado, seu sorriso desvaneceu. Jade sentiu estremecer, maldita seja! Como não havia pensado em voltar a por o sapato?

Seu pai empalideceu naquele instante, o trapo caiu no chão.

- Mas o que diabos aconteceu? – Berrou Jakub, precipitando-se até ela. – Por que está sangrando? Onde estão seus sapatos?

Qualquer desconhecido haveria se sobressaltado diante aquele impulso repentino, de fato, quando era pequena, Jade volta e meia havia se assustado ante sua ira e suas vozes.

Mas sabia que aquela ira escondia um medo e uma preocupação que poucas vezes permitiam que seu pai dormisse tranquilo. Quanto mais negasse, maior seria seu espanto.

- Não foi nada – Disse ela. – Eu subi em uma parede e cai. E depois não tive tempo de calçar os sapatos. Tínhamos que partir antes que...

- Antes de quê?

Jakub apertou com seus dedos os ombros de sua filha, e seus olhos, de cor âmbar e olhar cálido, endureceram rapidamente.

- Nos vimos obrigadas a desaparecer – Lilinn saiu em ajuda de Jade. – Havia caçadores patrulhando pela Cidade Morta.

Jade se encontrou, de repente, sumida em um abraço pela segunda vez no dia.

- Oh céus! – Murmurou Jakub, ainda enterrado em seus cabelos. – Quantos eram? Vocês os viram? Está tremendo Jade? Oh sim, está tremendo!

Jade tragou saliva, fechou os olhos para afastar de si à imagem do Eco e se soltou cuidadosamente.

- Só tenho frio. Nada mais – Disse com a maior tranquilidade que lhe foi possível, conseguiu, inclusive, sorrir a seu pai. – Sim, nós os vimos. Mas não nos perseguiram não se preocupe.

Resultava-lhe muito difícil fazer que sua voz soasse tranquila e segura. Esquivou do olhar inquisitivo de Jakub e foi pegar sua mochila. Ainda que nela só levasse os sapatos, pareceu-lhe que era de chumbo. A mentira lhe pesava, e estava segura de que seu pai percebia o peso de suas palavras, mas o amava demais para permitir que os pesadelos voltassem a instigá-lo. E ele, ela sabia perfeitamente, amava-a demais para reconhecer, ainda que fosse em parte, que ela estava mentindo.

Nesses casos, para Jade parecia que com o tempo, ela e seu pai haviam trocado de papéis: os caminhos a levavam ao exterior, a cidade, aos mercados e ao porto; tanto que Jakub cada vez se retirava mais ao subsolo da casa, fosse renovando e reparando canos, ocupando-se dos caranguejos ou fazendo funcionar o elevador e os banheiros. Sentia como se ela tivesse que proteger a seu pai do que ocorria na cidade e dos Ecos, cujo nome não podia nem sequer mencionar dentro do hotel.

- De qualquer forma, não conseguimos nenhum relé – Explicou ela. – E hoje tampouco é um bom dia para conseguir algo mais. Seguro que ao ouvir os cães, Manu e os demais desmontaram o mercado.

Ainda que Jakub voltasse a tragar saliva, ao final conseguiu relaxar. Relaxou os punhos e por fim, assentiu.

- Bom, não importa. No momento há quartos suficientes desocupados no primeiro e segundo andar – Aquela afirmação era descaradamente exagerada, ainda que Jakub sempre falasse do hotel como se tivesse uma boa ocupação. – Além disso, agora mesmo não temos luz e, portanto, as pessoas terão que carregar os pertences pelas escadas. De qualquer forma, já que tenho isso meio desmontado, aproveitarei para verificar as guias. Há algo que arranha entre o segundo e o terceiro andar. Jade me ajude. Terá que subir na cabine e examinar a caixa que fica em cima. Na sala de controle também há o que fazer. E quanto à luz... será melhor que amanhã você vá ao porto e pegue emprestado um barril de azeite para as lâmpadas.

- Pedirei um a Martyn – Disse Jade. – De fato, me deve algo.

Ao ouvir o nome de Martyn, Lilinn não pode reprimir um sorriso. A rotina havia melhorado para Jade, mas apesar de estar a salvo, não deixava de tremer.

- Volto em seguida e te ajudo – prosseguiu. – Só um momento para deixar a mochila.

Jakub assentiu.

- Coloque sapatos – Resmungou enquanto voltava a centrar a atenção no elevador.

Lilinn lhe dirigiu um último olhar sério e, encaminhou-se até a zona da cozinha para preparar a comida para os hóspedes. Não ia ter muito trabalho, só havia dois comerciantes

das Terras do Sul hospedados no segundo andar. Conformavam-se com caranguejos do rio fervidos e não se queixavam por ter que carregar sua mercadoria até o quarto. Afinal de contas, o Larimar não era um estabelecimento para clientes exigentes, mas bem era um alojamento para viajantes e solicitantes que esperavam audiência com a Lady, ou com algum de seus administradores.

Jade pôs a mochila no ombro e subiu com pressa os degraus da ampla escada de dois em dois.

No lugar onde deveria ter encontrado a escada que conduzia ao terceiro andar, havia uma brecha.

Tudo o que unia a parte superior do Larimar com a inferior não era mais que uma escada de mão de madeira cujo uso por parte de todos os hóspedes, evidentemente, não era razoável. Jade subiu por ela sem problemas para ir diretamente ao corredor do terceiro andar, através de um orifício que havia no teto.

Ainda que em outros tempos o tapete houvesse sido vermelhos, agora tinha um tom rosa apagado. As portas dos quartos estavam pintadas de cor vermelho sangue, mas estavam descascadas e a pintura recordava os antigos mapas de continentes e ilhas. Jade conhecia os quartos tão bem que era capaz de passear por eles com os olhos fechados. Havia temporadas em que dormia cada noite em um quarto diferente, sobre tudo naqueles onde havia algo que reparar. Mas se, como agora, queria estar sozinha, havia um quarto muito especial só para ela. Nenhum hóspede havia entrado ali, e Jakub poucas vezes se lembrava dele. Estava no terceiro andar, dava para o rio e não tinha porta de entrada, ainda que sim uma janela redonda, parecido com os olhos de boi dos barcos. Como precisava de vidro, no inverno resultava inabitável, mas para Jade isso era muito bom, já que, de fato, a janela do exterior era o único modo de entrar no quarto.

Entrou na sala próxima ao quarto secreto: era um dormitório com uma cama de barras metálicas oxidadas e as paredes repletas de manchas de umidade, que formavam desenhos intrincados. Algumas eram assombrosamente retas, e se Jade entrecerrava os olhos, podia adivinhar onde se encontrava a porta que dava ao quarto secreto antes que alguém a tapeasse e pintasse de novo a parede.

Jade levou as alças da mochila no ombro esquerdo e se aproximou da janela. A borda era ampla e convidativa, e quando colocou o pé nela e saiu ao exterior, notou uma rajada de ar cálido que se levantava desde o rio, e que cheirava a algas e água. Aos seus pés, a certa distância, o Wila acariciava a escada que descia até o leito. Se Jade escorregasse e caísse, iria parar sobre as escadas de pedra.

Com um gesto comum, apalpou a direita da janela uma das moréias de pedra que decoravam o olho de boi, agarrou-se fortemente a ela e pôs o pé na borda de pedra que dava estrutura a fachada. Não lhe custou muito balançar-se pelo muro exterior até alcançar a janela.

Abaixo, nas profundezas da água, viu seu reflexo situado exatamente junto à escada onde a água ficava estancada. Deteve-se, um instante e o contemplou enquanto se sustentava com ambas as mãos na moréia de pedra.

A imagem na água mudou. A Jade das ondas levantou uma mão e a saudou.

Também isto era algo que ocultava a Jakub: os reflexos não fazem sinais, mas o de Jade se movia de vez em quando, fazia caretas ou ria se Jade estava triste. Ninguém exceto ela era capaz de vê-lo, para Lilinn isso não era mais que um jogo que o Wila jogava com ela, e dizia que não permitiria jamais se sentir atraída pela corrente.

Jade sorriu a sua imagem no rio, e desfrutou por um segundo da sensação de altura e do vento. Fez escorregar a mochila pelo braço, a lançou com força pela janela redonda e logo se deslizou até seu interior.

O azul escuro das paredes daquele quarto quadrado a fazia parecer ainda menor. O chão estava desordenado enquanto Jade ia se empurrando pela janela: umas mantas que fazia às vezes de cama, e roupa empilhada desordenadamente junto à parede. No teto, em um gancho para lâmpadas, estava pendurado um longo vestido de seda de cor azul envelhecido que Jade havia encontrado quando menina em um baú gasto. O pó acumulado de vários anos depreciou o tecido. O vestido não era o único objeto achado, junto à cama havia um diário que Jade havia encontrado entre os escombros de uma casa na Cidade Morta. Parte da capa de couro estava chamuscada, e as páginas estalavam secas e cheiravam a fumaça. Jade jamais o havia lido por respeito aos segredos da pessoa morta, só conhecia as duas primeiras frases, e estas tinham um tom tão triste que não sentia nenhuma vontade de virar a página e averiguar um pouco mais.

Deixou-se cair no monte de mantas e se apoiou na parede azul.

Era tranquilizador ter o livro em mãos e acariciar as bordas das folhas com os dedos. Quando fechou os olhos, viu ao Eco e a caçadora lhe apontando diretamente ao coração. Sem apenas se dar conta, apertou o diário contra o peito. Ao fim de alguns instantes, abriu-o e encontrou o tesouro que conservava cuidadosamente entre as folhas. O livro em si era um segredo, que por sua vez ocultava um tesouro, era um segredo dentro de outro. Tratava-se de uma fotografia antiga e descolorida, e era tão borrada que parecia ter sido tirada as pressas. Não podia ver grande coisa nela: na borda da imagem, uma cabeleira negra ao vento, lisa como a crina de um cavalo, um rosto claro apenas insinuado, e um sorriso velado. Como sempre quando olhava a sua mãe, lembrava vagamente a sua voz, Jade se sentia reconfortada, e ao mesmo tempo, melancólica.

- Hoje estive a ponto de morrer com um tiro – Sussurrou a aquele sorriso velado. – Mas o morto, no final, foi um Eco. E já sei que deve ser loucura e que devo estar passando mal, mas ali na ponte... eu desejei que... o Eco escapasse.

Capítulo Três – Sol e Lua

Sonhava com os reflexos no rio, com mais de dez reflexos de si mesma que brincavam e lhe diziam zombarias gritando “Sinahe!” e fazendo caretas.

E estava também essa caçadora lhe apontando, enquanto Jade desesperada, subia por um muro procurando não cair. Ao fim despertou sobressaltada com um grito, e precisou de vários segundos para se dar conta de que estava a salvo, e que se encontrava na cama do quarto branco.

Gostava de passar a noite nesse quarto do segundo andar, porque tinha um banheiro praticamente intacto e conservava janelas. A chuva batia na janela, e o céu conservava ainda o cinza da noite.

“Tenho que ver Martyn”, disse a si mesma. Atordoada pelo sonho saltou da cama. Ao se dirigir ao banheiro, esteve a ponto de tropeçar. Na noite anterior havia colhido água da cozinha para limpar as mãos depois de ter estado trabalhando no elevador. Ainda que no jarro que havia junto da banheira se viam marcas de graxa, a água porém estava limpa. Jade se sobressaltou ao notar a água gelada na pele, e para continuar tentou apagar de sua mente as imagens de seu pesadelo.

O hotel ainda dormia, era tão cedo que nem sequer Lilinn havia acordado. Jade desceu em silêncio pela escada, deixou uma nota no quadro de recados que havia perto do elevador, e deslizou para rua pela porta lateral.

A garoa prendia em seu cabelo enquanto corria até o porto, seguindo o curso do Wila, passando frente a botes de pescadores e redes desprendidas.

Junto à água havia dois homens elegantemente vestidos, talvez convidados de algum lorde. Usavam túnicas largas adornadas com faixas de seda, e tinham o olhar em um grupo de cisnes pretos que avançavam contra a corrente.

As novas casas perto do porto que haviam surgido como que do nada nos últimos anos, pareciam fundidas no céu matutino pela cor acinzentada de suas fachadas. Jade se apressou a atravessar uma grande praça de festejos, situada junto às águas. Ia avançando cada vez mais rápido até que no fim, se encontrou correndo. As plantas de seus pés golpeavam a pedra lisa. Como tiro pensou. Por mais vazias que estivessem às ruas na primeira hora da manhã, o porto, situado no desemboque não descansava jamais.

Encantava-lhe aquela vista: a cadeia de rochas fortificadas se erguendo na extensa desembocadura do rio, como um braço de pedra protetor, abraçava a baía do porto.

No extremo da cadeia rochosa se erguia o farol de pedra branca. Frente a ele, sobre as águas negras, resplandecia a nave da Lady, uma suntuosa embarcação esbelta e dourada. E atrás, extenso e misterioso como um espelho velho escuro que refletia as nuvens, se abria o mar.

Ouviu-se um apito, Jade aguçou a vista e esquadrinhou até a direita da baía do porto, onde se encontravam os carregadores. Fazia alguns dias que haviam amarrado ali dois colossos de ferro, uns barcos mercantis das ilhas Meridionais. Esses mercadores haviam chegado à primeira hora para servir vinho e outros produtos para uma das numerosas festas do palácio de inverno. Acabava de chegar também um ricamente decorado, carregado de especiarias. Justo ao lado desta estava à barca dos Feynal, a curiosamente muito carregada, como se houvesse feito uma travessia noturna. Nesse momento, estavam descarregando umas caixas do barco por meio de uma roldana. As pessoas do rio dirigiam a manobra com assovios e sinais. Dois cachorros cinza e desgrehados atados a borda seguiam com atenção e desconfiança todos e cada um dos movimentos.

Jade reconheceu a Martyn de longe, entre as pessoas do rio. Seu cabelo era tão claro que pelas pontas parecia dourado, e era mais cacheado que o de Jade. O lenço que levava amarrado na testa era de uma cor vermelha intensa, igual ao cinto de onde pendia todo o tipo de ganchos e ferramentas. As demais pessoas do rio preferiam usar uma roupa mais escura. Martyn ao contrário, gostava das cores do fogo.

Quando Jade chegou junto ao barco, ele se virou para ela de imediato, como se o houvesse chamado. Era inquietante como ele parecia perceber sua presença quando ela estava próxima. Um sorriso lhe correu pelo rosto, e ela não pôde responder com outro. Martyn, diferente de Arif seu irmão mais velho, que era sombrio, reservado e pouco dado a risos, parecia concentrar nele toda a claridade. O sol e a lua assim chamavam Jade aos irmãos para si mesma. Se bem que, nesse preciso instante, Martyn era bem mais um sol calado pela chuva.

Tinha a camisa totalmente ensopada e grudada aos ombros.

- Quando te vejo tão cedo pela manhã no porto é porque você quer algo! – Lhe gritou contente enquanto saltava do barco ao cais para parar ante ela, com os braços cruzados. – Vamos, diga logo. O que foi?

- Óleo para as lâmpadas – Respondeu Jade sem rodeios. – Ainda temos um pouco, basta só meia lata.

Os olhos de Martyn brilharam divertidos.

- O Larimar esta de volta às escuras? Pois sim, ainda me resta um pouco de óleo. De todos os modos minha ninf, não sei se dará meia lata. Depende do que eu vou obter em troca.

Seu sorriso se alargou.

- Deixa de 'ninfas' e guarda esse sorriso sedutor para as damas comerciantes – Disse Jade em tom seco. – A final de contas, você ainda me deve algo pelos cabos.

De repente, Martyn ficou sério e a observou muito atentamente. Parecia como se seu olhar alegre fosse capaz inclusive de ler seu pensamento.

- Que foi? – Perguntou então de repente. – Por acaso essa noite viu um fantasma?

- Pior que isso.

O último resto do sorriso de Martyn se desvaneceu.

- Ontem aconteceu uma coisa quando ia com Lilinn ao mercado, preciso falar contigo sobre isso com urgência e...

- Martyn! – Gritou Arif. – Deixa de vadiar! Vamos!

Martyn se virou para seu irmão e lhe fez um gesto de impaciência, logo pousou as mãos nos ombros de Jade. Para ela aquele gesto resultou infinitamente familiar e tranquilizador. Resultava inclusive demasiadamente fácil se perder nos olhos verdes como o Wila, de Martyn.

- Espera aqui! – Lhe sussurrou. – Estamos a ponto de terminar a descarga. Logo falamos tranquilamente, certo?

Jade assentiu.

- Como vai tão cedo com um carregamento? – Perguntou em voz baixa. – De onde vêm esses cachorros e todas as caixas?

- Das Terras do Norte.

As Terras do Norte... Jade abriu a boca surpresa. A terra mais além do mar de Gelo, a uns dez dias de viagem dali.

- Ontem um barco deixou o carregamento e dois passageiros ao oeste da desembocadura, junto das Red Rocks.

- E por que não o fez aqui?

- E eu que sei? Pode ser que não tivessem autorização para entrar no porto. O problema é que uns sentinelas nos tiraram da cama na metade da noite e nos ordenaram para recolher o carregamento e as pessoas. – Deu um tapinha na bolsa repleta de dinheiro que levava a um lado do cinto. – Parece que pelo menos algum lorde abre um pouco o bolso para transportar seu entretenimento até a cidade.

- Martyn, maldito seja! Está dormindo ou o quê? – Gritou Arif. Martyn suspirou, mas soltou Jade e voltou ao barco.

Diante do barco havia amontoado um bom punhado de pessoas, inclusive na borda da doca havia curiosos apoiados, ansiosos por ver talvez um acidente. No entanto, para sua decepção, Jade não viu nenhum nórdico². Diziam que eram baixos e corpulentos, que usavam o cabelo preso em tranças e que luziam a couraça de couro, mas tudo o que pôde ver a primeira vista, foram dois caçadores sem cachorros e alguns estivadores e transportadores. A visão dos caçadores inquietou Jade mais do que teria gostado.

Nesse instante, as pessoas do rio começaram a erguer uma caixa com a ajuda de uma polia³. Era mais alta que um homem e apresentava algumas fendas entre as madeiras, como se fossem orifícios para respirar.

Martyn agarrou o cabo guia que seu irmão lhe havia lançado e ajudou a colocar a caixa na posição adequada. Lentamente, esta oscilou por cima do foco de água e permaneceu suspensa sobre o grupo de curiosos.

- Abaixo! – Gritou Martyn.

A caixa começou a descer entre solavancos. As pessoas retrocederam de imediato, tão só uma figura entocada em um abrigo com capuz totalmente escurecido pela umidade vacilou antes de dar um passo ao lado.

A caixa oscilou ligeiramente, como se em seu interior um ser vivo soltasse seu peso. Um peso considerável. Jade tentou adivinhar que animal poderia haver na caixa. Não eram arranhões o que se ouvia quando as polias se detinham por um instante? Podia ser um urso? Muitos lordes tinham casas de feras.

Jade ainda não havia visto nenhuma, mas às vezes, na primeira hora da manhã se o vento soprava em boa direção, ouvia lá longe os rugidos como os dos felinos, e gritos de pássaros exóticos.

- Cuidado! – Gritou Martyn.

Tarde demais. O cabo guia que Arif sustentava se soltou e a caixa girou de lado com uma forte sacudida. Os curiosos gritaram e ficaram a salvo, em troca o homem do abrigo não retrocedeu nem um passo.

- Bando de idiotas! Ficaram loucos? Vão com cuidado! – Gritou.

Aquela voz masculina era jovem e tremia de raiva. Jade não podia ver o rosto daquele homem que estava de costas para ela com o capuz lhe tampando o cabelo. Contudo, abaixo do abrigo empapado, se mostrava uma figura alta.

² Proveniente dos países nórdicos que consistem na Dinamarca, Finlândia, Islândia, Noruega e Suécia, e seus territórios associados. http://pt.wikipedia.org/wiki/Países_nórdicos

³ É uma peça mecânica muito comum a diversas máquinas, utilizada para transferir força e movimento. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Polia>

Arif se virou como mordido por uma víbora. A ira cintilava em seus olhos escuros.

- Está me chamando de idiota? – Grunhiu dirigindo-se ao forasteiro. Jogou a corda no chão sem mais. – Se é assim, se encarregue você mesmo de baixar essa maldita coisa!

Cruzou os braços e se retirou. A caixa começou a deslizar.

Algumas das pessoas do rio lançaram uma gargalhada, e Elanor a companheira de Arif, uma mulher corpulenta de cabelo avermelhado e curto, mostrou a língua em sinal de zombaria. Tampouco Jade escondeu seu sorriso. Aquele tinha que ser um forasteiro, porque todos os habitantes da cidade sabiam quão orgulhosas e suscetíveis eram as pessoas do rio. O homem, surpreendido só vacilou um instante, mas em seguida, depois de proferir uma maldição no estranho e rude idioma dos nórdicos, correu e saltou a borda. Por um instante cheio de inquietação Jade pareceu ver duas imagens sobrepostas. Esses movimentos flexíveis, quase fluídos, o andar elástico...

Estremeceu assustada. “Não, isso é impossível”, disse para se tranquilizar ao mesmo tempo em que entrelaçava os dedos das mãos.

O forasteiro pegou a corda no momento preciso, isso é, antes que a caixa tombasse definitivamente de lado. Um grunhido amortecido atravessou a madeira. Sem dúvida, isso não soava como um urso. Jade sentiu que um arrepio percorria suas costas. Ouviu então um chocalho acompanhado de uns sons roucos. Seguramente, aquele era o ruído que faziam os criminosos ao serem pendurados na corda da força. O grupo de curiosos se apressou em dar outro passo para trás entre cochichos.

O desconhecido agarrava a corda com todas as forças, mão sobre mão. A temível semelhança com o Eco havia desaparecido com a mesma rapidez com que havia surgido. Nesse momento, na barca, só havia um homem com uma agilidade surpreendente. Jade se sentiu aliviada.

Quando a caixa esteve a salvo no chão, o forasteiro saltou do barco e se aproximou da jaula de madeira. Era magro e musculoso, e seus movimentos pareciam felinos. Jade teve que admitir relutantemente, que tinha curiosidade de ver seu rosto.

Como se a presença do homem houvesse incentivado, as pessoas foram se aproximando de novo lentamente daquele vulto estranho. Os transportadores se apressaram em soltar as cordas e se dispuseram a levantar, trabalhosamente, a caixa até um carro que aguardava perto. Jade ergueu o pescoço para ver, mas o desconhecido se colocou atrás e desapareceu de sua vista.

- Jade, vamos, deixa de ficar vagueando! – Lhe gritou Arif rudemente. – Faz algo de útil e vai até a adega! Precisamos de todas as mãos possíveis.

Não o fez se repetir. Na barca dos Feynal, Jade se sentia tão em casa como no hotel. Ainda que, quando pequena passava dias inteiros com Martyn no rio, cada vez que cruzava a fronteira líquida entre terra firme e a barca, voltava a sentir um formigamento no

estômago. Era uma sensação de liberdade e de desconhecido. Com a mesma força que Martyn desejava ter seu próprio barco, Jade ansiava conhecer lugares distantes.

Sem se agarrar a nada, desceu pela empinada escada que conduzia a adega, saltou os últimos degraus e de repente se deteve, assombrada ante o grande número de caixas. Na adega, que no geral havia as redes e os pertences pessoais das pessoas do rio, estava cheia até o topo.

- São todas jaulas. – Esclareceu Martyn pela escotilha que se abria sobre a cabeça de Jade, enquanto descia até onde ela se encontrava. O espaço entre a adega e a escada era tão estreito que seus braços se tocaram.

Jade desfrutou daquele momento de aproximação.

- O que há nas jaulas? – Perguntou.

Martyn encolheu os ombros.

- Não nos disseram nada.

Jade tentou ver algo entre as fendas de madeira de uma caixa, mas era evidente que quem as havia construído havia se esforçado muito para impedir que algum olhar visse seu interior.

- Não serão animais estranhos das Terras do Norte? – Perguntou. – Jakub diz que lá há uns lobos de um tamanho não maior ao de um gato.

- Pois o ruído não é precisamente das garras de um lobo – Respondeu Martyn. – E Arif jura que ouviu bufadas.

- E o que há na caixa grande que descarregaram ali fora?

- Outro mistério. É um presente, mas já não sei – Martyn baixou a voz – Seja o que for não queria vê-lo. Esta noite eu acordei com os uivos que essa coisa fazia. Já te digo que odeia água, e imagino que também aos humanos.

Jade tragou saliva.

- Bom, disseram pelo menos o que pretendem fazer com os animais? Acaso esses nórdicos são uma espécie de feirantes?

Um riso grave soou procedente da parte posterior da adega.

- Sim, uma espécie de feirante. – Disse uma voz agradável e melódica. – Embora eu goste de me definir como colecionador.

O homem que apareceu no pequeno corredor que ficava entre as caixas amontoadas se ajustava melhor que seu companheiro a imagem de nórdico, ainda que ele



tampouco usava tranças nem couraça. Tinha o sombreiro de feltro empapado, e debaixo da aba se desenhava um rosto magro e enrugado com barba castanha cuidadosamente feita. Suas bochechas altas lhe davam uma aparência estranha e dura, mas tinha olhos amáveis de cor marrom aveludado que conquistaram Jade. Isso e também a capa de aspecto aventureiro feita com tiras de peles de animais diferentes. Uma parte estava feita com pele de foca manchada, mas Jade descobriu também peles de animais que ela jamais havia visto.

- Você caçou todos os animais pessoalmente? – Se ouviu perguntar. – Para logo adestrá-los?

O homem voltou a gargalhar.

- Digamos que eu soube atraí-los. Obedecem a minha voz. Nas Terras do Norte, esta é uma arte muito apreciada.

Jade havia ouvido dizer que havia pessoas com voz sedutora capazes de submeter inclusive aos felinos. Não era difícil imaginar que aquele homem tivesse esse dom. Falava de um modo suave, apesar de que soava algo áspero, tinha um tom quase hipnótico. No entanto, nem sequer a melodia hipnótica de sua voz conseguiu que Jade esquecesse a pergunta mais importante.

- O que há na caixa grande?

Um sorriso se desprende como um leque no rosto do homem.

- Todo mundo pergunta a mesma coisa. – Respondeu misteriosamente. – E tampouco a ti vou dizer. De fato, se trata de um presente muito especial procedente das Terras do Norte. Seria uma lástima que toda a cidade soubesse antes que o veja a pessoa a quem foi destinado.

- Mas é um animal de presa, certo? – Insistiu Jade. – Talvez algo parecido a um urso, não? O levaram a uma casa de feras?

- Você não se rende fácil, não é? – O nórdico riu com vontade. – De todos os modos, eu sou tão discreto como você é insistente. E agora, leva as caixas para cima e que não caía nenhuma. – Aquilo tinha mais o tom de uma exigência que de um pedido – E nem pense em abrir alguma delas. Meus protegidos podem ser pequenos, mas são capazes de provocar desgraças.

- Não serão venenosos? – Quis saber Martyn.

- Não, venenosos não, mas mordem bastante. – Disse o nórdico. – E estou seguro de que não querem ficar sem os olhos, certo? Então, me permite?

Jade e Martyn foram para o lado para lhe permitir acesso à escada. O cheiro de tabaco e sabão para couro se colou no nariz de Jade. Quando o forasteiro passou entre

eles, Jade notou o tato da pele de pantera das neves nas mangas e no dorso das mãos. Um arrepio lhe percorreu as costas. Tinha o perigo das terras distante muito próximo.

Quando se encontrava na metade da escada, o forasteiro se virou para eles de novo.

- Tens uma cidade bonita. – Disse de bom humor fazendo um sinal a Jade. – Em nosso país se fala muito dela, e tenho muita vontade de visitá-la pessoalmente.

As pessoas do rio haviam formado uma corrente que começava com Jade e Martyn. As caixas das jaulas iam passando de mão em mão. Tocá-las era inquietante. Às vezes, Jade ouvia algo como grunhidos amortecidos ou resmungos, mas enquanto tocava a jaula, a criatura ali dentro ficava quieta, como se entocasse, em espera e aguçasse o ouvido como a mesma tensão que ela. Só em uma ocasião notou como a caixa se agitava em suas mãos, como se o animal no interior se revolvesse contra as paredes da jaula, e se sentiu muito aliviada ao passar a caixa.

Ainda que as caixas não fossem muito pesadas, demoraram mais de uma hora para tirar todas. Em pouco tempo, Jade estava totalmente sem fôlego e com dor nos braços e nas costas. Por fim chegou à última caixa. Endireitou-se e deu uma última olhada de comprovação nos cantos mais ocultos da adega. Normalmente as pessoas do rio dormiam ali embaixo, sem as redes nem as paredes divisórias, a sala estava vazia.

Percebeu em um canto dois baús.

Jade se inclinou até a caixa e a levantou. Uma dor intensa lhe atravessou os dedos.

A caixa estava a ponto de cair de suas mãos, mas no último momento conseguiu segurá-la com a mão direita e sacudiu a mão esquerda ferida.

- O que foi? – Perguntou Martyn.

- Nada! – Respondeu sem vontade. – Uma farpa, ou um prego.

Um sabor metálico e salgado percorreu sua língua quando colocou o dedo nos lábios. A gota nos lábios... era de sangue! Então notou no dedo indicador um ponto úmido, quente e intenso. Na ponta dos dedos, na parte mais sensível, faltava um pequeno pedaço de pele. Jade balançou a cabeça e girou a caixa com cuidado para olhar a parte posterior. De fato, faltava um pedaço de madeira, mas a abertura, apenas maior que uma unha, não apresentava nem cantos afiados nem farpas.

Como podia ter se machucado? Examinou com cuidado pela abertura e retrocedeu de imediato. Um olho negro cristalino a olhava fixamente com vontade de atacar.

- Há mais? – Gritou Elanor de acima.

- É a última! – Respondeu Martyn pegando a caixa das mãos de Jade.

- Cuidado! A caixa tem um orifício.

Mas Martyn não a ouviu, porque se apressou em subir os degraus e ir se unir aos demais. Os sapatos criavam um ritmo de percussão irregular na cobertura.

Jade, desconcertada e com o coração agitado, ficou para trás. A ferida não era profunda, era apenas um arranhão. Perguntou-se se talvez, apesar de tudo, não havia se ferido com a madeira. Meteu o indicador na boca e chupou até que deixou de sangrar.

Na parte de cima se ouviam gritos, e Jade subiu os degraus a toda pressa.

Havia deixado de chover, o céu estava claro e brilhante, em um branco transparente. Jade piscou ante aquela luminosidade repentina, e em seu andar chocou-se contra alguém que estava de costas para a escotilha.

O golpe a deixou sem fôlego e fez com que cambaleasse para o lado. Um objeto mole e pesado caiu no chão com um ruído surdo. Algo úmido lhe tocou a mão, vislumbrou um abrigo se agitando e logo tropeçou contra uma bolsa de viagem muito grande, que era evidente que havia caído no chão. Martyn a segurou pelo pulso antes que caísse em cima e a ajudou a recuperar o equilíbrio.

O protesto em uma língua estrangeira lhe foi como uma bofetada. Jade levantou o olhar, irritada, tinha justo diante dela o homem de abrigo com capuz.

Era mais alto, e como estava contra a luz, não podia ver bem seu rosto.

- Que seja a última vez! – Sussurrou o forasteiro se inclinando para pegar a bolsa.

- E você não fique no meio! – Retrucou Jade com o mesmo tom.

O forasteiro se incorporou com uma atitude ameaçadora. Jade cruzou os braços e ergueu o queixo.

- Então? – Perguntou desafiante.

Ele retirou um pouco o capuz com um gesto violento. Jade não esperava que fosse tão jovem, calculou que no máximo teria dezenove anos, e seu rosto era de uma beleza austera e impressionante.

O cabelo, ondulado e loiro claro, caía sobre sua testa. Tinha a boca larga, lábios talvez finos demais, mas bem definidos, e o nariz desenhava um delicado arco, parecido ao dos bustos de muitas esculturas. Mas os olhos... seu olhar era inquietante. Eram de cor parda, quase negra, o qual impedia de lhe distinguir as pupilas. Havia algo cintilante neles, talvez irritação, ou talvez mera raiva. O jovem nórdico franziu o cenho e olhou a Jade com assombro, como se houvesse visto um fantasma...

Aquela reação não era nova para Jade. Muitas pessoas, quando a viam pela primeira vez, reagiam iguais a ele ao ver seus olhos. Era de uma cor muito pouco habitual, cor turquesa claro e transparente tingido de um véu verde.

“O Wila te beijou quando estava no berço”, dizia-lhe Jakub quando pequena.

Normalmente, enquanto se acostumavam com sua imagem, às pessoas sorriam, no entanto, a boca desse homem adotou uma careta dura. A hostilidade sinistra que ardia nesses olhos quase negros a estremeceu. Por um instante, pareceu-lhe que esse homem atrairia até ele toda a claridade e a transformaria em algo sinistro. Teve que fazer um esforço para manter sua atitude de fria superioridade.

- Quê? – Perguntou ela. – Se desculpa? Só porque eu não conheço sua língua não significa que tem direito de me insultar.

- Não disse nada pelo que deva me desculpar. – O tom de voz era baixo, porém ameaçador. – E agora, afaste-se de mim.

- Muito cuidado com o que diz! – Interveio Martyn com tom tranquilo.

Deu um passo a frente e se pôs junto a Jade, muito perto, de tal modo que seus ombros se tocavam. Jade observou que as pessoas do rio também haviam abandonado suas tarefas e os olhavam. Uma só palavra dela ou de Martyn, e toda a família de Arif, acudiria em sua ajuda. Mas aquele homem loiro não se deixou intimidar nem no mais mínimo. Arqueou o canto do lábio e fez um gesto de desdém.

- Mas que valente...! – Zombou. – Quando fazem panelinha, inclusive os cachorros mais encardidos se vêem capazes de atacar a um urso, não é verdade?

O ar se podia cortar, os punhos estavam apertados dentro dos bolsos. Um dos cachorros atados com corrente grunhiu. Jade notou como o braço de Martyn se tencionava.

- Se há alguém aqui que se comporta como um cachorro encardido é você. – Retrucou Martyn com calma, mas ainda assim ameaçador.

Ainda que o sangue de Jade fervesse de raiva, segurou Martyn pelo pulso.

- Não. – Falou a seu amigo. – Deixa ele.

- Tranquilizem-se amigos. – Interveio então uma voz suave. O nórdico de mais idade se aproximou e pousou uma mão no ombro do homem loiro. – Ainda que a viagem tenha sido cansativa e você não esteja de bom humor, não é motivo para que você descarregue a raiva na barqueira.

- Você não acha que é isso que estou fazendo, Tam? – Replicou o forasteiro com um sorriso irônico e sem um pinga de humor.

O nórdico se limitou a sorrir, e logo lhe deu um tapinha nas costas.

- Deixe-a tranquila. E se apresse com a bagagem, porque já perdemos muito tempo com o transporte.

Jade poderia ter jurado que aquele criado – pois isso era o que parecia ser o desconhecido – retrucaria, mas se relaxou claramente e assentiu.

“Parece como se tirasse um peso de cima”, disse a si mesma assombrada. Talvez, no final, a idéia de se envolver em uma briga com as pessoas do rio o a havia assustado. O qual, de certo, seria sinal de que, apesar de toda sua arrogância, o homem ainda conservava um pouco de bom senso.

O nórdico se apertou bem ao sombreiro, aproximou-se dos cachorros e soltou as correntes das bordas. Os animais, que até então haviam mantido uma atitude ameaçadora, converteram-se em cachorros brincalhões e receberam com gemidos de alegria, saltos e brigas por lhe lambem a mão e o rosto.

Tam não permitiu isso, segurou as correntes, saudou com a cabeça as pessoas do rio para se despedir, e desembarcou.

O homem loiro dirigiu a Jade um olhar sinistro que a deixou gelada e encolhida.

- Nunca mais volte a cruzar o meu caminho. – Murmurou em voz baixa.

- E você não volte a cruzar o dela. – Murmurou Martyn. – Está contra todos nós. Não se esqueça.

O forasteiro sorriu com ironia, carregou com facilidade a bolsa de viagem sobre o ombro e abandonou o barco, a grandes passadas.

- Que tipo tão miserável! – Murmurou Martyn com os dentes apertados pela raiva. – Esta noite já estive como uma víbora, quando ao carregar uma das caixas sofreu um golpe.

Jade soltou o pulso de Martyn e foi um pouco para o lado. Não queria, de nenhum modo, que seu amigo notasse que tremia, ainda que não soubesse se era de raiva ou de medo. Incomodava-a que aquele desconhecido houvesse conseguido tirá-la de sua casinha. Contudo, não pode evitar observá-lo enquanto partia.

- Esqueça-o! – Murmurou. – É só um imbecil.

- Ouça Martyn! Sua pequena está pálida do susto. – Gritou Elanor. – Vamos, console-a, e lhe dê um beijinho...

Martyn e Jade lhe lançaram um olhar irritado.

- Beija-a você Elanor. – Gritou Martyn de volta.

As demais pessoas do rio começaram a rir.

- Ui, que suscetível! – Murmurou Elanor. – Se bem me lembro, no verão passado não tinha tantas críticas...

- Vamos. – Disse Jade com raiva segurando seu amigo pela manga.

Na barca, as discussões e as brigas eram comuns. De noite se jogava cartas ou dados, e cantava, jantava, dormia e montava guarda. Em troca, o amor, os beijos, e os cochichos secretos raramente aconteciam, e quem queria estar sozinho tinha que encontrar um canto afastado dos demais. Às vezes, Jade tinha a impressão de que as pessoas do rio gostavam tanto de falar de amor e de paixões porque viviam tão apertados que os segredos e os sentimentos apenas tinham pouco lugar.

Perto do farol havia um lugar muito adequado para se dizer as coisas longe dos ouvidos dos outros. No verão anterior, em um lugar protegido entre os penhascos claros que rodeavam o porto, Martyn havia colocado como assento alguns barris vazios. Aquele canto meio escondido junto ao mar era o lugar favorito de quem se sentia muito infeliz ou muito apaixonado; porém, naquele dia, Jade e Martyn acharam o esconderijo vazio.

Jade desabou sobre alguns barris, e apertou os joelhos contra o peito. Martyn não cometeu o erro de perturbar com perguntas. Talvez aquilo fosse o que havia acabado com os beijos dela. Como amar a alguém que sempre faz o certo?

Permaneceram um bom tempo contemplando como o horizonte ao longe se fundia com o mar. Dali, forçando um pouco a vista, podia-se ver também a ilha da Prisão, um penhasco pelado com uma fortaleza quadrada e maciça que nenhum preso abandonava com vida. Ao final, Jade inspirou e começou a falar. Desta vez sem omitir nada. Martyn não era daqueles que evitam os problemas. Nem tampouco era alguém como Jakub, a quem Jade tivera que salvar de toda a preocupação.

Escutou-a sem interromper, e quando ela acabou tampouco disse nada por um bom tempo, limitou-se a abraçá-la pelos ombros e a acariciá-la.

Nessa ocasião, o gesto não era uma lembrança de tempos passados, e Jade o aceitou e fechou os olhos. Acreditava ter superado já o momento em que os caçadores haviam lhe apontado, mas então notou como o nó do medo e o horror lhe apertava o estômago.

- Valha-me o céu, Jade! – Disse Martyn, consternado, depois de um tempo.

- Ou diz algo útil, ou é melhor ficar calado. – Murmurou ela. – Não preciso de mais culpa, ok?

- Mas você deixou escapar ao outro Eco! No que estava pensando?

- E eu que sei? – Jade se soltou com força do abraço. – Pensei que talvez não fosse uma besta. Por outro lado... era seguro que os caçadores conseguiriam seguir sua pista.

- Duvido. Na cidade tem o rumor que os caçadores eliminaram um Eco no Lomo de Gato.

Jade estremeceu. Eliminaram. Ontem, ela também havia empregado a mesma palavra.

- Um Eco... – Destacou Martyn. – Não dois.

- Então ele fugiu. O afugentaram.

Ela mesma se deu conta de que tudo aquilo soava muito mal.

- Contou a Jakub?

- Claro que não – Retrucou ela com raiva.

Martyn parou e mordeu seu lábio inferior.

- O quê? – Gritou Jade, impaciente. – Se quer dizer alguma coisa, diz logo de uma vez!

- Ainda não sabe. – Quando os olhos de Martyn se apagavam, era inquestionável que alguma coisa não ia nada bem. – Ontem houve outro assassinato. Acharam um sentinela junto à porta norte do palácio. Degolado.

De repente Jade se sentiu enjoada. O barril sobre o qual se encontrava parecia se mexer conforme as ondas. Martyn permaneceu em silêncio, olhando ao horizonte.

Não tinha que dizer nada, Jade sabia que nesse momento ambos pensavam o mesmo.

"E se por minha culpa assassinaram o sentinela?" Jade ficou olhando o balanço da água clara que se formava entre as rochas com a maré alta. Nele, uns pequenos caramujos enroscavam-se nos fios de corda que havia ficado preso ali.

- Contou para alguém mais? – Perguntou Martyn com uma gravidade que ela não reconheceu.

Jade negou com a cabeça.

- Bem. Sendo assim, guarde para você. Se chegarem a saber, poderia te custar à cabeça.

- É que... parecia tão humano. – Disse Jade com tristeza. – Sinahe. Um deles me disse isso. Pareceu-me que não só podiam imitar as palavras humanas. Tive a impressão de que dispõe de uma língua própria...

- Mas não era humano. – Martyn a interrompeu de forma rude. – Por acaso tens o sangue transparente? Não. O vê? E isso que você ouviu bem poderia ser um sussurro, um ruído do qual você tirou uma palavra.

- Mas de onde saem agora os Ecos, de repente? Por que se atrevem a entrar na cidade?

Martyn pigarreou.

- Ninguém sabe de onde saem. Dizem que antes existiam, mas ninguém sabe com certeza. Se restasse algum juízo na cabeça de Ben, talvez se lembrasse.

“Ben, o velho louco...”.

Jade, pensativa, ficou olhando a água.

- São como animais de rapina. – Prosseguiu Martyn. – Aparecem porque cheiram a carniça. Não quer que te lembre como ficou aquele cadáver do rio que...

- Não. – Jade o interrompeu, e Martyn se calou.

- Havia três mortos. E com o de ontem, são quatro. – Constatou Jade. – Que acontecerá se aparecem mais Ecos?

Martyn suspirou.

- Não se sabe. Um Eco é capaz de matar muita gente. E você tem boas possibilidades para ser a próxima, se continuar sendo tão cabeçuda e se dedicar a seguir o rastro.

Era desconcertante quão bem Martyn a conhecia.

- E não lhe importa o que acontece? – Espetou Jade. – O Eco de ontem não tinha garras, nem sua língua era como um punhal. E tinha medo, como uma criatura sensível. Eu o vi com meus próprios olhos! Tenho que descobrir de onde vêm e o que... querem.

- Você ouve o que diz, Jade? – Espetou Martyn. – Só querem uma coisa, e você sabe perfeitamente o que é. Talvez sejam atraentes, quem sabe. Pode ser que tenha mais de uma espécie, mas são malvados. E semeiam a morte. Você por acaso viu o rosto do outro Eco? Talvez então houvesse encontrado com um monstro. Prometa - me que não vai se colocar em perigo.

Jade abaixou a cabeça e olhou seu reflexo, que tremia pelos movimentos na água.

“Então, Martyn, farei isso sem você”, disse a si mesma. A garota de cabelos escuros da água desta vez não a saudou, mas sim sacudiu a cabeça em sinal de advertência.

Capítulo Quatro – As salas ocultas

Já era final da tarde quando Jade voltou ao Larimar. As horas passadas junto à água haviam deixado queimaduras de sol em seu nariz, e os olhos lacrimejavam pela brisa marinha. Mas aquele não era o único motivo que a fazia se sentir febril e inquieta. “Pode ser que tenha mais de uma espécie”.

Havia passado a tarde toda refletindo sobre aquela frase de Martyn.

E havia outras imagens que apareciam quando piscava ou fechava os olhos: o sentinela assassinado, que talvez, estivesse vivo se ela houvesse apontando em outra direção; o malévolo olho negro olhando-a fixamente desde o interior da caixa; e curiosamente, tampouco saía de sua cabeça aquele forasteiro do qual não era capaz de dizer, nem com a maior vontade, se lhe repugnava ou se lhe fascinava.

Ao chegar ao último beco frente ao hotel, começou a correr mais rápido. Na lata que Martyn lhe havia enchido quase até a borda, o óleo se agitava contra a parede ao ritmo de seus passos. Lilinn sempre zombava que Jade se apressava sempre nos últimos metros, mas a verdade era que, quando via o Larimar, Jade se sentia liberada de uma vaga inquietude. Em algum lugar oculto em sua consciência, tinha o temor de que o hotel pudesse desaparecer sem nada mais. Era o temor irracional do medo que havia sentido quando Jakub e ela vagavam de um refúgio ao outro, sem um lar fixo e sem saber se chegariam ao dia seguinte.

Normalmente, o primeiro que via era o reboco deteriorado junto à porta e os vasos com ervas aromáticas que Lilinn tinha posto nos parapeitos das janelas. Mas nesse dia a rua era um ferredouro de pessoas. Alguns carros carregados de verduras e sacos de cereal bloqueavam o acesso. Os transportadores e criados da Lady passavam entre eles. Jade se deteve e franziu o cenho, desconcertada. Pelo que podia ver detrás dos carros, a porta traseira estava aberta um pouco e os transportadores arrastavam umas caixas ao interior do edifício. Jade passou um grupo de curiosos com a maior pressa que lhe era possível, e tentou erguer-se dentro da casa passando diante de um transportador.

- Hey! É um atrás do outro! – Gritou ele.

Outro homem a segurou pelo ombro de forma rude e a fez retroceder.

- Faça o favor de entrar na fila!

Jade considerou a possibilidade de começar uma discussão, mas ao final optou por seguir a fila que entrava na casa como se fosse uma desconhecida.

Jamais em sua vida havia visto tanta gente na recepção do hotel. Uma chuva de faíscas iluminava a caixa do elevador, reinava um ruído ensurdecedor e o fedor de metal

quente penetrou intensamente em seu nariz. Junto à grade do elevador viu alguns cabos de aço se trançando e – Jade apenas podia dar crédito a seus olhos – umas peças reluzentes do motor e do sistema de comando.

Qualquer comerciante do Mercado Negro teria dado a mão direita por ter aqueles apreciados bens. Em algum lugar nos andares superiores relinchava uma máquina para cortar metais.

- Jakub?

Jade ergueu a voz para se fazer ouvir naquele barulho. Correu até o buraco do elevador e, com cuidado, deu uma olhada no interior. Uma desconhecida com ferramentas de soldar deteve sua tarefa e a olhou com desgosto.

- Quê? – Gritou uma mulher para se fazer ouvir sobre o ruído da serra que, no buraco, sem dúvida tinha que ressoar ainda mais forte.

- O que você faz aqui? – Perguntou Jade.

- O que parece que estou fazendo? Reparo essa ruína de elevador.

- Jakub quem pediu?

A mulher tossiu.

- Quem é Jakub? – Gritou desviando o olhar de novo e sacudindo a cabeça.

Jade segurou a lata pesada com a outra mão e saiu correndo pela frente do elevador, para recorrer o largo corredor que levava as dependências da cozinha. “Aprisionaram Jakub” dizia a si mesma. Aquele pensamento não deixava de retumbar em sua cabeça. Seguramente alguém o havia denunciado. “Ou talvez um lorde se apropriou de nossa casa”. A duras penas podia conter o pânico. Entrou atropelando tudo na cozinha, e esteve a ponto de chocar com um monte de caixas repletas de peras frescas, mas o que viu a assustou ainda mais: Lilinn estava sentada e sozinha, com os braços apoiados na mesa desgastada situada junto à cozinha, e cobria o rosto com as mãos.

Tinha ante ela uma caixa de papelão suja e empapada. Quando se deu conta da presença de Jade, esfregou rapidamente os olhos avermelhados. No dorso da mão ficou desenhado um risco preto de maquiagem escorrido, inclusive naquela penumbra era evidente que havia chorado.

- Jakub... Onde? – Gaguejou Jade. – Onde está?

Lilinn franziu o cenho com irritação e, esqueceu-se inclusive de assuar o nariz.

- Talvez lá fora descarregando? Ou talvez no sótão? – Respondeu sem vontade. – Como você quer que eu saiba? Não sou seu cachorro de guarda. O que está claro é que não vai querer encontrá-lo em seu caminho depois de sumir sem mais durante todo o dia.

- Mas, está bem? Está aqui?

- Deve estar, diga, e você? Está bem? – Retrucou Lilinn. – Onde se meteu todo esse tempo?

Jade se tranquilizou um pouco. Havia uma explicação para esse caso, e para a presença de desconhecidos por toda a casa. Tinha de haver!

- Fui atrás de óleo. – Respondeu com uma voz mais suave. – As pessoas do rio têm um carregamento tão grande, que inclusive haviam tido que abandonar seus pertences nas Red Rocks há um bom pedaço da desembocadura. Eu os acompanhei quando iam recolher se não houvesse feito, não poderia ter pegado o óleo.

Lilinn ofegou com desdém.

- Tanto trabalho... para nada.

Segurou o fio de uma lâmpada oxidada que pendia justo em cima da mesa, e firou dali. Jade teve que proteger os olhos com a mão tão de repente quando a luz inundou subitamente a cozinha.

- Temos luz? – Perguntou desconcertada. – Na cozinha também? E estão arrumando o elevador... que demônios está acontecendo aqui?

- Ordens da Lady. – Disse Lilinn seca. – Parece que é proveitoso que Jakub tenha contatos na Corte.

- A Lady ordenou tudo isso?

Jade deixou a lata de lado e sentou em uma das cadeiras da cozinha.

Isso tanto poderia ser uma notícia excelente, como algo terrível. Quanto mais próximo do olhar da Lady, mais próximo estava também da força.

- E por quê?

Lilinn deu de ombros.

- Pergunte a Jakub. Eu aqui sou só a cozinheira. – Sorriu sem alegria. – O caso é que isso tem suas vantagens, não temos que rondar pelo Mercado Negro. Colocaram inclusive cabos novos no elevador. O que te parece? – Sua voz soava cada vez mais amarga. – Que fantástico é tudo! Verdade?

Fungou e limpou as bochechas com o dorso da mão, então, de repente, desmanchou em lágrimas outra vez.

Jade se sentiu mal por seu alívio ter feito passar por cima da tristeza de sua amiga. Teria gostado de ficar de pé imediatamente, e consolar a Lilinn, mas a cozinheira não suportava a compaixão, isso era algo que Jade havia aprendido nos meses que sua amiga levava trabalhando no hotel. Odiava chorar. Se o fazia, só podia ser por uma pessoa.

- Voltou a ver Yorrik?

Lilinn se levantou tão rápido que a cadeira caiu no chão, com um estrondo.

- De boa vontade saltaria no rio antes de me aproximar dele, nem que fossem perto cem passos. – Exclamou. – Ele passou por aqui para me devolver isso.

Com um golpe enérgico afastou da mesa a caixa ensopada. Duas velhas facas e uma frigideira amassada caíram no chão.

- Que vá ao inferno! – Murmurou Lilinn. – O único motivo pelo que trabalho para Jakub, é que nesse maldito hotel não preciso ver quem não quero ver. E então ele aparece precisamente aqui.

Jade ficou de pé, recolheu os objetos do chão e os colocou cuidadosamente na mesa. Só havia uma possibilidade de animar a Lilinn.

- Claro que sim, que vá para o inferno! – Disse. – Na próxima vez que aparecer por aqui, penso acompanhá-lo pessoalmente até a porta principal e, então, empurrá-lo com todas as minhas forças. Desse modo, ele e seu sorriso adulator poderão fazer companhia a suas irmãs, as moréias do lodo.

Ao ouvi-la, Lilinn não pode mais que começar a rir entre lágrimas.

Evidentemente, encontrou Jakub debaixo da terra: estava em uma galeria inundada, com água até os joelhos, e fechava cuidadosamente uma das portas que levava a abóboda inundada. A lâmpada a óleo, que lançava uma luz fraca, balançava de um lado ao outro, pendurada em um gancho, criando sombras nas curvas e quinas. O sótão não era um lugar agradável, Jade estava convencida que as almas dos mortos mais infelizes achavam refúgio nele. Contudo, o mais desagradável do lugar era seu fedor, dizia Jakub cada vez que saía dessas catacumbas.

Jade tirou os sapatos, e desceu os degraus, meteu-se na água que lhe chegava até os joelhos.

Nas plantas dos pés, o tapete de algas resultava viscoso e liso ao tato, e ao dar o primeiro passo notou que uma moréia se enroscava no tornozelo, mas logo fugia. Jakub, todavia não havia se dado conta de sua presença.

Grunhiu para si, como se sussurrasse aos espíritos, girou a chave na fechadura, que cedeu com um chiado, e comprovou a trava. Era estranho que Jakub estivesse precisamente junto a essa porta. Detrás havia tanta ruína, água e corrente que fazia anos que Jakub a havia fechado por completo por motivos de segurança.

- O que você faz aqui?

Ainda que Jade já devesse ter contado com isso, o som surdo de sua própria voz a assustou. Seu pai se virou.

- Ai está você! – Disse com alívio. – Já era hora de voltar a aparecer por aqui.

- Abriu a porta falsa?

O rosto de Jakub corou.

- Simplesmente controle. – Explicou evasivo. - Dei uma olhada para ver até onde o Wila alcançou.

Aquilo doeu em Jade. Havia dias em que parecia que Jakub vivia em outro lugar, ao qual ela não tinha acesso. E o que ela percebia através das paredes lhe chegava amortecido e apenas ilegível.

- E por que você se dedica a fechar as portas do sótão? – Perguntou com cautela.

- Com meu elevador a Lady pode fazer o que quiser, mas não quero que ninguém fuja nas salas do meu sótão. Se alguém te pergunta a respeito, diz que está totalmente alagado e cheio de víboras. Entendido?

Jade assentiu hesitante.

- Vai me dizer de uma vez o que acontece ali em cima?

Jakub meteu as chaves no bolso da calça, e soltou a lâmpada do gancho.

- A Lady reclamou todo o quarto andar, porque precisamente é lá onde estão os quartos maiores. E também pediu alguns quartos a mais. Em uma semana vamos ter aqui, pelo menos, duas dezenas de hóspedes. Tive que recusar dois comerciantes, porque deu ordens de que não haja nenhum outro hóspede aqui. – Suspirou profundamente e prosseguiu. – Não posso dizer que a idéia me entusiasme. O favor para Lady pode significar duas coisas: riqueza e horrores, ou tortura e morte. O lado para o qual se incline a balança um pouco depende só do peso de uma pluma.

Naquele sótão sombrio, essas palavras adquiriram gravidade pavorosa.

- Voltou a se lembrar de tudo aquilo, certo? – Perguntou Jade. – Da guerra e de nossa fuga...

Jakub não a olhou. Tinha o olhar cravado na água e franzia o cenho.

- Algumas vezes... eu também me lembro. – Jade se aventurou a dizer. – Lembro do fogo, e também do frio. E um choro. Jakub, quem chorava?

- Quantas vezes você já me perguntou isso? – Retrucou Jakub. – A que chorava era você. Escondeu-se em um tonel de piche vazio. Normalmente não havia quem te fizesse ficar calada, mas, na manhã que saquearam a nossa casa, não deu um pio até que fui te buscar. Só quando estivemos a salvo começou a chorar.

Jade apenas podia dissimular sua decepção. Havia ouvido muitas vezes a mesma história, e também então o passado parecia zombar dela. A manhã... o tonel de piche...

Na memória de Jade continuava sendo de noite. E não sentia o cheiro de piche seco, mas sim de algo mofado e úmido, como a folharada do outono.

- Mas havia mais alguém que chorava... – insistiu.

- Está me chamando de mentiroso? – Berrou Jakub. A veia da testa se marcava e seu rosto estava aceso.

- De jeito nenhum. – Respondeu Jade com calma. – Mas eu sei do que me lembro.

- As lembranças são enganosas. Tinha apenas dois anos. Vai saber o que pode se imaginar na mente de uma criança! Tinha medo ou sonhou. Isso é tudo. E agora faz o favor de me deixar em paz com esse tema.

De novo estava ali: o impenetrável, o nunca falado entre ela e seu pai.

Aquilo não tinha sentido. Havia ido longe demais. Outra vez.

- Quer que leve a chave ao quarto azul? – Perguntou. – Ali ninguém vai encontrá-la, nem tampouco poderão ordenar que a entregue.

Para sua surpresa, Jakub fez um gesto de negação com veemência. O rosto dele escureceu, em momentos como aquele não reconhecia seu pai, parecia-lhe um prisioneiro de suas próprias lembranças. Nem sequer hoje em dia, Jade se atrevia a lhe perguntar como conhecia o fedor do calabouço.

- Mas por que nosso hotel precisamente? – Perguntou ao invés. – Aqui não vive nenhum Lorde. Todo mundo sabe.

- Nenhuma casa está tão perto do rio. – Respondeu Jakub. – Pelo que parece esses senhores gostam do murmúrio da água. Não me disseram mais nada. – Jade notou uns redemoinhos de água tocando-lhe a espinha quando passou diante dela para ir até a escada. – Não vai ser um tempo fácil. – Murmurou. – Passe o que for, temos que ir com pés de chumbo, e não irritar em nada nossos hóspedes.

Capítulo Cinco – Hóspedes Intrusos

Os convidados da Lady não esperaram nem uma semana, e se apresentaram no dia seguinte. Jade se encontrava retirando teias de aranha dos dosséis do grande e suntuoso quarto do quarto andar, quando pelas paredes retumbou o chiado metálico do elevador.

- Estou aqui, Jakub. – Gritou ao ouvir passos.

Um pé abriu, de repente a porta e um transportador com o rosto avermelhado entrou no quarto, levando uma sacola enorme.

- Isso é no salão vermelho? – Perguntou com a voz afogada. Jade soltou o dossel imediatamente, saltou da cadeira sobre a que estava e se apressou a ajudá-lo. Fora, no corredor, ouviu-se de novo o chiado do elevador se dirigindo, outra vez, para o térreo.

- Por aqui! – Ordenou Jade.

Segurou também o volume e ajudou o homem a colocá-lo na cama. Cheirava a couro, e também a algo de fumo. Estava muito gasto e parecia vulgar demais para ser um lorde.

- Por que traz hoje a bagagem? Não temos tido tempo ainda de preparar tudo.

O homem secou o suor da testa com a manga.

- Então se apressem. Seus hóspedes chegaram.

- Já estão aqui? – Perguntou Jade.

Ela correu até a janela, abriu à persiana e se inclinou para fora. De fato, nas duas estacas, que havia junto à escada que dava ao rio, havia um pequeno barco amarrado. Nesse instante, os estivadores se dispunham a colocar uma plataforma de madeira sobre as escadas.

Umas cordas bem tensionadas atravessavam a porta de entrada na direção até o antigo salão de banquetes. Era evidente que se preparavam para arrastar um objeto pesado e volumoso até o interior da sala, ainda que Jade não pudesse distingui-lo bem de onde estava.

- Chegaram cedo demais! – Exclamou com todo fôlego. Virou-se, correu até o corredor, e esteve a ponto de se chocar contra Lilinn. A cozinheira estava praticamente sem fôlego, ao que parece, havia subido a pé até o quarto andar.

- Estão lá em baixo! – Murmurou sem fôlego. – Os hóspedes... e pelo menos vinte caçadores. Pegaram o espelho de bronze de Jakub, e o confiscaram. Seu pai está furioso. É melhor que desça, ou perderei os nervos e direi algo que logo lamentaremos.

Caçadores no Larimar! Aquela ideia a incomodava inclusive mais que a chegada tempestuosa dos hóspedes.

O elevador já estava em trabalho, assim que decidiu pela escada de madeira. Jamais havia descido tão rápido por ela. Já no primeiro andar, ouvia as vozes. Jakub discutia com alguém, e inclusive a essa altura Jade se deu conta do muito que lhe custava se conter.

- Não é que não queria respeitar vossos desejos, – Dizia – mas... não seria melhor alojar a essas bestas... em outro lugar? Na cidade há um bom número de casas de feras e...

- Bestas!

O hóspede começou a rir como se acabasse de ouvir um acontecimento especialmente engraçado.

Jade se deteve e apertou a mão no corrimão. Era possível que fosse realmente essa voz?

- Evidentemente, não pretendo causá-los nenhum incômodo. Mas insisto que meus animais fiquem aqui, no hotel. Tem que estar perto de mim, pois só assim me obedecem.

Jade abriu a boca sem se dar conta. Não havia dúvida! Era Tam, o nórdico!

- Bom, e que acontece se você não se estiver perto? – Retrucou Jakub. – Parece que são criaturas perigosas. Ela falou dos hóspedes, não de animais. Os quartos não são adequados para uma coisa assim e...

- Ficam aqui e pronto! – Murmurou outra voz, mais dura. – E você, Livonius, não tem nada que dizer a respeito.

O que falava parecia um caçador. Jade desceu os degraus de três em três. Quando chegou, com um salto ao chão, levantou uma nuvem de poeira do tapete do térreo.

Nervosa, afastou o cabelo da testa e entrou na recepção pelo lado do elevador. Lilinn estava certa, havia muitos caçadores.

Muitos. Jamais havia se sentido ameaçada no hotel, mas desta vez o medo a encolheu. Armas, cães, caixas de Tam por todas as partes... e uma frieza na sala que quase era palpável. O homem que acabava de repreender a Jakub era corpulento e tinha as costas largas, como um armário. Uma cicatriz lhe partia a sobancelha. Não afastava o olhar de Jakub. Seu pai estava no meio daquele mar de caixas, com os punhos fechados. O modo que as veias se destacavam em sua testa fez Jade notar quão tenso estava.

Tinha aos dois nórdicos de costas a ela, mas então, Jade notou que algo havia mudado. Esse dia, Tam não usava nenhum abrigo nem sombreiro, e se vestia completamente de preto, como um nobre. No dia anterior sua aparência era amigável, em troca, agora transmitia uma severidade que infundiu Jade. Ao seu lado tinha dois cachorros, perigosamente tranquilos e dispostos a atacar ao menor gesto de sua parte. O homem loiro, em troca, era agora a imagem luminosa de seu senhor. Usava um jaleco que lhe deixava os braços a mostra. Não tinha a pele morena, mas sim branca, e tinha algo estranho, ainda que Jade não soubesse dizer o que lhe chamava a atenção. O homem, como se houvesse percebido seu olhar, virou-se de repente para ela. Tinha os olhos abertos pelo assombro, também Jade se surpreendeu.

No dia anterior, aquele jovem havia parecido de uma beleza rara e austera, enquanto que agora, em troca, reluzia. No entanto, ao vê-la, seu rosto escureceu como se na sala acabasse de entrar uma sombra.

Para então, Tam a havia visto também.

- Pequena surpresa. – Disse tranquilamente. – A garota das pessoas do rio.

Jakub apertou os olhos com irritação, enquanto um dos caçadores, parado junto à janela com a arma, olhou Jade de forma desagradável.

Jade não podia dizer se Tam, verdadeiramente, se alegrava de voltar a vê-la ou não. Sua amabilidade agora carecia de toda cordialidade: era fria e perfeitamente medida. A roupa preta até o pescoço que usava mostrava o quão seco Tam era de verdade.

- Ela não é das pessoas do rio. – Disse Jakub. – É minha filha. Jade.

- Bom dia Tam! – Saudou Jade com a voz firme. – Alegra-me que voltemos a nos ver.

- Também estou contente por isso. – Respondeu Tam. – Tem uma filha muito trabalhadora. – E se virando para Jakub disse: – Ontem nos ajudou a descarregar. Faun, o gato comeu sua língua? Faun? – Jade precisou de um segundo para saber a quem se referia. Um nome curioso. O homem loiro cruzou os braços

Não disse nada. Pela primeira vez, Jade viu como algo parecido à raiva cintilava nos olhos marrons de Tam.

- Faun!

Aquilo era mais que uma ordem. Os cachorros dos caçadores começaram a grunhir, e eriçaram os pelos. Pelo canto do olho, Jade viu que Lilinn aparecia junto ao muro de caixas.

Faun deu um passo à frente e se inclinou de forma afetada ante Jade.

- Desejo-lhe um bom dia. – Disse com um sorriso irônico que não chegou a seus olhos. – Suficientemente cortês, Tam?

Jade sentiu o sangue ferver. Apertou os punhos até que as unhas cravaram, dolorosamente, nas palmas das mãos.

Jakub aclarou a garganta.

- Pode me assegurar de que realmente esses animais são inofensivos? – Perguntou a Tam.

- Livonius, advirto-te pela última vez. – Murmurou o caçador da cicatriz.

“Está muito irritado”, pensou Jade com um nó de apreensão no estômago. Se ela não ia com cuidado, teria problemas.

- Poderíamos deixar as caixas no salão de banquetes. – Se apressou a dizer. – Encontra-se justo ao lado da cozinha e da despensa. É prático, porque assim não seria preciso levar a comida até lá em cima. E, além do mais, pode-se fechar com chave. Deste modo, os animais não estariam junto aos dormitórios e, ao mesmo tempo, estariam em um lugar seguro. Meu pai cederá as chaves com gosto.

Jakub a olhou com raiva, mas Tam parecia considerar a proposta.

- Não me parece uma idéia ruim. – Disse.

Jade começou a se sentir um pouco aliviada, mas então Faun negou com a cabeça de forma enérgica.

- De nenhum modo! – Exclamou.

Sua voz ressoou por toda a sala, Jade abriu a boca com assombro. Os criados não falavam assim!

Sem se incomodar em sequer olhá-la, Faun se dirigiu até Tam e lhe sussurrou algo no ouvido. Jade não pôde ouvir nada, porque nesse instante o elevador se abriu e a grade de metal correu para o lado. Em todo caso, era evidente que esse Faun estava fazendo todo o possível para desestimular sua proposta.

“Que tipo tão arrogante e asqueroso”, disse a si mesma. Mas, para sua irritação, Tam não repreendeu seu acompanhante, apenas se limitou a encolher os ombros.

- Como quiser. – Disse. – Isso arruma tudo. Se encarregue dele você mesmo.

Sem aviso prévio por parte de seu amo, os dois cachorros se dirigiram e entraram no elevador. Obedientes, deram lugar para Tam. Antes que o elevador começasse a trabalhar, o nórdico se virou uma vez mais para Jade.

- Não nos verá nem ouvirá. – Afirmou. – Mas eu não gostaria de ser incomodado por nada. Em nenhum momento. Jamais. Nada de cortesias, perguntas, nem visitas.

Ouviu-se um chiado metálico e o elevador começou a subir.

- Leva as caixas para o quarto andar! – Ordenou Faun. Jade o olhou com raiva, mas lhe pareceu que ele afastava o olhar.

- Até aqui podíamos chegar! – Gritou Jakub. – Para cima não irá jaula alguma, até que eu saiba o que...

Jade já sabia o que ia ocorrer antes, inclusive, advertiu o gesto. O caçador não afastava o olhar de Jakub, há um tempo, foi até ele, e sem lhe avisar, com um gesto terrivelmente comum, acertou-lhe o cabo da arma nas costas.

Lilinn deixou escapar um chiado, e logo tapou a boca com as duas mãos. Jakub se dobrou pela dor, mas não caiu no chão. Para Jade pareceu que, inclusive ela, sentia a dor. Afastou um transportador com empurrão para abrir espaço e correu até seu pai.

- Para trás! – Ordenou o caçador.

Jade se deteve, horrorizada, ao ver onde apontava a arma. O cano repousava exatamente na têmpora de Jakub. “Oh não”, rogou Jade para si reprimindo um soluço. Ao voltar o olhar até Lilinn, em busca de ajuda, captou o olhar de Faun. Estava pálido, e ao querer dar um passo a frente, havia se encontrado barrado por um caçador. O cão que este levava atado gemia e tentava manter a maior separação possível entre ele e Faun.

Jakub apenas podia respirar, mas ficou quieto.

O caçador cuspiu no tapete em um gesto de desdém.

- Já te adverti Livonius. Pela última vez: este homem é um convidado da Lady, entendido? E você fará o que ele disser, ou então algum outro o fará por você. Se você compreendeu, assente com a cabeça. E cuidado ao fazê-lo, não vai fazer com que meu dedo esbarre sobre o gatilho.

Na sala se fez silêncio. Ninguém se atrevia a se mover, o rosto de Jakub estava vermelho intenso. E o modo em que se moviam os músculos de sua mandíbula, não agradava em nada a Jade.

- Já o entendeu! – Ela se apressou a dizer ao caçador. – Nós dois compreendemos!

- Eu não perguntei nada a você. – Retrucou o caçador com uma calma fria. – Então Livonius?

“Deixa ele – suplicava Jade em silêncio – Seja prudente!” Ainda que apertando os lábios pela raiva, Jakub por fim assentiu. O caçador segurou por alguns segundos mais a arma na têmpora do homem e finalmente a afastou.

Jade observou com intranquilidade que agora apontava a seu próprio joelho.

- Muito bem. – Disse o homem sorrindo ao ver que ela dava um passo ao lado. – Agora todo mundo sabe o lugar que lhe corresponde.

Os demais começaram a rir.

- Vamos! – Ordenou o caçador aos criados. – Levem as caixas ao elevador!

O pessoal retomou o trabalho, e a recepção se transformou em um mar agitado cheio de caixas em movimento. Os caçadores se viam forçados a segurar muito bem os cães, porque os cachorros ofegavam e tentavam se afastar das caixas.

Lilinn se aproximou depressa e ajudou Jade a pôr Jakub de pé.

Ajudado pelas duas, passou junto aos criados. Os carregadores se afastaram um pouco dos três, como se, de repente, houvessem se tornado intocáveis, e se apressaram, cabisbaixos, a levar a carga ao elevador.

O único que não abaixou a vista foi Faun. Ainda que a arrogância havia se apagado de seu rosto, Jade haveria esbofeteado com vontade aquele rosto perfeito.

“Tudo por tua culpa!” pensou com raiva.

- A cozinha. – Sussurrou Lilinn ao chegar ao corredor. – Ainda tenho arnica⁴. Vai muito bem para os hematomas. Espero que não tenha quebrado nada.

- Eu sabia. – Murmurava Jakub apertando os dentes. – Maldita quadrilha de...!

- Shhh. – Sussurraram Jade e Lilinn ao mesmo tempo, e se apressaram em levá-lo para lá.

Em baixo da luz, o hematoma nas costas de Jakub tinha um aspecto pior. Então, já havia adquirido um tom arroxeadado, e quando Lilinn, com um gesto esperto, apalpou-lhe as costelas, Jakub fez uma careta de dor e amaldiçoou.

- Más notícias – Disse Lilinn. – O que eu supunha, tem uma costela quebrada. Dói muito aqui?

- Nem a metade de um coração quebrado. – Murmurou Jakub. Lilinn se deteve um instante, com assombro. Logo, envergonhada, abaixou o olhar e continuou a cuidar do machucado.

- Ontem veio com o sermão de que não podíamos irritar ninguém, e agora você é o que discute com os hóspedes. – Repreendeu Jade a seu pai. – Esse ataque de cólera poderia ter te custado à vida.

⁴ A arnica possui propriedades medicinais. Muitos e variados são seus usos, entre os principais pode-se citar: cicatrização de ferimentos superficiais, combate de hemorragias leves, além de contribuir como antiinflamatório e anti-pirético natural.

Jakub negou com a cabeça.

- Pode ser que só sejamos uns súditos, mas, enquanto o certificado da Lady estiverem em nossa parede, este segue sendo o nosso hotel.

Jade se conteve para não fazer nenhum comentário. Ela e Lilinn trocaram um olhar sem dizer nada, e Jade soube o que a cozinheira pensava da autorização: aquele pedaço de papel não significava grande coisa. Por muitos bons contatos que Jakub tivesse com as pessoas da Lady, eles não eram mais que pessoas carentes de direitos, e existiam tantas por aí, se a Lady assim os queriam. Se um lorde vinha com vontade de expulsá-los da casa, este deixaria de ser seu hotel. Em momentos assim, as Terras Remotas pareciam mais atrativas do que nunca a Jade.

“Um dia irei”, disse a si mesma com raiva.

- Há algo estranho nesses hóspedes. – Prosseguiu Jakub. – O que há nas jaulas, Jade? Você já conseguiu olhar dentro?

- Só animais. Martas⁵ talvez. – contudo a lembrança daquele olho preto não lhe fazia nenhuma graça. – Pode ser que sejam para uma atuação ou exibição.

- Talvez sim. – Murmurou Jakub. – Talvez não. E na caixa grande, essa que só passa pela entrada principal, nessa o único que há é um ganso gigante que põe ovos de ouro para a Lady, não? Esse nórdico não é de se confiar.

Jade suspirou e cruzou os braços.

- Certeza que Tam não haveria consentido que te tratassem assim. Deve ser de alguém importante, senão, seguro que a Lady não lhe haveria concedido o desejo de se alojar fora do palácio.

Jakub sorriu com desdém.

- Pensa melhor, o que pode haver na caixa que nem sequer a Lady o quer por perto?

Lilinn se deteve assustada, e Jade, de repente, sentiu ainda mais apreensão. Isso não lhe havia passado pela cabeça.

- O que esse nórdico me disser terei cuidado. – Prosseguiu Jakub. – As palavras o vento leva. É certo que parece amável, mas viu seus cachorros? Estão melhor adestrados e são mais perigosos que os galgos. O tipo, além do mais, tem calos nas mãos, causados, supostamente, pelo uso habitual de uma arma. E essas cicatrizes nos pulsos... não é um viajante que vem entreter o povo e a Lady com espetáculos de adestramento. Eu reconheço um caçador quando o vejo.

⁵ É a denominação comum dado aos mamíferos mustelídeos do gênero Martes. Estes animais são carnívoros e semidigitígrados e têm uma pele muito apreciada. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Marta_\(animal\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Marta_(animal))

Caçador. Bastava dizer essa palavra para intranquilizar a Jade.

- O caso é que estão aqui. – Disse Lilinn com secura. – E nós somos seus anfitriões. Tudo mais não é da nossa conta.

- Assim é. – Afirmou Jakub. – Já imaginava que esse presente da Lady, não podiam ser menos que um presente envenenado. Enfim, nos fixaremos às ordens: nem visitas, nem favores, nem perguntas. Manteremo-nos afastados deles até que finalmente partam. Será melhor que fiquemos no primeiro andar, nos quartos com os banheiros de mármore, que dispõe de boas fechaduras.

Com a mão esquerda tirou, trabalhosamente, do bolso o molho de chaves e a pôs sobre a mesa.

- Vamos nos manter afastados deles. E você Jade, fecha aqui embaixo com chave.

Não era o momento apropriado para discutir com Jakub, mas não estava nada disposta a se manter afastada de Tam.

Em algum lugar do hotel, começou a se ouvir uma grande agitação. Ergueram-se alguns gritos e, finalmente, ouviu uma batida de porta que fez que Lilinn levasse um susto.

- Foi no salão de banquetes. – Gemeu Jakub. – Agora também destroem minhas portas duplas.

O rosto se contraiu de dor quando tentou se incorporar. Lilinn se adiantou.

- Nem em sonho. – Ordenou-lhe o empurrando de novo ao acento com força. – Só falta agora romper outra costela.

Jade ficou de pé. - Eu me encarrego.

Saiu pela porta antes que Jakub pudesse dizer algo. O barulho, de fato, procedia do salão de banquetes, e a ele se uniu também o ruído de um objeto ao ser arrastado, como se um vulto pesado se deslizasse por cima de madeiras. Ao chegar à porta vacilou um instante. A perspectiva de ter que enfrentar aos caçadores a deixou tão nervosa que agarrou com força, o molho de chaves. A luz das primeiras horas da tarde iluminava o grande salão de banquetes. As amplas portas de folha dupla que havia na entrada principal se encontravam abertas, e tábuas lisas estavam colocadas por cima dos degraus até o interior da casa. No mármore do chão, nos pontos onde umas décadas antes haviam tido mesas pesadas, viam-se falhas e arranhões. O desenho no chão mostrava umas flores de lótus brancas e pretas, sem dúvida de outros tempos, quando o branco não estava coberto de pó nem desgastado, seu aspecto tinha que ter sido suntuoso.

Jade olhou ao seu redor e suspirou com alívio. Não havia caçadores na sala. Só estava um par de carregadores que não conhecia e... Faun! Naquele instante havia emergido

detrás da caixa e estava comprovando a corda com aspecto concentrado. No momento em que a caixa deslizou sobre a madeira, virou-se ao ouvir o ruído de fricção.

Faun apertou então as mãos sobre a madeira, e opôs resistência no momento em que a caixa alcançou o vértice, inclinou-se e deslizou para frente como se estivesse em um balanço. A silhueta de sua sombra se desabou sobre as flores de pedra como se estivesse se tratando de um monólito disforme.

- Cuidado! – Faun advertiu aos homens que estavam soltando a caixa. – Não tão rápido.

- Tenha cuidado também com as portas! – Gritou Jade. Observou com satisfação como Faun se virava para ela com gesto de irritação. Pareceu-lhe que inclusive empalidecia.

Jade observou com os braços cruzados, como a caixa era colocada na posição adequada até que, por fim, ficava bem encaixada no chão.

Faun suspirou visivelmente aliviado. Os homens lançaram um último olhar de horror a aquele troço de madeira, tocaram os capacetes em modo de saudação, e se apressaram em voltar a sua barca. Jade foi até a porta, fechou cuidadosamente os batentes e buscou a chave que fechava a entrada principal. Naquele silêncio repentino, o tilintar do molho de chaves soou com uma intensidade incômoda. Pelo momento, na caixa não se movia nada e não saía nenhum ruído dela. Um formigamento na nuca fez que Jade suspeitasse que Faun a olhava sem dizer nada. A chave girou sem mais na fechadura, e o tilintar metálico retumbou na sala vazia.

- Tenho vontade de ver como vai subir a caixa até o quarto andar. – Disse Jade sem se virar. – Afinal de contas, não cabe no elevador.

Respondeu-lhe um pigarro, logo, com certa vacilação, Faun disse:

- Fica aqui... aqui embaixo.

Jade então se virou.

Faun desenhava uma careta com a comisura esquerda da boca.

- Não te agrada? Foi idéia sua. – Ainda que a hostilidade quase se podia apalpar com as mãos, Jade conteve sua raiva. Nada de perguntas, nem de visitas. Sabia que tinha que fazer o que Jakub disse e partir, ao invés disso, sentiu em seu interior uma espécie de obstinação.

“Pode ser que não seja nosso hotel – disse a si mesma. – Mas não deixa de ser minha casa”.

- E como o fará? – Perguntou. – Alguém terá que vigiar a jaula, não? Ou por acaso pretende deixar o animal preso todo o tempo?



- Isso é assunto meu. – Respondeu Faun com frieza. Apontou então um monte de mantas reviradas destinadas claramente a lhe servir de cama. – Eu ficarei aqui e me ocuparei dele.

Dele. Isso, pelo menos era alguma coisa.

- Tens um nome pouco habitual. – Jade se atreveu a dizer.

- Você também.

Essa afirmação só podia ser feita por um forasteiro, já que Jade era um nome muito comum na cidade.

Silêncio.

- Se chama só Faun? – Perguntou Jade. – Não tem sobrenome?

Os olhos do nórdico se encolheram um pouco, todo o corpo dele se tencionou e, apesar dos reflexos do Wila se deslizaram sobre seu rosto, não piscou um único instante. Parecia como se lhe resultasse muito difícil decidir se deveria falar mais com ela.

“Por que não me suporta? – pensou ela. – O que lhe dá o direito de me olhar como se fosse me esbofetear?”.

- Não gosto muito dos nomes. – Disse ele depois de um momento, ao mesmo tempo em que afastava o olhar novamente, como se não pudesse tolerar olhá-la.

- Acaso a Lady não aceitou o presente? – Perguntou Jade apontando com o queixo para a caixa.

- Há presentes que não podem ser tratados de outro modo. – Retrucou Faun em voz baixa.

Por algum motivo, isso a fez estremecer. Na casa se levantava uma sombra, dentro da caixa havia algo que respirava que ela notava mais do que ouvia. Sem saber por que, tinha a sensação de que o animal se espreitava.

“Odeia os humanos” lembrou do que Martyn havia lhe dito.

Faun abaixou o olhar.

- Dê-me a chave. – disse.

Jade cruzou os braços de forma ostensiva.

- Por favor. – Acrescentou ele sublinhando as palavras, contudo, não deixou de soar como uma ameaça. Jade vacilou, mas ao final decidiu que se sentiria muito mais segura pela noite se a sala permanecia fechada com chave.

Em qualquer caso, não tinha escolha. Se ela não dava as chaves a Faun, um caçador se encarregaria de que ele as recebesse. Depois de vacilar, pegou a chave do molho, e Faun lhe estendeu a mão.

“Você que venha” pensou Jade com raiva. “Não penso dar nem um passo até você”.

A mão dele ficou parada no ar, era uma mão magra e tinha uma forma bonita. O dedo indicador e o anelar eram igualmente largos. E o antebraço, precisamente no ponto em que a pele é mais sensível, brilhava uma tatuagem de fogo negro.

Umas labaredas se erguiam pelos tendões e as finas ondulações das veias. Quase fazia mal ver aquela marca negra na pele imaculada. De repente, Jade se precaveu do que antes havia lhe chamado tanta atenção. Faun carecia de sinais, ou cicatrizes.

- O que é essa marca? – Quis saber.

Ele lhe dirigiu um olhar que, para ela, foi como uma bofetada e afastou a mão.

Sua irritação pelo acesso de cólera de Jakub, nesse instante, fez Jade ruborizar-se.

- Ouça, o que você tem? – Esperou. – Te custa tanto responder uma simples pergunta? Fiz algo mau para você? Eu sou quem tem mais motivos para estar irritada contigo! Por sua culpa meu pai esteve a ponto de levar um tiro!

Ele arqueou as sobrancelhas e desenhou um sorriso desdenhoso com os lábios.

- Teu pai é um homem irritável. – Retrucou tranquilamente. – E isso, sem dúvida, não é minha culpa.

Ao ouvir aquilo, Jade ficou sem argumentos. Por desgracia, ele tinha razão.

- E por que convenceu Tam para que levasse as caixas para cima? Não há espaço suficiente aqui?

- Sim, há.

- Então rejeitou a proposta apenas por ser minha?

- Sim. – Respondeu ele surpreendendo-a pela segunda vez.

Fez-se um silêncio incômodo. Jade se esforçava para encontrar palavras, uma nova pergunta para poder lhe sacar alguma resposta, mas, de repente, sua cabeça parecia oca.

“Que faço aqui?” recriminou-se “Não quer falar comigo, não pode nem me ver”.

Aquilo, curiosamente, a entristeceu.

Ele umedeceu os lábios com nervosismo.

- A chave! – Insistiu.

Jade tragou saliva. A decepção lhe havia sentido como uma rajada de vento glacial havia ficado gelada. De todos os modos, que outra coisa poderia esperar?

- Aqui. – Respondeu lhe estendendo a chave. Durante alguns segundos permaneceram de pé, a cinco passos de distância, por fim Faun abandonou aquele desafio silencioso e se aproximou a ela. Por um instante, Jade não soube que desejo era maior: se sair fugindo a toda pressa, ou se aproximar dele.

Quando deixou cair a chave na palma da mão, seus dedos se tocaram. Naquele segundo inquietante, ambos se olharam fixamente e ela sentiu um leve e cálido estremecimento em seu interior. E notou mais outra coisa, uma vibração, um vínculo. Faun então se afastou com um empurrão, como se houvesse se queimado com o roçar, as mãos fechadas firmemente em punhos.

Atravessou a sala a grandes passadas, segurou a trava e abriu a porta.

O gesto não poderia ser mais eloquente. Jade não teve outra alternativa se não abandonar o salão, e, ao chegar ao corredor, suas pernas tremiam.

- Jade?

Ela deu um pulinho e se virou outra vez para ele. Faun não a olhava, tinha a vista cravada no chão.

- Fique afastada do quarto andar. – Lhe advertiu. Logo fechou a porta em sua cara e girou a chave na fechadura.

Os outros hóspedes sempre haviam sido intrusos provisórios, personagens interessantes, agradáveis ou desagradáveis, que iam e vinham sem afetar em nada a vida no hotel. Pessoas desconhecidas cuja presença se tolerava porque ajudavam a pagar a comida, e os tributos, e porque, graças a eles, ela e Jakub podiam continuar vivendo ali no Larimar. Aquela noite, no entanto, Jade pressentiu que algo havia mudado. Ao girar a torneira no quarto estreito na ala oeste do Larimar, e contemplar como um jorro de água turva jorrava contra a pia, pareceu-lhe que via seu próprio hotel com os olhos e os sentidos de um desconhecido: muitos quartos desocupados, o abandono, os móveis desgastados, o cheiro constante da água e do rio. No quarto contíguo, ouviu estralar as molas da cama quando Jakub se revirou nela, entre gemidos de dor e, antes de sumir em um sono intranquilo, gaguejou alguma coisa.

Jade se sentou na cama e contemplou as nuvens da noite pela janela,

Repassou ponto por ponto o seu plano. Não lhe custaria muito, no máximo à cabeça, se Jakub chegasse a se inteirar. Mas, todavia era cedo, assim que Jade se apoiou na estrutura metálica da cama e fechou os olhos.

Em algum momento teve que dormir um pouco, já que sonhou com o olho negro que a olhava pelo orifício da caixa grande. Em seu sonho Faun sacudia a cabeça, repreendendo-a. Mas Jade esticava a mão e acariciava a caixa. O que provocou com isso a assustou: as paredes de madeira se abriram como pétalas de uma flor gigante e caíram para o lado. Jade teve apenas tempo de se afastar. A água se espalhava pelo chão e molhava seus pés descalços.

Era mais fria que o gelo.

“Disse para você: fique afastada de nós” Faun a reprovava.

E ele se inclinava e dava voltas ao redor da criatura que jazia agachada no chão da caixa. Os olhos negros e ocos do Eco abatido se cravavam em Jade. Da boca lhe pendia uma língua extremamente larga e afiada como um punhal, enquanto que da ferida na testa lhe brotava sangue de água.

Incorporou-se com um ofego. Todavia presa ao sonho, pareceu-lhe haver percebido um chiado metálico. De verdade havia ouvido o elevador, ou isso também fazia parte do sonho?

As cortinas se mexiam com o vento ante o vidro quebrado, pelo ângulo dos raios da lua, soube que havia dormido mais de uma hora. Pelo tanto, tinha que ser mais de meia noite. Por cima do murmuro e o chapinhar do Wila, se impôs outro ruído: o bater de asas. Seguramente era um pequeno bando de pássaros noturnos que passavam perto da janela, ainda que Jade só tenha visto umas sombras que se deslizavam pelas cortinas. Inspirou profundamente até que os batimentos de seu coração se acalmaram.

“Eu reconheço um caçador quando o vejo”.

Havia muitas possibilidades: Lady gostava de caça. Diziam que lhe encantava cavalgar pelos bosques sombrios nos limites da cidade, onde habitavam criaturas que era preferível que um humano não visse jamais.

Mas a lista de troféus de caça incluía humanos. E, agora... os Ecos! E se Tam houvesse sido chamado precisamente por isso? Aguçou o ouvido até o quarto ao lado, aparentemente, Jakub estava profundamente adormecido. Jade deslizou em silêncio da cama, e se encaminhou na ponta dos pés descalça até a porta. O tapete do corredor era fofo e fresco ao tato. Na escuridão do corredor, as portas estavam dispostas como os dentes de uma caveira, uma junto à outra. Os ruídos da casa, como o golpe distante de portas entreabertas, eram tão sinistros como sempre, e também, nesta ocasião, os fantasmas pareciam seguir Jade a cada passo, deixando-a notar seu fôlego gelado na nuca. Mas, contudo, naquele dia era diferente.

Jade se deteve junto à escada e escutou novos ruídos: uns rangidos e murmúrios nos canos que antes não se ouviam. A casa gemia baixo o peso das numerosas caixas, e um latido estranho parecia retumbar por todos os quartos. Em algum lugar, em cima de sua

cabeça, os animais se remexiam nas jaulas, e muito mais próximo dela, poucos degraus abaixo, Faun dormia. Isso, claro, se efetivamente dormia.

Olhou ao seu redor com cautela, e logo se pôs em marcha. A escada parecia absorver seus passos. Jade conhecia cada degrau e todas as falhas na pedra.

A cabine do elevador estava no térreo, por tanto, alguém, de fato, havia descido. Inclusive a grade estava aberta.

Sigilosamente, Jade passou a toda pressa diante do elevador e recorreu o corredor, disposta a se encontrar com Tam a qualquer momento.

Mas não encontrou ninguém. Vacilou um pouco ao passar em frente à porta do salão de banquetes. Ali tudo estava em silêncio, ainda que a estreita faixa de luz pálida passava por debaixo da porta, revelando que Faun não havia fechado as cortina, e que a luz da lua banhava a casa. Bom.

Minutos mais tarde, Jade se pendurou pela janela da cozinha para alcançar a beira de pedra. Quando alcançou, trepando pela escada de água, as águas negras como a noite, murmuravam abaixo de seus pés. A luz da lua mostrava uma teia de aranha brilhante de reflexos sobre as ondas e os redemoinhos. Como as janelas estavam um pouco mais altas, teve que se servir de toda sua habilidade para alcançar o parapeito da janela sem fazer barulho. Quando o conseguiu, apoiou lateralmente o pé descalço sobre a borda de pedra do marco da porta, e se segurou com os braços até alcançar o parapeito da janela para olhar dentro do salão.

A caixa se erguia como um penhasco no chão de mármore. O monte que havia ao seu lado tinha que ser o monte de mantas sobre as que Faun dormia. Ela contava em vê-lo ali, mas não parecia estar. Haveria se escondido debaixo das mantas para que ela não pudesse reconhecer sua silhueta? Apesar de seus braços tremerem pelo esforço, Jade se aproximou um pouco mais da janela, até que sua respiração embaçou o vidro.

Algo havia mudado ali desde a tarde, a caixa parecia maior. Ainda que também pudesse ser só o efeito pela mudança de ângulo de visão.

Então um movimento assustou a Jade que, a duras penas, conseguiu manter o equilíbrio. Uma sombra! Muito perto da porta. Uma figura. Faun talvez? E outro movimento. Um vulto de forma estranha e cor negra. Notou que a boca estava seca. Isso, certamente, não era um urso. Sem apenas poder respirar, Jade ficou olhando essa coisa deslizante e flexível – acaso deslizava? – quando, de repente, a porta se abriu. Esse estranho ser se deteve e voltou à cabeça para a janela. Seus olhos refletiam a luz da lua. Jade se agachou com rapidez e se desprende até alcançar a escada d'água. Quando chegou ao degrau superior, agachou-se, pressentindo a catástrofe que se aproximava: logo os batentes da porta, ou das janelas, se abriram até o fundo e os meninos maus do Wila se alegrariam com seu sangue.

Durante dez ou vinte longos segundos, manteve-se imóvel sem que nada acontecesse. Logo ouviu, com alívio, que a porta do salão de banquetes se fechava com chave.

Capítulo Seis – Um Tributo Sangrento

Os forasteiros pareciam ter trazido consigo o céu nublado, tão próprio das Terras do Norte. Uma neblina cobria a cidade como um véu de viúva. As elevadas muralhas do palácio de Inverno se desvaneciam nela, como se o edifício fosse desaparecer em direção ao telhado.

- Você... disse que esse Faun deixou o animal solto? – Perguntou Martyn.

- Não tenho certeza. – Respondeu Jade. – A porta se fechou. Imagino que Faun saiu com o animal, quando, por fim, atrevi-me a voltar a entrar na casa, o salão de banquetes estava tranquilo.

Olhou ao seu redor, por precaução, ainda que não houvesse ninguém olhando para ela.

Dirigiam-se juntos a Casa de Dízimo, que se encontrava no mercado do castelo. Martyn levava no ombro um saco de couro com a maior moréia do rio que Jade já havia visto em sua vida. Havia poucas pessoas na rua, e quanto mais se aproximavam das muralhas do palácio, mais janelas se viam fechadas.

- E o outro cara? Tam.

Jade deu de ombros.

- Alguém desceu ontem à noite pelo elevador. Talvez fosse ele. E Faun...

- Você gosta desse nome, verdade?

- Quê?

Martyn lhe dirigiu um sorriso torto.

- Bom, parece que você vê algo nesse tipo, porque fala dele a toda hora.

- Está louco? – Perguntou Jade exaltada. – Você não pode falar sério? Seu comentário não tem nenhuma graça! Tivemos os caçadores em casa, e Faun guarda algo na caixa que nem sequer a Lady que ter por perto.

- Tampouco pretendia zombar a respeito. Mas você tem cara de necessitar de um pouco de alegria. Em fim, admito, eu em seu lugar tampouco me sentiria bem.



Jade pensou em seu sonho, o Eco trancado e nas sombras do salão de banquetes, e estremeceu. Andaram um momento, um ao lado do outro, em silêncio.

Notou que seu amigo a olhava de lado, depois de passar a noite em claro, ela tinha o humor igual ao céu, e a preocupação de Martyn não lhe resultava precisamente tranquilizadora.

- Escuta. – Começou a dizer depois de um momento. – Talvez fosse melhor que, durante um tempo, você fique conosco no barco. Só até que esses hóspedes vão embora.

- Começa a falar como Jakub. Deixa isso, ok? Não preciso que ninguém fique me protegendo.

la dizer algo mais, mas quando avistou ao grupo de caçadores se calou. Era toda uma patrulha, e parecia ter pressa. O nervosismo percorreu o mercado.

Os escassos comerciantes se agitaram nervosos sob suas peles, e cochicharam entre si. Martyn contemplou os caçadores enquanto desapareciam correndo por um beco.

- Ultimamente comprovam todos e cada um dos que chegam ao porto. – Murmurou.

- Deve ser pelos Ecos. – Jade deixou escapar.

Martyn lhe dirigiu um olhar misterioso.

- Que foi? – Perguntou Jade, irritada. Martyn já não parecia ter vontade de rir.

- Eu sabia! Você veio ao mercado pelos Ecos. Estou enganado? O que você quer averiguar aqui?

- Busco a Ben. Isso é tudo.

- Ben, o velho louco?

- Pode ser que esteja louco, mas ele é o mais velho na cidade. Sobreviveu a cinco soberanos... pode ser que saiba algo de... antes.

- Ben não sabe sequer o que significa. Sua memória é como uma rede de pesca estragada... faz várias décadas que não há nada que pescar nela.

Jade parou em seco.

- Por que me incomodo em te contar às coisas? – Resmungou. Martyn levantou a mão para tranquilizá-la, mas não pode reprimir um sorriso.

- Tranquila, minha ninfa. Eu não sou teu inimigo! Sabe que tenho razão sobre Ben. Uma bronca mais e você que vai arrastar a moréia até a Casa de Dízimo! Está claro?

Jade mordeu o lábio inferior. Fantástico! Agora além de tudo, estava brava com ela mesma. Por muito que ela e Martyn houvessem discutido durante semanas e as feridas lhe doessem até hoje, ele não deixava de ser seu melhor amigo. E sim, tinha razão sobre Ben. Nem sequer ela sabia se valia à pena perguntar ao ancião.

- Desculpe. – Murmurou tristemente segurando o braço de Martyn. – Realmente passei uma noite horrível.

- Na verdade, deveria dizer uma semana.

De novo estava ali: o amplo sorriso de Martyn, tão cálido e direto. O gesto, como sempre, a fez sorrir também. Duas mulheres que passavam pela praça do mercado voltaram o olhar para ver Martyn, mas ele, como sempre, não se deu conta.

- Vai. – Disse ele em tom conciliador. – Olha, vou levar o tributo a Casa do Dízimo, e recolho o selo de confirmação, e logo venho e buscamos o Ben. Quem sabe? Quem sabe, pode acontecer um milagre e você consiga algo dele.

Jade vacilou. Nada lhe teria agradado mais que aceitar a proposta de Martyn, mas negou com a cabeça. Os Ecos eram seu assunto.

- Não. Nos veremos amanhã, prometo.

O rosto de Martyn era como um céu nublado, não podia simular o que sentia a cada momento. E Jade lamentou ver sua decepção.

- Está bem. – Murmurou ele.

Entretanto, havia chego perto do edifício de forma quadrada que se situava junto às portas sul do palácio: a Casa do Dízimo, ali onde inclusive as pessoas do rio pagavam tributos a Lady.

- Bem, então. – Disse Martyn. – Até amanhã.

Jade se deteve e o viu andar. O vento mexia com seu cabelo e os extremos do lenço vermelho que estava preso a testa. Como sempre, ele se virou de novo no meio do caminho, e se despediu com um aceno. Nesse instante, Jade se recriminou com remorso por ter comparado um instante o balançar de seu andar de marinheiro com o passo flexível e felino de Faun.

O mercado esse dia estava praticamente vazio. No mês anterior, Lady havia aumentado os tributos. Havia comerciantes com tão pouca mercadoria que a exibiam a venda sob panos. Uns cachorros de rua famintos andavam pelo lugar com a esperança de aproveitar o descuido de algum comerciante, e conseguir um pedaço de toucinho ou peixe seco.

Normalmente, Ben se sentava em algum canto sobre uma manta de lã suja, e pedia esmola até que algum sentinela o expulsava. Jamais o haviam prendido nem açoitado por folgar.

Curiosamente, ele gozava de mais liberdade de movimento que os cachorros, algo que seguramente se devia aos seus cem anos, vinha a ser como um morto vivo, e ninguém via perigo algum nele. Quem acudia ao mercado, e os comerciantes sempre lhe davam algumas outras coisas.

Qualquer cachorro haveria matado só com isso, mas parecia que as esmolas bastavam para manter Ben com vida. Jade também havia trazido um pedaço de pão para ele. Procurou por todos os cantos e esquinas, mas não conseguiu encontrar com aquele personagem magro e esfarrapado. Em troca, chamou-lhe a atenção outra pessoa, Manu, do Mercado Negro. Aquele dia levava o cabelo longo e escuro, preso em uma trança, e atravessava a praça com passos muito rápidos, e com os ombros tensos. Parecia como se quisesse se encolher, um gesto muito pouco habitual em um homem de sua altura.

- Hey Manu! – Gritou Jade. – Viu o Ben?

Manu se sobressaltou e deu a volta.

- Ah é você! – Disse, e depois suspirou. Aquele dia não havia se enfeitado e seu olhar era especialmente ansioso. – Você não tem nada melhor a fazer além de buscar esse velho corvo?

- Viu ele ou não?

Manu olhou ao seu redor.

- Procure você. – Disse com tom desgostoso. – Deve estar onde há mais o que se ver. – Apontou com o polegar para as suas costas.

Jade teve uma sensação desagradável no estômago.

- Tem problemas? – Perguntou. – É por isso que as patrulhas saíram?

- Pode ter certeza. A partir de hoje, haverá guerra. – Ao perceber a expressão de desconcerto da garota, baixou seu tom. – Atrás do palácio, junto a Vila de Necheron, no pátio traseiro, apareceu outro cadáver. E claro, não foi um acidente. – Manu fez uma pausa eloquente. – Dessa vez Lady vai fazer cabeças rolares, isso eu te garanto.

Jade não teve que procurar muito. Os curiosos se amontoavam na rua que dava a pequena praça com fonte, situada atrás de um dos palácios dos lordes. Aproximou-se com cautela do grupo de espectadores. Ainda que estar no grupinho poderia ser perigoso, aquele dia parecia seguro. As pessoas, entre elas funcionários bem vestidos e muitos criados, guardavam um silêncio mortal.

Jade ficou junto à parede da casa, e olhou ao seu redor com nervosismo, convencida de que em qualquer momento veria o Eco oculto em um nicho, ou debaixo do arco da porta.

No entanto, a única coisa estranha que descobriu foi uma gralha azul com o peito manchado de vermelho, pousado em uma calha e se limpando. Talvez sangue?

- Retiraram o cadáver? – Murmurou a uma vendedora do mercado que se encontrava perto.

- Acabaram de tirar. – Lhe respondeu a mulher em voz baixa. – Tiveram que tirá-lo da fonte. Ninguém teria se dado conta tão rápido se a fonte não houvesse estado funcionando. O cadáver... bom... estava decapitado.

Jade estremeceu.

- Já sabe quem é? Outro sentinela?

A vendedora se limitou a encolher os ombros e alongar o pescoço.

Jade quis ir adiante, mas as pessoas que havia a sua frente foram para trás, e a pisaram. Sem apenas se dar conta, retrocedeu com os demais.

- Vê algo? – Sussurrou um homem ao outro. Este negou com a cabeça.

Jade olhou ao seu redor e avistou um cano estável que ia da calha de um telhado até o chão. Apoiou o pé no braço metálico, isto lhe permitiu se elevar o suficiente para, pelo menos dar uma breve olhada na fonte por cima das cabeças. O que viu esteve a ponto de lhe fazer vomitar. O pilar branco do centro da fonte estava coberto de uma cor vermelha e a água era um mar escarlate. Os caçadores haviam formado um círculo ao redor da praça e afastavam as pessoas. As suas costas, ali onde haveriam posto o cadáver por um instante, brilhava o sangue escuro e já seco. Jade saltou de novo ao chão.

- Para trás! – Entoaram alguns caçadores. Ouviram-se uns gritos de espanto, e as pessoas se moveram. – Vamos! Saíam daqui! – Os cachorros começaram a latir.

Quando começou a afugentar os curiosos, produziram-se empurrões e gestos de nervosismo. Jade já havia visto o suficiente. Virou-se e se deixou levar. Notou então algo duro na canela. Uma mão magra apertava o bastão com o que ela havia estado a ponto de tropeçar. Uns farrapos lhe roçaram o cotovelo. Ela então estendeu os braços e agarrou aqueles ombros frágeis, evitando assim que Ben, o centenário, desse contra o chão.

- Ben! Estava te procurando!

O ancião ergueu seu rosto astuto e desdentado e sorriu: - A morte é o que está procurando, garota. – Grunhiu. – Te conheço?

Se houvesse servido de algo, Jade lhe teria explicado que se viam cada dia, mas não.

Pousou um braço ao seu redor, e abriu espaço a cotoveladas sem atender aos insultos. Conseguiu levar Ben até a entrada da rua, onde tudo estava mais tranquilo. O ancião tremia e se apoiava em sua bengala com a respiração entrecortada. Quando jovem,

seguramente seus olhos haviam sido azul claro, e seu cabelo loiro, então, em troca, tinha um aspecto cinzento e seus olhos eram como duas pedras de cor azul amarelado.

De repente, começou a sorrir como uma caveira.

- Pão? – Perguntou estendendo sua mão de mendigo.

Aquilo era algo: sinal de que algum canto em sua memória, havia localizado sua imagem, disse Jade a si mesma, enquanto pegava o pão.

O ancião o agarrou e o escondeu entre os farrapos com agilidade.

- Sinahe! – Lhe sussurrou. – Um Eco me disse isso. Conhece esse idioma Ben? E essa palavra?

O velho ficou paralisado. Ergueu lentamente o olhar e a olhou nos olhos. Tinha a boca aberta em uma careta de assombro estúpido. Jade umedeceu os lábios com nervosismo. Lembraria-se de alguma coisa?

- Você é tão mais velho... já ouviu tantas línguas... – Lhe falou. – Tente se lembrar, Ben. Sinahe... O que significa? Sinahe...

A mão magra se moveu tão rápido que ela não soube como reagir. Com uma força surpreendente, apertou-a contra os lábios. A pele lhe cheirava a pó e couro. Ben balançou a cabeça.

- Tandraj! – Respondeu.

Olhou-a como se esperasse uma reação por parte dela, um reconhecimento.

Ela sacudiu a cabeça negativamente, e ele afastou a mão da boca.

- O que é Tandraj? – Perguntou.

- Não pronuncie essas palavras. Jamais. Entendido? – Lhe ordenou ele. – As caveiras se protegem sozinhas. Seu palácio é de mármore. Os sinos mudos chamam a luta.

Apesar de não dizer nada coerente, ele parecia totalmente lúcido. Jade viu nele o homem que havia sido antigamente.

- O primeiro lorde morreu. As aves carniceiras bebem seu sangue.

Jade ofegou.

- O morto era um lorde? – Perguntou.

- Um de doze. Perdeu a cabeça – Ben soltou, de repente, um riso e assentiu com veemência, como um louco. – Agora só restam onze, não é?

Jade sentiu a boca totalmente seca.

- Foram os Ecos? – Lhe murmurou com tom de confidente.

- Assassinos antigos, sangue novo.

- O que significava tudo isso? Ben? Ben me escuta?

Mas o ancião tampou os ouvidos e começou a tamborilar uma melodia rápida.

Jade ia segurá-lo pelos pulsos e afastar as mãos de seus ouvidos, quando alguém lhe deu um golpe por trás. Ela perdeu o equilíbrio e foi para o lado. Sem poder se dar conta, encontrou-se de novo perdida no tumulto. As pessoas tropeçavam e caíam, ficavam de pé e fugiam pelos becos.

Jade viu então por que as pessoas haviam começado a correr tão rápido: havia chegado um grupo de sentinelas. Começou uma briga, Jade se renegou.

Havia se distraído um momento e não havia visto vir o perigo. Parecia que ia haver detenções. Através de uma abertura entre as pessoas, viu que, apesar da vendedora do mercado se defender com todas as forças, um sentinela lhe retorcia o braço para colocá-la a suas costas. Na rua lateral se formou uma seqüência de caçadores que fechavam o caminho de quem fugia.

- Todo mundo quieto! – Gritou uma voz de homem. Jade abriu espaço até Ben, e lhe colocou o braço sobre seus ombros.

- Vamos! – Ordenou-lhe e o arrastou seguindo a parede. Ia o mais agachada possível para não entrar no campo de visão. A corrente humana se abriu por um ponto. Era o momento de que ela e Ben precisavam aproveitar, no entanto, um caçador deu um passo atrás e os impediu de passar.

O ar estava como antes de uma tempestade. Em qualquer momento o ambiente poderia transbordar. Jade ficou na ponta dos pés. A corrente, todavia não estava completa. Uma cascata aramada destacava atrás da primeira linha de caçadores. Moira estava ao outro extremo da fila! Jade calculou rapidamente suas possibilidades.

Não tinha muitas, mas era sua única opção.

- Fique aqui, Ben! – Sussurrou ao ancião. – Já te busco.

Não foi fácil abrir espaço pela frente. Jade recebeu uma cotovelada nas costas que a deixou sem ar, e botas arranharam seus tornozelos.

- Moira! – Gritou entre dos caçadores da corrente.

A jovem raciocinou com uma precisão pavorosa. Não se sobressaltou, não buscou com o olhar. Limitou-se a virar a cabeça e olhar Jade com uma precisão glacial. Reconheceu-a de imediato porque seu rosto escureceu.

Jade ficou paralisada. “Estou perdida, fará que me prendam!”. Moira se aproximou dos caçadores, então estes abriram a corrente e a deixaram passar. Aproximou-se de Jade com duas pernadas, segurou-a com brutalidade pelo pescoço e a levou contra a parede do edifício.

- De novo te encontro no lugar mais perigoso – Disse. – Que demônios faz aqui?

- Não é por mim. – Respondeu Jade. – Ali, ao outro lado, há um ancião, Ben. Você já o conhece. É o louco do mercado, deixa que saia. Poderia cair no tumulto e se machucar.

Moira franziu o cenho.

- E que me importa um mendigo esfarrapado?

- De que os serve apressá-lo ou que morra no alvoroço?

Moira ofegou com desdém. Sua palidez chamou a atenção de Jade, assim como suas profundas olheiras, disse a si mesma.

- Rogo-te. – Lhe suplicou em voz baixa. – Ele não tem nada a ver com tudo isso.

- Onde está? – Perguntou Moira desgostosa. A impaciência estava no ar.

Jade buscou com o olhar por toda a parede, mas Ben havia desaparecido perdido entre a multidão como uma garrafa com uma mensagem em uma onda de espuma.

- Não está! – Exclamou exasperada. – Deve ter caído. Tenho que voltar e...

Moira a segurou de forma rude pelo braço, e fez um sinal aos caçadores. Jade tencionou todos os músculos, disposta a se defender com todas as suas forças quando ouviu a ordem seca de Moira.

- Vocês! Soltem-na!

- Por quê? – Contestou um caçador com um tom desagradável.

- A conheço. – Disse Moira. – É Jade Livonius. Colaborou na caça do Eco. Assim, vamos.

Sem que Jade pudesse dizer absolutamente nada, Moira a fez passar pela linha com um empurrão. De repente, encontrou-se no outro lado, observada com desconfiança pelos cães e pelos caçadores que iam avançando. A parte do braço por onde Moira a havia segurado ardia de dor.

Virou-se, impressionada.

- Moira. – Lhe disse. – Foi um Eco que matou ao lorde?

O olhar de Moira cintilou por um instante, pode ser que fosse inclusive medo o que nela resplandecia. Logo aquele brilho desapareceu de novo.

- E quem mais haveria sido? – Retrucou com voz dura. – Estão por todas as partes. Esta mesma noite caçamos quatro. Vamos, vá de uma vez e fique em casa se não quer que peguem você também.

- Obrigada. – Murmurou Jade com dificuldade. A caçadora, no entanto, já havia lhe dado as costas. Tentou pela última vez encontrar ao pobre Ben, logo voltou correndo ao mercado tão rápido como lhe era possível.

Ainda que houvessem morrido decapitados, três lordes, o trabalho na Casa do Dízimo prosseguia. De todos os modos, resultava evidente que a notícia ainda não havia chegado até lá. Como a cada dia, os comerciantes com suas mercadorias, aguardavam ali para obter permissão para venda. Jade se deteve com a respiração entrecortada e se ergueu na ponta dos pés junto à janela gradeada.

Junto às paredes havia umas largas mesas dispostas, e em algumas delas as balanças e os pesos aguardavam para pesar as mercadorias.

Por sorte, Martyn continuava ali. O funcionário, um gigante com nariz vermelho vestido com um avental de couro, examinava nesse momento a moréia que Martyn havia tirado da bolsa e havia colocado sobre a mesa.

Como se tratasse de pérolas, umas manchas brancas redondas brilhavam sobre a pele de cor azul escuro de peixe.

- Não está mal. – Resmungou o homem. Pegou então uma faca e cortou o peixe em duas partes iguais. O pedaço maior jogou em uma caixa, o menor, que era a cabeça e dois palmos de corpo o deu a Martyn.

- Só isso? Apenas a cabeça! – Queixou-se Martyn. O funcionário lhe deu um olhar de indiferença e limpou a faca com um trapo empapado de sangue.

- Nove partes para a Lady. É a lei.

-Mas isso não é um décimo parte de carne! – Exclamou Martyn com irritação. – A final de contas, paguei mais tributos em cobre do que marca a lei.

O funcionário soltou um bufo desdenhoso.

- A Lady é a lei. Se tiver alguma queixa, pode discuti-las tranquilamente com o chefe dos calabouços. E, todavia pode te dar por contente de que o povinho do rio, como você, continue tendo permissão para pescar.

Jade observou como Martyn apertava os punhos. Apressou-se até a porta de entrada, mas dois comerciantes com um carrinho lhe bloquearam o acesso. Meio minuto mais tarde, Martyn saiu pela porta com um pequeno pedaço de moréia no ombro e o selo do tributo de madeira na mão.

Apenas chegou a porta, começou a proferir todo tipo de maldições. Então viu a Jade e se calou.

- Mataram um lorde! – Exclamou ela.

Martyn abriu os olhos com surpresa.

- Onde?

- Logo te conto. Houve prisões. Vamos, o melhor é sair daqui o quanto antes.

Martyn não fez mais perguntas, segurou a mão que ela lhe estendia e atravessaram o mercado juntos, por instinto, procuraram andar em um bom passo, mas sem ir rápido para não levantar suspeitas.

Foi como um vislumbre do passado: Jade viu a ela mesma e Martyn anos atrás.

Duas crianças dando as mãos correndo até o porto. Ainda que também fosse perigoso cruzar o caminho dos caçadores e dos sentinelas, eles se sentiam invencíveis e imortais.

Ela engoliu em seco, e desejou com um desespero inusitado, poder deixar um dia tudo aquilo para trás e partir pelo mar, a qualquer lugar em que não houvesse que ter permissões, nem leis injustas, nem armas. Nesse momento, outra coisa lhe preocupava: até então, os Ecos só haviam sido intrusos, como animais de presa, pavorosos, não eram invencíveis. No entanto, um deles havia conseguido penetrar nos muros bem vigiados de uma vila nobre. Jade refletiu: as fontes se esvaziavam pela noite, e só voltam a funcionar pela manhã. O assassinato, então, tinha que ter sido feito pela noite.

A seguinte ideia veio sem mais e não lhe encaixava de todo modo. Se suas suspeitas eram certas, na noite anterior Faun havia estado vagueando pela cidade.

Capítulo Sete – Fogo Negro

Ao assassinato do lorde se seguiram dois dias inquietantes. Ainda que o sol aparecesse, de repente as ruas pareceram varridas por um vento glacial.

Havia sentinelas parados nas pontes e no porto, e muitas praças foram fechadas. Nenhum lorde voltou a passear com sua carroça pela cidade, e a embarcação dourada da Lady no porto ficou abandonada. As pessoas do rio ancoraram no delta. Pelo menos isso tranquilizava Jade: Martyn estava a salvo.

- É a calma que precede a tempestade.

Lilinn descreveu assim aquele ambiente incomum. A cozinheira estava nervosa, e mostrava profundas olheiras. Tinha a mão esquerda enfaixada depois que a faca de cozinha escorregou de sua mão. Da janela do quarto azul, mais além do rio e em direção a Cidade Morta, viam-se patrulhas. Contudo, nenhuma barreira era incapaz de impedir que os rumores ganhassem caminho. Dizia-se que o lorde havia sido assassinado em sua cama, e que a cabeça havia sido deixada para a Lady no pátio do palácio, em modo de advertência. Outros rumores, por sua vez, diziam que o lorde havia saído de noite pela cidade e sem companhia. Havia quem afirmava que quatro Ecos haviam sido localizados e abatidos a tiros. Em troca, outros murmuravam dissimuladamente que, os lordes atentavam entre si.

- Não seria a primeira vez. – Supôs Jakub também. – É possível, inclusive, que fosse decapitado por ordem da Lady.

- A única coisa que quero é que não haja execuções. – Repetia Lilinn uma e outra vez, como se estivesse conjurando. Normalmente, a cozinheira e Jakub não falavam muito entre eles, mas Jade se deu conta de que, naqueles dias, seu pai passava muito tempo na cozinha. Tratava a Lilinn com grande delicadeza, até ao ponto que Jade o viu lhe preparar uma xícara de chá, um gesto que Lilinn lhe agradeceu com um sorriso de gratidão e surpresa.

A água dos canos do quarto andar gotejava, ainda que Tam se deixava ver muito pouco durante o dia. O elevador se movia em plena noite ou a primeira hora da manhã. Jade havia visto a Faun em uma única ocasião em que se toparam no corredor. Seu aspecto era tão cansado e abatido que teve dúvidas sobre suas suspeitas.

Por que um convidado da Lady poderia ter algo a ver com o assassinato de um lorde? Mas então, lhe vinha de novo à mente a imagem de seu sonho, daquele Eco trancado na caixa. Quando Faun a viu, seu rosto se iluminou por um instante. Aquilo foi reconfortante para Jade. Acaso era, talvez, um sorriso? Ele, no entanto, abaixou a cabeça imediatamente e apressou o passo.

Aquela noite, Jade voltou a subir pela janela da cozinha e tentou dar uma olhada no salão de banquetes. Para sua decepção, comprovou que então Faun não só havia fechado bem as janelas, mas que também havia fechado as cortinas. Todavia estava escuro quando algo a despertou.

Tinha a janela entreaberta e o latido rouco de um cão soou tão próximo, que Jade se incorporou assustada. O latido, no entanto, ficou mudo, sem que logo se ouvisse nenhuma ordem, nenhum passo de botas, nenhum golpe na porta. Jade, finalmente, atreveu-se a sair da cama e escapou para um dos quartos vazios situados na parte posterior do Larimar, de lá se podia ver a rua. Sob a névoa da manhã, pouco visível contra a parede escura de um prédio, havia um grupo de caçadores. Pareciam estar esperando algo. Ao virar o olhar para a direita, viu uma mancha de luz quadrada no chão: na cozinha a luz já estava acesa.

Era Lilinn. Sem dúvida, havia estado no sótão. Sobre a mesa, junto à cesta cheia, deslizavam-se vários caranguejos do rio. O cheiro deles se mesclava com o aroma doce das maçãs maduras que estavam armazenadas na cozinha. Ali, a água fervia em uma caçarola. Lilinn segurava uma faca com a mão boa. Não podia suportar a ideia de colocar os caranguejos vivos na água fervendo.

- Na rua há caçadores!

- Eu sei. – Retrucou Lilinn. – Não se preocupe. Só são escoltas.

- De Tam?

Lilinn assentiu.

- Falou com ele? Será que isso tem algo a ver com o assassinato... ou com os Ecos?

Lilinn se limitou a lhe dirigir um breve olhar de advertência. Jade deu a volta. Faun estava apoiado na porta, e nesse momento mordida uma pêra tranquilamente. Usava uma roupa preta justa que estava em moda entre a nobreza. A gola alta fazia que seu cabelo parecesse inclusive mais loiro. Seus gestos desenrolados, a curva de sua postura... parecia saído de um quadro.

- Temos que ir ao palácio. – Disse tranquilamente. – Tam deveria estar aqui, pergunte a ele você mesma.

Ainda que afastasse o olhar de Jade com estudada indiferença, seu desagrado era evidente. Lilinn pegou os cinco primeiros caranguejos e os colocou na água fervente. No mesmo instante em que as primeiras carapaças soltaram o ar, na água se ouviu uma espécie de sussurro e bufada.

- Deixa Jade. – disse Lilinn. – Os assuntos de nossos hóspedes não são da nossa conta.

Era inquietante a amabilidade com que sorria Faun, ao mesmo tempo em que matava os seguintes caranguejos com uma espetada rápida na parte posterior da carapaça.

- Me surpreende ouvir algo assim dos lábios de uma habitante desta cidade. – Disse Faun. – Afinal de contas, nada parece gostar mais as pessoas daqui que fofocar a torto e a direito.

Era evidente que lhe divertiu se dar conta do olhar de irritação de Jade, as comissuras de seus lábios se contraíram de um modo pouco perceptível. Os caranguejos restantes caíram na água em sussurros.

- Você escolheu uma época ruim para nos visitar. – Disse Jade de modo mordaz. – Com escolta ou sem ela, é bastante arriscado passear pela cidade.

Faun adotou um ar sério.

- Nenhuma época é adequada. Todos os países têm suas guerras. – Essas palavras tinham um tom menos arrogante. – Esta casa sempre foi um hotel?

Jade acreditou não ter ouvido bem. A reação de Faun não lhe haveria chamado tanto a atenção se não fosse pela semelhança que possuía com o modo de Jakub: não atender ao perigo, dar importância ao cotidiano. Ainda que não quisesse admitir, a seus olhos, isto o fazia simpático para ela. Apesar de querer manter distância, desejou que ele, pelo menos, dirigisse-lhe um olhar.

- Pelo que sei o Larimar era a casa de um nobre. – Respondeu Lilinn. – Mas não sei com certeza, só estou morando aqui há três meses.

- Verdade? Onde vivia? – Faun quis saber.

Lilinn engoliu em seco e ficou corada.

- Se quer saber algo a respeito de Larimar, pergunte a Jade! Ela cresceu aqui.

Jade fraquejou. Aquela era, pelo menos, uma ocasião para falar com Faun.

- Há muitas histórias a respeito. Há quem conte que Jostan Larimar construiu a casa para sua amante. Conheceu-a em uma viagem que fez mais além dos bosques, em uma terra em que os homens viviam a céu aberto, sem casas nem cidades. Mas ele não sabia que ela era uma ninfa, e que lhe era proibido tocar a um ser humano. No entanto, ela o amava tanto que deixou sua família e o seguiu. Durante muitos meses vagaram de um lado ao outro, e, ao final, Jostan a levou a sua cidade. Ela, não obstante, era uma pessoa inquieta e lhe pesava muito ter que viver entre paredes estreitas. Jostan fez construir então o Larimar, a fim de que pudessem dormir cada noite em um quarto diferente, como se estivessem viajando.

Faun permaneceu em silêncio, enquanto Lilinn tirava nervosa a atadura em sua mão.

- Um dia sua família os encontrou. – Prosseguiu Jade – E mataram Jostan. Sua amada chorou tanto sua morte que se desvaneceu, e converteu-se em um rio de lágrimas. Esta

mulher se chamava Wila e, hoje, atravessa a cidade para ir parar no mar. Os cisnes pretos são a lembrança de seu amor e de seu pesar.

O sorriso de Lilinn foi se desvanecendo conforme avançava a história.

- Mentiras. – Assegurou com voz dura. – Já lhes direi o que aconteceu de verdade: quando Larimar se fartou dela, colocou-a na rua e meteu outra em sua cama. Assim são as histórias de verdade. – E com essas palavras, pegou a cesta vazia e saiu da cozinha.

Jade se perguntou se deveria a seguir, mas se ouviu uma batida da porta que levava ao sótão. Era sinal de que Lilinn queria ficar sozinha.

- Só espero que esse lorde morto não seja quem fez sua amiga sofrer de amor. – Disse Faun de forma seca. – Por que assim, o mistério pelo menos, ficaria esclarecido. – E, depois de dizer aquilo, passou o dedo indicador pelo pescoço.

- Os assuntos de Lilinn não são de sua conta.

Ele mordeu a pêra e sorriu com ironia.

- É possível. Você a conhece bem?

“Por que não me olha?” Jade se perguntou, incomodada. Mas, sem querer, viu a si mesma nos olhos dele: o cabelo bagunçado e revirado, as olheiras... Ao lado de Lilinn, ela tinha que ser como um monstro frente a um lírio. “Por que deve pensar em tudo isso?” perguntou-se incomodada.

- O que é isso? Um interrogatório? – Perguntou.

- Talvez. – Os lábios tremeram um pouco. Apenas era um sorriso a duras penas.

- Se é assim, proponho um trato bem aceitável. Uma resposta em troca de outra!

Ele deixou de mastigar por um instante. Logo engoliu, lançou o miolo da pêra no lixo da cozinha e, como Jade, cruzou os braços.

- Então?

Jade decidiu começar com perguntas pouco comprometedoras.

- Que significam essas chamas negras em seu antebraço?

Faun levou um tempo para responder, como se, mentalmente, repassasse a pergunta e comprovasse todos os aspectos. Mas logo se encolheu de ombros com indiferença.

- É o símbolo da Terra do Norte, das Montanhas dos Homens Indômitos. Há um período do ano ali em que não sai o sol.

- E vive no escuro?

Faun jogou a cabeça para trás.

- Isso são duas perguntas!

O modo em que baixava o olhar para vê-la o fazia parecer arrogante. "Bom – Jade pensou – pelo menos agora me olha".

- Para responder a sua pergunta: Jakub e eu chegamos ao Larimar há dezessete anos. Um ano depois da guerra de inverno.

A postura indiferente de Faun havia adquirido certa tensão. Havia funcionado. Havia conseguido despertar seu interesse.

- Vivemos no escuro enquanto o sol não surge. – Respondeu ele então. – Isso, segundo nosso calendário, são quatro meses. Durante este período, a caça se torna especialmente difícil. Tem de aprender a diferenciar todas as sombras do bosque.

As Montanhas dos Homens Indômitos. O bosque. A caça. Nas Terras do Norte também havia cidades. Contudo, o que mais fascinava a Jade era pensar que havia gente vivendo longe dali. Sobre tudo se o que se dizia das Montanhas do Norte fosse certo: que havia humanos com cabeça de lobo, e animais felinos capazes de imitar as vozes humanas para atrair as suas presas.

- O que aconteceu durante a guerra de inverno? – Faun quis saber.

- A Lady conquistou a cidade. – Respondeu Jade sucinta. – Ordenou que matasse aos chefes da cidade e os antigos governantes, e fez com que todos seus criados e a maioria dos habitantes morressem afogados.

- Então, não fez prisioneiros.

Jade negou com a cabeça, e clareou a garganta antes de continuar.

- Perdoou a vida das crianças, mas todos aqueles que haviam estado ao serviço dos antigos governantes foram assassinados. São muito poucos os que viveram os inícios de seu domínio. Os anciões que habitam hoje em dia a cidade vieram como acompanhantes de lordes e artesãos que levantaram a Cidade Nova.

- Mas teu pai sobreviveu.

Pouco a pouco, Jade começou a se sentir incomodada. Aquela lembrança antiga, esse choro, voltou a aflorar. Lembrou o pescoço de Jakub, ao qual se agarrava enquanto ao seu redor brilhavam as chamas.

- É certo. Conseguiu se esconder por tempo suficiente.

- Então, teve sorte.

A ironia na voz de Faun a incomodou. Estendeu o braço e apontou a sua marca em forma de lírio.

- Vê isso? Nós somos habitantes desta cidade. Jakub também leva o selo de Lady Mar.

- Um selo bem pode ser uma recompensa. Quem sabe por que...

- Você não confia em ninguém, certo?

- É a lei dos bosques. – Afirmou sem sorrir. – Confiar não é mais que outro modo de dizer conhecer. Quem governava antes da Lady?

- Uns reis. Eram das ilhas.

- Então sempre foram escravos de governantes estrangeiros.

- O que sabe você de escravidão! – Replicou ela irritada. – Acaso vocês não têm leis nem restrições?

“Como é possível que agora defenda a Lady?” perguntou-se logo, horrorizada.

Ele deu de ombros.

- No bosque, ou caça ou te caçam.

- Nisso a cidade é igual. – Disse ela. – Tem de conhecer as normas e quebrá-las, às vezes, para sobreviver. E as regras mudam sem cessar.

- Por que não parte em busca de outro lugar onde não tenham amos?

Sabia ele que acabava de pôr o dedo na ferida? Esses eram seus pensamentos mais ocultos. Era inquietante ouvi-los na boca de um desconhecido. “Porque não posso abandonar meu pai e o deixar sozinho” – essa haveria sido sua resposta sincera. “Porque aqui há algo que o retém e eu não posso concordar”.

- Essa é nossa cidade. – Disse ao invés. – Meu lar.

Gostaria de ter soado mais convincente.

- De verdade gosta de ter que pagar tributos para poder viver em sua própria cidade? – Disse Faun. – Estas leis eu não posso compreender.

Aquele dia, se encontrar cara a cara com a verdade não a irritou, mas sim a entristeceu. “É evidente que somos escravos” pensou entristecida.

- E sua mãe? Ela também morreu durante a guerra de...?

- Não penso em responder essa pergunta! – Jade o interrompeu de forma brusca. – É sua vez Faun. Por que vai ao palácio hoje? Vocês são caçadores, não é verdade? A Lady os chamou por causa dos Ecos?

As perguntas o pegaram tão desprevenido que Faun abriu os olhos, assombrado. Abaixo da luz oblíqua, Jade observou que ele tinha pupilas, e que sua íris não era de cor preta, mas sim de um intenso e felino marrom cobre.

- Como te ocorre uma coisa assim?

- E o que tem dentro da caixa não é um Eco?

A pergunta escapou de seus lábios. Jade amaldiçoou por ter cometido esse erro e Faun começou a rir. O riso lhe saiu do coração e o transformou por completo. Nesse instante passou a ser, simplesmente, um garoto que ria por algo gracioso. Pela primeira vez, Jade admitiu para si que se sentia atraída por ele, como por uma dor temida e, ao mesmo tempo, desejada.

- Um Eco? – Perguntou com surpresa enquanto negava com a cabeça. – Diga como passou algo assim por sua cabeça?

Sua reação havia sido tão autêntica e imediata que Jade não pode mais que acreditar. Por um segundo, o vínculo entre ambos voltou a surgir. Aparentemente, Faun também percebeu isso, porque de repente, recuperou sua postura, como que surpreendido por sua própria conduta. O fervor dos caranguejos, que com o calor haviam adquirido uma cor vermelha intensa, era o único que se ouvia.

- Mas vocês se dedicam a caçá-los, não? – Perguntou Jade rompendo o silêncio. – Na noite do assassinato você esteve na cidade, certo? Com o animal da caixa?

Para seu assombro, Faun abaixou o olhar.

- Tam tem a insólita capacidade de encontrar qualquer coisa ou criatura. – Murmurou. – Também a eles, por isso muita gente o chama “caçador”.

- Nas Terras do Norte há Ecos?

Ele assentiu de um modo pouco perceptível.

- E os temem tanto como nós?

Faun franziu o cenho.

- Aonde quer chegar?

- A lugar nenhum. Não sei nada deles. – Respondeu Jade com sinceridade. – Mas tenho que saber mais. Os vi na Cidade Morta e me assustaram muito. Pensei que me matariam.

- Não é bom falar deles. – Respondeu ele com tom de preocupação. – Se os buscar, encontrarão você. São capazes inclusive de ouvir o eco de seus pensamentos, e são, em si, o vivo reflexo do mal. E quando rastreiam a sua pista, está perdido. Apareceram enquanto você dorme, e vão te estrangular. Logo beberão teu sangue e vão te despedaçar.

Jade teve que se apoiar no encosto de uma cadeira. Do lado de fora só se ouviu o golpe e o chiado do elevador.

- Mas eles... têm uma língua, certo? – Perguntou em voz baixa. – Sinahe, você sabe o que significa?

- Significa que estás morta. – Respondeu ele com grosseria. – Não tem nenhuma língua, acredite.

A grade correu para o lado. Garras de cachorro arranharam o chão de mármore.

- Faun? – Perguntou a voz de Tam.

Faun se afastou da parede como se houvesse estado esperando a oportunidade de abandonar a cozinha.

- Espera! – Exclamou Jade dando um passo até ele. Esticou então a mão para segurá-lo pelo braço. Faun se virou como mordido por uma cobra.

- Não me toque! – Murmurou.

Jade, assustada, deu um pulinho e se sentiu incapaz de responder algo. Ele ficou na porta, e se virou outra vez para ela. Jade tentou vislumbrar um pouco de pesar em seu rosto, mas o único que encontrou foi frieza.

- A propósito, sobre a sua pergunta. – Disse ele com uma voz perigosamente baixa. – Essa noite não estive no palácio. E, com isso, não com ele. De fato, não tenho a chave de sua jaula. – A raiva brilhava em seu olhar. – E, antes que saia com falsas conclusões, deixa-me te dizer que enquanto eu estiver aqui, ele estará tranquilo. É capaz de matar a qualquer um de vocês. O que não posso prometer é que a jaula seja uma proteção suficiente se ele perceber que está por perto.

Quando Faun partiu, Jade ficou atordoada durante alguns segundos, logo correu até a janela e a abriu. Teve que se inclinar para fora para ver como Tam e Faun abandonavam o edifício. Os caçadores que estavam no final da rua se viraram para eles.

Para Jade, pareceu ter visto entre a névoa o casaco de Moira, ainda que aquilo bem pudesse ser uma miragem. Como atraída pela voz de Tam, um bando de pássaros se amontoou sobre o grupo, como se tratasse de uma nuvem. Jade só podia distinguir as

sombras escuras, e era sinistro que nenhum pássaro fizesse o mínimo ruído. Dentro de uma hora, estalou-se o tumulto. Jade soube ao perceber o cheiro de queimado... os tiros e os gritos retumbavam como se houvesse uma partida de caça. O vento soprava desde a Cidade Morta, e quando Jade olhou pela janela, viu as chamas com toda fumaceira deslizando sobre o Wila, não era consciente da força com que apertava os dedos no parapeito. Seu reflexo na água do rio tinha as mãos apertadas contra o rosto e chorava.

- Eu sei. – Murmurou Jade – Eu também tenho medo.

Formavam um grupo silencioso. Lilinn havia fechados as janelas da cozinha e permanecia quieta como uma estátua, sentada entre Jakub e Jade. Os três estavam muito perto e escutavam os disparos.

- São capazes de converter toda a cidade em escombros e cinzas. – Sussurrou Jade em uma ocasião depois de um minuto de silêncio.

- Este é o preço pela vida de um lorde. – Retrucou Lilinn, e Jade notou que ela tremia.

- Não estamos em perigo. – Jakub repetia sua crença uma e outra vez. – Respeitaram o Larimar, e amanhã tudo já vai ter passado.

Jade teria se sentido mais tranquila se não houvesse percebido tanta raiva na voz de seu pai, e não sabia o que era que mais a preocupava: pensar em Martyn, ou o fato de que, talvez, nesse momento Faun estivesse andando pelas ruas entre escombros e chamas. Não deixava de ver em sua cabeça imagens de Faun flutuando no rio ou assassinado em uma fonte.

“É normal que não me preocupe tanto por Martyn”, justificava.

Afinal de contas, a Lady não permitiria que se metessem com as pessoas do rio, ela precisava deles. Em todo caso, Jade sabia quando queria se enganar: o que a obrigava a pensar em Faun não era a preocupação, mas sim, sobretudo, a lembrança de seu sorriso. No momento em que uma explosão fez vibrar todos os vidros das janelas, trovejou outro ruído que a estremeceu: uma espécie de gemido intenso e rouco que atravessava todas as paredes. Ninguém disse nada, mas todos pensaram no mesmo: a besta do salão de banquetes uivava aterrorizada. Jade se alegrou então pela porta ser grossa e robusta, e que tivesse uma fechadura de ferro.

Quando se ouviram uns golpes fortes nas persianas, Jade se levantou tão rápido que deu com a cabeça contra a lâmpada. No entanto, não se tratava de caçadores nem de sentinelas, mas sim de Manu e Nell, a mulher desdentada do Mercado Negro, buscavam proteção frente à patrulha que os perseguia. Com eles, entrou na casa também o cheiro de fumaça e pólvora.

- Houve presos! – Gaguejou Nell horrorizada, enquanto tentava segurar a xícara que Lilinn havia posto em suas mãos. – Não se trata só dos Ecos. Pensam que há seres humanos envolvidos.

- Como autores do atentado? – Lilinn empalideceu.

Jade engoliu em seco. No passado haviam acontecido algumas revoltas, mostra disso era a força que se erguia na Praça da Justiça, então outra idéia lhe veio à cabeça: “se foi alguém humano, então os Ecos não são assassinos”.

- Até agora prenderam vinte pessoas. – Seguiu explicando Manu. – Está claro que haverá execuções. E dizem que alguém atrai aos Ecos... intencionalmente. Entendem?

Jade ficou olhando a Manu como se fosse um fantasma.

“Assassinos antigos, sangue novo.” E se Ben sabia de algo?

- E as pessoas do rio? – Quis saber enquanto esfregava o braço. – As estações elétricas foram prejudicadas?

Manu negou com a cabeça.

- Não se preocupe com Martyn. Os Feynal ancoraram ontem junto as Red Rocks. Hoje houve quedas de abastecimento, claro, mas as turbinas não foram atingidas. Não parece que as pessoas do rio tenham que atuar por debaixo das águas.

Jade suspirou com alívio.

- E Ben? Você o viu em algum lugar?

Nell soltou um riso nervoso.

- Esse espanta pássaros? Quando soou o primeiro tiro saiu correndo até o Oeste como alma que leva o diabo. É surpreendente rápido como pode correr um homem como ele quando tem fogo na bunda.

Para o Oeste. Enquanto os demais continuavam murmurando entre eles, Jade ficou olhando sua xícara de chá gelado e se lembrou do rosto de caveira de Ben. Era evidente que ele sabia de algo, mas o que poderia ser? E se fosse certo que havia humanos buscando Ecos? A idéia era tão pavorosa como assombrosa.

Talvez Ben soubesse contatar os Ecos. De repente, enquanto refletia sobre o sorriso irônico do ancião, uma luz se acendeu em sua mente. Uma associação levou a outra. “Caveiras!” veio a sua cabeça. O que havia dito Ben? “As caveiras se protegem sozinhas. Seu palácio é de mármore. Os sinos mudos chamam a luta”. O ossuário! Encontrava-se além da porta oeste da cidade. Jade se deu conta de mais outra coisa: como Ben soube com tanta certeza que o morto decapitado era um lorde?

- Jade, o que está acontecendo?

Ela levantou o olhar assustada, e deu-se conta de que tinha quatro pares de olhos a olhando, rapidamente abaixou a xícara que havia segurado frente à boca, como se houvesse ficado paralisada.

- Não é nada. Nenhum problema.

Apenas acabava de articular essa frase quando retumbou outra explosão estrondosa.

- Sim, sim há problemas. – Retrucou Lilinn com amargura. – Estão destruindo tudo! E não vão tremer os pulsos na hora de matar a todos.

- A única coisa que fazem é afugentar os Ecos da Cidade Morta. – Jakub a tranquilizou.

Jade apenas havia conseguido se recuperar da surpresa por ouvir Jakub pronunciar a palavra “Ecos”, quando ele voltou a assombrá-la ao rodear com os braços os ombros de Lilinn, com um gesto protetor e terno. Ainda que Lilinn leva-se um susto, não rejeitou aquele contato.

- Não vai acontecer nada conosco. – Assegurou Jakub.

- De verdade? E como pensa em impedir isso? – Objetivou Lilinn com dureza.

- Impedir, não podemos impedir nada. Mas estamos juntos. – Retrucou Jakub com a calma que poucas vezes Jade havia visto em seu pai. – Trata-se disso: de estar e permanecer juntos aconteça o que acontecer.

Ainda que enquanto falavam nenhum dos dois se olhou nos olhos, palpava-se entre eles uma nova confiança, como se Jakub houvesse estendido a mão e a infeliz Lilinn a houvesse aceito.

A besta de Faun grunhiu, ofegou e depois ficou muda. Quando ouviu aqueles ruídos, Nell empalideceu.

- Quando cessar essa orgia de sangue, os sobreviventes voltarão a aparecer. – Prosseguiu Jakub. – Assim é a guerra. Ou morre, ou sobrevive e encontra um modo de seguir adiante. Temos que esperar e resistir. E logo, seguir pagando nossos tributos e não nos intrometendo nos assuntos da Lady, ou dos lordes. Assim é nossa vida, gostemos ou não.

Jade apertou a mão na xícara. Aquele era o Jakub que ela conhecia, mas nessa ocasião aquela resignação a indignou e irritou.

- Pois não gostamos! – Exclamou veemente. – E a você, Jakub, tampouco gosta!

Nell assentiu, por sorte se deu conta a tempo de que não era uma boa idéia cuspir contra o chão recém esfregado da cozinha.

- Eu juro. – Disse Jade. – Se fosse por mim... se de verdade houvesse rebeldes...

Jakub deu um soco sobre a mesa.

- Isso não se diz em minha casa! – Gritou. – Está louca?

Lilinn deu um pulinho, com a mão esquerda atada agarrou, em um ato de reflexo, a xícara que esteve a ponto de cair no chão.

- Não é sua casa. – Retrucou Jade tranquila, enquanto sentia que o coração batia rapidamente. Jamais havia dito essa verdade, mas, nesse momento, em meio de trovões e disparos, pareceu-lhe correto. – Não temos nenhum direito. Disso você sabe tanto quanto eu.

Ao dizer aquilo, pareceu-lhe que tirava um peso de cima.

- De fato. – Prosseguiu, repetindo em voz baixa o que pensava. – Não somos muito mais que meros escravos.

- Jakub não. – Disse Manu com um sorriso. – Ele sabe se relacionar com os lordes, e mantém boas relações com o prefeito da Lady.

- E por isso precisamente que a ralé do Mercado Negro como você pode vir a minha casa com toda a tranquilidade. – Grunhiu Jakub. – E agora, nem uma palavra, a menos que queira fazer uma visita a patrulhas ali de fora!

- Quem pode nos ouvir? – Disse Manu. – Os caranguejos? Admita Jakub, você não é como eles. Não traiu ninguém, e sempre que pode ajuda a “ralé do Mercado Negro”. Qualquer cego veria que se aborrece com isso tudo tanto quanto nós.

Por debaixo da mesa, Jade deu um chute de advertência em Manu, mas ele não se deteve.

- Você, como nós, se pudesse, tiraria a Lady da cidade o quanto antes.

- Cala a boca! – Disse Nell olhando com medo ao redor.

Jakub se levantou com um salto.

- Cuidado com essa língua!

- Basta! – Ordenou Lilinn com a voz tranquila. Para surpresa de Jade, os punhos apertados de Jakub se relaxaram. – Todos sabemos que Jakub tem razão. – Prosseguiu a cozinheira. – Podem ficar contentes que ele tenha lhes aberto a porta.

O assombro deixou Jade boquiaberta. Pelo rosto de Manu se deslizou uma ruga de preocupação.

- E agora, vamos esquecer tudo o que se disse aqui. – Disse Lilinn com um sorriso tranquilizador. – Ouça, não me olhe como se fosse uma espiã da Lady!



Manu suspirou com alívio, mas não disse nada. Jade se esquivou do olhar assassino de Jakub, e cravou a vista na mesa em que se viam as marcas de um número incontável de cortes de faca. Então tomou uma decisão: Jakub podia se esconder no Larimar, e ganhar Lilinn para sua causa, mas ela não estava disposta a abaixar a cabeça. Primeiro iria averiguar o que continham as caixas do quarto andar, e não podia haver uma oportunidade melhor que esse mesmo dia. E ao dia seguinte, talvez fosse ver o Ben. Se não se equivocava, ele não estava tão louco como acreditavam, a menos que estivesse errada, ele havia lhe indicado de um modo muito preciso o lugar exato onde encontrá-lo.

Capítulo Oito – Os olhos do buscador

Ainda que os barulhos tivessem cessado na primeira hora da tarde, a calma não regressou em seguida. Jakub escondeu Manu e Nell em uma dispensa, e os fez prometer que abandonariam a casa quando os hóspedes regressassem, no entanto, Tam e Faun não voltaram, e Jade se surpreendeu com o quanto isso a intranquilizava. Apenas soou o último disparo, ela saiu às escondidas e subiu, sigilosamente, as escadas. Alguém havia afastado a escada que subia ao terceiro andar, e Jade teve que procurá-la, mas ao final, deu com ela em um quarto, meio escondida atrás de uma porta. Pendurou-se pelo orifício no teto para passar ao terceiro andar, e continuando se aproximou cuidadosamente da escada de pedra.

Era evidente que Tam tinha as portas de seus quartos abertas, ou podia ser que, com as explosões, uma janela houvesse aberto e deixasse entrar uma corrente de ar. No entanto, não se ouvia nada suspeito.

Jade subiu a escada, passo por passo. Ao chegar ao quinto degrau, um pouco antes de ver a curva do patamar superior da escada, ouviu, ainda que não muito forte, mas claramente intimidante, o grunhido de um cachorro. O segundo cachorro de Tam. Ao que parece, naquela manhã só havia levado um.

Jade mordeu o lábio decepcionada, deveria ter imaginado que Tam não ia deixar suas jaulas sem vigilância. Retrocedeu com o máximo de sigilo, e, ao chegar ao chão, aguçou o ouvido durante um bom tempo, temerosa de que o cachorro guardião a seguisse, e pegou silenciosamente as chaves que levavam a sala ao quarto azul.

Sobre a Cidade Morta se estendia, como um véu, o vermelho sangrento da tarde. Ao se pendurar na janela, Jade procurou não olhar, mas não conseguiu, e a visão dos muros carbonizados lhe percorreu a garganta e fez lágrimas brotarem em seus olhos. A cidade... sua cidade! Parecia um guerreiro abatido. As pontes haviam sido demolidas, e em muitos lugares onde antes havia prédios, abriam-se crateras negras: haviam sido destruídos e perdidos para sempre.

Notou que algo seco se aderiu aos lábios e, ao esfregar o queixo no ombro, descobriu que era pó de cinza. Engoliu em seco, e contemplou seu reflexo infeliz na água.

Nessa ocasião, a altura a deixou mareada, como se alguém lhe houvesse roubado a segurança e o apoio, e pela primeira vez desde que vivia no Larimar, Jade temeu perder o equilíbrio. Havia planejado entrar por uma das janelas do quarto andar, diretamente desde a borda, no entanto, ao final, aproximou-se trepando com os joelhos trêmulos e as mãos nervosas, na janela redonda e se deixou cair ao abrigo da pedra de as paredes sem portas. Uma sensação de consolo a embargou, sentia-se como quem regressa ao lar depois de um período triste e cheio de privações. Só precisava de uns minutos para descansar, e apaziguar o tremor do corpo.

Teve que tomar ar várias vezes para se dar conta de que havia algo que não se encaixava. Tudo estava em seu lugar, inclusive a manta estava tão revirada como havia deixado há alguns dias, que nesse momento pareciam anos. Foi ao notar o cheiro de óleo, que soube o que aconteceu: a lâmpada havia caído no chão e uma mancha estava abrindo espaço no chão.

Junto à lâmpada, o diário jazia aberto, com as páginas viradas para baixo como um pássaro abatido, ao seu lado havia uns pedaços de papel, e dava a impressão de que alguém havia se dedicado a soltar as folhas. Jade proferiu um grito, e se precipitou até seu mais precioso tesouro, erguendo-o com cautela. Quando o retrato de sua mãe se mostrou intacto, Jade começou a chorar. O alívio trouxe consigo o espanto: alguém havia entrado ali! Não podia ser Jakub... pois só ela tinha a chave da sala ao lado, e a última segurança que restava se desvaneceu, como se seu mundo se dissolvesse para sempre. Era como se alguém houvesse cravado um punhal em sua garganta enquanto dormia.

"Faun" disse de repente. Como haveria entrado no quarto?

Apalpou cuidadosamente as páginas estragadas, o papel havia sido rasgado por algo pontiagudo. Dentes talvez? Sim. Isso parecia: que um animal havia destruído seu tesouro. Observou meticulosamente a mancha no chão, e descobriu nela uns pontos que conduziam à janela, e eram apagadas e pequenas...

"Poderiam ser marcas de marta?" perguntou-se. "Ratos? Corvos?"

Fosse o que fosse o certo é que o animal tinha de ter entrado pela janela.

Jade se aproximou da janela e se debruçou justo em cima de sua cabeça, duas janelas se abriam e fechavam com um ruído forte, ao compasso do vento. Repassou mentalmente a distribuição do andar superior, logo meteu a fotografia de sua mãe no bolso interno de sua jaqueta e subiu decidida do lado de fora.

Jamais havia subido pela fachada exterior que recorria o andar superior, mas percebeu que não era difícil, além de tudo, a forma arqueada dos corpos das moréias de pedra proporcionavam um bom apoio para os pés.

Só vacilou um instante antes de estender e introduzir os dedos, cuidadosamente, em uma fissura da janela. Sob as pontas dos dedos, ouviu o barulho das paredes, secas e finas como o papel de um ninho esquecido. Ergueu-se com cuidado para evitar que o batente oscilante da janela a acertasse. Uma rajada de vento jogou seu cabelo para trás, a corrente passava suavemente pelo andar. Perfeito.

Soprava pelo lado adequado, assim o cachorro não perceberia seu cheiro imediatamente.

Lentamente seguiu se esgueirando, disposta a deixar de novo imediatamente caso o cachorro aparecesse junto à janela. Agarrou a continuação do batente de madeira, e deu uma olhada rápida no magnífico quarto que, dias atrás, ela mesma havia preparado.

Estava irreconhecível. Todos os objetos, as mesas e as cadeiras jaziam derrubadas e estragadas pelo chão! A lã de enchimento aparecia em uma poltrona rasgada, as cortinas estavam soltas ou completamente no chão, e as caixas das jaulas estavam empilhadas ao redor da enorme cama com dossel, a qual havia sido deslocada até o centro do quarto. Jade passou as pernas em silêncio por cima do parapeito, e deslizou no interior do quarto, deu um par de passos com cuidado e olhou ao seu redor desconcertada. O vento enchia o dossel desgarrado, as portas laterais e a porta que se abria ao corredor estavam abertas, e, no chão, havia objetos que impediam que se fechassem em um golpe.

Havia caixas de jaulas por todas as partes, e Jade desviou o olhar, deslizando sem fazer ruído até a porta. Aquilo era o mais prudente, e por alguns instantes acreditou que não era a lembrança daquele olho malévolo que a impedia de se aproximar imediatamente das caixas. Levantou em silêncio um candelabro de bronze, que estava no chão, e o deixou em sua mão, podendo servir como arma. Continuando, apressou-se até um dos quartos laterais. Havia três portas: uma que dava ao corredor, outra que levava a sala ao lado, e uma porta de serviço escondida que apenas se destacava contra a chapa de madeira da parede. Jade calculou a distância e comprovou os impedimentos possíveis e as fechaduras, fechou com chave a porta lateral, abriu as outras duas e deu um olhar discreto ao corredor. Não viu o cachorro, possivelmente ainda estava em seu lugar junto à escada.

Jade teve que umedecer os lábios várias vezes, para emitir um suave assobio. Para ter mais certeza, bateu também no marco da porta com o candelabro, agora só podia confiar que o cachorro não fosse mais rápido nem mais inteligente que os astutos vira latas que ela havia conseguido escapar tantas vezes.

Sem emitir um só latido, o cachorro dobrou o corredor como uma flecha e apareceu com tanta rapidez que o susto deixou Jade por alguns instantes sem sangue nas veias. Esteve a ponto de fechar a porta por reflexo, mas então se virou e atravessou a toda velocidade o quarto, em direção a porta de serviços. Quando o cachorro entrou no espaço, e deteve seu caminho deslizando pelo chão liso, ela correu pela porta de serviço e a fechou atrás de si. As garras rasgavam o chão, quando Jade escapou pelo estreito corredor, abriu a porta que dava ao outro corredor, e entrou de novo no quarto, justo em tempo. Um décimo de segundo antes de fechar a porta, conseguiu entrever pela fissura que o cachorro havia visto a manobra e avançava contra ela. Então fechou a porta com todas as suas forças, quase ao mesmo tempo ouviu um ruído surdo e notou a vibração da madeira no momento em que o cachorro se lançou contra ela. Jade girou a chave na fechadura e retrocedeu com um resvalo. O grunhido do outro lado da porta a penetrava por completo, correu de novo até o quarto luxuoso agarrando o candelabro de bronze com força.

Só quando teve outras duas portas entre ela e o cachorro, Jade se deteve com a respiração entrecortada, o sangue assobiando em seus ouvidos, enquanto ao seu redor tudo havia se tornado sinistramente silencioso. Entrou com sigilo nos domínios de Tam, tendo a mesma imagem em toda parte: desolação, manchas de chuva e pó. O vento havia trazido pela janela folhas secas e penas, que se eriçavam na borda a mercê da corrente de ar, como se fossem espuma do mar. A visão daquela desordem deu pena a Jade. Por que Tam havia feito isso? Ou talvez não fosse obra sua?

De novo armazenou todo seu valor e se aproximou, com o coração encolhido, das caixas de jaulas. Esperava ouvir no interior um rugido, algum sinal de vida, mas o silêncio era mortal. Cuidadosamente, estendeu o braço e tocou com o candelabro em uma das caixas, o chiado que se ouviu a fez retroceder. O alçapão se abriu, moveu-se com a corrente de ar, porém nada mais aconteceu. Jade rodeou com cautela, e certa distância a caixa e se encontrou com o interior vazio, mas tanto nas paredes quanto no fundo se via desenhos abstratos causados por arranhões. Voltou a dar um tapinha em várias das portinholas das caixas, mas não havia dúvidas: estavam todas vazias. O pensamento que lhe veio à mente não tinha nada de tranquilizador: onde estavam os moradores dessas jaulas?

O ruído do elevador a sobressaltou, Tam estava de volta! O chiado metálico soava como algo surdo e amortecido, de modo que era difícil averiguar em que andar se encontrava a cabine nesse instante. Quanto tempo tinha? Vinte segundos? Ao final, as pernas lhe obedeceram, e saiu a toda pressa, correndo pela porta do quarto até a janela pela que havia entrado.

Na cidade, o vermelho do entardecer logo desapareceria.

O céu já não resplandecia em cor encarnada, em seu lugar, um pôr do sol de cor violeta claro pairava sobre as casas e as ruínas. Jade tropeçou com uma volta no tapete e esteve a ponto de cair, mas se incorporou e chegou por fim a janela. Estava tão pendente do elevador que só se deu conta de outro ruído quando era tarde demais. Era o ruído de um voo muito próximo, vislumbrou de forma fugaz umas plumas de cor azul brilhante e pescoço negro também emplumado. Logo toda aquela nuvem de asas se mexeu e dirigiram todos os bicos até ela. Jade retrocedeu com um ofego, havia pelo menos vinte pássaros: um bando que entrava pela janela em um quarto suntuoso. Umas gralhas azuis!

Por instinto, foi para o lado para se esquivar do bando, mas quando os pássaros desenharam um arco inclinado com as plumas firmemente unidas ao corpo, deu-se conta, com um espanto tremendo, que sua intenção não era delatá-la.

Jade gritou quando o primeiro bico esteve a ponto de acertar seu olho, mas se cravou dolorosamente na têmpora. Umas garras agarraram em seu cabelo cacheado, e asas golpearam suas bochechas como bofetadas. Percebeu o fedor das plumas dos pássaros, e notou na boca o gosto amargo do pó das asas. As mãos começaram a arder devido esses bicos afiados, mas conseguiu proteger seu rosto, virou-se como uma ilusionista de feira para tentar se libertar dos animais, mas estes atacaram com mais força ainda.

Quando o candelabro deu contra duas gralhas azuis, ouviu-se um ruído surdo. Um pássaro agarrou seu lábio inferior com o bico, e aquela intensa dor a fez gritar. Olhos negros a olhavam com raiva. Jade deu a volta, inclinou-se baixo uma nova investida e tentou fugir.

Tropeçou com o tapete e perdeu o equilíbrio, o candelabro se soltou de sua mão e ela caiu no chão, no entanto, o impacto não se produziu. Noto no rosto uma mecha de cabelo, e uma mão pousou como uma pinça em sua cintura, e algo a puxou com brutalidade pelo cabelo.

- Corre. – Lhe sussurrou ao ouvido uma voz familiar.

Jade obedeceu tampando os olhos com as mãos, entre tropeços e inclinada para frente, ouviu que o cachorro grunhia atrás da porta fechada e, foi então quando se deu conta de que se encontrava no corredor, a grade se abriu com um chiado justo diante dela, e um empurrão a deixou sem fôlego, e caiu deslizando ao chão na parede lisa, com os joelhos apertados contra o corpo e olhando entre os dedos.

Ele ainda usava a camisa desgarrada, e a gola alta pendurava fiapos sobre o ombro. Tinha o cabelo loiro revirado, e escurecido pela fuligem, e manchas de fumaça na pele, cheirava a fogo e... estava agitando no ar o casaco de Moira.

Assim mantinha em xeque ao bando como um furioso, e podia se defender também dos pássaros com o braço. Uma gralha azul o atacou, precipitando-se até seu rosto, mas Faun levantou o braço tão rápido que o pássaro caiu abatido no chão. Jade se encolheu ainda mais no canto.

Continuando com uma rapidez que apenas permitia vislumbrar seus movimentos, Faun jogou a capa contra o bando e aproveitou os segundos de desconcerto entre os pássaros para saltar a cabine com Jade.

Fechou a grade com um golpe colérico que fez marcas no botão do elevador, por fim, a cabine se pôs em movimento. Sem ar apenas, Faun se virou para Jade com os punhos apertados, os olhos acesos e o rosto irado. Ia tão coberto de fuligem que parecia que levava uma máscara abaixo, a qual brilhavam seus olhos, contudo, o mais inquietante era a expressão de ódio que deixava adivinhar, e Jade se afastou, instintivamente, para o lado, disposta a se defender. Ele se lançou contra a jovem com tal rapidez que ela mal pôde se dar conta, até então só havia sentido pânico, mas, naquele instante, Jade soube o que era o medo de morrer. Antes que desse tempo de raciocinar, ele já tinha os dedos como garras, fundidos em seus ombros, com os polegares perigosamente perto da garganta de Jade. Ela ofegou e o segurou pelos pulsos.

- Solte-me! – Murmurou com os dentes apertados. Acertou-o no joelho com um chute bem dirigido, mas ele nem se moveu.

O elevador alcançou o terceiro andar e ali se deteve suavemente. Ao que parece, o ruído e o movimento conseguiram tirar Faun do estado em que se encontrava perdido, e que ela não se atrevia nem sequer a imaginar.

Faun piscou, e Jade notou como o agarre em torno de seu pescoço se afrouxava.

- Como pensou em subir ali? Ficou louca? – Murmurou ele.

Ela se afastou e tentou manter a maior distância possível entre eles, mas, aquela cabine estreita não podia estar mais de um braço de distância.

Ficaram se olhando cara a cara, com a respiração entrecortada, as narinas de Faun se agitando, e sua boca havia virado uma linha pálida e dura. Ainda que ele a olhasse fixamente, Jade teria preferido que não o fizesse.

O arrepio frio de uma gota percorrendo sua bochecha fez se dar conta de que tinha uma ferida na têmpora, e nesse instante se deu conta de que Faun também estava ferido. Entre os restos de sua manga, baixou uma atadura de emergência, marcada com uma mancha vermelha.

- O que... o que aconteceu? – Perguntou ela.

- Maldita seja! Isso não é assunto teu! – Respondeu ele.

- Por que está tão irritado comigo?

- Porque você é uma estúpida! – Retrucou ele. – E, se não fosse por pouco, cega e surda!

Jade se sobressaltou, ele tinha toda a razão do mundo! De todos os modos, como se essa ofensa houvesse reativado a raiva que sentia, a comoção pelo acontecido a abandonou.

- Sim, eu fui tão estúpida para acreditar que era hóspede do hotel. Tão estúpida inclusive para passar todo o dia preocupada se havia sido morto na linha de tiro. Mas você, na verdade, dedica-se a destroçar tudo e nos coloca em perigo. Bisbilhota em outros quartos, e...

De repente, ele voltou a adquirir um aspecto perigoso. Abaixou a luz que piscava do elevador, seus olhos tinham o brilho de cor vermelha e mel dos felinos. Cheirava a ameaça, a neve e ao frio de uma noite de inverno.

- Escuta de uma vez o que vou dizer! – Disse ele com tom ameaçador. – Deixe isso, ok? Eu me adiantei dessa vez, mas Tam está a ponto de voltar ao hotel. E já pode rezar para que ele tenha algo melhor há fazer que se concentrar nos pássaros.

- Você não é ninguém para me dar ordens. – Retrucou ela. – O que pretende fazer com essas gralhas? Acaso matam Ecos?

- Realmente, em tal caso seria útil que o adversário ficasse sem os olhos. – Disse Faun com um sarcasmo frio. – Mas talvez em teu caso pelo menos deveria tê-los deixado fazer...

- Deixa já de me ameaçar, Faun! Por que os pássaros de Tam atacam os humanos? Nenhum pássaro normal faz essas coisas.

- Mas os pássaros das Montanhas dos Homens Indômitos fazem isso. Gostam de atacar, sobretudo quando vêem um intruso. Tam os adestrou para ele, ele sabe como falar com eles.

- Pois parece que se esqueceu de dizer que não podem nos despedaçar.

Os olhos de Faun pareciam faiscar de raiva.

- Você não entendeu? Não se deu conta de que se Tam quer, é capaz de ver o que estão vendo os pássaros? Eles são seus olhos.

Jade estremeceu, de modo que eram espiões... espiões da Lady.

Por acaso havia um modo melhor para controlar uma cidade inteira que utilizando pássaros capazes de atuar como olhos?

- Então não matou nenhum Eco?

Faun a olhou como se ela não estivesse bem da cabeça.

- Você não pode pensar em outra coisa? – Murmurou. – Vamos, desaparece antes que Tam te encontre.

No preciso instante que ia tirar a grade, o elevador se pôs em movimento com uma sacudida e começou a descer até o primeiro piso. A expressão no rosto de Faun mudou por completo, o temor escureceu seu rosto. Pela primeira vez, Jade viu de novo ao outro Faun e ficou encolhida.

- Tam está lá embaixo!

O pânico havia se apoderado da voz dele, e Jade também ficou nervosa, porque se Tam visse as feridas das bicadas...

- Vamos, ajude! – Lhe ordenou ela. – Subirei ao teto da cabine, pela portinhola de serviços. Vamos!

No mesmo instante notou que dois braços fortes a seguravam e a erguiam, Faun a duras penas conseguiu ocultar em seu rosto a dor que sentia no braço, mas conseguiu segurar com firmeza Jade... Talvez com muita firmeza.

Durante um instante em que o tempo se deteve, um segundo entre serem descobertos ou fugir, os dois se detiveram naquele estranho abraço. E quando passaram o segundo andar, Jade ergueu os braços, correu a trava da portinhola, pegou impulso e apoiou o pé sobre o ombro de Faun. Logo subiu rapidamente sobre o teto da cabine do elevador. O rosto dele oscilou abaixo em seus pés, sombrio como uma máscara, enxuto e tenso de preocupação.

- Amanhã falamos! – Sussurrou ela. – Virei e...

Ele negou com veemência.

- Realmente não entende? – Disse. – Não te suporto, compreende? Portanto, afaste-se de mim.

Depois de pronunciar essas palavras, Faun estendeu o braço para acima e fechou a portinhola. Jade se incorporou e se forçou a respirar fundo, o chiado metálico do elevador



lhe perfurava o cérebro. Esteve a ponto de não acertar o momento em que a grade no primeiro andar se deslizava junto a ela. Saltou no momento preciso, agarrou-se a grade e se lançou ao chão enquanto a cabine continuava seu percurso descendente dentro da caixa.

Logo se viu no primeiro andar, atordoada, confusa e sangrando. Contudo, mais que as feridas e as bicadas, o que mais lhe doía eram as últimas palavras de Faun.

Capítulo Nove – Caveiras e Ossos

As tropas foram reforçadas e houve mais detenções. Para completar, parece que nas turbinas do leito do rio se enredaram algas ou redes desgarradas. Havia muitos apagões, e também no Larimar as luzes piscavam e apagavam, e Jakub tinha que subir o elevador até o quarto piso com o guincho manual de emergência. Jade sabia o que aquilo significava: Martyn e as pessoas de Arif tinham que arrumar as turbinas antes que as finas aspas dobrassem baixo a forte corrente submarina.

Jade apertava os punhos cada vez que via Tam sair de casa com seu séquito de espiões alados, que se precipitavam desde o telhado e as fissuras na parede. Afligia-se só de pensar no que Jakub diria depois da partida de Tam, quando visse como os quartos mais suntuosos estavam destruídos. Por sua parte, ocultava-se na ala leste do edifício, o mais afastada possível dos quartos de luxo e do salão de banquetes.

Era um quarto do segundo piso. Conservava ainda umas janelas em bom estado que impediriam as gralhas de entrarem no quarto. Tinha o diário e os demais tesouros da sala azul, escondidos debaixo da cama, um trambolho preto de ébano desgastado.

Esquivava-se de Faun há todo momento. No entanto, o pior não era o desprezo e a rejeição que ele lhe demonstrava, o pior era o fato de que não podia deixar de pensar nele. Quanto mais enfadada se sentia, mais constantemente se despertava de noite com o coração agitado porque parecia ouvir seu riso. Em uma ocasião em que se atreveu a se aproximar da ponte dos Grifos, Jade o viu do outro lado do rio. Faun se encontrava no limite da Cidade Morta e contemplava pensativo aos muros e as ruas. Ao voltar de novo pela ponte, avançou com cautela.

“Como um animal selvagem que se sente inseguro na cidade”, Jade disse a si mesma. Curiosamente, apesar da decepção que sentia a presença de Faun a fascinava mais do que nunca. Seu ar desconhecido o fazia muito atraente. A agitação surda que ela sentia no peito era como uma carga, ou talvez, como um anseio. Faun havia se detido no centro da ponte e a havia olhado fixamente dali.

Era impossível que ele a tivesse visto, porque o sol lhe batia diretamente nos olhos, e Jade se encontrava meio escondida na penumbra, contudo, ela teve a certeza de que a havia reconhecido.

- Que passa aos dois? – Perguntou Lilinn quando Faun e Jade cruzaram os olhares hostis no corredor, e passaram um junto ao outro sem dizer nada.

- O mesmo poderia perguntar sobre você e Jakub. – Contra atacou Jade, fechando com um golpe a porta da cozinha. Lilinn riu.

- Nós? – Respondeu impassível. – Nada.

- Ah, claro. Passam o dia cochichando, tem as chaves do sótão, e fica ao seu lado contra Manu e Nell. Sim, de fato, isso é o que se diz para “nada”.

- Por acaso estou proibida de falar com seu pai? – Perguntou Lilinn tranquilamente.

O cheiro de menta e salvia impregnaram no nariz de Jade quando a cozinheira começou a picar as ervas. Jade observou que utilizava a faca com a mão direita e que não tinha muita habilidade com ela.

- Não, não está proibida. – Respondeu. – De qualquer maneira, não consigo entendê-lo. Faz umas semanas apenas não lhe dirigia uma palavra e agora...

- Talvez fosse Jakub quem buscou contato comigo. – Disse Lilinn.

Um ponto a seu favor.

- E de onde veio que você não é espiã da Lady?

Lilinn deixou de cortar as ervas. - Acaso suspeita disso? – Perguntou surpreendida, e riu. – Jade, isso significa que não confia em mim? Como pode passar pela sua cabeça que eu seja capaz de enganar vocês?

- Eu não disse isso. – Respondeu Jade com cautela. – Mas qualquer um se perguntaria como é possível que uma canhota como você possa ferir a mão esquerda cortando verduras.

Os olhos azuis de Jade de Lilinn encolheram.

- Pode ser que mais de uma pessoa possa perguntar isso, mas não você. A final de contas, você já sabe que de vez em quando corto minha mão, apesar de que não sou tão hábil com a direita. Ao menos, quando corto verduras.

Jade se sobressaltou ao ver que Lilinn projetava a faca com grande rapidez. Este assobiou no ar e foi dar um golpe seco justo no centro de uma viga.

Jade olhou boquiaberta para a cozinheira, que não pode dissimular um sorriso triunfante.

- Depois de dois anos vivendo com Yorrik, e toda a ralé nos becos e sótãos da cidade, aprendi a lutar com as duas mãos. Disso pode ter certeza!

Jade suspirou aliviada.

“Isso é tudo que se consegue com a desconfiança” se disse.

- Desculpe. – Murmurou. – Essa caçada, os Ecos...

- Eu sei. Todos nós estamos meio loucos de preocupação. Comigo acontece o mesmo, e quanto a Jakub... posso te falar com franqueza Jade? Pois sim, gosto muito dele. E isso que, a princípio o tomei por um tipo insensível, desses que fazem de tudo para conseguir para si vantagens e o favor da Lady. Até que eu comprovei que tem um bom coração.

- Coração tem sim. – Disse Jade enfaticamente. – E possivelmente você sabe melhor do que ninguém como é fácil quebrar um coração.

- Aonde quer chegar?

Jade cruzou os braços.

- Parece quase como se você estivesse apaixonada por ele.

“E que tem isso de mau?” se perguntou mentalmente enquanto falava.

Lilinn torceu a boca e desenhou um sorriso irônico.

- Você acha que mereceria algo assim? Já sabe que só me apaixono por mulherengos e mentirosos. Não sei se me entenderá, mas quando estou com ele, tenho a sensação de que é... como eu.

Jade a entendia. Entendia inclusive bem demais. Se havia duas pessoas que podiam compartilhar uma mesma desgraça, essas eram Lilinn e Jakub.

- Quantos anos tinha Jakub, quando você nasceu? – Perguntou Lilinn.

- Dezenove. Por que quer saber?

- Porque tem os olhos jovens. A barba o faz parecer mais velho. Eu gostaria tanto que algum dia conseguisse superar seu pesar...

Havia dito essa frase de coração, e Jade notou como seu mal estar se desvanecia, para deixar espaço para um sentimento cálido.

- Lilinn. – Continuou. – Por que Yorrik, precisamente? O que você via nele se era um mentiroso e canalha?

Lilinn se aproximou da viga e tirou, com força, a faca da madeira.

Sem dúvida, Yorrik tinha sorte de não se encontrar na cozinha.

- Eu adorava seu riso... e seus beijos. Mas, acima de tudo, hoje acho que gostava de sentir que era tão diferente de mim. Encantava-me a sensação de que todos os segundos ao seu lado escapavam de minhas mãos, e que não havia nada firme nem seguro, e que ele só me amava quando me olhava. – Desenhou um sorriso torto. – Já viu. Sou viciada em casos perdidos.

“Você sempre quer o que não pode ter”.

Por que justo agora lhe vinha à cabeça isso que Martyn havia dito um dia no meio de uma discussão?

- Mas em fim, como sabe não valeu apenas. – Finalizou Lilinn. – Não confie no amor: só causa infelicidade. Por que me pergunta isso? Brigou com Martyn de novo?

Jade negou com a cabeça, e apertou com força a faixa que levava na testa, para ocultar as pequenas feridas em sua têmpora. Podia ocultar as feridas com mangas largas e gases, mas não podia esconder a sensação de sentir seu lar profanado e destruído. Bastava-lhe pensar no diário que as gralhas azuis haviam estado a ponto de destruir, para que lhe fosse inclusive fácil odiar Tam e Faun.

- Vou ver os Feynal. – Disse ficando de pé. – Não me espere. Pode ser que eu passe a noite lá.

- Passe pela beira do rio. – Gritou Lilinn quando Jade já saía. – Não cruze a cidade.

Enquanto esteve ao alcance da vista do Larimar, pegou a direção do porto, mas logo, depois de duas ruas, mudou de sentido e se ocultou na sombra de uma porta. Ali tirou rapidamente um pano grande, debaixo de sua jaqueta, e o atou a sua cabeça para ocultar seu cabelo. Continuando, virou a jaqueta, de cor clara, do lado contrário, deixando assim o forro preto à vista. Deste modo, se as gralhas azuis a vissem pela rua, pelo menos Tam não a reconheceria imediatamente. Logo voltou a sair à rua, e caminhou até o leste.

Em outros tempos, as tumbas dos senhores de poder adornavam a colina situada junto à porta leste da cidade, então, em troca, o ossuário parecia um depósito. Entre os caminhos estreitos trilhados que decorriam entre o espinhoso mato, havia lascas de caveiras. O cascalho ruía baixo ao peso dos sapatos e pés descalços. As ruínas dos antigos sepulcros apenas se adivinhavam, ocultas abaixo das pedras e as plantas campanuláceas. Desde um ponto ao outro do lado do muro, lançava uma sombra grande, abaixo a luz das últimas horas da tarde, elevando o canto das cigarras. Alguém havia jogado restos de peixes que os gatos, abandonados, haviam se encarregado de repartir por todo o ossuário. Com o calor do sol, o fedor era tão espantoso, que revirou o estômago de Jade.

“Bonito lugar de encontro, Ben” disse Jade, mal humorada, enquanto tampava o nariz e a boca com um pedaço de pano.

- Ben! – Gritou.

Dois pássaros fugiram voando de um arbusto, e as cigarras interromperam seu canto, mas ninguém lhe respondeu. Jade atravessou o lugar, buscando possíveis esconderijos. Ben, no entanto, não dava sinais de vida. Talvez estivesse oculto em algum lugar e não a ouvia.

- As caveiras se protegem sozinhas. – Murmurou Jade. – Seu palácio é de mármore.

Os sinos mudos chamam a luta. Portanto, tinha que encontrar algo de mármore. Se não estava equivocada, provavelmente encontraria uma pista em alguma das tumbas.

Oculto entre plantas e mato, descobriu um pedaço gasto de epitáfio.

"Em vida... juntos. Em morte unid..." decifrou. Por um instante, quando pensou na quantidade de tumbas, a alma caiu a seus pés.

Olhou ao seu redor, caso houvesse gralhas azuis, e logo tirou uma pequena faca da manga, começando a cortar os galhos e o mato. O sol lhe queimava as bochechas e a testa, e o vento produzia um estranho som, que produziam arrepios em suas costas. Ainda que os espinhos arranhassem suas pernas, ela não desistiu. Um assobio distante a sobressaltou. Ela olhou em direção ao portão leste.

Primeiro acreditou que se tratava de uma ilusão, mas logo descobriu um grupo de pessoas, e não sabia se eram apenas habitantes da cidade ou se tratavam de sentinelas. Em qualquer caso, por cima de suas cabeças, revoava um bando de pássaros.

Jade retrocedeu. Ainda que o grupo estivesse bem afastado, era tarde demais para fugir. Por mais que ela se ocultasse entre as sombras, as gralhas azuis, pois a julgar por seu voo tão baixo só poderiam ser as espiãs de Tam, a viriam do ar. Agachou e avançando a quatro patas, deslizou por baixo de um galho de zimbro, o mais rápido possível. Os espinhos agarravam em sua jaqueta, e as pedras cravavam em seus joelhos. Então ouviu o bater de asas. Alegrou-se por ter virado a jaqueta ao contrário, deixando a parte escura à vista, já que isso a camuflava melhor. Ficou quieta durante alguns segundos, e ao ver que nada acontecia, seguiu avançando.

"Espero que não tenha nenhuma patrulha e que não estejam com os cachorros", pensou.

Nesse instante deu com a mão em uma superfície de mármore branco e liso. Apalpou com os dedos a pedra branca desgastada, e notou uma ranhura de onde alguém havia tirado o musgo de forma conscienciosa. Jade forçou a postura para dirigir o olhar para cima.

Desenhado contra a luz naquele céu resplandecente, entre folhas e ramos, havia um monumento funerário: dois sinos de cobre cobertos com uma pátina de cor verde escuro. Havia uma cripta! E tinha uma porta que a julgar pelos sinais no chão de terra, havia sido aberta fazia pouco tempo.

Percorreu com os dedos a ranhura no alto, até apalpar uma fechadura oxidada. Ajoelhou-se e apertou o puxador. A porta, evidentemente, não se abriu.

Vozes se aproximavam, e as pisadas afugentavam ratos e gatos para fora de seus esconderijos.

- Ben! – Murmurou Jade desesperada pelo olho da fechadura. – Ben, sou eu, Jade. Deixe-me entrar! Se está aí dentro...!

Suas mãos se agitaram do nada, e o lugar onde, instante antes, havia uma porta ficou ocupado por uma escuridão repentina.

Uns dedos magros a seguraram pelos pulsos, e a arrastaram com força para frente. A porta se fechou em silêncio, tal como se havia aberto. Jade se encontrou prostrada de joelhos sobre o cascalho úmido com o gume trêmulo de uma faca junto a sua garganta. Apesar de que ali o ambiente era fresco, Jade começou a suar.

- O que você faz aqui? – Lhe falou uma voz rica no ouvido.

- Ben... – Gemeu Jade. – Afasta a faca!

- Pois então diga a senha. – Murmurou Ben. Jade lhe agarrou o pulso e afastou a faca de sua garganta sem muita dificuldade. A arma caiu sobre o chão de cascalhos.

- Assassinos! – Uivou Ben. – Vão nos matar!

Jade deu a volta, mas naquela densa escuridão resultava difícil se orientar. Deu com a palma da mão no nariz de Ben, ele gemeu. Mas antes que pudesse tomar ar, Jade apertou sua boca com a mão.

- Para já, imbecil! – Murmurou. – Não queria te acertar, mas sim te calar. Aí fora tem uma patrulha, grita mais alto e vão te ouvir.

Ben deixou de resistir de imediato.

Jade suspirou aliviada, pelo menos o homem conservava o bom juízo. Ficaram um momento parados no silêncio, mas não parecia que alguém de fora houvesse notado algo, assim, Jade afastou, por fim, a mão da boca de Ben.

- Senha? – Lhe sussurrou ele.

- Que?

- Senha! – Insistiu Ben com severidade.

Jade gemeu e se irritou.

- Tandraj? – Tentou. Era a única palavra que Ben lhe havia sussurrado dias atrás.

- Não. – Retrucou Ben com severidade. – O santo! A senha certa é “Onze lordes”. Vamos, vem comigo!

Os fracos braços do ancião a levantaram com força, e notou o roçar das paredes úmidas nos ombros.

- Escada. – Sussurrou ele.

Notou que a sola de seu sapato se deslizava sobre a borda de uma pedra lisa. Depois de dez degraus, que Ben superou com dificuldade e com a respiração entrecortava, apareceu outra porta, detrás da qual se abria uma cripta circular. Uma luz fraca iluminava os sarcófagos, que, depois de terem sido arrastados pelas paredes, se faziam de móveis. Sobre eles havia garrafas e pratos. Uma pequena lâmpada destacava-se dentro de um cone de luz.

Jade não podia acreditar.

- Isso é um autêntico acampamento. – Disse ela. – Você não vive aqui sozinho! Não é...? Isto são...? Vocês são... rebeldes?

Bem piscou sem entender nada.

- Rebelião? – Murmurou ele, confuso.

Jade se desanimou. A verdade é que a cripta não parecia um quartel general de rebeldes, estava mais para um refúgio de alguns vagabundos. Sem dúvida, os rebeldes não perdiam tempo arrastando-se de quatro debaixo de galhos espinhentos.

- Sei que sabe alguma coisa! – Insistiu ela. – Me disse que o morto na fonte era um lorde.

A convidou, com a mão, a se sentar frente a um sarcófago. Ele se encolheu como um guarda chuva, e apertou os joelhos contra o peito.

- Vi quando os sentinelas o tiravam. – Explicou. – Lorde Minem levava rubis nas botas. Conhecia essas botas. Uma vez me deu umas patadas com elas. Aqui! – Explicou apontando seu quadril.

– E o mataram, os Ecos?

- Ao lorde número doze? Oh, não. Foram os rebeldes.

Ao dizer isso, abriu os olhos e tapou a boca com a mão, como se houvesse falado de mais.

- Tranquilo, Ben. – Respondeu ela. – Não penso em delatar ninguém. Só preciso averiguar algumas coisas.

- Se dedicam a recuperar o que nos pertencem. – Afirmou ele com o tom grave e a clareza que ela levava esperando há tanto tempo.

- Mas você conhece os rebeldes, certo? – A voz de Jade naquele lugar soava surda e estranha. – Quantos são Ben?

- Porém não são suficientes. – Disse Ben. – Não bastam ante tanta injustiça.

Abaixo naquela luz tilintando, ele não parecia um louco, mas ela não estava totalmente segura disso.

- “Voltaram” você me disse. O que queria dizer com isso?

A prudência daquele velho a irritava.

- Os... amos?

De fato, a resposta era mais bem uma pergunta cheia de cautela.

- Você está falando dos dois reis irmãos procedente das ilhas? – Perguntou Jade.

Ben assentiu com alívio.

- A estirpe dos Tandraj.

- Mas se durante a Guerra de Inverno a Lady acabou com todos os Tandraj.

Ben levantou o dedo indicador.

- Com todos, não. – Repôs ele. – Com todos não. O príncipe sobreviveu.

Jade aguçou os ouvidos. Um príncipe! Jakub jamais lhe havia contado algo sobre ele. Em troca, isso lançava uma lógica pavorosa à situação do momento.

- Conseguiu escapar? Por acaso agora lidera os rebeldes?

Ben contraiu o rosto em uma careta, como se aquela lembrança lhe causasse dor.

- Ninguém sabe. – Disse nervoso. – Ninguém sabe, ninguém sabe.

Começou a se mexer para frente e para trás.

“O que eu faço aqui? – pensou Jade – Estou escondida em uma cripta, falando com um louco”.

- Como sabe que está vivo? – Perguntou impaciente.

- Pelos Ecos. – Lhe sussurrou Ben. – Só ele pode chamá-los e os Ecos voltam. Portanto, o príncipe está na cidade.

Aquilo era uma notícia! Pela primeira vez desde a morte do Eco, a que há tempo ela chamava de “meu Eco”, a Jade pareceu que podia, ao fim, formar uma imagem mais clara ao invés de pedaços e fragmentos sem conexão.

- “Nascidos no inverno – cantou Ben –, e com sede de vingança. Ele voltou e prepara uma batalha”.

Custava muito a Jade para se conter e não agarrar Ben pelos ombros e sacudi-lo.

- Os Ecos. – Disse ela, quase sem fôlego. – Conte mais coisas sobre eles. Chamou eles para que o ajudem? Por isso matam? Para reconquistar a cidade? Ben olhe para mim!

O ancião deixou de se mexer, clareou a garganta e cuspiu.

- Não me lembro. – Disse ele, sorrindo-lhe como se acabasse de vê-la. – Te conheço? Senha!

Jade então perdeu a paciência.

- Deixa já de falar como um louco! – Lhe ordenou com brusquidão. – E não me trate como uma imbecil! Você não é tão esquecido como parece. O que você sabe sobre os Ecos?

Não muito, temeu ela ao ver a expressão confusa no rosto do ancião.

Parecia se esforçar muito.

- São bons. – Disse por fim, com o tom convencido. Jade teve vontade de rir. Sua intuição não a havia enganado!

- Compreendes seu idioma? Sinahe?

Ben encolheu os ombros, e fez uma careta de palhaço desconcertado.

- Não me lembro. – Disse com tristeza, e começou a dar-se golpes com as mãos nas têmporas, como se chamasse desesperado a uma porta fechada. Ben lhe escapava como um barco a deriva cuja corda Jade já não podia reter por mais tempo. Ela o segurou pelos ombros e suavemente obrigou-o a olhá-la.

- Está bem Ben, está bem, tranquilo. Tenho que falar com os rebeldes, entende? Deixarei uma mensagem aqui.

A desconfiança deu ao ancião uma aparência especialmente desagradável.

- Com que direito? Por acaso você é uma de nós? – Lhe espetou.

Ainda que o ambiente na cripta fosse fresco, o frio que a paralisava era de outra natureza. Era o frio que se sentia ao pensar em um calabouço.

“Todavia estou a tempo de voltar. Voltar com Jakub, voltar com minha vida entre o Mercado Negro, os fuzis e o medo dos caçadores”, disse.

- É possível. – Disse ela em voz baixa.

- “É possível” não basta – Ben respondeu com frieza. – “É possível” soa como a traição.

Jade suspirou e ficou de pé.

- E “traição” rima com “razão”. A essas alturas, me resulta impossível acreditar que tenha perdido a razão por completo. – Disse ela ao ancião. – Em todo caso, dirá aos seus amigos que eu estive aqui. Em todo caso, diga da minha parte: que vigiem as gralhas azuis. Voam baixo e costumam ir em bandos junto com um nórdico. Hospedam-se no Larimar, mas está a serviço da Lady e dos lordes. É um perigo para vocês. Dedicam-se a informar a Lady de tudo que seus pássaros vêem. Portanto, devem permanecer onde eles não possam descobrir vocês.

Ben tinha os olhos arregalados.

- Isso soa mais que um simples “é possível”. – Disse com um sorriso astuto. – Olha, não tenho nem idéia dos disparates que gaguejas, nem sei a quem deve contá-los, seria bom que, a partir de agora, vigie se vê entulhos.

Entulhos. Como se algo assim pudesse valer como identificação. De todos os modos, se era assim, não era uma eleição apropriada: a cidade transbordava entulhos; apenas restava um só vidro nas janelas.

Jade evitou com cautela os becos das ruas, e o bairro, e escapuliu pelos atalhos em direção ao porto. As numerosas escapadas que havia dado até o Mercado Negro representavam uma vantagem: Jade conhecia todos os ruídos e todos os gritos, e intuía, como se fosse cega, as rotas que era preferível evitar. Quando ouvia pisadas de botas, ia para o lado, mas, às vezes, erguia as mangas para mostrar bem, por acaso, o sinal do lírio. Depois de um tempo, deu-se conta de que, tal como ia, com o cabelo oculto abaixo do pano, podia ser tomada por um Eco.

“Não perca a cabeça”, se dizia para tranquilizar. Mas o coração batia cada vez mais rápido. “O príncipe e os Ecos” não deixava de repetir a si mesma.

Por mais que a visão da Cidade Morta lhe houvesse provocado espanto, resultou-lhe mais sinistro ainda encontrar o porto deserto. Ao ver que não havia nem um só barco mercante, Jade compreendeu a gravidade da situação.

Banhados pela luz do entardecer, o cais e plataformas se mostravam abandonados e solitários, junto às águas tranquilas. Inclusive o farol estava apagado.

Umas silhuetas escuras se destacavam no estreito caminho de ronda, que contornava a ponta do farol. Se a Lady havia bloqueado o comércio da cidade, então a caçada não havia feito mais que começar.

Jade pendurou a jaqueta nos ombros. A embarcação dos Feynal não estava ancorada, e tampouco se viam no delta. Unicamente na longa distância se via uns pontos que oscilavam sobre as águas. Talvez estivessem se aproximando. Encolheu-se junto a um guincho de carga, em um canto salvo de olhares, e esperou.

Capítulo Dez – Os olhos meia noite

Acreditar com a luz do dia que os Ecos não eram bestas era uma coisa, mas tentar acreditar de noite era outra muito distinta. As palavras de Faun não deixavam de dar voltas em sua cabeça. Depois de esperar uma hora a embarcação dos Feynal ainda não havia aparecido, Jade deixou um sinal de giz para Martyn na passarela, e decepcionada, começou a caminhar de volta para casa. Tinha a sensação de ser observada, mas cada vez que dava a volta não via mais que ruas desertas. Não havia luz em nenhum lugar. Perguntou-se se por acaso a distribuição da eletricidade havia cessado por completo. A escuridão jogava com ela, espreitando-a, fingindo passos aqui e por lá. Completou correndo os últimos metros, até chegar ao Larimar, com o coração agitado deu um pulo para chegar à porta traseira, abriu-a com as mãos trêmulas e correu para o interior. Ao fazê-lo, deu com o pé contra uma caixa. Naquele silêncio, o leve toque soou como um trovão, e Jade se deteve assustada.

O corredor estava ocupado por vultos escuros, e se não queria voltar a tropeçar precisava de luz. No parapeito da janela encontrou facilmente fósforo e uma pequena lâmpada, que só restava um último resto impregnado de óleo. A minúscula chama piscou fraca, mas sua luz bastava para mostrar a Jade os obstáculos que havia no corredor: mais caixas e sacos de comida.

Lady seguia cuidando muito bem de seus hóspedes.

Jade se aproximou, na ponta dos pés, da escada e aguçou o ouvido, mas não se ouvia nada. Até onde sua memória alcançava, era a primeira vez que, inclusive os fantasmas do Larimar estavam calados, e no edifício reinava um silêncio absoluto. Sem se dar conta, acelerou o passo e subiu pela sinuosa escada. A grade se deslizava fria abaixo das palmas de suas mãos. Foi avançando, sumida na diminuta ilha de luz que ia penetrando naquele mar de escuridão. A janela estreita ao pé da escada que dava a rua, a olhava como um olho cego e brilhante. Havia esquecido que existia, de tantas vezes que havia passado diante dela.

Deteve-se perto da janelinha, e permaneceu quieta um momento debaixo da trêmula luz. Na escada havia algo brilhante. Jade se inclinou com cuidado, e viu a passadeira de cobre com forma de uma lua crescente. Tinha que ser de Lilinn. Agachou-se para recolher a jóia, e esteve a ponto de não se dar conta de um movimento na janela.

Apenas foi uma cintilação, uma mera ameaça, mas Jade levantou a cabeça e olhou para a janela.

Uma criatura monstruosa a estava olhando com as garras estendidas no ar, quieta, como se estivesse disposta a saltar. Tinha a pele negra e os olhos brilhantes eram brancos. Mostrou as garras.



Jade gritou e retrocedeu assustada. Naquele mesmo instante, o rosto demoníaco de cor negra mudou de expressão. Era evidente que essa coisa havia buscado Jade, e a havia encontrado. Na escuridão, sua face parecia uma ferida aberta. Os dentes brilhavam longos, torcidos e prontos para matar.

Apenas se deu conta de que a lâmpada de óleo escapava de sua mão, nem ouviu tampouco como se quebrava. Uma escuridão repentina a envolveu, e Jade começou a correr, gaguejando e sem saber para onde se dirigia.

Caiu pela escada, incorporou-se de novo, seguiu correndo, e de repente, chocou-se contra algo que cedeu levemente. Era um corpo. Jade se agarrou instintivamente a ele, com força até o ponto que ambos bateram contra o chão. O coração se deteve um instante, e logo começou a bater tão rápido que se sentiu acalorada e mareada. Quis gritar, mas a força do impacto a havia deixado sem ar. O pó do tapete cheirava a lajotas e podridão e entrou por seu nariz. Um fôlego cálido deslizou por suas bochechas e uma cabeleira acariciou seu rosto. Notou que braços rodeavam seu corpo em uma atitude protetora, então reconheceu essa outra dor que lhe resultava familiar.

- Faun! – Murmurou com a voz afogada.

Havia podido chorar de alívio. Estavam estendidos com os corpos entrelaçados diante do elevador, e ocultos da vista daquele monstro da janela.

- Ali fora... – Começou a dizer. – Na janela...

- Eu já sei. – Murmurou ele. – Os trouxe até você. Seguramente te seguiram até a casa. Eu te adverti!

Jade estava atordoada demais para raciocinar ante aquela recriminação.

Notou que Faun tremia, e que o coração batia tão rápido quanto o dela.

- Você também o viu? – Sussurrou ela.

Ele assentiu.

- E o que era aquilo? – Murmurou.

Ele tragou saliva.

- Não sabe? – Perguntou ele com a voz rouca. Mas sim, sim o sabia.

Martyn tinha razão. Seguramente há espécies diferentes.

Faun respirou fundo e pareceu se tranquilizar um pouco, e pela primeira vez, Jade pode aspirar seu cheiro por completo: a pele cheirava a bosque e a inverno, a musgo e samambaia, e um pouco também a neve. Era uma fragrância que a mareava e confundia.

Durante um longo instante, esqueceu que tinha motivos para odiá-lo e se debateu contra o impulso de encolher-se em seus braços sem mais, e fundir a cabeça em seu ombro.

- Mas agora já se foi. – Disse ele em voz baixa. – Não tem nada a que temer.

- Como você sabe?

- Olhe a janela.

Erguer-se lhe custou um grande esforço. Faun afrouxou os braços, mas não a soltou por completo. Jade se incorporou com o coração acelerado, e se inclinou para frente, até poder vislumbrar o outro lado do elevador. O quadrado iluminado da janela estava vazio.

- E... se voltar? – Falou.

Faun não disse nada, e aquela resposta resultou suficientemente horripilante.

O único que percebia de Faun era sua silhueta negra, surreal, como se tratasse de um sonho. Teve a certeza de que ele a olhava fixamente desde a escuridão. A idéia de que aquele monstro estivesse vagueando naquele instante pelo Larimar lhe tirava o juízo, mas aquele temor também se devia a outro fator: o desejo de que Faun não a soltasse.

- Jade. – Sussurrou ele.

E, de repente, a trouxe para si e a abraçou, com tanta intensidade que parecia não querer soltá-la nunca mais. Era um gesto que parecia ocultar certo desespero. O corpo de Jade reagiu automaticamente, enquanto seus pensamentos continuavam totalmente desconcertados, e depois de lhe rodear a cintura com os braços, apertou-se contra ele e aspirou ao aroma a bosque de sua pele, como se fosse uma bebida deliciosa.

"Não deveria fazer isso! – gritava em seu interior o sentido comum – É teu inimigo! Está abraçando o seu inimigo!".

Faun deslizou os dedos com carinho por seu cabelo, e ela notou estremecida, que seus lábios a acariciavam no rosto.

- Não tenha medo. – Murmurou ele com tom tranquilizante. – Enquanto eu estiver aqui, não permitirei que nada aconteça a você.

Ela quis se livrar daquele abraço e fugir, mas não conseguiu nem sequer se mover. Com uma cautela infinita, ele lhe passou as mãos no rosto. Aquele contato tão agradável lhe provocou um estremecimento que lhe recorreu toda à pele.

Faun acariciou suas pálpebras e a maçã do rosto. O futuro e o passado se desvaneceram em nada, e o que restou foi aquele instante, com o ofego de Faun sobre seus lábios.

Então os lábios dele encontraram sua boca, e Jade esqueceu inclusive daquele último pensamento. Faun a beijou com uma delicadeza que, a ela, não pareceu própria dele, e Jade não pode mais que responder a aquele gesto.

Jamais havia sentido algo igual. De repente compreendeu porque os beijos com Martyn haviam se esgotado. Era a diferença entre amizade e... esse território desconhecido.

Os lábios de Faun se afastaram dos dela, como para tomar ar. Jade notou que ele tremia.

- Acreditava que não podia nem me ver! – Disse ela em voz baixa.

- Oh Jade. – Sussurrou ele.

Jade se deu conta de que, ao ouvir essas palavras, ele sorria. O primeiro beijo havia sido uma tentativa delicada, mas o segundo lhe roubou o ar e a fez sumir em uma escuridão de cor vermelha acesa e cálida. Foi agradável e doloroso ao mesmo tempo, como um riso entre lágrimas. Nele se entocava a perdição e o temor ao que ocorreria mais adiante.

Foi depois de um bom tempo que se soltaram, com os lábios e o sangue acesos. A realidade regressou como um hóspede educado, aproximando-se de novo com lentidão, e Jade notou então o tapete, o frio e ouviu amortecido e distante, o sussurro do Wila. Nesse momento respirar parecia estranho. Era como se houvesse perdido o apoio, e se precipitasse ao vazio aos poucos. Soube então que nada voltaria a ser como antes. O Larimar não havia se movido, mas seu mundo sim. Jade havia atravessado uma porta e se balançava na pequena faixa que separava o ontem do amanhã. Estendeu a mão e tocou o pescoço e o rosto de Faun. Sorriu quando ele inclinou a cabeça e apoiou a bochecha em sua mão.

- Você se arrepende? – perguntou ele com um pigarro.

Jade mal acreditava no que ouvia. Faun, aquele Faun arrogante e zombeteiro, era agora um ser atento e temeroso.

Um ruído os sobressaltou. “O Eco!” Aquele foi o primeiro pensamento de pânico de Jade. Os dois se puseram de pé rapidamente, Faun passou um braço ao redor dela, como para protegê-la.

Uma luz amarelada iluminava os contornos da escada, no primeiro andar alguém fazia oscilar uma lâmpada a óleo. Aquela ameaça de luz bastou para que os dois pudessem olhar seus rostos, sem fôlego e nervosos. Nesse instante selaram um pacto mudo.

- Jade? – Perguntou alguém em voz baixa. – É você?

Lilinn!

- Sim, tranquila. – Murmurou Jade. – Estou bem. Eu... não vi o Martyn, eu o esperei por um tempo, mas é certo que esta noite já não ancoraram.

Ao ouvir o nome de Martyn, Faun apertou com mais força seu braço ao redor dela.

Lilinn suspirou claramente aliviada.

- Maldito seja, Jade! Me deu um susto e tanto! Teve sorte de que Jakub não acordou!

- Tranqüila! Logo subo.

Soltou-se com pesar de Faun, mas, no momento em que se dispôs a tomar o rumo da escada, ele a deteve. Durante um segundo ficou de novo perdida em seu abraço.

Sua voz parecia carecer de corpo, era apenas um pensamento convertido em som.

- Amanhã. – Sussurrou ele. – Tam vai ficar pela noite no palácio, mas eu vou voltar.

E desapareceu imediatamente, sigiloso, como se não houvesse sido mais que um sonho.

Jade não ouviu nem sequer seus passos, e se perguntou como Faun era capaz de se mover na escuridão com essa surpreendente segurança.

- Jade? – Perguntou Lilinn preocupada.

Jade engoliu em seco e subiu ao primeiro andar, com os joelhos trêmulos. Ao passar perto da janela, o coração deu uma volta. Temeu inclusive que Lilinn pudesse se dar conta do ocorrido, desejou não ruborizar quando sua amiga olhasse seu rosto, mas aquele desejo não se viu cumprido. De todos os modos, Lilinn também apresentava um aspecto pouco habitual: seu precioso cabelo caía em ondulações douradas até o quadril. Era evidente que havia coberto o corpo com pressa com uma manta fina. Qualquer um teria se dado conta de que, por baixo, estava nua. Deu-se conta do olhar de assombro de Jade, e abaixou o olhar reprimido.

- Vamos para cama. – Murmurou.

Regressaram juntas aos quartos, e depois de um bom tempo, Jade se deu conta de que, naquela noite, havia descoberto também algo desconcertante que havia subido a borda de sua consciência: a porta pela que Lilinn havia saído ao corredor, todavia, estava entreaberta. E essa era a porta do quarto de Jakub.

Conciliar o sono aquela noite era impossível. Jade permaneceu encolhida na cama negra até o amanhecer, com o coração acelerado e com a sensação de que seu peito ardia de desejo e, ao mesmo tempo, rígida pelo medo.

Por trás de suas pálpebras fechadas rodavam as imagens: o Eco, Lilinn e Jakub, Tam, as gralhas azuis, os rebeldes, a coisa da caixa... e Faun! Faun, uma e outra vez. Lembrava sua carícia, como se ele ainda estivesse perto dela. Se virava a cabeça para o lado, parecia ainda sentir seu cheiro, que havia ficado entranhado entre as mechas de seu cabelo. Só

quando a luz cinzenta do amanhecer penetrou pelas janelas, todas aquelas imagens foram se desvanecendo e ela, esgotada, apoiou a cabeça nos travesseiros.

Sonhou com a nave dourada da Lady. O Wila era de uma cor cinza como o ferro, e permanecia em calma, era cinzenta também a máscara com a qual a Lady cobria seu rosto. Sua expressão era rígida e bela, as abas de seu nariz eram de ferro e tinha grossas sobancelhas gravadas sobre o metal, em forma de asas de andorinha. O único que tinha vida eram seus olhos, cinzas e brilhantes como o quartzo polido. Estava de pé, com a cabeça erguida com orgulho, e seu cabelo de cor cobre se agitava com a brisa. Tinha os braços cruzado na altura do peito. Levava, como sempre, luvas e segurava na mão direita o cetro, um lírio de ferro. Jade piscou enquanto sonhava, queria avisar a Faun, fazer qualquer coisa para lhe prevenir da Lady, mas era como se sua garganta e seu corpo estivessem paralisados.

Então o viu, Faun estava na nave, aos pés da Lady. Estava de joelhos, como um condenado, com a cabeça abaixada à esquerda dela.

"Se decida!" lhe dizia a Lady Mar. E, continuando, apontou com o lírio ao seu lado esquerdo, e Jade viu aí outra pessoa encolhida. Martyn!

O ruído de um vôo a sobressaltou. Pelas pequenas fendas das janelas, os dedos de luz palpavam tentando a escuridão do quarto. Jade, todavia atordoada pelo sonho, viu as sombras de pássaros que passavam voando enfrente as janelas. E despertou de repente.

Tudo havia mudado. Inclusive a janela do final da escada. Jade jamais havia sentindo tanto mal estar como naquele dia, ao descer os degraus e olhar a rua. Tinha que ter estado ali fora... o Eco que a assustara. Ao lembrar-se daquele rosto demoníaco, ficou sem respirar. Apressou-se até a cozinha.

Ao passar a toda pressa diante da porta do sótão, esta se abriu subitamente e um desconhecido entrou no corredor. Jade se surpreendeu tanto que ficou quieta e, não pôde fazer outra coisa mais que olhar fixamente ao homem. Usava a roupa de Jakub, tinha o cabelo cacheado e pardo, ainda que muito mais curto que o de seu pai. Então aquele homem de olhos castanhos torceu o gesto e desenhou um amplo, e tímido, sorriso que ela haveria reconhecido entre milhares.

- Jakub! – Exclamou ela totalmente atônita.

Lilinn estava certa. Sem barba seu pai parecia extraordinariamente jovem, em todo caso, aparentava ser muito mais jovem que os trinta e oito anos que tinha na verdade. Jade jamais havia se dado conta de que era um homem atraente, de traços nítidos, lábios bonitos e um queixo angulado.

- Caramba Jade, cale-se, por favor! – Murmurou Jakub e, esfregando as bochechas lisas, continuou: - Pensei que já era hora de me livrar da velha barba. Não te agrada?

Claro, pensou ela. Era surpreendente insegura que a fazia sentir esse novo Jakub.

- De todos os modos, acho que o mais importante é que Lilinn goste, não é? – Perguntou Jade mordaz.

O rosto de Jakub escureceu.

Ofegou e apertou os punhos nos bolsos. Jade acreditou ouvir, inclusive, como aquela porta invisível que os separava ia fechando com chave.

- Ouça Jakub, não se irrite. A única coisa que queria dizer é...

- Então não te agrada. Mas, por que diabos me incomodei em perguntar? A final de contas, se alguém não leva uma faixa atada à cabeça te parece feio, não é mesmo?

Jade quase se tranquilizou ao voltar a ter, ante ela, o Jakub irascível e suscetível de sempre.

- Espero que agora não te de vontade de se disfarçar. Já não tem idade. – Retrucou-a.

Por fim a expressão de Jakub se apaziguou, pelo menos, um pouco.

- Irei conter minha vontade. – Disse. – Já é suficiente que minha filha vá vestida como se eu a houvesse comprado roupas das pessoas do rio. – E, depois de um suspiro, acrescentou: - Tenho que arrumar o elevador. Não vai acreditar, mas esses dois bárbaros das Terras do Norte destroçaram os botões do elevador.

Claro, Jade esteve a ponto de dizer.

Lilinn estava impassível, não parecia incomodada, nem sorria, nem se mostrava reprimida. Era como se Jade e ela não houvessem se encontrado, jamais, na noite anterior.

- Por acaso pediu a Jakub que fizesse a barba? – Perguntou Jade depois de se servir de uma xícara de chá quente.

A impressionou ver como Lilinn encolhia os ombros, como se não fosse nada.

- É seu rosto. Limitei-me a lhe dizer que me agradaria mais sem barba. Ao que parece, seguiu meu conselho.

De repente, Jade se sentiu insegura. Lilinn e ela eram de todos os modos, amigas... Ou talvez não? E se eram, de onde vinha essa dissimulação? "Você a conhece bem?" Aquela pergunta de Faun lhe veio à cabeça, de novo. Ao recordar seu encontro, seu coração deu um giro e a pulsação acelerou.

- Estás se sentindo bem, Jade? Está tão calada!

Nada escapa de Lilinn!

Jade abaixou a cabeça, rapidamente, e a sacudiu. Fantástico! Agora suspeitava de Lilinn, desconfiava dela e a criticava. E isso que ela tinha muito mais a esconder. Não queria nem imaginar o que pensariam Lilinn e Jakub se soubessem que ela fazia chegar avisos aos rebeldes. Por não falar da confusão de sentimentos que sentia por Faun.

Quando ouviu o barulho do elevador, esteve a ponto de derramar o chá.

Seu primeiro impulso a empurrou a se levantar, de repente, mas, no último momento pensou melhor e se obrigou a deixar, tranquilamente, a xícara sobre a mesa e sair da cozinha, sem nada mais.

Confiava em se encontrar a sós com Faun por um instante, mas essa esperança ficou frustrada. Os dois nórdicos iam a caminho da porta. O cachorro de Tam se deteve, e voltou o olhar para Jade, ao mesmo tempo em que Faun também percebeu sua presença.

Seu aspecto a deixou sem fôlego. Faun, de preto, ia vestido para festa. Levava uma capa larga, na qual brilhavam uns bordados dourados e adornos. A calça justa de camurça, e uma jaqueta tipo militar, peças que lhe davam um porte mais magro e alto. Era evidente que havia dormido tão pouco quanto ela.

Estava pálido, e tinha olheiras escuras, as quais, curiosamente, faziam que parecesse mais atraente. Jade quis lhe dirigir um sorriso dissimulado, mas ele franziu o cenho e afastou o olhar com brusquidão. Para Jade, aquilo foi como um soco no estômago.

- A barqueira que não o é barqueira. – Disse Tam com um sorriso amável. – Também a caminho da cidade, Jade Livonius?

- N-Não. – Respondeu ela.

A rejeição e a arrogância pulsante da atitude de Faun haviam feito que ela estremecesse. Nesse momento, ele estava concentrado em puxar as mangas acima da bandagem. Seu gesto estava cheio de desprezo.

Ainda assim, Jade pôde ver que engolia em seco várias vezes, e aquele gesto tão simples lhe permitiu ver que, Faun não sentia tanta indiferença como aparentava.

Deixa-o, pensou ela. Até o momento, o desconcerto havia sido dono dela, mas então, em seu interior traído, emanava a raiva. Jade apertou os punhos.

- Ao porto tampouco? – Perguntou Tam. – Oh, claro, seguramente não. Hoje e amanhã seus amiguinhos têm muito que fazer até que as turbinas voltem a funcionar bem.

- A verdade é que aqui eu também tenho mais trabalho do que gostaria. – Respondeu em tom frio. – No hotel há muitos defeitos, e é preciso arrumá-los.

Contava que incomodaria Tam com isso, mas ele se manteve impassível. Jade pareceu vislumbrar inclusive certa diversão em seu olhar. Como gostaria de poder apagar com um golpe aquele sorriso amável de seu rosto!

- Pelo menos o elevador funciona de novo. – Disse Faun, com uma voz inexpressiva e fria.

Tam arqueou a sobrancelha esquerda.

- Bem, até agora. Nesse hotel tudo parece provisório.

A ironia dessas palavras conseguiu o efeito desejado.

- Ninguém os obriga a viver aqui. – Disse Jade.

Sabia que aquilo era um erro, mas, nesse momento, se sentia afogada por um número de palavra não ditas.

Tam sorriu com desdenho, e Jade se perguntou como havia podido lhe parecer amável e fascinante dias atrás.

- Vamos! – Disse Faun.

Deu a volta sem mais delongas, e abriu a porta. Saíram do limiar, o cachorro trotou pela rua abaixo, um ruído esvoaçante. A capa preta de Faun inchou no ar.

Jade teve uma sensação de asfixia. A decepção e a vergonha a invadiram de forma súbita e intensa.

Nesse mesmo instante, Faun virou para fechar a porta atrás de si, e então, dirigiu-lhe um sorriso cálido e ilícito.

Mais tarde, apareceu do nada, em silêncio, de forma totalmente repentina, uma silhueta na escuridão da meia noite. Jade se dirigia pela quinta vez a escada no caso de ouvir passos, e quando aquela figura escura apareceu, de repente, ante a porta de seu quarto, ela deu um ofego assustada. De verdade era ele?

- Faun?

Um riso silencioso lhe respondeu.

- E quem mais seria? Acaso esperava outra pessoa?

Jade não respondeu a brincadeira, e, tampouco se esforçou em dissimular o tom cortante de sua voz.

- Como soube em que quarto eu estava?

- Eu te encontraria em qualquer lugar. Por outro lado, é pouco habitual encontrar você em um lugar que não esteja em perigo.



Naquela escuridão, ela só podia adivinhar seu sorriso, e voltou a sentir vontade de acariciá-lo. No entanto, uma estranha timidez a detinha. Ele também parecia sentir essa contenção, de modo que ambos se comportavam como dois estranhos, e mantinham distância.

- A que se deve a cena desta manhã? – Murmurou Jade com raiva. – Por que agiu como se nem me conhecesse? Ao menos...

- É imprescindível que Tam não suspeite de nada. – Respondeu ele rapidamente. – Eu lamento. Sei como você se sente.

- De verdade? Sabe? O que devo pensar de você agora? Se você imagina que vou me submeter ante Tam, está muito equivocado. Ainda que estejamos submetidos às ordens da Lady, não somos escravos dos quais podem se divertir.

- Jade! – Sussurrou com tanta delicadeza, e com um tom tão doído, que ela se calou. – Eu não sou Tam.

Jade se surpreendeu com o significado dessas palavras.

- Deve ser mais prudente. – Lhe ouviu dizer. – Não sabe do que ele é capaz.

Jade pensou nas gralhas e engoliu em seco.

- Sim, sim eu sei. Você pode me tratar como se eu fosse de ar.

- É meu modo de te proteger dele. Não pode imaginar como foi difícil para mim não te olhar.

A proximidade havia voltado, e o sorriso de Jade voltou também.

- Pois hoje não vai poder me ver. – Respondeu ela depois de um momento. – Estamos sem luz. Essa tarde, voltamos a ficar sem abastecimento. E tampouco nos resta óleo para as lâmpadas. Vamos ao meu quarto!

Foi segurá-lo pela mão, mas ele passou junto a ela e entrou com um passo tão rápido e firme, como se o lugar estivesse iluminado com a luz do dia. Jade se sentiu sobressaltada por isso, e voltou a perceber algo estranho nele, algo diferente.

E isso a irritava mais do que gostaria de admitir.

- Teve algum problema? – Perguntou fechando, cuidadosamente, a porta. – Quero dizer, pelas gralhas que você matou.

O interior estava mais iluminado, a luz da lua entrava pelas fendas das janelas, e Jade vislumbrou seu rosto pálido, e inclusive, o brilho claro de seu cabelo.



- Claro! Eles são muito valiosos, e Tam está muito irritado comigo. Mas, de todos os modos, acreditou em minha história.

- O que você lhe contou?

- O cachorro e os pássaros não se suportam, e isso é algo que ele também sabe. Então lhe disse que os pássaros o atacaram porque havia se metido pelos quartos. E como para Tam não teria servido de nada ter um cachorro cego, lhe contei que o tranquei para colocá-lo a salvo dos pássaros.

- Parece que tem talento para mentir. – O comentário escapou de seus lábios, e logo mordeu os lábios arrependida.

- Eu jamais menti para você. – Retrucou, muito sério.

Era verdade. Faun havia sido mais honesto com ela do que ela com ele.

- Por que Tam destroçou os quartos? – Perguntou ela. – Ainda que o Larimar não nos pertence, não deixa de ser nossa casa. E as gralhas azuis entraram em um quarto que... é só meu.

- Eu sei. – Disse Faun em voz baixa. – Tam não permite segredos, não tem em conta a posse de ninguém. Acredita que pode fazer o que lhe dá vontade com tudo o que encontra. E, acredite, não há nada que ele não possa encontrar. Se precisar, é capaz de penetrar na sua alma e conhecer seus segredos.

Ainda que Jade não quisesse ser uma covarde, essas palavras a aterrorizaram.

- Por que Lady o chamou?

Suspirou.

- Ele se dedica a buscar. Lady o encarregou de buscar alguém que se oculta em algum lugar da cidade.

O príncipe de inverno, talvez?

Faun aproximou sua mão. Seus dedos se entrelaçaram de forma quase natural. Ela tinha a pele quente e ele fria pelo ar da noite. A aproximação foi vacilante, precavida.

Ela escorregou as mãos e foi tocá-lo nos braços, ele estremeceu quando passou a mão pela bandagem.

- Quem te machucou?

- Um caçador. Viu um reflexo na parede norte da igreja de Cristal, um movimento, uma figura que corria, e pensou que era um Eco. Disparou e me deu um tiro de raspão.

- Dispararam em você?

- Só é um raspão de bala. Uma caçadora me empurrou para o lado, e impediu algo pior. – Jade viu que ele movia os ombros. – Tenho a camisa e a capa rasgadas.

Jade lhe acariciou, com as gemas dos dedos, o pescoço e o rosto. Faun fechou os olhos e respirou fundo.

- Essa caçadora era Moira, certo? Deu-te sua capa. – Murmurou ela. Era mais fácil se aproximar quando se falava de outra coisa.

Faun assentiu e a olhou com atenção. Abaixo da luz da lua, o branco de seus olhos adquiria um brilho azulado e fantasmagórico, Jade se perguntou então, se acaso, ele era capaz de ver na escuridão tão bem quando ela acreditava.

Ele respondeu depois de uma pausa.

- Sim, Moira. É a única que conserva o sangue frio. É a melhor caçadora que eu já vi na vida.

Faun e Moira. Por mais absurdo que fosse, Jade sentiu uma pontada quando imaginou os dois juntos. De repente, sentiu como se estivesse sozinha no outro lado do rio.

Faun falou com um tom de voz ainda mais baixo.

- Jade, essa cidade é um ferredouro. Não falta muito para que aconteça algo. Pressinto isso.

- E o que você acha disso tudo? – Quis saber ela. – Por que não ficou no palácio com Tam?

Faun desviou o olhar dela, e Jade notou que se tencionava. E de novo, vislumbrou algo daquele Faun desconhecido, que era capaz de rejeitá-la a qualquer momento.

- É pela besta na jaula, certo? – Acrescentou com cautela.

Era evidente que Faun se debatia para lhe responder. Jade esperava obter uma resposta negativa, uma desculpa, inclusive talvez uma mentira, mas então ele voltou a surpreendê-la.

- Se chama Blue Jady. – Faun falava como se tratasse de um ser querido. – Eu o chamo de Jay a secas. Não poderia suportar que eu o deixasse sozinho muito tempo.

- Assim você é seu guardião?

Faun começou a rir, como se aquela fosse uma idéia especialmente divertida.



- Não. Eu sou o único que o tolera por perto, e sou também o único capaz de dominá-lo. Tam pode lhe dar ordens, mas ele confia em mim. E Tam precisa dele... às vezes. Os cachorros e as gralhas azuis são os olhos e as flechas, mas Jay é a espada. E o fogo. Jay percebe tudo o que escapa a Tam.

- Aos Ecos... também? – Perguntou Jade contendo a respiração.

- Sim, aos Ecos também.

Jade retirou a mão. O coração batia com força. Apareceu em sua memória aquele rosto demoníaco, mas também o outro rosto, os traços delicados do Eco morto. Nesse instante não soube em que lado do rio ela se encontrava.

- Jade? Não... não diz nada.

No tom de voz de Faun havia algo de dor, e de desejo. Ele percorreu delicadamente com os dedos às bochechas de Jade, o qual lhe provocou um arrepio estremecido. Por mais que se achesse a seu sentido comum, o corpo raciocinou ante aquilo sem que ela pudesse impedir: com a pele quente, arrepios e estremecimentos de desejo no ventre.

- Quer que eu saia? – Sussurrou Faun.

Ainda que quisesse responder, Jade não conseguiu nem sequer sacudir a cabeça. Faun segurou sua mão, e a levou aos lábios, beijando-a delicadamente na palma. Logo encerrou o beijo entre os dedos dela, como se tratasse de um presente de despedida.

- Você põe as regras. – Disse com voz abatida. – Diz para eu ir, e eu não voltarei a me aproximar de você.

Era incômodo, mas parecia que ela o fazia partir.

No entanto, Jade deu um último passo até Faun e o rodeou pelo pescoço com os braços.

- Não penso em deixar isso tão fácil! Você não pode me beijar e logo desaparecer sem mais!

Ele, como se esperasse por essa resposta, apertou-a contra seu corpo.

- Não tem idéia de onde está se metendo. – Lhe sussurrou ao ouvido.

- Isso nós já veremos. – Respondeu, e fundiu os dedos no cabelo de Faun.

Ele tinha lábios cálidos, e seu beijo foi selvagem e terno ao mesmo tempo.

Uma parte dela queria se parar sem nada mais, mas Jade seguia alerta e o segurou pelos pulsos. Faun parou e tomou ar.

- Eu ponho as regras. – Sussurrou ela com um sorriso.

Soltou-se dele até se sentar na borda da cama. Inclusive depois de ela tê-lo soltado, ele não tentou abraçá-la. Agora era ela quem o beijava.

Quando ele notou seus lábios, respirou fundo. Jade notou que se debatia consigo mesmo, ao final, sem outra, cedeu à suave pressão dos lábios dela e abriu os seus. Foi uma sensação de abandono a uma corrente ardente de sentimentos que levaram ambos a um redemoinho de calor e luz.

Quando, depois de um bom momento, voltaram daquele beijo, encontraram-se deitados na cama de ébano, e estreitamente entrelaçados. Foi como se houvessem detido felizes e alegres, a apenas um passo do mar depois de uma longa caminhada pela praia, suados, e desejando água fresca.

- Quer que eu vá? – Perguntou Faun com a voz rouca.

Jade negou com a cabeça. Desabotoou com cuidado a delicada camisa de veludo e pôs a mão por baixo da roupa, até que notou, por fim, o tato de uma pele cálida e nua. Foi uma sensação embriagante, e também Faun reagiu ante aquela carícia, incorporando-se para que ela pudesse lhe tirar a camisa. O cheiro de sua pele a envolveu. Jade acariciou com os lábios os ombros, o peito e sorriu ao notar que ele tremia. Faun tinha os punhos apertados, mas os soltou quando ela lhe segurou os braços, aproximando-os de seu próprio corpo até pousá-los sobre sua cintura.

- Agora é sua vez. – Murmurou.

Despertou-a o bater de asas e uns arranhões de garras no teto. Na luz do amanhecer, todos os ruídos soavam nítidos, como cristal. Poucas vezes Jade havia dormido tão profundamente e sem sonhar nada, e quando se lembrou do Eco na janela, a imagem lhe pareceu tão surreal que nem sequer sentiu medo. Mas era real, em troca do ritmo lento das batidas que notava debaixo da palma de sua mão.

Por um instante temeu que aquilo fosse um sonho. Piscou com cuidado várias vezes, e tomou ar profundamente. Neve. Musgo. Faun! Estava dormindo. As pálpebras tremiam ligeiramente enquanto sonhava, e parecia tão frágil que Jade não pôde mais que sorrir.

Estavam deitados na cama de ébano, com os corpos muito próximos, sobre uma manta áspera e que ainda cheirava, ligeiramente, a maresia e a madeira úmida dos barcos. Em outros tempos, o vento ficava preso nesses retalhos de lona, mas agora Jade tinha a sensação de que era ela a que se arrastava por uma corrente sem que, nesse instante, lhe importasse o mínimo, se o trajeto acabaria em uma margem, ou no mar aberto e perigoso.

Sentou-se e se apoiou no antebraço. O gesto deslizou a manta para o lado, e deixou o peito de Faun descoberto e Jade, pela primeira vez, pôde observá-lo detalhadamente. Havia se equivocado sobre sua pele, porque não estava intacta, mas sim tinha várias cicatrizes de uma lesão antiga, arranhões talvez. E no lado esquerdo, justo acima do coração, destacava-se uma segunda tatuagem. Um pássaro de cor azul celeste com as

plumas erguidas em ato de luta, e as asas estendidas. Olhos como botões a olhavam com ar malévolo.

Jade o tampou rapidamente com a mão, e a imagem da gralha azul desapareceu.

Faun acordou e abriu os olhos. Abaixo da luz da manhã, estes eram mais escuros que nunca. Olhou-a durante um bom tempo com surpresa, e logo sorriu.

- É de dia. – Disse ela. – Não deveria partir?

- Logo. Temos tempo até que amanheça. – Seu olhar intenso a intimidou. – É a primeira vez que posso te ver bem, abaixo da luz do dia. – Disse sorrindo, quando ela subiu a manta e se cobriu até o quadril.

A escuridão havia desvanecido. Suavemente, ele percorreu com a mão à linha da clavícula de Jade. Em contraste com a pele clara dela, a mão dele parecia escura e perfeita. A empolgação regressou, e com ela, também voltou à lembrança de sua pele, seus beijos e carícias.

- Você parece de prata. – Murmurou ele entre seu cabelo, atraindo-a para si.

- Prata e ouro. – Respondeu ela tirando uma mecha que caía sobre a bochecha. – Você é o ouro.

Jade o beijou na curva do pescoço, e fechou os olhos para não ver a tatuagem.

- Mas seu cabelo me lembra demais as samambaias da escuridão. – Disse ele com um sorriso. – São umas plantas preciosas, e ao mesmo tempo, perigosas. Quem as toca fica perdidamente cativado por elas.

- Não me dei conta de que me achava bonita. Por que você se mostrava sempre tão irritado comigo?

- Às vezes pretendemos afugentar o que mais queremos. Porque nos resulta diferente demais, ou conhecido demais. Ou, às vezes, ambas as coisas. Entende-me?

- Não. – Murmurou ela e Faun riu. – Conta-me coisas das Terras do Norte. – Pediu ela. – Do que são essas cicatrizes?

Faun abandonou o sorriso imediatamente.

- De uns arbustos. Quando menino caí por um barranco, Tam me resgatou de lá.

- Quanto tempo está com ele? E sua família?

- Longe. – A resposta foi sucinta.

- Longe?

- A perdi. Às vezes acontecem essas coisas.

- E essa gralha azul? É o selo de Tam? Você é criado dele?

- Nós dois a temos. – Respondeu Faun, sentando-se de repente. Tinha o arco das costas imaculado, os músculos se desenhavam debaixo da pele. – E eu não sou nenhum criado.

- Mas...

- Não há mais nada que contar – Interrompeu-lhe ele com certa pontada de sua antiga grosseria.

- Não me contará nada dos homens com cabeça de lobo e os felinos com vozes cativantes?

Ele suspirou.

- Essas histórias de terror são os que se explicam na cidade sobre nós?

- Pois se são histórias, explica-me como são as coisas por lá. – Disse Jade. – Me diz a verdade.

- Ah, a verdade! – A voz de Faun havia recuperado de novo seu tom sarcástico e frio. – Uma palavra muito apreciada entre as pessoas da cidade como você.

De novo Jade teve a sensação de que ele escapava e se afastava dela. No entanto, nessa ocasião não permitiu que ele conseguisse irritá-la. Reuniu coragem e lhe perguntou algo que ela havia dado voltas toda a noite.

- Faun, você é realmente... humano?

Ele se soltou e a olhou com irritação.

- O que você quer dizer com isso? – Perguntou. – Pensa que porque venho do bosque sou um animal?

Ela se assustou ao ver seus olhos cintilarem de raiva. Viu neles orgulho, mas também uma fragilidade que lhe fez um nó na garganta.

Jade notou certa resistência quando o abraçou.

- Não isso. – Disse. – Só me perguntava como era possível que você veja tão bem na escuridão. Por que isso é algo que você sabe fazer, certo? Tem olhos tão especiais...

- Você também tem olhos muito especiais. – Falou ele, desgostoso.

Contudo, Jade notou aliviada, que ele permitia que o tocasse.

- Já viu o símbolo das chamas negras, de noite sou capaz de ver melhor que outros, afinal de contas, esse é o único modo de sobreviver durante o Período Escuro. Eu, de humano, tenho tanto quanto você.

- Assim você não é mais que alguém com olhos de meia noite? – Sussurrou Jade, e notou como ele se relaxava. – Conte-me coisas do palácio. – Disse em voz baixa. – Como é? Viu a Lady?

- Você é quem vive nessa cidade, não eu!

- Mas nunca vi o palácio. Para que? Eu não sou nobre. Jakub foi ali, em uma única ocasião, para a permissão do hotel. Mas ele não diz grande coisa a respeito.

Faun vacilou.

- É um lugar estranho, como um sonho confuso. – Disse então com voz pensativa. – A Lady leva uma máscara de ferro polido.

- Por que não mostra seu rosto?

- Aos deuses nunca se olha os rostos. Lady é uma divindade. É o que diz a lei. – Que tipo de leis é esta que impõe o culto?

Jade não falou nada a respeito, mas essas palavras zombeteiras a impressionaram. Aos escravos precisamente, se disse com amargura, lhe têm de impor o culto.

- Há muitas salas, e muitos vestibulos praticamente vazios. – Prosseguiu Faun. – O chão é de pedra áspera. É evidente que Lady não gosta de nada suntuoso, em todo o palácio não há um espelho, nem nada que brilhe, nem nenhuma pedra preciosa. Os poucos objetos de prata que há não reluzem, e o ouro também se mostra opaco. Diante de todas as janelas têm véus. E a água e o vinho se mesclam com cinzas e são turvos como mingau.

- Cinzas na água?

Faun assentiu.

- Na Sala de Audiências os lordes se sentam em círculo ao redor do trono, como em uma esfera de relógio. Menos o acento número doze, estava desocupado.

Por acaso essa era a mensagem de Ben? Estava acabando o tempo dos lordes?

- Tem frio? – Faun lhe perguntou, atento.

Acariciou-a na nuca, provocando-lhe um novo estremecimento, que lhe percorreu as costas.

Os dois se sentaram ao ouvir um choramingo. Ainda que as janelas o amortecessem, era um lamento tão carregado de solidão que gelou o sangue de Jade.

Faun se soltou dela e saiu da cama.

- Tenho que ir!

- É Jay? – Perguntou Jade ainda que conhecendo a resposta de antemão. – Te chama?

Faun assentiu, buscando suas coisas a toda pressa e se vestiu. De repente, Jade foi dolorosamente consciente de que a maior parte de Faun não lhe pertencia em absoluto. A tatuagem e as cicatrizes desapareceram debaixo do veludo bordado em ouro e couro.

- Me leva contigo ao salão de banquetes. – Pediu – Me mostre. Eu gostaria...

- Impossível. Odeia os humanos e te mataria. A duras penas poderia esconder ante ele que... me apaixonei por você. E isso para ele seria motivo suficiente para te matar.

Falou duas coisas que impressionaram Jade. Uma foi à expressão de... mas era algo que podia assumir. No entanto, a segunda palavra lhe acelerou o pulso, e de novo, expressou uma sensação de vertigem.

Quando Faun se aproximou dela e a beijou para se despedir, Jade fechou os olhos e aspirou profundamente seu perfume de inverno, como se tivesse que conservar essa lembrança.

- Te prometo uma coisa. – Disse Faun. – Quando estivermos sozinhos, só estaremos você e eu, e não importa nada que haja fora. Mas, rogo-te que me perdoe quando não estamos sozinhos.

- Pede que confie em ti?

Faun negou com a cabeça.

- Não, não confie em mim. – Respondeu com tom aflito. – Não confie nunca em mim, sobretudo se estou com Tam.

Ela ficou sozinha na cama de ébano, recuperada já do êxtase que havia sentido, mas ainda cheia por esse anseio que fazia tudo mais luminoso. Subiu a manta até o queixo, e sentiu saudade. Já sentia saudade de Faun, e não era capaz de dizer se isso era algo bom ou ruim. E quando ouviu um assobio parecido a um gorjeio procedente do rio, uma ordem que a acompanhava desde a infância, deu-se conta, com remorso, de que não havia voltado a pensar em Martyn desde aquela tarde no porto.

Jade pôs rapidamente a jaqueta e abriu as janelas. A neblina da manhã deslizava por cima das águas, e a primeira vista, parecia que Martyn estava suspenso sobre o rio. Avançava contracorrente, sentado em um pequeno bote auxiliar, que utilizava quando o

maior estava quebrado. Que não houvesse vindo a pé poderia significar duas coisas: ou que as ruas estavam fechadas, ou que tinha muita pressa. Jade respondeu ao assobio e fez um sinal a Martyn para que a esperasse.

Quando, depois de um tempinho, ela se aproximou apressada ao rio, ele estava sentado na terraplanagem da margem, observando um cisne negro que avançava pelo centro do rio batendo as asas. Antes que Jade dissesse algo, Martyn se virou para ela e ficou de pé.

- Já era hora! – Exclamou se aproximando dela. Ao ver que Jade tinha o cabelo molhado começou a rir. – Ah! Te tirei da cama, certo? – Disse arrancando-lhe um riso e pousando o braço em torno dos ombros dela.

Ela lamentou que aquele gesto lhe lembrasse imediatamente de Faun. Havia jogado água a toda pressa pelo rosto e pelo cabelo, havia estado entre irritada e divertida.

- Por fim, hoje voltamos do delta. – Prosseguiu Martyn. – Então, eu vi seu sinal de giz na passarela e me disse: vamos ver se tudo vai bem.

Jade o conhecia suficientemente bem para saber que aquelas palavras pronunciadas tão rapidamente, tinham que se interpretar em Martyn como...

Ela se soltou do abraço com cautela. Suas bochechas ardiam e era cheia de remorso, como se, de verdade, houvesse enganado seu amigo.

- Bem, está tudo bem? – Perguntou ele.

- Sim, claro. – Respondeu ela. – Bom, aconteceram muitas coisas.

Ele suspirou e olhou inquieto para a Cidade Morta.

- Absolutamente. Você vem até o porto? Assim conversamos um pouco enquanto navegamos pela água.

- Tem que voltar tão rápido?

Ele assentiu pesaroso.

- Nós ainda temos algumas turbinas para dar uma olhada. Arif e os demais estão carregando provisoriamente no porto, e também peças para o reparo.

Jade se perguntou se devia avisar a Lilinn, mas saltou sem mais no bote.

A pintura preta havia se descascado há anos. Quando pequenos aquele bote parecia tão grande como um navio mercante, mas o certo é que havia lugar para três passageiros.



Como iria rio abaixo, o motor não lhes faria falta, Martyn empurrou o bote até a água, pulou dentro e pegou o remo. Com um golpe enérgico, afastou o barco do fundo de cascalhos.

Igual a um cachorro de rio, que deixou a coleira em casa, Martyn levou o bote até o centro do rio e deixou que a corrente dali os arrastasse. Jade, que ia sentada na frente, na proa, sentiu a velocidade como uma tração suave. O vento refrescou a cabeça. Fechou os olhos e inspirou fundo: percebeu o cheiro da água, a algas e do delicioso cheiro de canela das flores de lótus, que nos últimos dias, haviam florescido alheias aos disparos e explosões.

- O que você fez ao nórdico? – Perguntou Martyn assombrado.

Jade abriu os olhos com surpresa e se virou para trás, fazendo o bote balançar. A suas costas, em diagonal, se erguia o Larimar. Visto desde o rio, o edifício parecia um enorme barco azul que iria penetrar nas águas. Os batentes da porta principal estavam abertos. Faun estava sentado nas escadas d'água, todavia vestido com seu traje de gala, e olhava o bote que se afastava.

Tinha um aspecto sombrio, e seus olhos negros refletiam um tom funesto em seu rosto pálido. Quando Jade o olhou, ele não sorriu, limitou-se a ficar de pé e desapareceu no salão de banquetes.

Martyn riu.

- Está claro que te tem um grande apreço. – Disse com ironia.

Jade mordeu o lábio inferior. Naquele ponto, o rio desenhava uma ligeira curva, e Faun, sem dúvida, havia visto como Martyn e ela se abraçaram.

"E o que tem de mau nisso?" se perguntou. Contudo, a sensação de incômodo não a abandonou.

- Ninfa?

Martyn lhe lançou um olhar irritado, Jade se virou rapidamente para o rio, para que ele não pudesse ler seu rosto. O Wila os levava pela curva em direção ao delta do mar.

- O que aconteceu com as turbinas? – Perguntou ela rapidamente.

Martyn pigarreou.

- Houve um problema. Havia três turbinas paradas, justo no canal das rochas, onde a corrente submarina é mais forte.

Jade sabia o que significava. No leito situado nas margens do rio havia cascalhos, mas no centro da corrente e no delta havia um abismo pelo que circulava uma corrente submarina muito traiçoeira.



De fato, era quase como um segundo rio, e sua potência se via reforçada pelos estreitos canais que se abriam entre as rochas. Lady havia ordenado colocar as turbinas precisamente ali, naquele olho d'água de rocha, através do qual passava sem possibilidade de evitar resistência alguma.

"Inclusive o Wila é escravo dela" pensou Jade de repente.

- Eleanor esteve a ponto de ficar presa. – Prosseguiu Martyn com um tom de voz grave.
– Ainda que conseguisse desbloquear a terceira turbina, esteve a ponto de perder a mão.

Jade arregalou os olhos com espanto.

- Conseguiu tirá-la da água? Está bem?

Para seu alívio, ele assentiu.

- Só tem uma pequena ferida na mão. Teve sorte. Em alguns dias já estará recuperada. – No rio, os olhos de Martyn, tinham um tom verde mais intenso. O pesar o fazia parecer muito adulto e preocupado. – Havia uma corda que bloqueava as aspas.

Aquilo foi inquietante.

- O que quer dizer?

- Que alguém deteve as turbinas intencionalmente. Não era a única corda. É evidente que quem as colocou justo no lugar mais adequado da corrente submarina não se incomodou em dissimular sua ação. – Suspirou e passou os dedos pelo cabelo. – Arif e Eleanor têm que ir ver o prefeito.

- Como? Por quê?

Martyn encolheu os ombros.

- Uma consulta.

Jade pensou se aquilo era motivo de preocupação, e decidiu não dar muita importância. Se a Lady tinha confiança em alguém, estes eram seus adeptos do porto.

- Segundo Arif, o novo assessor da Lady tem algo a ver com isso. – Martyn arqueou as sobrancelhas em um gesto eloquente. – Adivinha quem é?

- Tam. – Respondeu Jade na hora. – Ontem a noite estive no palácio.

- Está sempre lá. Antes de ontem acompanharam Lady na nave dourada até a Ilha dos Mortos, e a Zona dos Presos. Estiveram presentes nos interrogatórios.

- Estiveram? Faun também foi?

Martyn a olhou estranho, mas ela desviou o olhar.

- Não, o segundo nórdico não. – Respondeu Martyn prolongando as palavras. – Pelo menos eu não o vi.

Jade abraçou as próprias pernas. Fez-se um silêncio.

- Não quer vir com a gente? – Perguntou Martyn com veemência. – Ao menos por alguns dias. Eleanor está ferida, e ainda que possamos nos virar sem ela, você poderia nos ajudar em outras coisas. Ao menos assim você não teria que estar perto desses nórdicos.

Jade negou com a cabeça.

- Tenho que estar junto a Jakub.

Um cacho úmido grudou em seu queixo, e ela o afastou sem dar-se conta do cabelo no rosto, e o jogou no pescoço.

- Se trata de verdade de Jakub?

A pergunta caiu como um raio, e Jade soltou um suspiro sem querer.

- O que aconteceu contigo?

- O mesmo poderia perguntar para você!

Os olhos de Martyn brilharam de raiva subitamente, o ambiente se carregou como o ar antes de uma tempestade.

- Poderia explicar para que eu te entenda? – Retrucou ela.

Martyn se aproximou com um pulo que fez o bote balançar perigosamente, e a segurou pela nuca com a mão. Jade se surpreendeu demais para opor resistência. Cedeu a pressão e se olhou na água. Pela borda do bote pode ver o reflexo de sua imagem suspensa na superfície, viu uma Jade despenteada e com os olhos iluminados por um brilho fantasmagórico. Parecia ter se tornado alarmantemente maior. As palavras de Faun retumbaram em sua cabeça.

- Olha para você. – Disse Martyn. – E me diz o que tenho que pensar.

Soltou-a, Jade sacudiu os ombros e se inclinou ainda mais para frente, a água tinha o brilho verde da penumbra e dos segredos. Nela viu duas coisas: uma, a marca de um beijo, uma vermelhidão acima de sua clavícula que a delatava ante Martyn, e que a fez corar de vergonha. A outra coisa que viu a assustou tanto que teve que se agarrar a borda do bote, pela primeira vez desde que ela conseguia lembrar, a garota da água não era mais que seu reflexo.

- Foi ele, certo? Faun, não? Só o beijou? – Lhe perguntou Martyn. – Ou há mais coisas?

Jade se afastou da borda e tomou ar, notou na garganta os batimentos de seu coração.

- Me parece que não é assunto seu. – Respondeu com a maior tranquilidade que foi possível.

Martyn a olhou como se tivesse acabado de esbofeteá-lo.

- Pelos Deuses, Jade! – Ofegou ele agitando a cabeça. – Mas que imbecil eu fui! E cego, e tonto! E pensar que vinha ver...

Pegou o remo e o meteu na água. Deu uma remada que fez o bote virar e o tirou da corrente. Jade esteve a ponto de perder o equilíbrio.

- Martyn, o que está fazendo?

Mas seu amigo apertou os lábios com força e levou o bote para a margem. O cascalho rugiu debaixo do casco.

- Fora daqui! – Disse com voz rouca.

Jade abriu a boca surpresa.

- Está me expulsando do bote? – Murmurou. – Não pode me abandonar assim no meio da cidade!

- Ou desce aqui ou continua a nado!

Martyn estava lívido, e engolia em seco de tal modo que parecia estar contendo o choro. Jade o compreendia melhor do que teria gostado.

A dor, o orgulho ferido. Era como se ela os sentisse em sua própria carne.

Pôs-se de pé com as pernas trêmulas, não só o bote pareceu oscilar debaixo dela, mas sim todo o leito rochoso da margem que ela pisava.

Martyn pegou o remo e deu um golpe raivoso contra o chão. O bote, agora mais rápido, deslizou rapidamente pela água. Martyn, no entanto, tirou também a corda do motor. O ruído estrepitoso do aparato penetrou nos ouvidos de Jade, sem poder fazer mais que assistir com impotência, como o bote erguia um pouco a proa e partia rio abaixo a toda velocidade, deixando por onde passava uma esteira de espuma.

Capítulo Onze – Ao outro lado do rio

Faun tampouco havia mentido nessa ocasião. A primeira vez que voltou a vê-lo na casa, pareceu-lhe estar diante de um desconhecido. Sua expressão era tão hostil que inclusive Lilinn franziu o cenho. Havia se irritado por culpa de Martyn? Jade decidiu não dar mais voltas e se mostrar igualmente distante. No entanto, nesse dia, por azar ou por que se atraíam como dois imãs, viram-se várias vezes. Apesar de ser um jogo perigoso, Jade não pôde mais que lhe dirigir em uma ocasião um olhar frio e desafiador.

De repente, Faun deixou de fingir bem sua indiferença por ela. Jade se deu conta de quão bem Martyn a conhecia.

“Você sempre quer o que não pode ter”.

Queria ter Faun, ansiava seu cheiro e seus lábios, e contra todo senso comum, ansiava voltar a vê-lo.

Horas mais tarde, ao passar junto do elevador no primeiro piso, se sentiu, de repente, envolta em seus braços e se abandonou a um beijo roubado.

- O que tem com esse tipo do bote que te manuseava? – Lhe sussurrou Faun em tom pouco cordial.

- Não é “esse tipo”, é meu melhor amigo. E tampouco me “manuseou”.

Os olhos de Faun desprendiam um lampejo frio e seu abraço apenas lhe permitia respirar.

- Pois não parecia...

- Por acaso está com ciúmes?

- Tremendamente. – Respondeu ele com uma sinceridade apaixonada.

Então se ouviu uma batida de porta, e ambos se separaram imediatamente, e sem dizer nada mais, regressaram a seus mundos e se perderam durante o resto do dia.

Aquele era um tempo de segredos. Inclusive os espíritos do Larimar haviam abandonado e permaneciam calados. O próprio elevador estava em silêncio desde que Tam percorria a cidade, cada vez com mais frequência. Com frequência, havia também uns caçadores que aguardavam frente ao hotel para escoltá-lo, com Moira encabeçando a escolta.

Faun havia lhe devolvido o casaco, e Jade se sentia mal cada vez que lembrava como ele a havia usado para manter em controle as gralhas azuis. O que não haveria admitido jamais era que, também se sentia muito mal cada vez que observava desde a janela a familiaridade com que Faun e Moira se sorriam quando ele abandonava o edifício.

Jade recorreu várias vezes o porto e a margem do rio com a esperança de ver a Martyn, ainda que soubesse que não tinha nenhum sentido lhe falar de Faun. Pelo menos, não nesse momento.

Apesar de que havia acreditado que ia lhe custar muito fingir indiferença durante todo o dia, aconteceu, para sua própria surpresa, que lhe era muito mais fácil que para Faun. Vez ou outra se encontravam na cozinha, ela não podia resistir à tentação de inclinar a cabeça e afastar o cabelo da nuca. E tinha que se esforçar muito para dissimular um sorriso malicioso ao observar, pelo canto do olho, que ao ver o gesto tão familiar, Faun se enrolava e ficava nervoso, até o ponto em que, em uma ocasião, uma faca caiu de sua mão.

Na mesma medida que, durante o dia fingia arrogância e indiferença, ela se sentia feliz durante as horas e minutos que roubavam as noites. Em seus encontros com ele – às vezes de algumas horas, ou frequentemente apenas um beijo roubado nas escadas –, se sentia como se estivesse entre as chamas sem notar dor alguma.

O Eco não havia voltado a aparecer em frente à janela, e Jade conseguiu, pelo menos, não dar um pulo ao menor ruído.

Buscava com preocupação crescente a outra Jade, entre as águas, mas sempre se encontrava com seu reflexo vazio que executava, como uma marionete, todos os gestos.

- O que? Está tão bonita assim? – Lilinn lhe perguntou uma vez, entre risos, ao ver Jade comprovando seu reflexo pela enésima vez.

Lilinn e Jakub não admitiam abertamente sua relação, mas seus olhares e as carícias dissimuladas os delatavam muito mais que as palavras. Qualquer um havia se dado conta do modo que o rosto de Jakub se iluminava quando Lilinn entrava na sala, e Lilinn havia deixado de falar de Yorrik, e cantarolava na cozinha melodias que Jade não conhecia.

“Só é uma aventura e nada mais – se dizia Jade. – Se consolam mutuamente, que há de mal nisso? Lilinn tenta superar Yorrik, e Jakub, pela primeira vez em anos, está menos solitário”. Em qualquer caso, quem era ela para lhes jogar algo na cara? Acaso não era ela a que mais ocultava coisas? Uma paz enganosa havia se aposentado na cidade, os lordes haviam levantado barricadas nos palácios, e ante as portas havia, como se coubesse, ainda mais sentinelas.

Havia o rumor sobre a celebração de festas no palácio de Inverno, ainda que a cidade houvesse se tornado tão silenciosa que o rugido dos animais de rapina, das caças e as feras retumbavam inquietante nas ruas. Os vira-latas eriçavam o pêlo e se apertavam contra os muros dos prédios. Jade só se atrevia a voltar à cidade com uma faca oculta debaixo do casaco, temerosa e com medo de que o Eco a seguisse. O mercado principal estava deserto e Ben, portanto, também havia desaparecido.

Jade aguardou toda uma tarde, oculta debaixo de algo no ossuário, com a faca na mão e o medo contínuo de que as gralhas azuis de Tam pudessem descobri-la. No entanto, não apareceram, e a porta que dava para a cripta permaneceu fechada. Buscava entulhos com os olhos, mas havia tanto pelas ruas e nas praças que logo começou a se perguntar se aquele sinal de reconhecimento não havia sido fruto da mente confusa de Ben.

Foi durante sua terceira tentativa por localizar o ancião, quando se deu conta de que alguém a espiava. Encontrava-se em um edifício que, em outros tempos, havia sido empregado como matadouro, e que não estava muito longe do ossuário.

Havia muitas pessoas apertadas em suas salas estreitas. Tratavam - se de famílias do serviço e dos transportadores que mal viviam ali. Uma janela se fechou rápido demais quando ela levantou a cabeça, logo, encostada em uma passagem coberta por um arco de pedra, uma mulher magra de cabelo grisalho parecia estar esperando por ela.

Pelo que Jade podia recordar, a mulher se chamava Leja e pertencia ao Mercado Negro. Tanto no inverno como no verão, sempre usava uma longa túnica verde. Todo mundo sabia que no forro daquela veste levava costurado inúmeros bolsos. Seu aspecto não era precisamente agradável.

Jade olhou dissimuladamente a rua, acaso houvesse espiões de Tam, e logo, aproximou-se com cautela da mulher na passagem.

- Ben lhes deu a minha mensagem? – Perguntou ao azar.

Leja a olhou como se contrabalançando se Jade era um bilhete autêntico ou falso.

- Caso contrário porque estaria aqui nessa passagem? – Retrucou a mulher com desdém.

O coração de Jade começou a bater com força. Um deles! Por fim.

- Já abatemos três gralhas azuis. – Acrescentou Leja. – Mas é muito difícil se manter afastada delas. – Sorriu. – Só nos resta o subsolo. Isso a menos que vossos hóspedes disponham também de ratos capazes de nos espiar.

Aquilo parecia mais uma pergunta que um comentário engraçado.

- Uma resposta em troca de outra. – Disse Jade. – Quem é seu líder? Tenho que falar com ele.

O rosto de Leja escureceu, e Jade se deu conta de que não confiava em absoluto nela.

- “Onze lordes”. – Sussurrou para a mulher. – É vosso santo e sinal.

- Mal. – retrucou-a secamente.

Continuando, ergueu o punho e desferiu um golpe rápido em uma pedra na parede. Jade então aprendeu outra lição sobre sua cidade. O chão se abriu de repente, de baixo de seus pés, indo para os lados. Suas pernas ficaram sem apoio, e durante a queda, em um ato reflexivo, conseguiu se agarrar a um alçapão de madeira, mas não pôde se segurar nele. Enquanto precipitava, viu que o retângulo de luz se fechava sobre sua cabeça, e continuando, notou algo repentino. Algo frio e úmido espirrou de cima. O ar fedia a putrefação e madeira podre. Era lodo! Com a respiração entrecortada, e entre gemidos, deu a volta e se levantou. Em sua cabeça estralaram então dezenas de idéias: aquilo era uma emboscada! Uma armadilha!

Ao seu lado, escutou um gemido. No instante seguinte, viu-se ajoelhada no barro, retida nessa posição por várias mãos. Tinha um braço dobrado nas costas, e estava imobilizada por uma mão que a agarrava firmemente pelo cabelo.

Entrou em pânico quando ouviu que alguém xingava.

- Não a machuque! – Desta vez era uma voz trêmula e nasal de mulher.

- Nell? – exclamou Jade. – Nell, é você?

- Silêncio! – Falou alguém junto a seu ouvido. – Vai fechar a boca por vontade própria ou prefere que te amordace?

Um tecido áspero lhe arranhou o nariz e as pálpebras. Tamparam-lhe os olhos com uma venda bem atada. Continuando, alguém a segurou pelos braços.

- Nos acompanhe!

- Mas, o que é isso? Onde está me levando?

- Foi você que quis nos conhecer. – Retrucou a voz quebradiça.

Ouviu então o chiado de um fósforo ao se acender e a luz atravessou levemente a venda que lhe cobria os olhos.

- Não tema. – Nell lhe sussurrou. – Não vão fazer nada contigo.

Jade não teve outra opção mais que ceder, e assentiu com os lábios firmemente apertados. Ladeada pelos dois rebeldes que a seguravam, lhe custava avançar. O barro entrava em seus sapatos, até que deu com algo duro.

- Uma escada. – Murmurou Nell.

Havia cindo degraus. Pelo cheiro de cal e argamassa, seguramente atravessaram o corredor de um sótão. Pelas pisadas, Jade calculou que havia com ela umas dez pessoas. Em alguns lugares teve que avançar agachada, e inclusive houve uma parte em que se viu obrigada a se arrastar pelo cascalho. De vez em quando, ouvia o chiado de um portão de

ferro ao se abrir, e tentou, em vão, fazer uma composição mental da rota que levavam. Em pouco tempo, sentiu-se totalmente desorientada.

Depois de uma eternidade, o grupo se deteve. Um dos homens a empurrou sobre algo que parecia ser um banco de ferro.

- Deixa a venda posta. – Advertiu.

Finalmente a soltaram. O ar cheirava a poeira, e Jade notou com os dedos, alguns tijolos. Paredes lisas intensificavam qualquer ruído.

- Ben? – Perguntou em voz baixa.

- Podemos confiar nela. – Disse Nell. – Já nos falamos antes. Tira a venda dela.

- Eu decido quem confia em quem. – Outra voz de mulher, muito clara e assombrosamente jovem. – A final de contas, não deixa de ser a filha de Livonius, o fiel criado da Lady.

Jade acreditou ter ouvido mal.

- Espere um momento... – Protestou.

Mas a mulher continuou falando, como se Jade não estivesse presente.

- Esse par não vive nada mal graças aos privilégios do palácio. Por outra parte, ela anda com as pessoas do rio, que como todos sabemos, não são mais que os cachorrinhos fraldiqueiros da Lady.

Jade soltou uma bufada.

- Ouça liguaruda! – Exclamou. – De mim pode dizer o que quiser, mas deixa meu pai de lado. Não é, como você diz, um fiel criado da Lady. Vive nessa cidade, tão bem ou tão mal como é possível, como todos os demais. Se realmente seus espiões fossem tão bons como acreditam, já saberiam que às vezes, as pessoas acham refúgio no Larimar.

- Isso é verdade. – Confirmou Nell. – Além disso, ela nos facilitou a informação sobre os pássaros.

- Está em contato com os Ecos? – Quis saber Jade.

- Cuidado! – Advertiu a voz de mulher. Jade teve que fazer um esforço para não mostrar a raiva e a impaciência que sentia.

- Por outra parte, tens bons contatos com o caçador da Lady. Por que quer nos ajudar? Vive muito bem no hotel.



- Que pergunta mais idiota! – Retrucou Jade. – Não me lembro de alguma vez, ter passado pelo mercado sem ter medo de ser detida. E, em minha vida, já tive que fugir a toda pressa mais vezes que um cachorro de caça. – Pigarreou antes de continuar. – Não somos tão leais a Lady como você imagina. De fato, para sê-lo, tivemos que lhe perdoar a morte de minha mãe.

Deixou de falar e ouviu que alguém, murmurava assentindo.

- E que espera para você?

Jade tragou saliva.

- Não muito. Poder ir aonde quiser, em uma cidade que não esteja em ruínas. E quero saber também se é certo que os Ecos são, de verdade, monstros. Não consigo acreditar. Por outra parte, estou convencida de que o príncipe está na cidade e que temos que encontrá-lo.

O ambiente mudou imediatamente quando mencionou o príncipe. Foi como um susto, como uma paralisação cheia de tensão.

- Sabe mais alguma coisa sobre ele?

- Só que a Lady ordenou sua busca. – Disse Jade. – Um dos nórdicos me confirmou. Pelo menos, eu acredito que o rastro que seguem é o seu. Os caçadores vão atrás de um homem capaz de invocar os Ecos. Se estiverem prontos, é melhor que abandonem a caça das gralhas, porque Tam, todavia, tem outra besta. E imagino que se mata a seus espiões, ele a tirará da jaula mais rápido do que vocês gostariam.

Sobressaltou-se ao notar, de repente, uma mão no cabelo. Alguém lhe retirou a venda da cabeça com uma sacudida. Primeiro viu tudo borrado, mas, depois de alguns instantes, a imagem se voltou mais nítida. Encontrava-se sentada em um túnel estreito, sobre uma travessa de obra. O túnel parecia ser muito longo, e se perdia na escuridão.

As silhuetas que a rodeavam tinham que andar agachadas para não dar contra o teto baixo. Assustou-se ao ver tantos rostos tampados, e ao mesmo tempo, lhe veio à lembrança dos Ecos da Cidade Morta. No entanto, diante dela havia seres humanos, e olhando-os atentamente, era capaz, inclusive, de reconhecer alguns por seu porte ou seu olhar.

Nell tirou a venda de seu rosto e sorriu.

- Bem vinda à clandestinidade, Jade.

Como respondendo a um sinal secreto, os demais descobriram também seus rostos. Jade estava assombrada: um vendedor da praça do mercado, duas mulheres que trabalhavam na casa de férias de um lorde... O homem com a voz quebradiça era de constituição corpulenta e forte, e também, lhe resultou familiar. Talvez o houvesse visto alguma vez no Mercado Negro. A cabeça do grupo era uma mulher com cara de rato,

cabelo castanho e com olhos brilhantes e inteligentes. Jade calculou que rodava pelos vinte e cinco anos. Ao observar que tinha duas perfurações em cada lóbulo da orelha, Jade pensou que seguramente era um ourives.

- Nell você já conhece. O resto de nós conhecerá quando for o momento.

Jade assentiu.

- Onde estamos?

- Dentro do sistema de esgoto, muito perto do palácio de Inverno. Está seco há anos.

- Quantos são?

- Muitos. – Respondeu Nell. – Mais de trezentos.

- E os Ecos?

De novo se produziu uma troca de olhares.

- São cada vez mais, mas nos resulta difícil encontrá-los. Temos que esperar que eles nos encontrem.

- De onde vem? – Jade quis saber.

Lamentavelmente, só obteve um encolhimento de ombros como resposta.

- Há quem diz que vem do bosque. Outros da Cidade Morta. Não sabemos. E tampouco nos podem dizer, porque não falam nosso idioma, e nem sequer sabem se somos amigos ou inimigos.

Jade se lembrou dos dentes e da sede de sangue nos olhos do Eco que havia visto na janela, e seu sangue gelou. No entanto, sentiu também algo assim como um triunfo surdo.

- Eu sabia! – Exclamou. – Têm um idioma. E eles são seus aliados?

- O príncipe voltou para reclamar seu trono, e pediu ajuda aos Ecos. Portanto, eles também são nossos aliados.

- Os nórdicos dizem que seguem os humanos para matá-los. – Objetou Jade.

A mulher encolheu os ombros.

- É possível. Muitos deles aborrecem aos seres humanos, unicamente obedecem aos reis. – Buscou então, por debaixo de sua veste e tirou algo que ocultou no punho. Desenhou no rosto um rápido sorriso. – A menos que vejam que alguém lhes mostre o Tandraj.



Deu um passo a frente, e sustentou o punho diante dela. Jade, vacilante, abriu a mão. Estremeceu ao notar na palma da mão, algo pequeno e frio que resplandecia abaixo da luz da lâmpada de óleo.

Jade franziu o cenho com surpresa.

- Um pedaço de espelho?

- Um pedaço de espelho dos reis de Tandraj – lhe explicou a mulher com um sorriso triunfante. – É o único sinal que os Ecos reconhecem. Quem possui um fragmento é seu aliado.

Jade prendeu o fragmento em sua mão.

- Assim que se encontram um Eco...

- Não te fará nada se ver que tens um pedaço. – Terminou de dizer Nell. – Portanto, debes levá-lo sempre contigo, e não perdê-lo por nada no mundo.

Isso era o que Ben havia querido dizer! Jade olhou aquele pedaço gasto de espelho. Tinha forma de rombo, e sua superfície estava coberta por uma teia de aranha trincada.

Era bastante grande para que seu olho se refletisse ali.

- De onde o tiraram?

- Estivemos buscando-o por muito tempo. – Explicou a mulher. – Lady logo tirou do palácio todos os espelhos, e todos os objetos de prata e ouro. Mandou fundir os metais preciosos, e os repartiu entre os lordes a modo de pilhagem de guerra. Mas os espelhos foram quebrados e jogados no rio. Ben foi testemunha disso, e nos explicou o que ocorreu naquela noite. Inclusive foi capaz de nos indicar o lugar no rio.

- Então, vocês os recolheram do barro. – Constatou Jade. – Tem que ter uns mergulhadores muito bons.

De imediato, os presentes dirigiram olhares furtivos ao homem corpulento que havia levado Jade pelo túnel. Não formava parte das pessoas do rio.

Jade conhecia os quatro transportadores e suas famílias, e a ele nunca havia visto.

- São vocês que estragam as turbinas? – Perguntou.

Os rebeldes assentiram.

Uma nova e alarmante possibilidade inquietou a Jade.

- Mas, não pretendem atacar as pessoas do rio, certo?

O homem de voz quebradiça negou com a cabeça.

- Precisamos das pessoas do rio também depois do ataque. São eles que conhecem todas as correntes. O fazemos só para ganhar tempo, para desconcertar a Lady e sua comitiva séquito, e provocar alterações. Trata-se de causar todos os problemas possíveis, até agrupar ao nosso redor todos os aliados, e esperar que o príncipe nos chame.

- Temos seis armazéns cheios de armamentos. – Acrescentou Nell. – Mas ainda não está tudo pronto para o ataque.

Jade tinha a boca seca.

“O que ocorre é de verdade”, se disse.

Ainda que, até então havia estado decidida por completo em apoiar aos rebeldes, de repente sentiu medo.

- De verdade querem atacar o palácio? – Murmurou. – Quando?

A mulher com cara de rato a olhou fixamente, como se não estivesse segura de se deveria lhe dar essa informação.

- Quando encontrarmos o príncipe. – Disse com calma. – Ou quando ele nos encontrar. Sem ele e os Ecos, não temos nenhuma opção.

Jade engoliu em seco. O pedaço de espelho em sua mão parecia que ardia.

- E o que há com os lordes? Querem matar a todos?

- A todos, não. Em todo caso, lorde Miem era importante estrategicamente. – Explicou Nell. – Ele era o que organizava os caçadores. O novo comandante é mais jovem, e não tem sua experiência. Isso provoca inquietação na comitiva da Lady. É preciso sacudir o alicerce para que um edifício desmorone.

- Fala como se estivesse se tratando de um jogo de estratégias. – Falou Jade em voz baixa. – Por que matar? Por que não pegar reféns?

- Porque esta guerra não se pode ganhar de outro modo! – Exclamou a cabeça com olhos brilhantes. – Mas você, onde acha que vive princesinha? – Ela zombou – Em uma casa de bonecas? Prefere que te matem?

“Moira não me matou – pensou Jade. – De fato, inclusive me ajudou”.

- Aprisionaram mais de vinte pessoas inocentes! As forcas estão prontas para execução. Todos nós temos mortes que lamentar, ou membros de sua família que desapareceram sem mais nos calabouços.

Umas manchas vermelhas lhe tingia as bochechas pela raiva com a que falava.

Sublinhava cada uma de suas palavras com gestos veementes, e sua voz havia deixado de ser a de uma mulher insignificante e receosa, para ser a de uma lutadora.

Jade teve que admitir muito a seu pesar, que aquela rebelde a impressionava.

- Minha irmã está na Ilha da Prisão. – Terminou dizendo. – Na verdade, ninguém sabe se continua ali com vida. Por quê? Porque pareceu a um lorde que ela o havia roubado ouro. Deste modo, claro, ele não teve que pagar o preço de seu trabalho a um desaparecido. Você sabe o que vale a vida de uma pessoa nessa cidade?

“Não mais do que vale apertar, sem mais, o gatilho” se disse Jade.

- Então o quê, princesa Larimar? – Exclamou a mulher. – Está conosco? Ou prefere que vendemos seus olhos e te devolvamos a teu pequeno e seguro mundo junto ao rio?

Jade se surpreendeu de quão tranquila estava. A cabeça parecia acalorada e descontrolada, mas ela defendia sua causa de um modo que Jade não podia mais que respeitar.

“Ao menos – se disse – é direta. E crê realmente no que diz”.

- E o que Ben tem com tudo isso? – Perguntou. – Posso confiar nele?

- Ben é nossa memória. – Nell lhe explicou. – Sabe tudo sobre os reis, ainda que só se lembra de forma fragmentada. E, além do mais, é nosso correio. A maioria dos sentinelas acham que é louco e o deixam fazer, ninguém lhe pergunta aonde vai nem por que.

Sem saber por que, pensar em Ben lhe fazia sentir que sua decisão era mais correta.

- Não sou uma assassina. – Declarou com voz firme. – E não penso levar nenhuma arma, mas estou disposta a ajudá-los a encontrar o príncipe, e a averiguar mais coisas sobre os Ecos.

Ela esperava que o ambiente trocasse, mas os rebeldes começaram a rir.

- Bom, se para você os Ecos são mais importantes que as pessoas, para mim dá no mesmo. – Retrucou a mulher com olhos brilhantes. – Não somos o exército de um lorde. Ninguém tem que ser guerreiro. Cada um faz o que quer e pode.

- E o que há com os nórdicos? – Exclamou um homem de algumas filas atrás. – Com a ajuda dela, poderíamos deixá-los fora de combate com facilidade.

Naquele instante, Jade começou a suar. Os pensamentos lhe batiam na mente. Ainda que já o houvesse pressentido, notar tão diretamente o perigo que pairava sobre a vida de Faun a tirou do normal completamente.

- Não! – exclamou com voz dura. – Os nórdicos ficam tranquilos!



Instalou-se um silêncio perigoso, enquanto Nell a olhava atônita. Jade engoliu em seco e tentou respirar com tranquilidade, enquanto os pensamentos passavam a toda velocidade por sua cabeça.

- A que se deve isso? – Perguntou o homem. – Agora nos dá ordens?

“Ou tudo ou nada”, pensou Jade. Tentou reprimir o estremecimento de sua voz, e disse:

- Confia em mim. Os nórdicos tem acesso ao palácio, eu obtenho informação... também sobre a Lady e os caçadores. Passe o que for não deve acontecer nada com os nórdicos, ou, do contrário, não poderia ajudá-los. Entendido?

Durante um instante reinou o silêncio, logo a líder jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada.

- Assim que agora a princesinha assume o comando, não? – Exclamou com ironia. – Muito bem! De acordo! As delicadas plantinhas do norte não terão um dedo tocado.

Jade confiou em que ninguém se dera conta do alívio que a havia feito empalidecer.

- Me chamo Tañía – Disse a mulher estendendo-lhe a mão. – É agora: ou tudo, ou nada Jade Livonius.

- Tudo. – Respondeu Jade. E, ao segurar a mão de Tañía e selar o pacto pela vida de Faun, sentiu como se começasse a caminhar por uma montanha com precipícios de ambos os lados.

Naquela noite, ela obedeceu ao murmúrio contido dos espíritos, e retirou-se ao pequeno quarto da ala sul com paredes de cor marrom dourado.

Esteve um bom tempo contemplando o pedaço de espelho, dando-lhe voltas antes de, por fim, colocá-lo no bolso interior de sua jaqueta. Resultava reconfortante saber que o Eco não poderia voltar a ameaçá-la.

“A clandestinidade – se disse com uma inquietação no peito que flutuava entre a sensação de triunfo e a dúvida. – Agora sou uma deles. Dos que se opõe. Dos assassinos”.

Pensou em Faun e, de novo, teve dúvidas.

“Tudo irá bem – se repetia como um mantra. – Posso protegê-lo. Não lhe passará nada”.

Faun e ela não tinham encontros, não havia certezas, só aquela silhueta escura, que de repente aparecia diante dela pela noite a horas roubadas antes do amanhecer.



Quando, naquela noite, se levantou com um sobressalto de um pesadelo confuso de fogo e pisadas ardentes na neve, ouviu a respiração de Faun ao seu lado. Os olhos de meia noite dele brilhavam na penumbra da alvorada, e delicados dedos jogavam com seu cabelo.

- Quando te vi pela primeira vez, pareceu-me impossível que fosse humana. – Disse Faun. – É como uma ninfa. Sua pele é tão clara que quase brilha. E tem olhos que me lembram as águas do mar do Norte. Jamais havia visto olhos como os seus.

- Em troca, quando te vi só pensei “que tipo mal educado e rude”. – Murmurou Jade, sonolenta.

- E, ainda assim, me beijou. – Retrucou ele com um sorriso.

- É bom que tenha deixado de lado toda aquela arrogância.

Faun começou a rir. Aquele riso, em que não havia nem sombra da brusquidão dele, era o que mais encantava Jade. Igual a sempre, era como se os dois estivessem juntos em terras de ninguém. Todas as preocupações e as dúvidas se dissolviam em um mar de escuridão, e só restava o brilho precioso dos minutos presentes.

- Somos como Jostan Larimar e sua ninfa. – Disse ele. – De viagem todas as noites, de quarto em quarto.

- Não diga isso! Assassinaram a Jostan!

- Supersticiosa?

Jade negou com a cabeça. Notou, de repente, o nó em sua garganta e nada lhe teria agradado mais que deixar tudo para trás. Lembrou-se que pouco antes havia sonhado precisamente com isso: navegar com Faun pelo mar, longe do perigo. Sentia tão a flor da pele sua ânsia por recorrer terras desconhecidas, que lhe bastava fechar os olhos para notá-la ao alcance de sua mão.

- Às vezes imagino que estamos viajando. – Disse ela. – Em um barco, pelas ilhas.

- Aonde você quer ir? As cidadelas de mármore das Ilhas Orientais? – Repôs Faun. – Ou as cidades flutuantes da Costa Meridional?

Aquilo era um jogo entre eles, e nenhum dizia a verdade: no presente, os sonhos de futuro não tinham fundamento algum.

- Faun, quando vão partir da cidade?

- Tem tanta pressa por se livrar de mim? – Ao ver que ela não sorria com a brincadeira, gemeu e assentiu. – Acho que logo. Quando a Lady deixar de requerer nossos serviços.

- Conta-me coisas da Terra do Norte. – Rogou ela.

- Entre nós não há humanos com cabeça de lobo. – Lhe sussurrou Faun no ouvido. – Mas temos árvores milenares, tão grandes que nem vinte homens ao seu redor podem abraçar. Os espíritos habitam nelas. Sua voz é como o sussurro das brasas e da água, e murmuram suas histórias. As copas dessas árvores estão habitadas por povos inteiros, as pessoas dormem em cavidades que abrem nos troncos, e caçam serpentes de árvore e pássaros, muitos levam várias gerações sem pisar no chão.

- Você é de um desses povos? – O brilho de seus olhos se apagou de imediato.

- Oh, não. Eu pertenço ao clã dos caçadores, mas era muito pequeno quando parti. Então não me lembro de nada.

- Nem de seus pais?

Faun encolheu os ombros. - Quando sonho, ouço suas canções, e quando estou no bosque é como se houvesse voltado ao meu lar. Você gosta de estar no bosque?

Jade ficou perplexa.

- Eu? No bosque?

- Bom, diante da cidade há bosques. Vai me dizer que nunca esteve ali?

- Jamais. A Lady caça neles e é perigoso. O primeiro que uma criança aprende nessa cidade, é que estar nela significa segurança.

- Segurança! – Exclamou Faun com ironia. – A liberdade nunca é segura. Eu, em seu lugar, partiria hoje mesmo da cidade.

- E eu, em seu lugar, mandaria Tam ao diabo. – Retrucou ela, mordaz.

Faun não disse nada, permaneceram em silêncio.

- Para onde vai quando a Lady já não precisar de você? – Perguntou ela, por fim.

Ele suspirou.

- Não sei onde vão chamar a Tam. Muitos reis, senhores e governantes lhe pagam verdadeiras fortunas por seu trabalho. É um buscador. Não abandona jamais até conseguir a sua presa, e sempre há algo que buscar.

- Também te encontrou. – Disse Jade com cautela. – No barranco. Salvou a sua vida. É por isso que está em dívida com ele?

A mão com que Faun acariciava seu ombro, se deteve. Ela havia tentado, em vão, muitas vezes obter uma resposta a essa pergunta, e dessa vez, tampouco ia consegui-la.

Ele se limitou a sorrir e tentou beijá-la, mas, desta vez, Jade se esquivou e o afastou.

- Peço-te que me responda!

Faun se afastou dela e suspirou. Entrelaçou as mãos por trás da cabeça, e adotou uma postura reflexiva.

- Em dívida? Sim, talvez. – Disse depois de um tempo. – Apenas me lembro desse tempo. Umas poucas coisas... lembro de um ritual de quando estava no clã dos caçadores.

Jade se incorporou.

- Que tipo de ritual? – Perguntou contendo o fôlego.

- Quando um homem do bosque boreal ama uma mulher. – Explicou Faun em tom sério. – Caça para ela, e lhe presenteia o coração de um felino. Mas se a mulher não quer lhe beijar, também pode lhe presentear a pele escorregadia e crua de um peixe.

Tinha os olhos brilhantes, mas, ao ver a expressão de assombro em Jade, teve que morder os lábios para não começar gargalhar.

- Está brincando com a minha cara? – Murmurou ela, lhe dando um golpe que ele conseguiu deter no último momento, e logo tentou sair da cama, mas Faun a segurou pelo pulso e a deteve.

- Não se irrite comigo. – Lhe pediu. – Esse ritual existe, pelo menos há algo parecido.

- Ou me solte ou vai ter algumas cicatrizes a mais. E desta vez no rosto!

Pretendia parecer irritada, mas era tarde demais, porque Faun já havia contagiado seu riso. Aquilo era o mais desconcertante das noites: os momentos despreocupados em que Jade se esquecia de tudo, ria e só se sentia feliz. Ele a soltou, de má vontade, e levantou as mãos.

- Me rendo! – Disse em tom conciliador. – A partir de agora, só direi verdades que você quer ouvir. Pergunte algo!

Jade tragou saliva.

“Deixa – pensou – não te dirá nada! Por outro lado, está em seu direito de não confiar em uma espiã. Ainda que faça tudo o possível para proteger a sua vida”.

- Me dissesse que Tam busca alguém que permanece oculto na cidade. – Começou a dizer com cautela. – E no mercado se fala... de um príncipe. Ainda é quem buscam?

A respiração de Faun apenas se ouvia, então ele fechou os olhos e calou-se. Ela jamais o havia visto tão tranquilo.



- Tam me mataria pelo que vou te dizer agora. – Disse depois de um longo momento. – Os rumores são certos. Existe, de fato, um príncipe. Lady supõe que, durante a Guerra de Inverno, foi tirado da cidade e que agora voltou, mas se esconde muito bem. Havia indícios de que se encontrava na Cidade Morta, porque os Ecos procediam dali, mas conseguiu fugir dos caçadores.

Ao ver que ela não dizia nada, ele apoiou a cabeça na mão e a olhou.

- Lady continuará procurando-o nos próximos dias.

- Eu sei. – Disse Jade.

- Não se ponha em seu caminho. – Lhe pediu ele em voz baixa. – Eu... não poderia suportar a ideia de que ocorra algo.

Jade desviou o olhar e assentiu sem dizer nada.

Capítulo Doze – A Dança dos Mortos

Até então, Jade havia se servido dos exteriores e das fachadas da cidade para passar despercebida, agora, no entanto, adentrava no subsolo e se familiarizava com o emaranhado de passagem secretas, era um sistema intrincado de câmaras, esconderijos e vias de escape.

Passava por sótãos com paredes abertas, e decorria pelo longo caminho de canais, aprendeu a interpretar os sinais: aqui, um monte de entulhos em um parapeito de uma janela apontando para o norte; lá, uma faixa vermelha atada a um pedaço de madeira sobressaindo de uma parede. Resultava perigoso, e excitante ao mesmo tempo, desaparecer com Tañía ante uma patrulha, ou encontrar na entrada de um beco, um criado de uma vila nobre, que a saudava e lhe mostrava, dissimuladamente, o brilho de um pedaço de cristal na mão.

Ela conhecia apenas alguns poucos nomes, e, no entanto, parecia-lhe que era parte firme de uma rede que se estendia por toda a cidade. Porém não havia nem rastro dos Ecos, nem do príncipe.

- Dois Ecos foram vistos ante a Porta Dourada! – Anunciou Tañía em uma reunião no matadouro. – E Ben diz que há quatro mais ocultos nas proximidades do ossuário. Está ali! Só esperam poder atacar. Meus queridos, temos que pensar em algo que distraia por um tempo os caçadores.

Depois de dizer aquilo, começou a rir e seus olhos brilharam com uma resolução.

Jade não soube se admitia o valor de Tañía, ou temia sua loucura. Para ela, essa guerra era um jogo de estratégias que a emocionava tanto como Jade em seu sonho de conhecer terras distantes.

Com mais frequência que a necessária, Jade se detinha nas proximidades do porto e buscava, com o olhar, a embarcação de Arif. A maioria das vezes só conseguia ver o barco de longe, mas, uma vez, teve sorte e chegou ao preciso instante em que acabava de zarpar e partia rio acima. Poucas vezes havia estado tão nervosa como quando viu a Martyn. Estava separando cordas, e em sua expressão não havia nada parecido a um sorriso radiante, de fato, parecia conter uma tormenta de relâmpagos letais. Jade o saudou com o braço, e lhe fez um gesto que usavam desde crianças para lhe dizer que queria falar com ele.

Martyn, no entanto, apertou os lábios, desviou o olhar e desapareceu de sua vista em direção à proa. Jade ficou de pé, com os punhos apertados e um nó na garganta. Ainda que essa reação lhe doesse mais que qualquer briga que houvesse tido entre eles, tinha que admitir que em seu lugar, ela haveria reagido igual.

Jade não encontrou nenhum Eco, apesar de buscar por todos os canais e edifícios não vigiados, no entanto, dias depois da reunião, encontrou Ben. Estava sentado perto do palácio, justo ao lado da porta lateral da igreja de Cristal. Pelo vidro esfumado de cor cinza, se via o raio do Santo Styx, que brilhava no interior, por cima do altar. Visto desde fora, o raio parecia suspenso exatamente acima da cabeça de Ben, como se de uma aura se tratasse.

- Te conheço? – Lhe perguntou ao ver Jade.

Jade olhou ao seu redor e se pôs de cócoras frente ao ancião.

- Onde se meteu? – Lhe sussurrou.

- Visitando a força. – Disse Ben, rindo. – Tenho que praticar a dança dos mortos. Já faltam pouco, cem anos são mais que suficientes.

Jade tirou do bolso um pedaço de pão, que ele pegou para si e meteu na boca com ansiedade. Perto dali, se ouviu um chiado agudo de pássaro, parecido a uma arara ou uma cacatua.

- Diz a Tañía que amanhã desapareça das ruas. – Jade sussurrou a Ben. – Haverá outra caça, desta vez na parte leste da cidade e nas proximidades do porto. Pelo que consegui averiguar, estão planejando novas detenções.

- Não sei do que você está falando. – Murmurou Ben com a boca cheia. – Mas eu lembrarei. Talvez isso possa ser útil para esse homem.

Apontou então a um transportador que se apressava até a Casa de Dízimo, com um vulto na cabeça.

Jade assentiu e acrescentou o rosto daquele homem a sua galeria de aliados.

- Me levante! – Exclamou Ben lhe estendendo uma mão. Jade a segurou e ajudou, com cuidado, ao ancião a se por de pé. Quando ele conseguiu se apoiar em seus braços, a arrastou até uma porta lateral da igreja.

- Vem! Vamos visitar o Santo!

- Sabe perfeitamente que isso não é possível – Murmurou Jade. – Ainda que a porta não estivesse trancada, só as pessoas do palácio podem entrar na igreja.

- Aqui não há lordes. – Retrucou Ben, lacônico, empurrando a porta.

Estava aberta! Jade se deu conta então de que a fechadura havia sido forçada.

- Quem foi? O pessoal de Tañía?



Nesse momento se ouviram uns gritos perto dali, e dando continuação, quatro enormes papagaios alçaram voo por cima dos telhados de uma vila, e fugiram em direção ao rio. Um grito agudo rompeu o ar, e Jade então ouviu golpes contra uma porta, como se fosse ponta pés. Sem ter conseguido ainda se recuperar de seu assombro, Ben a fez passar pela porta que dava ao interior da igreja.

No exterior fazia um calor tremendo, mas ali dentro estava tão fresco que Jade sentiu, de imediato, que tinha a pele eriçada. O vidro esfumado fazia com que a rua e a praça, que ficava frente à igreja, refletissem fantasmagóricos em um cinza chumbo.

- O que acontece aqui Ben?

Na igreja ecoava inclusive a respiração.

- Senha? – Murmurou Ben enquanto espiava, preocupado, em direção à porta de uma das casas.

A princípio Jade teve vontade de repreendê-lo e dizer que poupasse suas loucuras, mas, ao ver como Ben entrecerrava os olhos e vasculhava a rua, pareceu-lhe estranhamente lúcido e sensato.

- Onze lordes. – Respondeu ela em voz baixa. – Por quê?

- Errado! – Exclamou Ben, e bateu levemente com uma unha na parede de vidro. – Dez lordes.

Nesse instante se abriu uma porta que conduzia ao pátio interior do palácio da cidade. Jade ouviu o chiado das dobradiças e o rugido da madeira de forma amortecida, mas, através do vidro, contemplou como dois touros negros com chifres dourados passavam a toda corrida junto à igreja. Inclusive o chão do prédio parecia vibrar ao passo de suas pesadas pisadas. Em um ato de reflexo, Jade jogou Ben no chão e empurrou para dentro da porta.

- Lorde Norem! – Sussurrou Ben enquanto esfregava, entre gemidos, o joelho que havia batido. – Dispõe dos animais mais perigosos e se gaba deles. Touros do estepe do leste, tigres dos desertos de gelo de Limara, ursos dos bosques boreais...

- Isso é obra de Tañía, certo? Você sabia que iam abrir uma casa de feras?

Estremeceu ao pensar, que se houvesse permanecido dez minutos mais na rua, haveria topado de frente com os touros. Outro pensamento lhe veio à cabeça: Martyn e os Feynal. Tomara que estivessem na água!

- Algo deve ter saído mal. – Observou Ben em tom seco. – Sua intenção era conduzir os animais em outra direção.

Jade negou e tentou espiar através dos vidros o que acontecia no exterior, entretanto, o barulho era tão intenso que, inclusive penetrava claramente dentro da igreja. Ouvia-se o

latido e as bufadas, e mais tarde, alguns disparos. Iniciou um tumulto. Os caçadores saíram às ruas.

Jade pediu enquanto puxava Ben pelo braço para que se agachasse, deu uma olhada rápida por cima do ombro em busca de um esconderijo. O eco surdo dos disparos retumbava nas finas paredes, e enchiam aquele espaço de teto elevado. Jade dirigiu um rápido olhar ao mosaico do Santo Styx, que se encontrava detrás do altar. Era a primeira vez que o podia ver sem o filtro de cristal e o incenso. O Santo, uma figura cadavérica que levava uma caveira íbis em uma mão e um lírio e ferro na outra, sondava-a ameaçador com seus olhos de mosaico prateado e seu olhar severo. Sem querer, Jade abaixou o olhar.

Havia chegado outra patrulha e a praça estava fervendo. Instintivamente, Jade se agachou ao ouvir o rugido de um tigre. Teve tempo de ver também como um chamativo casaco ornamentado aparecia por um lado e desaparecia entre a multidão.

- Moira! – Sussurrou enquanto pensava. – “Faun!”

Ben a olhou estupefato ao ver que Jade se levantava subitamente.

- Fique aqui! – Lhe ordenou ela.

Ainda que fosse uma autentica loucura, a idéia de que Faun pudesse sofrer a investida de um touro a fazia esquecer todos os seus temores.

- O que você vai fazer? – Lhe perguntou Ben, com os olhos arregalados.

- Me encarregar de que alguém fuja antes de morrer por culpa das besteiras de Tañía. – Retrucou Jade.

Aguardou até ter certeza de que não havia nenhum predador perto da porta, logo deslizou até a rua e começou a correr. O calor era como um muro ardente, e sua testa se cobriu imediatamente de suor. O estrépito lhe veio em cima, procedente de todos os lados. Ruídos de cascalhos, mais disparos, gritos de ordens. Ao que parece, os caçadores também localizavam animais nas ruas adjacentes. Não havia rastro de Faun em nenhum lugar, e Jade não viu nem sequer uma única gralha azul.

Em troca, viu a Moira, que, nesse instante, soltava seu cachorro e lhe dava uma ordem. Hoje a caçadora ia sozinha! Jade suspirou com alívio e se refugiou abaixo da varanda de uma escada de mármore. Assustou-se muito ao sentir que uma mão a agarrava pelo tornozelo e soltou um grito.

- Você tem tanto medo, princesinha? – Perguntou com sarcasmo uma voz que lhe resultava muito familiar.

Tañía saiu agilmente de debaixo da escada e sorriu. Jade ia dizer algo quando um ruído eriçou seus pelos: grunhidos de urso. Muito perto.

- É hora de partir. – Disse Tañía.

Evitaram todo encontro com os caçadores e os animais, e todo som de detonação. Jade estava totalmente sem fôlego quando, por fim, Tañía cruzou a toda pressa por um pátio traseiro e parou frente a uma entrada. Ao bater na porta, esta se abriu e Tañía entrou na escuridão.

Jade voltou a tomar ar e a seguiu.

- Primeiro piso a esquerda! – Lhe sussurrou uma voz masculina. – Pela segunda porta passará para a próxima casa.

Jade obedeceu com os joelhos trêmulos e se apressou a subir pela escada.

A sala era um lugar diminuto com duas portas, e não tinha mais que uma mesa e um banco, havia também uma garrafa de vinho e vários copos meio cheios, o qual indicava que outros aliados a usavam também como refugio. Tañía não foi até a segunda porta, mas sim se aproximou da janela e fez um sinal para que Jade se aproximasse.

- Você ficou louca? – Perguntou Jade, irritada. – Aí fora tem gente que não tem nada a ver com os caçadores. É que já não importam as vidas humanas?

- É um risco que tem que correr. – Retrucou Tañía. – Não se preocupe tanto pelos demais. Essas bestas provocaram um pouco de confusão e distraem os caçadores. Isso é tudo.

Não era agradável em absoluto pensar o que podia estar acontecendo nas ruas.

- Distraí-los do quê? Do lorde Norem?

- Aproxime-se, vamos! –Lhe disse Tañía, impaciente.

Jade se aproximou da rebelde e olhou também pela janela. Esta dava a um beco sem saída, onde se acumulava a imundice e cheirava a lixo decomposto. Por mais que mais a frente se erguesse uma casa recente com fachada magnífica, detrás dela, nos edifícios que margeavam aquele beco sem saída, o reboco se desmoronava.

Os restos de uma escultura de pedra situada debaixo da janela davam testemunho de que aquela casa também era do período dos reis, em seu tempo, a escultura havia representado um homem, mas dele agora só restavam umas pernas musculosas e parte do quadril.

Então, à esquerda, ressoaram as pisadas de umas botas. Os latidos de cachorro ficaram mais fortes. Jade e Tañía retrocederam ao ver passar pela rua alguns caçadores a toda velocidade. O cheiro do predador penetrou pela janela, e pareceu a Jade vislumbrar, entre o tumulto, o fulgor da pelagem branca de uma pantera das neves. Ao estalo de um disparo e o bufo da fera, seguiram os gritos de júbilo de uma dúzia de gargantas.

- Lorde Norem não teria imaginado jamais algo assim. – Disse Tañía sorrindo com sarcasmo. – Sua valiosa casa de feras convertida em presa dos caçadores e dos cães.

Jade era incapaz de rir de algo assim.

- Você o matou? – Perguntou em voz baixa.

Tañía adotou uma postura séria e negou com a cabeça.

- Ao lorde Norem? Não. Limitei-me a averiguar a que horas costumava ir ao palácio de inverno por um atalho, e o tampei com uma capa grossa. Com sorte, Ruk terá esperado ali enquanto os caçadores se entretinham contendo a todas as suas feras. Isso, desde que seus próprios animais não o tenham pegado antes. – Um sorriso sem graça fez que seu rosto adotasse uma expressão dura. – A final de contas, eles estão acostumados ao sabor do sangue humano.

- Quer dizer que...?

Tañía assentiu.

- Por acaso os gritos de ontem não se ouviram no Larimar? Por que acha que as forcas seguem vazias? Enfim, com o que temos averiguado, é seguro que continuarão assim. Para que deixar apodrecer no sol uma excelente carne humana quando é possível dar aos animais uma tarde divertida?

Até o momento, Jade apenas havia notado certo estremecimento incômodo no estômago, mas aquilo a fez se sentir muito mal. Tañía lhe deu uma batidinha no ombro.

- Vamos, princesinha. – Disse com tom conciliador. – Voltemos ao subsolo!

Essas palavras se perderam em uma gritaria, ao que seguiu uma salva de fuzis.

Jade estremeceu, ao invés de correr até a porta como Tañía, deu uma olhada cautelosa na rua. Eram os touros. Uma nuvem de poeira se levantou quando um dos animais escorregou e caiu no chão. A besta estremeceu como se tivesse um espasmo, e logo, ficou imóvel.

- Jade! – Tañía a impeliu desde a porta.

Um casaco revoltou entre o pó, os disparos retumbaram e um cão se apressou ao interior do beco sem saída. E logo, uma caçadora seguida por um segundo touro.

Moira.

Foi um desses instantes em que, em um único segundo, resume uma multidão de sensações e pensamentos. Jade observou que os chifres dourados do touro estavam manchados de vermelho, e que o colosso sangrava por várias feridas, o qual aumentava sua sede de vingança. Notou que Moira se dava conta que acabava de cair em uma

armadilha; como se virava, apontava e apertava, sem sucesso, o gatilho da arma. Viu como no rosto dela se assomava a certeza de que ia morrer. Em um beco sem saída, entre a imundice e os escombros; dizia uma voz dentro da cabeça de Jade. E, ao mesmo tempo, a voz gritava: “Os chifres vão alcançá-la”.

As taças e as garrafas se fizeram cacos quando Jade tirou a toalha da mesa. Não podia mais que confiar em que conseguisse sustentar o peso de Moira. O último que viu antes de passar as pernas por cima do parapeito e sair pela janela foi à expressão de assombro de Tañía.

O touro tinha encurralado Moira em um canto. A caçadora estava de pé, de costas para a parede, sem fôlego, e erguia a arma pelo cano para, pelo menos, brandir uma arma.

Ainda que sua expressão refletisse a concentração mais completa, estava muito pálida. Jade se aproximou ao ponto inclinado da estátua destruída, retorceu rapidamente a toalha para convertê-la em uma espécie de corda e a prendeu a uma saliência na pedra. Nesse instante, a besta atacou. Jade gritou e fechou os olhos, em puro reflexo. O fedor da pele banhada em suor penetrou em seu nariz. Ouviu um gemido, e um ruído surdo, como o de um corpo abatido, pensou. Obrigou-se a abrir os olhos de novo, primeiro viu um emaranhado de cascos e membros, e então, deu-se conta de que era testemunha de uma dança sinistra. Moira se safava do touro, agachava e logo saltava, dando uma patada no focinho transbordante de espuma, e voltava a ficar de pé. Deu com a culatra da arma no cangote do animal, e a caçadora se virou rapidamente, numa tentativa desesperada para se esquivar dos chifres.

O cachorro de Moira atacou as patas traseiras do touro, e lhe mordeu o tendão. O touro se virou, o sangue de um chifre saiu desprendido e pintou um desenho estranho na parede de uma casa que lembrava os garranchos de um louco.

- Moira! Aqui! – Gritou Jade.

A caçadora levantou a cabeça até ela. De novo Jade se surpreendeu com a rapidez com que a caçadora era capaz de compreender a situação. Sem piscar, Moira jogou a arma no chão, deu um salto até a corda improvisada, que lhe chegava à altura dos olhos, tomou impulso e se agarrou a ela. Jade fez um contrapeso, a tela resvalou e ficou travada definitivamente entre os cantos de pedra gastos. O touro ressoou, e seus chifres ressoaram no chão. Ouviu-se um uivo, e o touro pegou o cachorro pelas orelhas e o jogou contra a parede. O animal caiu com um gemido, e ficou imóvel com as costas quebradas.

Gotas de suor corriam pela testa de Moira enquanto subia. A manga esquerda estava feita em tiras, e Jade viu, estremecida, que tinha uma ferida aberta no braço. Apoiou-se todo o possível no pé esquerdo e entendeu a mão a Moira. O touro abaixou a cabeça e investiu para frente.

- As pernas! – uivou Jade justo no momento em que Moira fechava os dedos, como garras de ferro, em torno de seu pulso.



Jade esteve a ponto de perder o equilíbrio, mas conseguiu se recuperar a tempo, apertou os dentes e fez todo o contrapeso que foi possível. Haveria jurado que a parede do edifício vibrou quando o touro arremeteu ali, onde instantes atrás estavam às pernas de Moira. Um segundo mais tarde, a caçadora estava de cócoras na pedra saliente, inclinada junto a Jade. Por um instante, permaneceram olhando-se fixamente nos olhos, e Jade se sentiu, de repente, invadida por uma sensação de alívio e de alegria, tal que dirigiu um sorriso a caçadora. Moira respondeu ao sorriso durante um instante fugaz.

Logo ambas totalmente esgotadas e sem dizer nada, cravaram o olhar no beco. Jade notava todos os músculos do corpo agitados, e sentia a boca tão seca que tinha a língua aderida à boca como se fosse um pedaço de couro. Então foi quando se deu conta de que Moira poderia lhe perguntar como havia ido parar nessa casa. Os caçadores revistariam ao prédio e encontrariam pistas dos rebeldes. Então a levariam também a ilha da Prisão, a interrogariam e...

- Maldita seja! – Murmurou Moira. – Era meu melhor cachorro.

O sangue tingia o chão, e o cachorro olhava para o céu com a vista confusa.

Os músculos se estremeciam debaixo da pele brilhante e suada do touro. Sacudiu a pata dianteira e levantou o olhar até ela, pensou Jade, angustiada. Com só de pensar que esses chifres brilhantes levavam aderido o sangue dos presos, expulsos a um inferno diretamente desde o calabouço, teve de novo a sensação de náuseas.

Um estalo forte a sobressaltou, e então, o touro cravou os joelhos. O animal se balançava, mas, ao ser alcançado pelo segundo disparo, desabou entre gemidos. Bateu ainda três vezes com as patas traseiras, e logo, ficou quieto. Moira suspirou com alívio.

Na rua havia duas caçadoras, que baixaram as armas ao mesmo tempo.

- Está bem Moira?

- Sim! – Exclamou.

Só Jade se deu conta de que sua voz fraquejava ligeiramente. A caçadora fez pouco caso do braço ferido, ainda que se desfizesse, sem piscar, do pedaço de roupa, o rodeou com as pernas e desceu por ele. Chegou ao chão com um pulo, e depois de rodear o touro, aproximou-se de seu cachorro. Não olhou para trás em nenhum momento, e Jade não podia entendê-la. Nem obrigada, nem adeus! Nada!

“E se esse era seu modo de deixá-la escapar?” se perguntou Jade.

Jade se incorporou com as pernas trêmulas, agarrou-se ao marco da janela e voltou à sala vazia tão rápido como foi possível.

Passaram várias horas até que Jade se atreveu a sair de seu esconderijo. Igual a Taíña, passou também a segunda porta, e seguindo a rota traçada por sinais, passou a outra casa e uma carvoeira onde só as manchas escuras nas paredes e no chão recordavam seu uso

anterior. Com o cair da tarde, se pendurou pela janela de um sótão e comprovou que havia se afastado o suficiente da zona perto do palácio. Não se atrevia a voltar à igreja e buscar a Ben, então, dirigiu sigilosamente em direção ao rio dando a maior volta possível. A essa altura, Jakub já haveria de estar meio louco de preocupação por seu paradeiro.

Estremeceu ao pensar que, talvez, um tigre ou um urso pudessem ter se livrado das jaulas. Jade se deteve um instante e aguçou o ouvido, e então lhe pareceu ouvir outro passo que se detinha com certa vacilação. Era um passo mais rápido, mas, sem dúvida, não era nenhum animal. Jade notou que a testa estava coberta de suor.

Mostrou com dedos nervosos seu pedaço de espelho, e sem apenas se dar conta, acelerou o passo, em dado momento, ao dobrar por um beco e dar uma olhada por cima do ombro, teve total certeza de ver algo, um movimento inflexível com uma agilidade imprópria dos humanos, inclusive, talvez, uma silhueta.

“Fica quieta – se disse. – Chamaste e buscaste o Eco. Agora tem que lhe fazer frente”.

Mas as pernas e seu coração temeroso pareciam ter outra opção, e, inclusive o troço inútil de vidro recoberto.

“E se não fosse verdade”? – se perguntou então. – E se os Ecos não reconhecem o espelho?

Contudo, Jade se deteve e se virou lentamente. Avançou um pouco até a esquina da rua.

Precisou mais coragem para esquadrihar a rua do que ela havia empregado para abandonar a proteção da igreja de Cristal. No entanto, onde instantes atrás espreitava uma escuridão furiosa, agora só havia sombras ocas.

Jade suspirou e se virou de novo. O susto a fez retroceder um passo. Tañía estava prostrada na parede da casa com os braços cruzados.

- Também a caminho de casa? – Perguntou com um sorriso seco.

Jade desejou que a rebelde não se desse conta de que seu pulso, todavia, batia rapidamente.

- Sim. Então? – Retrucou o mais tranqüila possível.

Tañía deu de ombros.

- Ruk conseguiu.

Dez lorde. Jade fechou os olhos um momento. De novo teve a sensação de se encontrar em uma balsa que balançava e tinha de se segurar com força para não ser jogada nas profundezas. Quando voltou a abrir os olhos, Tañía continuava a olhando fixamente. Pela primeira vez, Jade teve que admitir que sentia o mesmo assomo de hostilidade que se refletia claramente na expressão de Tañía.



- Quê? – Perguntou Jade.

- Nada. – Respondeu Tañía. – Só me perguntava se você ainda sabe onde está à direita e a esquerda.

- Tudo depende de que lado se olha o rio. –Respondeu Jade. – Mas em ambos os lados vivem pessoas, não acha?

Tañía negou com a cabeça, e sorriu de forma compassiva.

- Ahhh, princesa Larimar, você é um caso perdido.

Deu a volta e desapareceu na escuridão.

Capítulo Treze – Príncipes e Néscios

Aquela noite os Ecos a visitaram. Ela sabia que estava sonhando, justo por debaixo da superfície do sonho, notou que tentava escapar, mas, na verdade, só contraiu um pouco o corpo, e o grito que acreditava ter profanado apenas foi um gemido enquanto dormia. Eram quatro. Iam envolvidos em farrapos. Retalhos de panos pegos ao azar, pedaços de lonas e redes, e debaixo, veludo roubado de um lorde. As figuras giravam ao seu redor, rodeando-a e deslizando em torno dela. Jade girava sem cessar sobre si mesma, com o fragmento de espelho na mão.

- “Estou com vocês – gritava uma e outra vez. – Estou do lado de vocês!”

Estavam tão perto que percebia inclusive o cheiro: um cheiro amargo e velho.

Recordava um pouco da pele úmida do touro. Quando as silhuetas se detiveram, e afastaram os retalhos de roupas e os farrapos que tampavam seus rostos, Jade se encontrou com quatro rostos demoníacos idênticos. Tinham a pele negra, e nas órbitas pálidas dos olhos, cegas em aparência, destilavam a perfídia vontade de matar. De um daqueles caninos afiados, gotejava espuma. O pânico a fez erguer o pedaço de espelho.

- “Estou com vocês!” – gritou.

Viu com surpresa que o pedaço em sua mão começava a se iluminar. Então, a mancha de luz em forma de diamante deslizou rapidamente por cima desses seres, enquanto Jade continuava girando. O desenho refletia queimando sua pele negra. Os rostos mudaram, voltaram-se tensos, começaram a brilhar e Jade se encontrou com quatro rostos brancos idênticos. Delicados, severos e belos. Uns olhos verdes a olhavam cintilantes. Jade não sabia se eram homens ou mulheres. Logo os quatro dobraram a cabeça para trás, abriram as bocas, tomaram ar e gritaram. Jade estremeceu com aquele tom agudo e rangente. Contraiu o rosto e se abaixou apertando os ouvidos com as mãos. O som lhe vibrava por todas as fibras do corpo, e a fez chorar.

Despertou, sobressaltada e banhada em suor, e se encontrou em sua cama, tremendo e totalmente alterada. Faun! Nunca antes havia desejado tanto poder se refugiar em seus braços. Apalpou o outro lado da cama, mas seus dedos só encontraram o lençol intacto. Secou as lágrimas na escuridão e assuou o nariz.

Pingos de chuva tamborilavam nas persianas das janelas.

Pelo cheiro de lama úmida, soube que a água havia penetrado através da janela sem vidro e que já empapava o tapete.

Incorporou-se abatida e esfregou os olhos. Logo tirou as pernas da cama e se pôs de pé.



Diante dela, a escuridão trocou de lugar. Ainda que fosse apenas uma dica, provocou-lhe um estremecimento que lhe recorreu todas as veias. Seu corpo reagiu de forma automática: retrocedeu, passou pela cama e se refugiou no lado oposto. Num instante, tinha uma faca na mão.

“Vamos, mostra o pedaço de espelho, não a faca! Não seja idiota!”

Aquele foi seu primeiro pensamento. O segundo foi se perguntar como isso havia conseguido penetrar no Larimar. Pensar que alguém a havia estado observando enquanto dormia lhe provocava medo, e irritação ao mesmo tempo. Então começou a distinguir melhor: uma figura alta junto a sua cama. Uma respiração. Logo um movimento até a porta. Não era o passo gracioso de um Eco, mas sim um andar felino que poderia ter reconhecido entre mil.

- Faun! – Conseguiu dizer com a voz afogada. Deixou de lado a faca e correu rodeando a cama. – Por que você não disse nada? Deu-me um susto e tanto!

Mas quando Jade estendeu os braços até Faun, ele retrocedeu. Sua roupa empapada pela chuva escapou entre seus dedos.

- Não me toque! – Lhe disse Faun em voz baixa.

- O que você tem?

- Nada. Eu... tenho que ir.

Falava com voz rouca, e carregada de rejeição. Aquele era o Faun que ela conhecia com a luz do dia.

- Aconteceu alguma coisa?

Ele se deteve tenso, como buscando uma oportunidade para fugir. Logo se afastou com brusquidão, e se dirigiu até a porta rapidamente. A surpresa abandonou a Jade e a raiva ocupou facilmente seu lugar.

- Ouça! – Resmungou ela se aproximando dele. Quando Faun tentou se esquivar de novo, fez um barulho.

- Jade, me deixe! – Murmurou apertando os dentes.

- De jeito nenhum. – Respondeu. – Por acaso você acha que pode partir sem dar explicações?

Ele estava frio e tremia. No momento em que Jade foi abrir a boca para dizer algo, ele a afastou com tanta força que foi parar contra a cama, e recebeu um golpe doloroso no queixo com o braço que a rejeitava.



No entanto, não estava disposta a permitir que ele escapasse. Lutaram alguns segundos sem dizer nada, logo Jade perdeu o equilíbrio e o arrastou consigo na queda. Ao momento, se encontrou deitada de costas, baqueando, com o pó do tapete em seu nariz e os braços firmemente agarrados a cintura de Faun. Notou o peso dele encima dela.

- Não vou permitir que você parta! – Sussurrou. – Não sem saber o que acontece. É algo com Tam?

“Ou talvez – pensou – é só que já não me quer e que pretende partir sem nada mais?”

Ao invés de responder, ele a segurou pelos braços. Só a surpresa conseguiu que ela o soltasse. Ao instante, notou dedos gélidos que a agarravam pelos punhos.

Ninguém nunca a havia tocado desse modo. Ainda que ele a segurava com força, parecia que queria manter distância. Próximos e, no entanto, a várias milhas de distância. Não lhe agradava a idéia de que ele visse seu rosto na escuridão, enquanto ela apenas conseguiria adivinhar o brilho de seus olhos.

Notou que ele tomava ar trabalhosamente. Sentia seu fôlego na clavícula. De repente, ele pousou os lábios em sua pele e ela se afastou.

- Me solte imediatamente! – Exclamou ela com tom ameaçador.

Ele lhe acariciava o pescoço com os lábios, passando-os por cima e por baixo do queixo. Jade apertou os punhos.

- Eu quero você. – Sussurrou ele.

Logo a beijou com o anseio de um sedento em uma fonte. Tinha os lábios frios pela chuva, e seu gesto era tão avassalador que ela retrocedeu estranhando essa avidez e veemência. Faun lhe apertava dolorosamente os dentes contra os lábios. Era a última gota! Jade se encheu e passou a se defender com todas as forças. Então os lábios dele se separaram dos seus, e ela conseguiu soltar os pulsos.

Jade levantou o braço e lhe deu uma bofetada. O golpe fez que ele fosse para o lado, o qual permitiu que ela ficasse livre e pudesse ficar de pé.

- O que significa tudo isso? Está louco?

Na palma da mão dolorida sentia as palpitações do coração. Isso e também uma umidade fina e deslizante. Está chorando, pensou, mas não se deixou enganar.

- Não. – Respondeu Faun em voz baixa ao ouvir o chiado de um fósforo. Jade prendeu o gancho da lâmpada de óleo e logo se virou. Abaixo da luz vacilante, viu que Faun pestanejava e se protegia com a mão daquela repentina luz.

Estava pálido e parecia totalmente esgotado. Tinha o cabelo molhado grudado na testa. Era evidente que havia estado na chuva. Seus olhos tinham um brilho febril, e na bochecha tinha um arranhão que tinha um aspecto ruim.

Com a bofetada, a ferida, que já havia começado a cicatrizar, havia voltado a sangrar.

- Sinto muito. – Disse ele envergonhado abaixando o braço. – Não queria... de repente pensei que não podia suportar te perder.

- E por isso me deu um susto e tanto e se lançou em mim?

Ele tinha os olhos apagados, e em seu pálido rosto, não pareciam mais que manchas escuras. Não respondeu. Jade estava imóvel junto à cama, agarrada as pilastras de madeira da mesma, debatendo-se em seu interior.

“Está ferido” dizia à Jade da noite. “Que saia daqui” insistia a Jade prudente que era durante o dia.

- Não volte a me agarrar assim, nunca mais. – Disse ela ao final, com voz firme. – É o melhor modo de me perder.

- Sinto muito. – Respondeu ele com tristeza. – Eu... não sei o que aconteceu.

- Quem te machucou?

- Ainda que você não acredite, foi uma pantera das neves. – Respondeu ele esfregando a bochecha com a manga úmida. – No coração da Cidade Morta.

- Sim, era um animal da casa de feras do lorde Norem. Claro que acredito em você.

Pela primeira vez, Jade odiou profundamente a Tañía. Faun levantou a cabeça.

- Sabe do assassinato do lorde Norem?

- Na cidade, algo assim se sabe rapidamente.

- Você saiu mesmo que eu tenha rogado que você ficasse longe das pessoas da Lady?

- Acho que você já me conhece. Ninguém pode me dizer aonde ir e onde ficar. – Respondeu Jade tranquilamente. – As noites pertencem a nós dois, mas, os dias continuam sendo meus. Cada um tem sua vida.

Ele sorriu com tristeza.

- Nossas noites. – Murmurou ele. – São mais valiosas que qualquer outra coisa.

Aquelas palavras provocaram nela algo que haveria preferido não sentir nesse instante: nostalgia e temor a perder também essas noites.

- O que estava fazendo na Cidade Morta?

- Fui encontrar alguém. – Disse ele, sem delongas.

Logo tocou a testa, como se a mera lembrança lhe provocasse dor de cabeça. De repente, pareceu a Jade que ele estava sem ar.

- O encontras-te? – Gaguejou. – Ao príncipe?

Faun abriu os olhos e contemplou pensativo, seu rosto.

“Ele sabe – pensou ela. – Sabe que estou do outro lado”.

Mas ele assentiu, com um gesto sem um pinga de orgulho. Jade teve que se sentar.

- Tem certeza? – Perguntou com a voz trêmula.

- Esse garoto parecia um Tandraj. – Lhe explicou Faun. – Em todo caso, um sentinela que havia lutado na Guerra de Inverno reconheceu seu parentesco com os reis irmãos. Um garoto. Parecia.

- Está... morto?

Desejou que sua voz não soasse tão fina e preocupada.

- Lady não faz prisioneiros. – Respondeu Faun, lacônico.

Foi como se precipitar ao vazio, contra um chão duro e sem opção para se livrar do impacto.

“Foi tudo em vão – se disse estremecida. – Os rebeldes não poderão vencer”.

- Sobreviveu a guerra porque alguém o tirou da cidade. – Continuou explicando Faun. – É possível que vivesse nos bosques. Não sabia de onde vinha, nem quem era. Nem sequer sabia falar. É possível que tenha regressado a sua cidade natal por azar.

- E como conseguiu se esconder durante tanto tempo dos espões de Tam?

- A sorte de um tolo. – Disse Faun. – Vagabundeava pela Cidade Morta. Seguramente descobriu essa habilidade meses atrás. Não sei se era consciente do que fazia. Chamava os Ecos. Possivelmente o pobre se assustou muito quando começaram a aparecer pela cidade. E quando, hoje, o encontramos...

O rosto dele escureceu.

“Talvez não fosse ele – se dizia Jade tentando se acalmar. – Não há tolo capaz de se ocultar durante tanto tempo”. Aquele pensamento a reconfortou.

- É por isso que você estava tão irritado? Por que teve que ver como o matavam?

- Era jovem. – Respondeu Faun em voz baixa. – No máximo tinha a sua idade.

- Como morreu?

- Rindo. – Respondeu Faun com um fio de voz. – De verdade, posso te assegurar que ria sem parar.

Jade se pôs de pé, com as pernas trêmulas e se aproximou dele. O abraçou, beijou suas pálpebras e sua testa. Faun não se moveu, e quando ela segurou seu rosto entre suas mãos, cuidadosamente para não tocar seu machucado, ele lhe devolveu o beijo com uma delicadeza que fez Jade fechar os olhos.

Logo ficaram sentados em silêncio, estritamente abraçados e escutando a chuva. Umas imagens surgiam na cabeça de Jade: os Ecos do sonho, a cara de Moira, Tañía e os demais rebeldes. E uma e outra vez esse tolo, e se era ele o príncipe de Inverno? O parentesco físico era suficiente como prova? Não, decidiu.

“Para mim isso não é suficiente! Ainda há esperança”.

Tinha que encontrar Ben amanhã mesmo!

- Tam logo terá cumprido seu trabalho. – Disse Faun depois de um tempo. – Depois de ter localizado os últimos Ecos, não haverá nenhum motivo para que permaneçamos na cidade.

Haviam rido juntos, haviam sonhado com viajar, e em troca, jamais haviam dito que aqueles encontros secretos eram um pacto que só conhecia o presente. No entanto, Jade então transpassou esse limite.

- O que significa isso? – Quis saber. – Continuarás com ele?

Era estranho falar do futuro, era como se acabasse de retirar um véu diante de um rosto e visse, pela primeira vez, a pessoa que se ocultava por trás.

- É possível.

- É possível? – Repetiu ela com irritação. – O que te retém junto a ele? Não serviu a ele por tempo suficiente?

- Não... não é tão simples, Jade.

- Nunca é. – Respondeu ela com sarcasmo. – Aonde diabos vou te encontrar se você me deixar?

Faun sorriu, e ao fim, ela voltou a ver o Faun que amava.

- Te encontrarei. Esteja onde estiver eu vou voltar. Não penso em te abandonar.

Era uma promessa. Ela se deu conta. Contudo, não conseguiu poder lhe devolver o sorriso.

- Não confia em mim? – Perguntou ele.

- Confiar não é mais que outro modo de dizer conhecer. Disse-me isso em uma ocasião, se lembra? Mas, às vezes, parece que não te conheço em absoluto, ou talvez, só um pouco.

- E eu? Por acaso eu te conheço melhor? – Perguntou Faun.

Ela, surpreendida, abaixou o olhar. Aquele era um bom momento para lhe contar a verdade, pensou, mas o momento passou sem que ela pudesse decidir fazê-lo.

Faun lhe sorriu e afastou uma mecha cacheada de seu rosto.

- Sei que não toleras ordem de ninguém, mas, talvez dessa vez você me faça um favor. Suplico-te: amanhã não vá a cidade. Lady pretende organizar outra caçada. E haverá detenções.

- Os rebeldes. – Disse ela mais para si que para Faun.

Ele assentiu.

- Lady Mar decidiu ter logo toda a cidade sob seu controle.

“Sua” cidade.

Jade apertou os lábios, mas não respondeu nada.

“Não tem que se preocupar – disse para se tranquilizar. – Não vai lhes ocorrer nada, nos próximos dias, vão se ocultar, porque não são tontos. Inclusive Tañia pensará muito antes de abandonar seu esconderijo”.

Como se naquela noite houvessem adentrado no mundo real, pela primeira vez se amaram de baixo da luz da lâmpada de óleo. Foi algo novo e inquietante. Diferente de Faun, que podia vê-la inclusive na escuridão, Jade o viu pela primeira vez por completo, e não de forma fugaz de baixo da luz amortecida do amanhecer. Recorreu, admirada, com o dedo a linha do arco em suas costas, e observou que o gesto provocava que os pêlos ali se eriçassem. Faun era um homem atraente: os músculos se desenhavam de baixo da pele, e quando Jade colocava a palma da mão sobre a dele, parecia realmente que neles confluiu o ouro e a prata. O único que lhe desagradava era a tatuagem que ele levava no peito, mas desta vez tampouco fechou os olhos para não vê-la. Não o tampou com a mão, mas



sim observou com a mesma atenção que o resto de seu corpo. Embebeu-se dos tons de sua pele, do leve sorriso que desenhava com os lábios e a expressão de seu olhar, que era mais cálido e brilhante quando ela o beijava e se aconchegava contra ele. Tampouco ele fechava os olhos quando o beijava, e Jade se perguntou se nas noites que haviam passado juntos ele a havia observado sempre com essa intensidade. Era excitante, mas estranho ao mesmo tempo, abraçar-se deste novo modo. Faun, temendo voltar a pressioná-la demais, acariciava-a com uma delicadeza e um cuidado especial, enquanto que, agora, era Jade que o beijava com tanta paixão que ele tinha de tomar ar.

Estavam mais próximos que nunca, e cada carícia parecia que iria queimar suas peles. Muito mais tarde, quando a luz se debilitou e começou a vacilar, Jade apertou a bochecha na cálida volta da clavícula dele e fechou os olhos.

Desta vez não a despertou um pesadelo, mas sim a certeza de que estava sozinha. O lugar de Faun ao seu lado estava vazio. A lâmpada havia se apagado, e Jade se sentiu feliz nessa penumbra. Era como se despertasse de um estado de embriaguez. Ao pensar em Faun, foi presa de uma sensação de perda. Logo tudo mais voltou a ela com todo seu peso. Sentou-se em um pulo na cama, e apoiou os cotovelos nos joelhos.

“E se morreu realmente? – se perguntava. – E se os rebeldes, ao não contar com a ajuda dos Ecos, encaminham-se até a perdição?”

Quando houve plantado mentalmente essa pergunta, precaveu-se de que ela também fazia parte deles. Como seria viver fingindo que não havia acontecido nada? Poderia suportar? Ou acaso, apesar de tudo, teria o valor para seguir lutando por sua liberdade?

Saiu da cama e confrontou a cadeira que segurava sua jaqueta. Ainda que não pudesse ver a fotografia de sua mãe na escuridão, consolou-se acariciando a superfície lisa de seu sorriso invisível.

- Que devo fazer? – Murmurou. – Amo o meu inimigo, e temo por meus aliados. E se o que Faun disse é verdade?

Ao perceber um ruído, apertou a foto contra o peito num ato protetor. Aguçou o ouvido com nervosismo. O ruído chegava apagado ao seu quarto, proveniente do corredor. E era tão incomum que, a princípio, não foi capaz de identificá-lo. Saiu na ponta dos pés do quarto, e percorreu o corredor em direção as escadas, então soube o que era: música! O som ressoava amortecido pela caixa do elevador. Era evidente que vinha de um andar abaixo.

Era uma melodia lenta e ritmada, mas se ocultava atrás de tantos ruídos de arranhões e objetos arrastados, que parecia que todos os espíritos do Larimar tentavam calá-la. A cada degrau que Jade descia, a música se tornava mais nítida. Ouvia violinos e o som suave de um piano, e logo, vislumbrou uma estreita franja de luz que subia pela fenda de uma porta encostada que dava ao corredor no primeiro piso.

As tábuas de madeira rugiam ritmicamente ao ritmo de uns passos lentos.

Jade entreabriu com um dedo a porta, e espiou através da fenda. No centro do chão tablado e manchado de um antigo salão, estavam de pé Jakub e Lilinn. Havia posto os móveis para o lado, e agora, dançavam abraçados seguindo a melodia de um antigo disco que girava cambaleante em um gramofone desconjuntado.

Jade apenas reconhecia seu pai. Não levava sua camisa de couro manchada, mas sim uma camisa de veludo azul acinzentado que só havia usado uma vez na vida. E... Lilinn! Jade abriu a boca com assombro.

A bela cozinheira havia soltado o cabelo, e não parecia que lhe preocupava o mínimo que, ao invés de lhe ocultar os seios, na verdade seu cabelo os ressaltava. No quadril levava atado um pedaço de seda vermelha que oscilava em torno das pernas com cada movimento.

Dançavam com tal devoção que Jade teve a impressão de ver algo proibido. A fotografia de sua mãe parecia arder em sua mão, e a havia apertado com ainda mais força, em uma tentativa por deter o passado que, nesse instante, escapava de forma definitiva e irrecuperável. Mil vezes havia imaginado, com temor, esse momento, ainda que também o houvesse desejado um pouco, e agora, quando se via forçada a se despedir da imagem de seus pais como casal, o único que sentia era um vazio melancólico. Sim, parecia uma traição, mas Jade tinha que admitir também que ela se sentia mais perto que nunca de seu pai. Os dois bailarinos já não tinham uma simples aventura, haviam deixado de ser seu pai e a cozinheira.

Eram simplesmente uns amantes.

Jostan Larimar e sua ninfa.

Capítulo Quatorze – Cinzas na Água

Tam e Faun partiram cedo. A cozinha estava às escuras, não só porque ainda era muito cedo, mas sim, sobretudo porque, na tarde anterior, Jakub havia coberto a janela com tábuas de madeira, a fim de evitar que nela se pregasse algum disparo perdido. A luz vacilava como se fosse só questão de tempo que o fornecimento voltasse a falhar. Na cozinha, Jade, nervosa, fazia girar a xícara de café nas mãos, procurando não se preocupar por Faun, pelos Feynal e pelos rebeldes. Naturalmente, não conseguia, e o fato de que Lilinn se dedicasse a cortar tranquilamente o peixe, e cantar enquanto na rua se ouviam os primeiros disparos não contribuía para seu humor. Lilinn naquele dia levava o cabelo coberto com um pano atado firmemente, e luzia em um vestido sem decote. Muito pouco dela evocava a ninfa que Jade havia visto dançar. Jakub estava sentado na mesa aparafusando uma dobradiça. De vez em quando, dirigia um olhar furtivo a Lilinn. Então seu rosto amolecia e se enchia de anseio, e um sorriso se desenhava em torno da comissura de seus lábios. E Jade sentiu inveja de Jakub e Lilinn por poderem estar juntos, sem mais, e abraçar-se sem dissimulação, sem a perspectiva de terem que se separar.

- Na rua o mundo se acaba e você cantando. – Recriminou a Lilinn.

- O mundo não se acaba. – retrucou Lilinn. – Vacila, treme, mas depois será mais estável.

Jade voltou o olhar até Jakub. Em outros tempos, lhe haveria bastado dirigir um olhar para saber se os dois opinavam o mesmo, agora, em troca, seu pai se limitou a se inclinar sobre a dobradiça.

- Espero que tudo isso acabe logo. – Se limitou a dizer ele. – E que possamos seguir vivendo como até agora.

Jade sentiu, de repente, um sabor amargo na boca.

- Como até agora? – Perguntou com desdém.

Nenhum dos dois reagiu. O vento provinha do leste e trazia ao Larimar gritos e disparos de tal intensidade que, Jade tinha de tapar os ouvidos.

- Soube algo mais do lorde? – Perguntou depois de um momento.

Jakub deixou de parafusar, e por fim, a olhou. Lilinn continuou cantarolando.

“O que acontece aqui?” se perguntou Jade, irritada.

- Quatro supostos rebeldes aprisionados. – Disse Jakub. – Três deles abatidos a tiros. O outro, ferido.

Jade estremeceu. Em seu interior viu uns rostos que surgiam, cintilavam, e finalmente, se apagavam como velas. O temor abriu espaço em seu interior.

“Quem foi aprisionado”? E se nos trai e dá nossos nomes?

Notou, de repente, uma dor surda na cabeça, e contraiu o rosto ao recordar o uivo agudo de seus sonhos.

- Quando um se opõe a Lady, já se sabe ao que se expõe. – Apontou Lilinn.

- O que você quer dizer com isso? – Quis saber Jade. – Está de acordo com a loucura que reina aí fora? Não se sente mal pelas pessoas? Sabia que os lordes utilizam prisioneiros como carniça para seus animais?

Lilinn contraiu a boca para desenhar um sorriso irônico e logo levantou as mãos.

- São lordes. Assim são as relações de poder nessa cidade, e temos que viver com elas. Sem dúvida, a morte na forca por assassinar um lorde resulta piedosa demais, e não basta como castigo.

- Parece que você muda de opinião com a mesma rapidez que de amante. – Disse Jade em tom mordaz. Pelo modo que Lilinn se virou e a olhou, com seus olhos azuis de ave, soube que havia posto o dedo na ferida.

- Há uma grande diferença entre o amor e a guerra. – Respondeu Lilinn com raiva, a duras penas, contida. – As promessas de amor e os corações partidos não matam a ninguém, mas na guerra uma simples palavra pode ser mortal. Assim que controle a sua língua.

- Você não é ninguém para me dizer quando calar. – Retrucou Jade, impávida. – E menos ainda no Larimar.

- Lilinn tem razão. – Interveio Jakub. – Não te ponha em perigo. Somos súditos da Lady Mar, e não lhe dê mais voltas. Enquanto nos mantivermos as margens de seus assuntos, não temos nada que temer.

Algo ali não ia bem. Algo ia mal, muito mal.

- Sabe perfeitamente que isso é uma mentira! – Exclamou Jade. – Que cena é essa? Por acaso a Corte os paga para que mordam o povo enquanto os enfeitam ante a Lady?

O Jakub que Jade conhecia deveria ter estalado de cólera, mas esse homem de barba feita não retrucou nada, e se limitou a trocar um olhar eloquente com Lilinn. Jade se deu conta de que havia se produzido uma troca decisiva.

- Enfim, parece que lhes agrada o sabor da mordança. – Disse com sarcasmo.

Deixou a xícara sobre a mesa com um golpe, e ficou de pé. Jakub a olhou constrangido, mas quando ela saiu da cozinha, não a deteve. E a cozinheira, que em outros tempos havia sido sua amiga, deu a volta e continuou cantarolando.

Os últimos disparos cessaram pela tarde, na mesma hora em que o hotel ficou totalmente sem eletricidade. O elevador ficou parado entre dois andares, e Jakub reclamou tendo que acionar a cabine manual, e com a manivela deixá-lo no primeiro andar.

Jade aproveitou a ocasião para sair à surdina de casa. Não quis deixar nenhuma mensagem na lousa, porque estava irritada demais com Jakub.

Sabia que ainda era muito perigoso se aproximar do ossuário e contatar a Ben, no entanto, não teve que ir muito longe para encontrar a Nell. A mulher se escondia em um sótão perto da ponte dos Grifos, e levou um susto quando Jade se aproximou dela, arrastando-se pela parede rachada.

- Já passou tudo? – Sussurrou depois de se recuperar do susto.

Jade negou com a cabeça.

- Estão na outra parte da cidade. Tañía esteve por aqui hoje?

Nell assentiu.

- Voltará, está fazendo uma ronda de reconhecimento. Supliquei-lhe que ficasse, mas... – Sacudiu a cabeça com um gesto de resignação.

Jade gemeu.

- Escuta, tenho notícias. – Murmurou. – É importante que consiga chegar a Tañía. E se vê a Ben, diga a ele também. Diga a todos, me promete?

Nell assentiu.

Jade tomou fôlego e começou a contar tudo. Nell empalideceu e abriu a boca com espanto. Sua gengiva rosada brilhava desnuda e vazia de baixo da luz crepuscular.

- Morreu? – Gaguejou. – O príncipe de inverno está morto?

- Isso, dizem os nórdicos, sim. De todos os modos, é preciso que não façamos nada até que tenhamos certeza de que é verdade. Melhor não arriscar, nem atacar. Conte aos demais, deverão se ocultar embaixo da terra até que tenhamos mais dados. Entendido?

Nell assentiu com veemência, porém não podia articular uma palavra. Jade lhe deu um tapinha nas costas.

- Não se desespere Nell. Ainda não está tudo perdido. – Dizendo isso, Jade se sentiu como um ator frente a um teatro sem público.

E deslizou sigilosamente de novo para o exterior. Antes de sair à rua, assegurou-se de que ninguém a observava e meteu outra mensagem debaixo de um tijolo solto no muro, onde Tañía ou outro rebelde poderiam encontrá-lo.

Uma fumaça negra cobria a cidade, ocultando o céu ensolarado. O ar cheirava a pólvora das explosões, e quando Jade dirigiu um olhar ao outro lado do rio, viu novas ruínas. As fachadas das casas situadas junto ao rio haviam sido destruídas. Uma parede havia caído ao rio, e no deck de contenção feito de escombros de mármore se formavam redemoinhos.

No momento em que, com o coração em um punho, se dispunha a afastar o olhar dessa visão, distinguiu distante nas águas uma forma conhecida. Eram os Feynall! Iam rio acima justo na direção da ponte dos Grifos. O coração de Jade começou a bater com força.

No entanto, andou para rua que margeava a beira e se dirigiu rapidamente até a ponte dos Grifos. Soube que havia cometido um erro quando ouviu um chiado as suas costas.

- Alto! – Lhe ordenou uma voz autoritária. Jade ficou paralisada. – Mãos para cima! Vire-se!

Ela obedeceu mesmo que seus joelhos ameaçassem falhar. Havia casualidades desafortunadas. E havia também catástrofes. Sem dúvida, o que estava acontecendo pertencia a essa última categoria. Encontrou-se frente ao caçador com a cicatriz na sobrancelha, o tipo que havia pousado a arma na têmpora de Jakub. Acompanhava-o uma caçadora que Jade nunca havia visto antes. Tentou respirar com tranquilidade, mas foi em vão, rapidamente começou a pensar em todas as possibilidades. O homem da cicatriz a reconheceria? Dispararia logo? Em todo caso, ao menos ela não teria nenhuma possibilidade de delatar os demais. Ou, talvez – e a mera idéia lhe cobriu a testa de suor – iria parar na casa de feras?

O homem da cicatriz abaixou a arma e a olhou com desdém.

- O que você faz aqui? – Grunhiu.

- Ia ver as pessoas do rio. – Conseguiu dizer com certa dificuldade.

O homem se virou e observou o rio. Entretanto, a embarcação se encontrava já ao alcance da voz. Jade viu a Arif, que se encontrava na frente, na proa.

- Bem, e você quem é? – Inquiriu a caçadora com voz cortante, e a arma, todavia pronta.

- Jade Livonius. Do hotel Larimar. Ajudo, às vezes, as pessoas do rio no barco. Conhecem-me.

- Livonius? – Disse a caçadora baixando, para surpresa de Jade, a arma.

- Agora eu sei de que me lembra esse teu rosto. – Disse o da cicatriz. – Você anda pela igreja, certo?

Jade prendeu o fôlego. A possibilidade de poder sair daquele atoleiro lhe parecia tão atroz e impossível que pensou estar sonhando. Quando o homem apoiou a arma junto à bota e apontou com o queixo para a ponte dos Grifos, deu-se conta de que a influência de Moira ia muito além do que ela poderia suspeitar.

- Vá! – Grunhiu o caçador. – Suma daqui.

Jade não se fez de rogada. Deu meia volta e se precipitou pela ponte dos Grifos. Quando, quase sem fôlego, alcançou o ponto mais elevado da mesma, percebeu que os caçadores continuavam observando-a.

Por sorte, Arif a havia visto, e nesse instante ela não se sentia em condições de dar um assobio. A embarcação deslizou em direção a ponte, com sua ponta de madeira em forma de V repartindo as ondas.

Jade aguardou que barco deslizasse por baixo da ponte, logo se pendurou na grade de pedra e pulou.

O impacto foi mais forte que o esperado, mas quando se viu, por fim, naquela ilha flutuante sentiu alívio. Estava a salvo!

- O que você faz aqui?

Arif estava de pé ante ela, com os braços cruzados.

- Uma patrulha. – Murmurou Jade. – Me detiveram. Disse-lhes que eu os ajudo de vez em quando.

Os caçadores iam se tornando cada vez menores, e a cidade também ia se afastando, enquanto a embarcação seguia a curva suave do rio. As demais pessoas do rio haviam se reunido em torno dela.

Martyn não estava, e Jade tampouco viu a Elanor.

- Martyn não está a bordo?

Arif virou o olhar.

- Martyn! – Gritou.

Jade sentiu a boca seca. O coração batia com força quando viu seu amigo se aproximar, vacilante. Tinha o rosto mais magro e sua expressão era mais sombria que nunca.



Pela primeira vez desde que conhecia os dois irmãos, deu-se conta o quão realmente eram parecidos.

- E Elanor? – Perguntou Jade.

Havia algo que não ia bem. Ninguém sorria ninguém havia feito nenhuma observação zombeteira. Depois de pronunciar o nome de Elanor, deu lugar a uma troca de olhares.

- Aconteceu algo?

Finalmente Nama, uma mulher de cabelo liso e preto, respondeu:

- O que quer que aconteça? Elanor segue na casa do prefeito.

- Ainda? – Inquiriu Jade. – Continuam interrogando-a?

Aquilo não soava nada bem.

- Só é uma consulta. – Lhe corrigiu Arif. – De fato, não somos suspeitos de nada. Seguramente ficará ali até que termine a caçada. Talvez seja melhor assim. As turbinas da parte do rio foram danificadas, temos que colocá-las em funcionamento. Com a mão ferida, Elanor não haveria sido de grande ajuda – o rosto se iluminou um pouco. – Realmente apareceu em um momento oportuno.

Jade olhou para trás, estava longe demais para voltar ao Larimar com segurança.

Talvez o melhor fosse passar o dia com os Feynal.

- Bem. O que tenho que fazer?

- Podemos dar conta perfeitamente sem ela. – Retrucou Martyn.

- Nesse barco, ainda sou eu quem diz quem pode ficar aqui. – retrucou Arif.

Martyn resmungou, mas ao sinal de seu irmão se aproximou de um amontoado de cordas e deu a Jade uns ganchos e correias.

- Em algum momento vai ter que falar comigo. – disse Jade.

- Pois você está muito enganada. – Respondeu Martyn. – Por mim já pode ajudar com o guincho. Logo já voltará para cama de Faun.

Jade se deu conta de que Martyn falava muito sério quando ancoraram na zona das turbinas. Além de lançar a âncora, amarraram também à embarcação na margem com cordas. O deslizador de ferro que, a modo do elevador, levaria aos mergulhadores ao fundo já se encontrava no convés. Jade e Martyn apertaram bem as correias, e comprovaram as cordas. Era um exercício de compenetração que haviam realizado centenas de vezes, mas

Martyn evitava seu olhar, e se limitava a responder com monossílabas quando não conseguia se entender com ela por meio das ferramentas.

Quando tudo esteve preparado, Jade se sentia completamente abatida e com os nervos acabados. Uma coisa era perder seu pai para uma mulher: com isso havia contado mais cedo ou mais tarde. De fato, se não houvesse se tratado precisamente de Lilinn, essa hipócrita de duas caras, inclusive haveria se alegrado.

No entanto, notar a rejeição de seu melhor amigo era algo muito diferente. E o pior é que nem sequer poderia recriminá-lo.

Havia entardecido. O sol, convertido em uma bola de fogo vermelha, havia mergulhado na água entre lampejos de rubi. Aquilo não tinha grande importância para eles; para eles era indiferente reparar turbinas de dia ou de noite.

Abaixou, entre as rochas, sempre era meia noite. Jade soltou a corda e a atou a um gancho que havia na borda. O deslizador de ferro, no que haviam carregado também pedras, foi jogado na água como uma polia. O barco se inclinou para um lado pelo peso.

Nama e outro homem rechonchudo chamado Cal, se penduraram na borda e sentaram costas contra costas sobre o dispositivo. Nama apertou bem seu cinturão com suas ferramentas, uma faca, uma cunha de madeira para as aspas da turbina e uns ganchos com que se segurar nas rochas. Cal comprovou seus arpões. Jade se lembrou então da moréia que Martyn havia pescado pouco tempo atrás e estremeceu. A mulher segurou com força a lâmpada do deslizador. Jade observou que os nós dos dedos de Nama se tornavam brancos pela força com que agarrava o aparato.

- Três minutos. – Ordenou.

Martyn deixou ouvir um apito e eles tomaram ar. O deslizador atravessou a superfície com uma guinada, e levado pelo peso, assobiou na água enquanto submergia e se convertia em um borrão engolido pela escuridão do rio. Jade conteve também a respiração.

As cordas chiaram ao passar pela fenda e os punhos se fecharam em torno da corda de segurança.

- Fundo. – Gritou Martyn.

As cordas se afrouxaram. Agora o único que se podia fazer era esperar. O relógio marcando seu compasso. Arif tinha as veias da testa inchadas.

Sustentava concentrado numa fina corda de seda para poder dar ordem de alçar se percebia o menor puxão.

Passou um minuto. Martyn mordida o lábio inferior nervoso e Jade afastou o olhar dele, ficando contemplando a água. Os reflexos se misturavam uns aos outros, encontravam-se e se separavam, criando figuras hipnóticas feitas de reflexo de luzes vermelhas e da penumbra

crepuscular. E, no centro, seu rosto preocupado refletido sobre a pele resplandecente do rio. Uns olhos que brilhavam uma boca que se abria, e uns braços... que lhe faziam sinais!

A princípio se assustou, mas logo teria gostado de dar gritos de alívio e alegria.

- Voltou! – Murmurou. Sentiu como se houvesse recuperado uma parte dela que havia sentido saudade durante muito tempo.

- Dois minutos e meio! – Gritou Martyn. – Tem que começar a subi-los!

A correia chiou, as cordas se enroscaram, e o deslizador apareceu com uma sugestão vaga, logo começou a adivinhar sua forma, e ao final, mostrou-se com toda nitidez. Os mergulhadores tomaram ar enquanto sustentavam triunfantes no alto umas cordas gastas. Jade não os olhou, estava mais preocupada que o movimento das águas e o óleo pudessem afastar o reflexo. Mas a garota seguia ali. Riu e lhe estendeu a mão, então ela e Jade se tocaram pela gema dos dedos, justo no limite da água e do ar.

- Não, Jade, não! – Ouviu que alguém lhe gritava.

As mãos se tocaram e a imagem sorriu. Que fria está! Pensou Jade com assombro.

Uns gélidos dedos lhe agarraram pelo pulso com tanta força que gritou de surpresa, antes de perder o equilíbrio e cair de cabeça no Wila. O espanto a paralisou, e sua roupa foi empapando, ainda que a água lhe queimasse os olhos, ela os manteve abertos enquanto procurava, com todas as forças, ir para cima. Então notou que apareciam mais mãos que a seguravam pelas mangas, e a envolviam em um redemoinho. Uns rostos borrados e transparentes se amontoaram ao seu redor. Apesar de que, então, Jade deveria ter estado totalmente assustada, curiosamente o único que sentia era assombro. Tentou reconhecer os rostos, umas bolhas de ar lhe coçavam a garganta. No momento em que um braço a pegou pela cintura e a segurou com força, começou a se defender e a agitar. Sua mão chocou contra uns óculos de mergulho e então se deu conta de que um dos mergulhadores a havia trazido de volta a superfície.

- Pare! – gritou Cal ao seu ouvido.

Ela abandonou de imediato toda resistência. Desta vez eram mãos reais que a seguravam. Notou as costas contra a madeira, e no fim, encontrou-se sentada e tossindo já coberta. Cal quis ajudá-la a ficar de pé, mas Martyn o pôs para o lado. Estava pálido, mas os olhos brilhavam de raiva.

- Você não é uma novata! – Lhe falou. – Sabe que não deve tocar a água. E que, justo aqui sobre os abismos, é especialmente perigoso. Está cheio de víboras, aqui inclusive as moréias sobem a superfície.

- Já sei! – Lhe retrucou, a gritos, Jade vomitando ainda mais água. – Mas não eram víboras, eram mãos!

Martyn sacudiu a cabeça.

- Só era a corrente. É uma zona de redemoinhos, quando são muito fortes, parece como se houvesse um milhão de mãos estendidas para você.

- Eram mãos! – Insistiu ela.

Mas os mergulhadores olharam entre si, perplexos.

Aquele entardecer de verão era quente e sem vento. Jade não entendia porque continuava se sentindo gelada. Havia voltado ao Larimar com o bote auxiliar, e o havia amarrado perto do hotel, no dia seguinte, pela manhã, o devolveria. Enquanto corria os últimos metros até chegar a sua casa, descalça e com o sapato que não havia caído na água em sua mão, seus dentes batiam. Levava a roupa aderida a pele e se sentia incomodada. As luzes do quarto andar voltavam a estar acesa, mas não se viam gralhas azuis em nenhum lado. Jade se apressou até a porta, então hesitou.

Não podia nem sequer se encontrar com Jakub. Não agora, tal como estava, gelada e calada até os ossos. E também poderia prescindir os comentários de Lilinn. Então, deslizou em torno da casa até uma tubulação que conduzia a caneleira do lado oeste do edifício. Meteu-se o sapato na cintura e subiu até a janela diminuta do primeiro andar.

Não foi difícil empurrar o vidro que estava solto, precisamente, para essas emergências, e abrir a janela.

Nessa ocasião, não se dirigiu ao quarto da cama de ébano, mais sim escapuliu até o banheiro de mármore. Enquanto percorria na ponta dos pés o tapete desgastado do corredor, ouviu abaixo um gemido que chegava amortecido pelas paredes e reforçado pela caixa do elevador.

Era Jay. Estava sozinho. O lamento se transformou em um grito remotamente semelhante a um grunhido, e se ouviram alguns golpes, como se a besta batesse contra as paredes. Jade começou a correr, e só voltou a respirar com alívio quando chegou ao seu quarto e pôde fechar a porta.

Ainda que o quarto estivesse às escuras, não acendeu nenhuma lâmpada e desabou sem mais no chão, abraçando as pernas com os braços. Depois de um tempinho, sua respiração se tranquilizou e pôde voltar a pensar com clareza. Esforçou-se em lembrar os rostos da água, mas a imagem era tão borrada que, em sua mente, só via clarões. E se estava errada? E se só haviam sido reflexos? Jade sacudiu a cabeça e tirou a jaqueta que levava aderida ao corpo, o ruim era que a fotografia havia molhado.

Jade apalpou o papel molhado, sentou-se e entrou no banheiro de mármore sem janela, apalpando as coisas. Desde um dia que havia queimado um cabo, aquele lugar conservava um intenso cheiro de fio elétrico queimado. Agora, na parede, ali onde deveria ter estado a lâmpada, só restavam dois cabos, assim Jade acendeu uma vela que se erguia sobre uma montanha derretida, que havia junto a um espelho gasto.

Logo tirou cuidadosamente a fotografia do bolso. Por sorte, todavia podia reconhecer! Colocou-a em uma prateleira junto à porta, e alisou-a para que pudesse secar.

Então voltou a olhar para a banheira. O frio continuava lhe gelando os ossos, como se o rio estivesse entrado dentro dela. Notava-se os lábios intumescidos, e quando olhou sua mão, chamou sua atenção, ao ver que as unhas dos dedos haviam adquirido um tom azulado.

O registro oxidado vertia uma água de cor avermelhada. Jade esteve a ponto de abandonar todas as esperanças, mas então a água limpa começou a cair na banheira enegrecida. O vapor começou a se elevar. Água quente! Enquanto vacilava, olhou como a banheira se enchia até a metade, teve que juntar coragem para se atrever a olhar a superfície.

“Deveria eu também jogar cinzas na água, igual à Lady faz com seu vinho? – se perguntou. – Assim o reflexo se tornaria turvo”.

No entanto, nessa ocasião só se viu refletida, com os lábios azulados e o cabelo molhado. Aliviada, entrou na banheira. O calor a envolveu como se fosse um casaco. Jade fechou os olhos e sentiu que a vida voltava a suas extremidades. O sangue começou a formigar na gema dos dedos e nos lábios, e ela submergiu e desfrutou daquele calor que levava embora o frio glacial que sentia na cabeça. Lilinn e Jakub, o príncipe de Inverno e os rebeldes... Durante um reconfortante momento, todos permaneceram infinitamente distantes. Ainda submergida na água, ouviu, de repente, uma batida de porta amortecida. Pensou que talvez Jay houvesse sentido que Faun voltava, e por isso, agitava-se tanto na jaula. Faun! De boa vontade teria saltado da banheira e corrido até ele.

Emergiu da água e secou os olhos.

Seu reflexo ante ela, também tirava a água do cabelo. Tudo, portanto, era como tinha de ser. Ou talvez não? Jade, irritada, franziu o cenho. Havia algo ali que não encaixava. Aquela imagem, de algum modo, parecia falsa.

No andar de baixo se ouviu outra batida de porta. Jay uivou e logo ficou mudo, de forma súbita. Então, frente a Jade a água começou a se mover, seu reflexo deslizou até a borda da banheira, alargou-se e... emergiu! Jade gritou e apertou as costas contra a borda da banheira. Cravou a vista, com horror, naquele elemento inapreensível: a água borbulhava ante ela, estendia-se e tomava forma. Uma figura emergiu da água: cabeça, ombros e uns braços e peito transparentes.

Frente a ela pareceu um ser difuso e fluído... que era seu vivo retrato.

A chama da vela vacilou exposta a essa criatura aquática. Tam gritou algo que ela não pode entender. O único que percebeu foi que era uma ordem. Seguiram umas pisadas pesadas e rápidas.



O reflexo se inclinou para frente e saiu de sua boca uma enxurrada de água. Jade notou que se eriçavam todos os pelos de seu corpo. Quando a garota foi dizer algo, produziu-se um borbulho. Em seu rosto se refletia o desespero.

- O que chama. – Murmurou de forma apenas compreensível.

De fato, não disse isso exatamente. Era impossível, porque a água brilhante escapava dos orifícios do nariz, tossia e cuspia. Jade ouvia suas palavras, de fato, as dicas das mesmas, como se reverberassem em sua cabeça.

- O príncipe? – O espanto apenas lhe permitia emitir mais que um sussurro rouco. – O príncipe de Inverno?

O reflexo assentiu.

- Disseram que está morto. – Sussurrou Jade. – O mataram na Cidade Morta.

Mas a garota negou com a cabeça.

- Vive! – Sua voz era um murmúrio e a água escapava de sua boca desfigurada a cada sílaba.

- Sem corpo...! Sem sangue...!

Voltou a calar.

- Você é um Eco, certo? – Murmurou Jade.

O rosto cristalino se desfigurou de novo, Jade se esqueceu de tudo que a rodeava, também seu espanto, e só desejou uma coisa: poder tocar aquela garota. Como se de um dique se tratasse, inundou-a, de repente, uma ternura selvagem por aquela criatura que tinha a sua frente, sentiu vontade de abraçá-la, consolar sua dor e niná-la como a uma criancinha.

- Eu sinto muito. – Murmurou, sem saber o que queria dizer com essas palavras.

Lá fora se ouviu uma colisão e um grito. Nesse mesmo instante, um objeto pesado deu contra a porta do banheiro. Jade deu um grito e se encolheu no canto mais afastado da banheira. Ouvia-se a voz de Tam... e alguns arranhões na porta. Jay. Nesses segundos de pânico, ela não podia pensar em outra coisa. A porta se abriu no mesmo instante em que a garota se refletiu dentro da água.

Instantes antes que a chuva de gotas apagasse a vela, Jade vislumbrou no espelho a imagem fugaz de uma fila de dentes brilhantes. Jay a atacava.

Sem saber como, Jade saiu da banheira e gaguejou. Um golpe a alcançou, ela gritou e caiu no chão. O banheiro era liso como o gelo, o ar frio penetrou em sua pele, e o ruído do espelho ao se tornar cacos entrou em seus ouvidos.

Sentiu que Jay avançava sobre ela. Notou outro golpe, e uma dor intensa percorreu seu braço. Então deixou de ser ela mesma. Jade se retirou a um canto de sua consciência, encolhida, gemendo de medo. E o que a partir de então aconteceu, foi puro desejo de sobrevivência, e uns reflexos mais rápidos que o pensamento. Jade deixou de pensar e começou a atuar como um animal lutando por sua vida. Gritou, chutou e bateu com algo que estava pavorosamente próximo. As costelas talvez? Um fôlego cálido lhe recorreu à garganta. Agachou-se, foi para um lado e ouviu como uns dentes rangiam no vazio... a mão doía, alcançou um entulho cortante. A água se derramou no instante em que os pés da banheira deslizaram com um chiado metálico por cima das lajotas. Tam gritou:

- Atrás!

Chiados e batidas. Jade se arrastou atrás da banheira, agarrando o objeto como um punhal na mão. Não soube quanto tempo permaneceu ali, encolhida, envolta pela escuridão, disposta a matar a qualquer um que se aproximasse. Logo vislumbrou uma luz fraca e oscilante, que se apagou de imediato, uns passos que se afastavam. Silêncio, disse-se Jade, atordoada. O objeto caiu de sua mão, e logo, só restou à escuridão.

- Jade! – A voz de Jakub ressoava trêmula e distante. – Jade, olha para mim!

Mãos ásperas lhe seguravam o rosto e ela abriu os olhos.

- Você foi ao rio. – Era a voz de Tam. – Tem a roupa molhada e leva algas penduradas.

- Diga a ele que saía. – Murmurou Jade.

Uma luz oscilante deixou ver a expressão de alívio de Jakub na escuridão.

- Louvado seja Styx e todos os espíritos do Wila! – Disse desde o mais profundo de sua alma. Logo tirou a jaqueta dos ombros, colocando-a sobre Jade e a pegou no colo.

Jade se agarrou a seu pescoço como se houvesse se afogado. Nesse instante voltou a ser a menininha que seu pai tirava do tonel de piche para levá-la da destruição a segurança.

Tam estava junto da porta, tinha uma expressão impassível.

- Fique longe do salão de banquetes. – Lhe disse. – Não sei se da próxima vez chegarei a tempo para salvar a sua vida.

Jakub tencionou seu abraço.

- Volte a aproximar essa besta dela e vais saber quem eu sou! – Ameaçou a Tam.

O nórdico sorriu com desdém.

- É melhor que não brinque com seu hotel. – Retrucou com esse tom de voz melódica e amigável e partiu.

Fazia muito tempo que Jade não estava no quarto de Jakub. Seu pai tinha o costume de mudar as coisas que o rodeava, como um imã que atraía uns objetos e repelia outros. Tinha as cadeiras e outros móveis amontoados em uma quina, como um rebanho embolado e vacilante. O tapete tinha rugas, como se para entrar na cama tivesse que atravessar uma serra. Apoiados na parede havia uns valiosos objetos que Jakub protegia como um tesouro: três vidraças artisticamente decoradas, que havia tirado para salvá-las dos disparos e das explosões, guardando-as em seu quarto. Jade se viu nelas: três mulheres jovens e pálidas, com olhares febris. Uns riscos espessos e úmidos lhe marcavam o rosto, afinando-o ainda mais. E observou três vezes seu pai limpando com um pano úmido o arranhão em forma de semicírculo que tinha no braço e que parecia um sorriso vermelho.

A mão ferida pelo objeto ardia debaixo do pano que Jakub havia colocado em forma de bandagem. O susto lhe impedia de notar a verdadeira dor.

- Só é um arranhão. – Disse ele. – Amanhã penso ir ver o prefeito da Lady, e me encarregarei de que Tam e sua besta não se aproximem de você de novo.

- Deixa isso. – Disse Jade com a voz fraca. Assombrosamente, Jakub se calou.

- É verdade o que suspeita Tam? – Perguntou ele, depois de um momento. – Esteve no rio?

Jade assentiu. E na continuação soltou toda a história: falou-lhe do reflexo que levava saudando-a desde que ela podia se lembrar. E das mãos da corrente e de seu vivo retrato.

- Durante muitos anos achei que era eu. – Disse ao final. – Mas não sou! É alguém diferente!

Seu pai ficou olhando-a com assombro, logo inclinou a cabeça rapidamente, passou a mão pelos olhos e contraiu a boca.

Ao se dar conta, aquilo a comoveu mais que tudo que havia vivido naquele dia. Jamais havia visto seu forte e enraivecido pai chorar. O pranto silencioso fazia sacudir seus largos ombros. As lágrimas lhe percorriam a barba feita, e deixavam manchas escuras em sua camisa de couro.

- Por Deus! – Murmurou com os dentes apertados. – Por que nunca me disse nada?

Para Jade pareceu que voltava a sentir o frio do Wila na pele.

- Você sabe quem é ela, Jakub?

- Só o seu reflexo. – Respondeu ele, nervoso. – Mas você tem razão. Você não é ela.

- É... um Eco?

Ele assentiu e passou a mão pelos olhos.

- Tem a capacidade de adotar um reflexo. – Explicou com a voz rouca. – Utilizam a magia das correntes profundas que há no fundo do rio. Por isso o Wila é tão perigoso. – Engoliu em seco com dificuldade. – Tam tem razão. Você a tocou, e logo, a água da corrente trouxe seu rastro ao Larimar. E a besta de Tam a farejou.

A voz de Jakub ressoava na mente dela como se viesse de muito longe.

Ela tentava compreender o que essas palavras significavam, mas então conseguiu cristalizar uma conclusão. Seu pai, em que ela confiava mais que ninguém, havia mentido durante anos.

- Durante todo esse tempo sempre soube coisas sobre os Ecos. – Disse em tom apagado.

Jakub limpou as lágrimas e abaixou o olhar, entristecido. Apertou os braços em torno dos ombros de sua filha, mas ao mesmo tempo mirava, com o cenho franzido, o espelho, como se quisesse ver algo que, para Jade, permanecia oculto.

- Dizia que não se lembrava de nada. – Disse Jade desfazendo-se de seu abraço com força. – Quando pequena, disse-me para jamais nadar no rio, e não tocar a água corrente, e você era, perfeitamente consciente de que os Ecos se encontravam entre nós.

- Quem dera tivesse podido esquecer! – Lamentou Jakub. – E acredite, eu tentei, mas voltam. Em meus pesadelos, a cada noite. São... espíritos. São agoureiros. Na Guerra de Inverno, Lady os expulsou do rio. Ainda que seus corpos morressem, ela não conseguiu matar seu espírito. Esperam que os chamem. Só alguns poucos são capazes de vê-lo, e Jade, eu não sou capaz, mas não sabia que você era.

Jade jamais havia se sentido tão enganada. Por fim tinha a explicação que ela esperara durante tanto tempo. Deveria ter se sentido aliviada, mas só notava um grande vazio e uma raiva que deixavam em segundo plano seu encontro com Jay.

- Por que chora? – Perguntou a Jakub.

- Por quê? Esse Eco esteve a ponto de te matar!

Jade se lembrou daquele rosto cristalino e negou com a cabeça.

- Não queria me matar. Tenho certeza disso.

Jakub a segurou pelos ombros, seus olhos eram dois sois acesos.

- Você tem que temê-los, Jade. – Insistiu com um tom suplicante. – Temê-los mais que a morte! São monstros. Eles mataram a sua mãe!

Começou de novo: o tremor. Seus dentes começaram a bater, e o nó que tinha na garganta parecia que era de gelo.

- A minha mãe?

Jakub assentiu.

- Não acredito! – Gritou ela. – Não acredito em nenhuma palavra!

- São animais de caça, Jade!

- Sempre me disse que morreu durante a Guerra de Inverno.

- Morreu pouco tempo depois. – Respondeu Jakub com a voz fraca. – Poucos meses antes da Lady conquistar a cidade.

Jade fechou os olhos, tudo começava a fazer sentido. A lembrança do cheiro de folharada do outono. O assalto ao palácio e a morte de sua mãe. Dois acontecimentos espaçados por meses. Jade tentou encontrar outras imagens, mas detrás de suas pálpebras fechadas não havia mais que o vazio.

Contudo, resultava-lhe impossível imaginar que sua mãe havia sido vítima dos Ecos. Parecia um erro.

Pela primeira vez na vida, contemplou a seu pai com os olhos de um desconhecido.

- Por que não posso acreditar em você? – Perguntou afastando-se dele até ficar sentada na borda da cama. – Lilinn me disse uma vez que só se apaixonava por mentirosos, e acontece que você parece ser o maior de todos eles.

A dor percorreu rapidamente a expressão de Jakub. Ela pareceu ver seu coração ferido, mas nessa ocasião, não estava disposta a permitir que a compaixão a cegasse.

- O que teria mudado se eu houvesse te contado coisas dos Ecos? – Retrucou ele com a voz dura. – A verdade que hoje conhecemos não é mais que um pano bonito que embaixo o que se escondem são fatos horríveis. Toda nossa história é um conto, Jade. Lady não teve que conquistar a cidade, lhe foi muito fácil porque na cidade já havia disputas. Os reis faziam guerra entre eles, os Ecos e os humanos eram inimigos. Temos que agradecer a Lady que todos os Ecos, até o último, esteja no fundo do rio.

- Um autêntico e leal laçaio da Lady! – Retrucou Jade com amargura. – Já não te conheço. Onde está o Jakub que preferia se meter com os caçadores antes de se submeter às ordens da Lady?

- Lady e os caçadores são duas coisas totalmente distintas.

- Sabe perfeitamente que isso não é assim!

- Em todo caso, estou vivo. – Disse ele, colérico. – E você sempre se aproveitou de que eu tenha meus contatos com a Corte. Poderíamos ter sucumbido Jade, como tantos outros,

mas isso eu nunca permiti. Pode ser que não vivamos muito bem nessa cidade, mas não estamos pior que outros. Sempre teve um teto sobre a cabeça. Deram-nos o hotel, e em sua vida não houve guerras.

- Mas houve medo. Lady é uma tirana!

- E o que? – Questionou Jakub com os olhos injetados pela raiva. – Acha que os reis das ilhas eram mais clementes que ela? Gostaria de saber se eles também eram uns assassinos? Pois sim, foram. Mudaram os rostos, mas não as situações. Os reis que a Lady venceu não eram mais que outros soberanos, nem melhores, nem piores. – Clareou a garganta e prosseguiu. – Às vezes, a única liberdade possível consiste em escolher entre dois tiranos. E eu fiz a minha escolha.

Por um instante Jade quis acreditar, pensou no Eco que havia visto na janela e quis se convencer de que os Ecos eram seus inimigos, e que uma jaula conhecida era muito melhor que uma liberdade por conhecer. Que fácil seria dobrar os joelhos ante a Lady e se esconder no Larimar. Mas então se lembrou do rosto desesperado da garota na água e soube, de repente, que havia se decidido definitivamente a favor do rio.

- Onde ficou aquele meu pai colérico e rebelde? – Perguntou ela. – O Jakub que conheci não haveria se prostrado voluntariamente, nem ante a Lady, nem tampouco ante Lilinn.

- As coisas mudam. – Murmurou Jakub. – Você também mudou, acredite em mim.

E quando ele afastou o olhar e voltou à vista para a janela, Jade o sentiu terrivelmente longe dela, e foi dolorosamente consciente de que, a partir de então, haveria seu mundo e o dele. Havia deixado de haver um lugar comum para eles.

- Fique com seus contos. – Disse com amargura, levantando-se da cama. – Converta-se em um súdito leal e covarde, e dance na água da sua amante, tão fiel a Lady. Você dança, beija e imagina que a Lady estima seus serviços. Guarde seus segredos para você, que eu posso indagar nos meus, inclusive sem você.

Jakub engoliu em seco com dificuldade e piscou orgulhoso demais para seguir vertendo lágrimas, e irritado demais para gritar com sua filha. E Jade o quis mais que nunca.

- Que narizes você olha nessa vidraça? – Questionou desesperada.

- A você e a mim. – Respondeu ele com a voz tremendo de raiva. – Você cresceu, e eu talvez nem me desse conta. É verdade: deveria ter te contado da minha relação com Lilinn, mas agora já é tarde demais. Não posso ordenar o que você deve acreditar, mas pense muito bem no que faz. Se é o que temos Jade, então estaremos em frentes diferentes.

- Acaso não faz tempo que estamos? – retrucou Jade.

Capítulo Quinze – A alma das chamas

A princípio, foi fácil estar irritada com Jakub, afinal de contas, Jade, todavia, não podia sentir toda a dimensão da perda. Por outro lado, a mão e o braço ferido lhe doíam tanto, que cada gesto a fazia praguejar. Havia aberto as persianas das janelas e buscado no rio de noite esse outro rosto. Mas a garota havia desaparecido e não havia deixado a Jade mais que seu próprio reflexo. Teria lhe agradado muito ir a Faun, mas não se atrevia a se aproximar do salão de banquetes no andar de baixo. Perguntou-se se ele estaria no hotel, e havia algo que lhe dizia que sim: Jay estava tranquilo, mas Jade teve a pele eriçada ao imaginá-lo espreitando em sua jaula, e farejando seu rastro no ar.

Pegou sua mochila de baixo da cama e começou a empacotar, ia partir em segredo de casa. Se Jakub se dava conta de suas intenções, faria todo o possível para detê-la, mas ela havia tomado uma decisão e quase a assustava o inevitável, e lógico, que lhe parecia aquele passo. Era como se em seu interior sempre soube que aquele dia ia chegar.

As feridas doíam e foi difícil arrumar a mochila, com sua mão ferida, seus objetos mais preciosos. Não precisava de muito espaço para suas coisas: alguns de seus tesouros, roupa, outro par de sapatos e uma faca. E, naturalmente, a fotografia que Jakub lhe havia trazido do banheiro.

Ainda estava úmida, e tinha as bordas levantadas. Jade se sentou na cama e abriu o diário manuseado, no terço final havia páginas em branco entre as quais colocou a fotografia. Respondendo a um impulso, folheou a primeira folha e leu as linhas escritas com uma caligrafia torcida:

*Dizes que não há nada pior que a morte, Lauren, mas não é certo.
O amor é o pior veneno que existe.*

Fechou rapidamente o livro e o colocou no mais fundo de sua mochila. Esperou um bom tempo por Faun, a luz de uma vela porque ela não suportava a escuridão. Nervosa, escutava todos os ruídos, oscilando entre o pavor e a esperança. Finalmente, não pôde suportá-lo mais e abriu a porta para ir até a escada. Um movimento escuro na parede a sobressaltou. Jay? Mas então a luz de uma vela, que penetrou no corredor, fez brilhar uma cabeleira loira. O alívio à fez fraquejar.

- Faun! Onde se meteu durante tanto tempo? – Lhe sussurrou.

Ele estava sentado com as costas apoiadas na parede, os cotovelos sobre os joelhos, e as mãos fundidas no cabelo. Então levantou de repente a cabeça. Tinha os olhos vermelhos, como se houvesse estado chorando. Jade se precipitou até ele, e se perdeu por completo em seu abraço. Ele a beijou na testa, no cabelo, e a ela não importou o mínimo à tremenda dor que sentia na ferida do braço quando ele a apertava contra si. Pela primeira vez, voltou a se sentir a salvo e segura.

- Jay tentou me matar. – Disse ela depois de entrar com Faun no quarto, e fechar a porta.

Ele se precipitou sobre ela e a abraçou. Acariciou-lhe o cabelo com o queixo.

- Foi culpa minha. Eu... não estava. Não estava ali para te proteger.

Aquela vacilação na voz era desconhecida. Involuntariamente, voltou a tremer.

- Volta a estar na jaula?

Ele assentiu. Jade esperou que dissesse algo mais, mas Faun só a abraçava e permanecia em silêncio. Ela fechou os olhos, não sabia se alguma vez poderia voltar a acreditar em Jakub, mas era mais fácil que nunca confiar em Faun.

- Os Ecos vêm do rio, sabia? – Perguntou.

Faun afrouxou seu abraço, e finalmente, a soltou vacilante.

- Sim, desde ontem. Tam o descobriu, por isso Lady pretendia alagar todos os canais da cidade e vigiar as margens.

- Pretendia?

- Quem os chamava desde as profundezas, está morto. Sem ele, eles estão em uma posição fraca. Tam diz que no rio não são mais que um eco do passado.

Até que mencionou o nome de Tam, Jade havia querido contar a Faun sobre as mãos e a garota, mas, nesse momento, lembrou que ele e ela lutavam em lados distintos.

- Perderam sua força e desapareceram nas profundezas.

Faun falava com uma voz curiosamente apagada, e quando ela levantou a cabeça, olhou-o e observou que seus olhos vacilavam naquela estranha cor entre o preto e o vermelho mel.

- Está partindo? – Perguntou ele olhando a mochila. Jade assentiu e deu um passo para trás. Para o que tinha que dizer, não só precisava ter toda sua coragem, mas também impor um pouco de distância.

- Não penso em ficar no Larimar. – Disse com voz decidida. – Não enquanto esteja Jay... ou Tam. Se for preciso, eu irei sozinha, mas... nessa viagem há lugar para dois.

As palavras, pesadas como o chumbo, ficaram suspensas no quarto. Faun mordeu os lábios e olhou a mochila.

- Sei onde podemos encontrar abrigo. – Acrescentou Jade. O coração batia tão rápido que lhe pareceu, inclusive, que ouvia como o sangue percorria as veias. E então Faun, seu Faun, aquele em que ela tanto confiava, deu-lhe uma resposta que fez que o chão sumisse debaixo de seus pés.

- É melhor que você vá. – Disse ele. – De fato eu vim para... despedir-me de você. Temos que por um fim nisso, Jade.

O corpo de Jade compreendeu o significado dessas palavras, porque a mão buscou apoio no marco da cama. Mas sua mente, em troca, negava-se a aceitar.

- Não... não entendo. – Murmurou. – Ontem me disse que voltaria, que me encontraria aonde fosse.

Ele não desviou o olhar, mas ergueu o queixo e tencionou os ombros.

- Ontem ainda acreditava que poderia te proteger.

- Mas eu não quero que ninguém me proteja! – Respondeu ela. – Só quero que me explique o que significa tudo isso.

- Eu estive dando voltas, Jade, e acho que nossa história... não tem futuro.

- História? Não somos mais que uma história?

Fazia pouco que lhe havia deixado de importar que sua voz ressoasse no corredor.

“Isso não está acontecendo comigo – se dizia atordoada. – Comigo, não. Não. Não é mais que um sonho”.

Faun engoliu em seco, mas a expressão severa em seus olhos lhe dava um aspecto distante e inacessível, igual a quando se conheceram.

- Não vamos mais poder nos ver. – Disse ele com uma frieza que, para ela, foi como um soco no estômago. – Tam e eu partiremos amanhã do Larimar. Até que o porto volte a estar aberto para os barcos mercantes, e possamos partir, residiremos em um dos palácios dos nobres.

- Então é por Tam, não? Acaso você é escravo dele? Ordenou-te que você se afaste de mim?

Os músculos do maxilar inferior de Faun se agitavam. Jade sentiu uma profunda e desesperada satisfação ao ver que havia posto o dedo na ferida.

- Não. – Respondeu ele. – É por Jay.

Jade abriu a boca com assombro.

- Esteve a ponto de me matar! – Gritou. – E para você dá no mesmo? Pode voltar a ele e fazer como se não houvesse acontecido nada? É um monstro!

- Não é! – Respondeu ele. Logo abaixou a cabeça e acrescentou em voz mais baixa: - É meu irmão, Jade.

Ela não pôde fazer outra coisa mais que começar a rir, mas Faun não reagiu e o riso dela retumbou no silêncio mortal do quarto.

- Deveria ter te dito antes. – Prosseguiu Faun, esfregando incomodado o sinal do fogo negro.

- O que significa isso? – Perguntou ela. – Jay é humano? Isso é impossível! Eu vi sua face. Atacou-me e tentou me morder.

Notou como a lembrança a embargava, e o sangue desapareceu de suas bochechas. Sentiu-se mareada, e Faun negou com a cabeça.

- Não, não é um ser humano. – Umedeceu nervoso o lábio, antes de continuar. – No meu clã existe um ritual. Quando um menino nasce, seus pais chamam com uma canção ao seu gêmeo do bosque. Pode passar vários dias até que, por fim, aparece um animal disposto a compartilhar sua alma com a do humano. Quando vem e o fogo se torna negro, o pacto se considera selado até que no céu noturno só se vê a alma azul das chamas. No meu caso, Jay foi quem invocou o fogo negro. Esteve ao meu lado quando eu crescia, cuidava de mim, deixava para mim uma parte de suas presas quando voltava da caçada.

Jade apenas podia suportar a doçura que se deixava ouvir na voz de Faun.

- E quando fiz seis anos, abandonei a minha família e o segui ao bosque. Era a época do sol escuro, ainda hoje sonho, às vezes, com isso.

- Os meninos têm de abandonar seus pais para viver com um animal?

Faun, ao que pareceu, não fez caso do desdém que se prendia ao tom de voz de Jade.

- Aprendemos um com o outro. – Explicou ele. – Aprendemos a sentir com o outro, a caçar. E nos mantemos unidos até que o gêmeo morre.

Jade teve que fechar os olhos. Em seu interior, seu pensamento se agitava em um redemoinho.

“Está louco! Ou, talvez, sou eu quem perdeu o juízo?”.

Incomodava-lhe muito se dar conta, pela primeira vez, do pouco que sabia, de verdade, sobre Faun. Por fim entendia seu repúdio, a desconfiança e sua irritação quando havia lhe perguntado se era humano. Como podia se sentir alguém preso a um animal?

- Como pode continuar sendo seu irmão depois do que me fez? – Perguntou ela, depois de um momento.

- Não pode evitá-lo. É como um sonâmbulo. – Respondeu Faun.

- Ainda por cima o desculpa?

- Quem é culpado? O que aperta o gatilho de uma arma ou a arma em si? Jay obedece às ordens de Tam, igual às gralhas azuis e as demais criaturas que ele tem cativas de sua voz. Tam o capturou depois de fazê-lo cair em uma armadilha no barranco. E quando Jay ouviu sua voz, deixou de se debater dentro da rede.

- Mas você resistiu.

- Sim. As cicatrizes nos punhos de Tam são minhas. – Explicou com secura. – Tentei soltar Jay, mas eu era fraco demais. Só tinha onze anos.

- E por que não fugiu, depois, com Jay?

- Porque não me seguiria. Por que acha que Tam fecha tão bem a jaula? Eu não posso abandoná-lo. Estamos unidos de forma indissolúvel. A você, em troca, iria te matar porque conhece seu cheiro. E por isso é melhor que o deixemos.

- Então me deixa por um animal. Por... o que é? Uma pantera das neves?

Faun cruzou os braços.

- Você já o viu.

Jade esteve a ponto de voltar a rir, por um instante relembrou as faces, o rosto demoníaco, a pele negra.

- A besta da janela não era um Eco.

- O único que queria era que você se mantivesse afastada de Tam. – Explicou-lhe Faun. – E dos Ecos. E quando a viu na janela me disse...

-... Que era mais fácil mentir para mim. – Disse ela rindo com amargura.

Faun levantou o olhar e lhe dirigiu um olhar grave.

- Poderia ter me amado se eu houvesse te falado dele? Ou talvez tivesse me olhado como agora? Isso é, como se eu também fosse... um animal.

Jade descobriu pela primeira vez, quão fina era a fronteira entre o amor e o ódio. E era mais fácil, muito mais fácil fazer mal a si mesmo que notar a dor.

- Animal ou escravo, qual é a diferença Faun? Você se atreve a nos recriminar porque, como você mesmo diz, somos escravos de uma tirana, enquanto você leva inclusive a marca de ferro de Tam no peito.

Faun apertou os punhos.

- Abandona a cidade enquanto há tempo. – Disse se esforçando para se conter. – Esta não é uma guerra sua, Jade.

- E tampouco é assunto seu aonde vou ou se fico. – Murmurou ela.

- Vai com ele, certo? Com esse amigo do bote?

Jade pegou a mochila e foi até a porta. Quando já tinha a maçaneta em mãos, se virou de novo para trás e dirigiu um olhar demolidor a Faun.

- Isso tampouco é assunto teu, no entanto, parece que Martyn é a única pessoa que não me engana.

Faun ficou paralisado. Ela observou com satisfação o muito que parecia afetá-lo essas palavras. Seus olhos de meia noite desprendiam um feixe perigoso, e a boca se tornou uma linha dura.

- Se eu fosse livre... – Disse ele com uma fraqueza absoluta que se cravou no peito de Jade, como uma faca envenenada. – Iria contigo aonde quisesse.

- Mas você não é. – Retrucou Jade, imperturbável. – Para você, uma besta é mais importante que eu. Afaste-se de mim, Faun. E não volte a se aproximar jamais.

Jade se virou e abriu a porta decidida.

“Você não é ele – pensou enquanto percorria, pela última vez, o corredor. – Eu amava o outro Faun”.

Seus passos ressoavam sinistros pela rua, Jade se alegrou de poder pisar os seixos da margem depois de poucos metros. O Wila parecia observá-la com milhares de olhos ao subir no bote, e se afastar com o remo. Não se atreveu a por o motor em marcha, então se deixou levar pela corrente rio abaixo durante um tempo. Quando esteve fora da vista do hotel, levou o bote a um lugar repleto de flores de lótus. O cheiro de canela e algas a envolveu. Ali a água estava tranquila, só um cisne negro que dormia na terraplenagem da margem, levantou a cabeça e olhou com irritação para aquela intrusa indesejada.

Jade jamais havia imaginado que um sentimento fosse capaz de lhe provocar tanta dor física, sentia um ardor insuportável no peito, e com ele, um vazio infinito e a sensação de não poder respirar por completo nunca mais.

Fechou os olhos, encolheu-se e apertou a testa contra os joelhos. Seus pensamentos se reviravam em sua cabeça. Imagens estranhas, fragmentos de sonhos, o riso de Faun, o

príncipe de Inverno, Jakub. E Jay. Uma e outra vez, os minutos no banheiro e a quebra do espelho. O espelho. Jade assuou o nariz e apalpou o pedaço de espelho. Tocá-lo a consolou e lhe deu certa segurança. Era estranho não sentir medo algum dos Ecos pela primeira vez há meses. Ao contrário, Jade olhava com anseio a água, mas a garota não estava ali.

Só vislumbrou o brilho pálido de algo que poderia ser outro rosto.

- Está aí? – Sussurrou tirando a mão. Uma víbora saltou da água e esteve a ponto de mordê-la. Jade se afastou rapidamente, e o bote balançou. Olhou com assombro o réptil que se afastava serpenteando pela água: era uma serpente branca cuja mancha negra Jade havia confundido debaixo d'água com uns olhos. Pegou o remo com mãos trêmulas e se afastou rapidamente daquele mar cheiroso a flores fechadas.

Depois de refletir um momento, decidiu afrontar o risco e por em marcha o pequeno motor. O tamborilado cindiu o silêncio da noite. Uns pássaros alçaram vôo, assustados desde o mato na margem, e na distância se ouviu o latido de um cachorro. Jade se agachou o máximo possível e dirigiu o bote rio acima. Quando passou ante o Larimar pela margem sul, procurou não olhar.

A luz penetrava pelas fendas das janelas do quarto andar e quando, a seu pesar, fixou-se mais observadamente, reconheceu com raiva súbita que algumas gralhas azuis a observavam, prostradas na janela redonda de seu quarto azul. Como se houvessem percebido seu aborrecimento, as aves saltaram do parapeito e se precipitaram para baixo. Jade temeu que a fossem atacar e segurou com força no remo, mas as espiãs de Tam se limitaram a sobrevoar a superfície da água, e revoar em torno do bote. Deste modo, seguiram Jade um bom trecho rio acima. E quando chegaram à ponte dos Grifos, deram a volta e partiram a toda pressa em direção ao hotel.

Os Feynal haviam se afastado um bom trecho da Ponte dos Grifos. Uma coroa de tochas iluminava a cobertura da embarcação. As pessoas do rio estavam sentadas em círculo. A brisa levou a Jade o cheiro de enguia assada.

Nesse dia, nenhum riso amorteceu o ruído de seu motor, inclusive desde onde se encontrava, Jade notou claramente que o esgotamento havia feito uma falha no grupo. Na cobertura, o deslizador estava pronto para a próxima imersão.

Quando Jade viu a Martyn, o coração acelerou. Antes inclusive de que ela tivesse chance de saudá-lo com o braço, ele direcionou a vista até o lugar que vinha o ruído do motor, e se pôs de pé com surpresa. As pessoas do rio ergueram o pescoço para ver o que acontecia, e Martyn se aproximou da borda a passos largos. Jade desligou o motor e remou os últimos metros até a embarcação, Martyn lhe jogou uma corda, ela a pegou e amarrou o bote na borda. No entanto, não desembarcou, e Martyn tampouco demonstrou intenção de descer ao bote para falar com ela. Ao contrário, ficou de pé frente o acesso da borda, como se quisesse lhe barrar a passagem.

- Por que devolve o bote no meio da noite? – Lhe gritou com irritação. – De noite as patrulhas disparam contra tudo o que se move.

- O que, Jade? Te agrada dar um mergulho a luz da lua? – apontou Cal com zombaria.

Mas Martyn o calou com um gesto de indignação.

- Sei que você está irritado comigo. – Conseguiu dizer Jade, sem fôlego. – Mas eu tenho que falar com você...

- Falar? – Perguntou Martyn cruzando os braços. – Por que não? Vamos, diga o que tem que dizer!

- Não podemos conversar a sós?

- Eu não tenho nada a ocultar dos demais. Você tem?

Jade suspirou, esse era Martyn!

- Como quiser. – Murmurou. – Mas não se trata de nós. Trata-se do rio e dos Ecos.

Percorreu com o olhar os rostos das pessoas do rio, que haviam se aproximado da borda e abaixavam o olhar em direção ao bote. Jade se surpreendeu.

- Elanor ainda não voltou?

Arif negou com a cabeça sem dizer nada, parecia muito preocupado; Jade se deu conta disso, inclusive debaixo da luz das tochas.

- Por que não?

- Continua esperando na casa do prefeito. – Respondeu Arif enquanto voltava ao fogo.

- Isso não é problema seu. – Disse Martyn a Jade.

- O que não é meu problema? – Retrucou Jade. – Olha independente do que tenhamos você e eu, Elanor importa para mim. Também você e eu fomos amigos durante muito tempo, por acaso já se esqueceu?

- Para mim parece que foi você quem esqueceu. – Retrucou Martyn com tom gélido.

Jade podia suportar bem a dor e as lágrimas de Jakub, mas estar em pé em um bote instável em ato suplicante era demais para ela.

- Eu nunca te prometi nada Martyn! Nós tentamos e logo nos separamos. Então deixa de se fazer de vítima.

- Você me deixou! – A recriminou. – E, ainda hoje não entendo por que. O mais certo é que eu era muito fácil de ter.

Cal deixou ouvir um assobio.

- Vamos, o ambiente está muito carregado. – Disse fazendo um gesto aos demais.

Por fim, o grupo se afastou da borda. As pessoas do rio voltaram a seus pratos, mas Jade era consciente de que, sem dúvidas, escutariam com atenção todas e cada uma de suas palavras. Contudo, baixou um pouco o tom de voz quando voltou a falar.

- Talvez fosse por isso. – Admitiu. – Não sei. Talvez nos conhecêssemos há tempo demais.

- Talvez... isso é tudo o que você sabe me dizer sobre isso?

- O que você quer que eu diga? – Inquiriu ela. – Que às vezes tinha a impressão de estar beijando o meu irmão? Que era bonito dormir contigo, mas o desejo jamais me perseguiu em sonhos? Que nunca tive a sensação de arder de febre quando voltávamos a nos ver? Martyn, eu te amava, mas desse outro modo, e lamento muito ter te machucado. E assim é como hoje continuo querendo você, e é algo que não penso em deixar de fazer, você me perdendo ou não.

Martyn tomou fôlego e Jade mordeu o lábio inferior, havia acreditado que era impossível poder se sentir pior, mas então se deu conta de que havia se equivocado.

- Caramba! – Disse ele com voz rouca, logo pigarreou.

Ela apenas podia entrever sua silhueta, porque ele estava exatamente diante de uma tocha. Jade inclinou a cabeça, suas bochechas ardiam.

“Bravo Jade – pensou – e você é a que lamenta porque os outros te machucam”.

Martyn, no entanto, não parecia triste, limitou-se a sacudir a cabeça e praguejou com toda a alma.

- Maldita seja! Teria sido mais fácil, se pelo menos uma vez, você houvesse me dito tão claramente como agora. – Disse com uma raiva, a duras penas, contida.

- Está bem. – Murmurou Jade. – É evidente que hoje não é o meu dia. Será melhor que desembarque e vá embora. Se for bom para você, amarrarei o bote nessa margem, assim amanhã você poderá pegá-lo.

Quando se dispunha a soltar a corda, Martyn a deteve com um assobio. Aproximou-se da borda, saltou sem mais por cima, e com segurança, se balançou, foi parar frente a ela no bote que balançava. Sua pele não cheirava a inverno nem a musgo, mas a brisa e sol. Pela primeira vez, pareceu a Jade tão desconhecido que se sentiu totalmente desconcertada. Martyn a observou um bom tempo, enquanto ela se perguntava onde havia ido parar aquele garoto que ela acreditava conhecer também. De todos os modos, pensou, a Jade de até então também havia desaparecido.

“Um homem com olhos de meia noite a arrebatou”.

- Está chorando. – Constatou Martyn.

Como sempre, bastou-lhe uma só palavra para vencê-la. A raiva que Jade sentia contra si mesma deixou espaço para uma, repentina, sensação de vazio, e de repente, sentiu-se terrivelmente cansada.

“A quem pretendo enganar?” pensou então, abatida.

- Terminamos. – Disse ela em voz baixa. – Eu o beijei, sim... e muitas coisas mais. Eu quis. Mas terminamos.

A dor veio em cima, deixando-lhe o sabor amargo da derrota, ao mesmo tempo em que notava na garganta uma pedra quente, que apenas lhe permitia respirar.

Martyn suspirou.

- Bom. – Disse em tom seco – Assim pelo menos você sabe o que se sente.

Capítulo Dezesseis – Os reis da cidade

O esgotamento se converteu, pouco depois, em uma onda de estremecimentos frios, que a arrastaram por um vale de sonhos perturbadores. Assomavam trechos de conversas, e Martyn, que sacudia incrédulo a cabeça enquanto ela lhe falava dos Ecos. *“Por que só você a vê no rio?”* Aquela perguntou retumbava em sua cabeça. *“De verdade a garota falou com você?”* Jade temia ter lhe falado também dos rebeldes, e se assustou muito de seu estado de semi consciência. Quando se deu conta de que estava deitada na rede de Elanor, rodeada do chapinhar familiar e agradável da água rompendo com golpes surdos contra a parede do barco, mergulhou em um sonho que muito parecia um desvanecimento. Despertar não era bom, porque então aparecia imediatamente o rosto de Faun ante ela, e toda a dor regressava com tal ímpeto que os dentes batiam de frio.

- Bom, parece que o amor te deixou doente. – Ouviu Nama dizer, em algum momento, quando sentia uma mão fria como o rio em sua testa.

Jade piscou, a garganta ardia pela sede, e naturalmente, a realidade a alcançou plenamente, como se alguém houvesse lhe lançado um balde de água suja na cara. Ao despertar com cuidado, gemeu sem querer. Não parecia ter nenhum osso em seu lugar, e os músculos doíam ao mínimo gesto.

- Hematomas e inflamações, não? – Comentou então Nama com tom compassivo. – Move-se como se houvesse torcido todos os músculos do corpo. A verdade é que parece como se alguém houvesse te derrubado escada abaixo.

- Foi algo parecido. – Respondeu Jade, abatida, pegando o copo volumoso e cheio de água que a mulher mergulhadora lhe oferecia. Então se deu conta de que a luz do dia penetrava pela escotilha, e que as outras redes estavam vazias.

- É muito tarde? – Murmurou.

Sua cabeça parecia estar repleta de lascas ardentes. Apertou com força as palmas das mãos contra a superfície perto dos olhos, até que, pelo menos a dor de cabeça se acalmou. No entanto, a ferida em sua mão começou a incomodar.

Nama passou os dedos por seu cabelo liso e úmido.

- Tarde? Daqui a duas horas o sol vai se por. Você passou o dia dormindo.

Todo o dia? Jade se levantou e tirou as pernas da rede.

- Elanor voltou?

A mulher negou com a cabeça com preocupação.

- Essa manhã, Arif foi à casa do prefeito. Dali o enviaram a Casa do Dízimo. Os chamados a consulta foram acomodados no armazém da Casa do Dízimo, mas seguramente amanhã Elanor vai estar de volta.

Ainda que quando ouviu aquilo, Jade teve um mau pressentimento, não disse nada.

- E agora o quê? – Perguntou Nama com um tom mais animado. – Vai continuar aqui lambendo as feridas, ou prefere nos fazer companhia lá em cima? Martyn e Arif te esperam.

Era evidente que Martyn não havia dormido melhor que ela, Jade quase contava que ao vê-la se afastaria, mas ele conseguiu, inclusive, lhe dedicar um sorriso fugaz.

- Dormiu bem, Jade? – Perguntou.

Antes a haveria chamado, mas, desde o dia anterior Jade sabia que há caminhos sem volta atrás, e o caminho que tinha diante ia ser incômodo e cheio de baques. De todos os modos, Martyn, apesar de seu orgulho ferido, parecia decidido a querer avançar junto a ela. Depois dos dois últimos dias, aquele era um presente inesperado e infinitamente valioso.

O fato de que na embarcação não houvesse privacidade alguma, tinha seus inconvenientes. No entanto, em dias como aquele isso tinha suas vantagens.

Como todo mundo sabia o que havia entre Jade e Martyn, não tinha que fingir. Não houve comentários, nem olhares eloqüentes, ninguém criticava Jade, e tampouco ninguém tomava partido por Martyn. Arif se limitou a indicar a Jade suas tarefas, e logo todos puseram mãos à obra, como se não houvesse acontecido nada.

Sentia um pouco como se houvesse voltado ao seu lar, Jade se deu conta de que a penosa lembrança de Faun se fazia mais suportável se se concentrasse, com todo empenho, em pensar na seguinte ação. Não deixava de observar, com dissimulação, as águas, tentando descobrir nela os rostos dos Ecos que a habitavam. Nesse dia sentiu com mais intensidade que nunca o vínculo que tinha com a garota.

Já quando seu reflexo a saudou com a cabeça, por um instante, sentiu-se mais aliviada. Por mais que o trabalho em comum com Martyn descansasse na confiança e compenetração. Jade não sabia muito bem até onde poderia chegar a lhe contar.

Em uma ocasião em que ele fez uma de suas observações irônicas, e ela havia ficado cismada com o cenho franzido sobre se deveria responder ou não, Cal e Nama começaram a sorrir com ironia.

- Não pense tanto, Jade. – Nama lhe gritou. – Se estivesse na água, há tempo uma enguia teria te mordido.

Arif, incapaz de deixar de lado sua preocupação por Elanor, foi o único que não riu, e dirigiu um olhar de preocupação aos caçadores que observavam a embarcação desde a margem.



A corrente se tornou mais intensa, e ao final, impediu os mergulhadores de alcançarem o fundo. Apesar de seu peso, o deslizador foi arrastado e as cordas, que mantinham a embarcação em seu lugar, tensionaram-se até o ponto de que a embarcação gemeu.

Finalmente, Arif, inquieto, deu por ordem o fim nas imersões. O ambiente era sombrio, e nessa noite, nem sequer Cal tinha vontade de zombar. Esgotada, jogou-se na rede e dormiu logo. Jade teria gostado que Martyn se sentasse ao seu lado, mas ele fez um breve gesto de que não o esperasse, e partiu ao armazém.

Enquanto os demais se dispunham a lixar peças de reposição e engraxar, Jade se sentou debaixo de um farol e contemplou a água. Os reflexos eram escuros, e ela apenas, conseguia distinguir sua silhueta, assim fechou os olhos e tentou perceber o rastro dos Ecos. Invocou então os rostos que havia visto em sonhos, com um gemido, procurou o fragmento do espelho. Pareceu-lhe ter visto em outro lugar, um desenho da fina fenda da superfície, muito semelhante a uma teia de aranha. Sumida em suas convicções, pendurou a luz do farol com o fragmento, e observou o brilho na palma de sua mão.

A madeira rugiu quando alguém se aproximava, Jade escondeu imediatamente o fragmento em sua mão. A princípio, desejou que Martyn houvesse pensado melhor e fosse lhe fazer companhia, mas, para sua surpresa, era Arif.

- Continua buscando os Ecos, Jade? – Lhe perguntou sentando ao seu lado. – Martyn me contou que você os encontrou.

Jade, sem querer, ficou em guarda. Naturalmente, os dois irmãos falavam de tudo, por que então era tão incômodo que Martyn houvesse reservado para ele essa parte da conversa?

“Acaso – se perguntou – me acostumei tanto a guardar segredos que me parece estranho ter confiança?”

- Sim, às vezes penso vê-los. – Respondeu ela. – Olha, ali!

Apontou um reflexo situado junto à corda da âncora. Não eram aquilo uns rastros borrados e mãos de cristal, umas figuras que vagam como afogados, debaixo da superfície da água?

- E por que nós não os vemos? – Arif falava em voz tão baixa que era apenas um murmúrio. – Nem sequer os mergulhadores viram algo assim, alguma vez, na água. Eu lhes perguntei, e me disseram que só é a corrente que puxam eles.

Jade olhou a margem, mas ali não havia caçadores. Ainda assim, ela baixou o tom de voz.

- Não sei. Parece como se entre eu e os Ecos houvesse uma espécie de vínculo. Do contrário, a garota não poderia ter falado comigo.

Arif a olhou de soslaio, debaixo na penumbra da luz, seu rosto parecia mais sombrio que nunca. Nesse instante, para Jade a ideia de formar parte do grupo das pessoas que se dedicavam a estragar as turbinas a entristeceu.

- Conseguiu pelo menos falar com Elanor hoje?

Arif jamais demonstrava seus sentimentos, mas Jade observou que tinha os ombros fundidos, como se eminentemente ele se dobrasse de dor.

- Não deixam ninguém entrar.

- Jakub poderia ser de ajuda, ele tem bons contatos no escritório do prefeito.

Arif pigarreou.

- Eu já lhe pedi. Ao voltar da Casa do Dízimo, passei pelo Larimar. Hoje, Jakub não podia fazer nada, mas me prometeu que amanhã, pela manhã, irá à casa do prefeito. Talvez ele consiga fazer algo.

Não soava muito esperançoso. Jade apertou com força os dedos em torno do espelho.

- Como vai tudo pelo Larimar? Jakub... está bem?

- O que você acha? – Perguntou Arif. – Quando viu que você havia partido do hotel, ficou furioso. Esteve te buscando por toda a cidade. Quando lhe disse que você estava conosco, ele se tranquilizou um pouco, mas continua muito irritado.

- E... os nórdicos?

Arif encolheu os ombros.

- Não estão. – Disse laconicamente, enquanto cravava o olhar na água.

Jade imaginou entristecida, que seu pai haveria descoberto o estado lamentável do quarto andar. Sentiu-se inundada por um grande ódio contra Tam, e isso a ajudou a afastar da mente da imagem de Faun. Aquilo era o pior, mentalmente, podia abandonar a Faun tanto quanto quisesse, mas seus sentimentos por ele não podiam se aquietar com tanta facilidade, nem podia reprimi-los, como se fossem uma hemorragia na mão. Ainda que se odiasse por essa fraqueza, Jade não podia impedir sentir saudade de sua aproximação e de seu riso. Durante um momento, permaneceram perdidos em um silêncio incômodo, cada um fundido em sua própria dor. Jade pensou se devia fazer a Arif a pergunta que impedia que as pessoas do barco pudessem dormir bem, disse unindo forças.

- Arif, pensou alguma vez que a Lady poderia lhes retirar seu favor?

Ele nem sequer afastou os olhos da água, só estremeceu um pouco os músculos de seu queixo. Jade se deu conta de como era difícil para esse homem introvertido e orgulhoso lhe dar uma resposta.

- A verdade é que não deixo de dar a volta nisso dia e noite. – Disse em voz baixa. – Mas isso seria mais que uma simples traição, estamos seguindo a Lady durante gerações, de cidade em cidade. Em todos os reinos que conquistou, ela nos confiou o rio. Nossos pais morreram por ela durante a Guerra de Inverno.

- Eu sei. – Disse Jade. – Martyn, às vezes, me fala deles.

- Apesar de que lhes custou à vida, eles cumpriram com seu prometido. – Prosseguiu Arif sem o menor assomo de orgulho. – E tanto Martyn como eu sempre servimos a Lady Mar.

- Muitas vezes me perguntei por que não se queixam. – Jade se aventurou a dizer, com cautela. – Vocês têm seus privilégios, claro, mas ainda assim, precisam que ela lhes dê permissão, e têm de pagar os tributos. Os funcionários da Lady são como os chamam.

Arif sorriu de forma sombria.

- Mas no rio, – Respondeu ele com ênfase – aqui somos livres. Que me importa o que diga um funcionário qualquer? Esse é nosso pacto com a Lady: para ela, a cidade, para nós, o rio.

Um esturjão se aproximou da superfície da água, e puxou de uma corda a cobertura de algas.

- Arif, os pais de vocês ajudaram a Lady a atacar o palácio.

- Sim, se pode dizer assim.

- Você esteve lá alguma vez depois que a Lady subiu ao trono?

Arif enrugou as sobrancelhas e olhou Jade com intensidade.

- Mas claro, depois da vitória. Eu tinha apenas trezes anos, e o traje regional de meu pai, que usei em sua honra, era um horror, ficava muito grande. Eu fui quem obtive, no lugar de nossos pais, a permissão para viver no rio e ter o barco. Foi à recompensa pela guerra.

- E os reis, você nunca os viu?

- Jade, durante a invasão nós estávamos na água. – Respondeu Arif sem vontade. – Detrás da desembocadura, ao norte do palácio. Víamos de longe que a cidade ardia e se desfazia, mas nossa tarefa era cortar o fluxo de água do palácio. De fato, não conhecíamos a cidade, e então não sabíamos que a corrente é especialmente traiçoeira perto das bombas. Se soubéssemos, talvez hoje em dia nossos pais ainda estivessem vivos.

Água. Ainda que, de repente, havia se levantado uma brisa cálida, de repente Jade estremeceu de frio. Pareceu-lhe se encontrar a um passo da solução. Mas lhe faltava um pedaço diminuto para compor toda a cena, um fragmento, acaso tão só uma lasca.

- No palácio havia fontes? – Perguntou ao azar.

- Por que pergunta isso?

- Porque ali não há água cristalina. E acho que isso tem relação com os Ecos.

Arif não parecia estar convencido daquela explicação, mas, de todos os modos, respondeu.

- Nessa época estava muito destruído. Os muros exteriores estavam muito quebrados. Contudo, no interior do palácio ainda podia se apreciar o magnífico que deveria ter sido os salões antes do assalto. O chão era polido, e sim, claro, também havia fontes. Ao menos, eu vi em uma parede os restos de uma condução antiga de água. É possível que os reis gostassem dos jogos de água. Mas, o que isso tem a ver com os Ecos?

- Não sei. – Murmurou Jade.

Arif ficou olhando-a fixamente. Jade se deu conta de que a ele só lhe atormentava a incerteza sobre o que pudesse acontecer com Elanor.

- Quando se trata da Lady, – Disse ele depois de outro momento eterno, ainda que ambos estivessem calados e tensos. – Só há vida ou morte, o bando correto ou errado. Pois bem, os Ecos e tudo o que se refere a eles pertence ao lado perigoso.

A advertência era suficientemente clara, mas Jade já não sentia nenhum temor, e se limitou a olhar Arif nos olhos.

- E se a Lady lhes tirar o rio? E se não só se lança uma guerra contra os Ecos e se suspeitam de traição onde não há? E se... Elanor tampouco volta amanhã?

Os olhos de Arif se encolheram. Jade se surpreendeu com a rapidez de sua resposta.

- Em um caso assim, – Afirmou ele com tom ameaçador – haveria guerra.

Dito isso, Arif ficou de pé e partiu sem se despedir.

Aquela noite de verão era o bastante cálida para dormir na cobertura, e Jade preparou uma cama na proa. A proximidade do Wila a reconfortava, e lhe fazia mais suportável a incerteza que a impedia de dormir sequer por poucas horas. Seguramente o cansaço lhe provocou um sonho confuso.

Nessa ocasião, não era só o rosto de Faun e o desejo de suas carícias o que a atormentava, mas também, sobretudo, outra imagem: a do Eco morto na ponte do Gato. Jade voltava a estar ali, contemplando aqueles olhos verdes, as estrias que lhe cobriam as

bochechas como o craquelado dos quadros antigos, sussurrava-lhe a garota. Da ferida brotava sangue de água. E quando Jade despertou, do mais profundo dos sonhos, sobressaltada e com o coração acelerado, e logo desperta completamente, contemplou o rio, conseguindo encaixar a última peça e obteve uma imagem assombrosamente nítida.

Ainda que fosse arriscado, Jade sabia que não poderia perder nem um único instante. Deixou uma nota escrita com giz no chão de madeira, justo ao lado da escotilha, onde tinha certeza de que Martyn a encontraria. Logo subiu no bote auxiliar e meteu o remo na água. Os pássaros já cantavam, e pela luz do céu podia dizer que seria, mais ou menos, cinco da manhã. Considerou um instante se devia ver primeiro a Jakub, mas logo tomou um atalho em direção oeste, onde se não estava errada, ocultavam-se os espiões dos rebeldes. Teve que se conter para que a impaciência não a fizesse atuar sem prudência. Tinha vontade de começar a rir pela lógica e certeza que lhe parecia à solução. Em seu percurso, só topou com dois caçadores que faziam guarda sem cães em um beco. Os esquivou pelo sistema de canalização, e teve que se arrastar de quatro durante um bom pedaço por baixo do chão. Ao sair de novo, encontrou-se com janela em barricada e protegidas com tábuas de madeira, e com fachadas cobertas de disparos. A entrada do sótão que buscava também estava protegida com madeiras.

Jade deslizou até uma janela do sótão, pegou um pedaço de lajota que estava ali, como por azar, e o usou para enviar um sinal pela tubulação que podia alcançar através da janela. Apenas dez minutos mais tarde, ouviu que se abria uma porta na casa ao lado. Era Leja. E lhe fazia sinais nervosos. Ao pouco, estavam ombro com ombro em um passadiço estreito entre duas paredes de uma casa, ocultas para seus moradores e invisíveis desde a rua. Leja ajeitou a túnica verde em torno de seu corpo.

- O que você faz aqui? – Sussurrou. – Achávamos que você andava com as pessoas do rio!

- E assim é, mas agora tenho que ver a Tañía e aos demais o quanto antes.

Leja negou com a cabeça.

- Não é uma boa idéia. Nesse momento, não está em disposição de falar contigo. Aprisionaram a Ruk.

- Ruk?

Jade se lembrou do corpulento mergulhador de voz quebradiça e engoliu em seco. Apesar de seu caráter fechado, gostava de Ruk.

Leja assentiu com pesar.

- O interrogaram e seguramente deu alguns nomes, por isso Tañía e os demais mudaram seu esconderijo.

Jade ficou paralisada. Ainda que soubesse que sua vida pendia em um fio, nunca, até então, havia sido tão consciente disso.



- E Nell? – Perguntou temerosa. – E Ben? Estão bem?

- Nell está fazendo uma ronda de reconhecimento – Respondeu Leja. – E Ben está conosco.

Jade suspirou com alívio, ao menos, isso era uma boa notícia.

- Me leve com eles.

Leja mordeu os lábios, indecisa. Jade então perdeu a pouca paciência que lhe restava, e a segurou pelos ombros.

- Não há tempo para dúvidas. Leve-me até eles! Sei onde está o Príncipe de Inverno!

O novo esconderijo era um sótão profundo de paredes de lajotas, que só podia ser alcançado através de uma parede rachada.

A luz da vela, Jade pôde ver umas vinte pessoas, mas possivelmente na escuridão deveria ter mais algumas instaladas. O lugar cheirava a ar viciado e medo, a roupa suja há dias, e a restos de comida. As pessoas olharam adormecidas para Jade, quando Leja a fez entrar no lugar. Havia algo estranho nesse encontro com os rebeldes. Algo havia mudado. Os olharem eram reservados, ninguém a saudou, e todos pareciam desconcertados.

- Olhem todos, a princesa Larimar abandonou sua ilha segura no rio e nos honra com sua presença!

Jade voltou o olhar para a direita e viu Tañía. Estava encolhida em um leito improvisado de casacos velhos. E sentado ao seu lado, bem desperto e erguido, estava Ben.

- De fato, e trago notícias. – Disse Jade.

Sua voz soou apagada e oca. Abriu passagem entre alguns corpos deitados e se apertou contra a parede, até chegar ante Tañía. A líder a olhou sem lhe dirigir um só sorriso. Só Ben compensou um pouco aquela recepção tão gélida lhe dirigindo um olhar zombeteiro. Jade se pôs de joelhos ante a Tañía, no chão de barro aplanado pelas pisadas.

- Então notícias... – Disse Tañía seca. – E se nós já sabemos?

Jade suspirou.

- Leja já me contou de Ruk. E também outros foram abatidos a tiros... sinto muito.

Uma dor fugaz recorreu o rosto de Tañía.

- Todos os Ecos mortos. – Murmurou Ben pesaroso. – Ontem dispararam contra o último. Também contra o Príncipe de Inverno. Lady celebra uma festa sangrenta e vence sobre seu inimigo.

- Todos os Ecos? Como sabe? – Perguntou Jade.

- Você não é a única com espião como contato com a Corte. – Retrucou Tañía. – Temos aliados em todas as partes, e nos confirmaram que é verdade. Na cidade não resta nenhum Eco.

Jade quis retrucar, mas Tañía ergueu a mão e a obrigou a calar com um gesto autoritário.

- Foram derrotados. Então agora precisamos de um novo plano.

Nesse instante, Jade se deu conta do que provocava esse ambiente distinto e hostil: a falta de esperança.

- Nada está perdido. – Disse. – Eu soube que...

- Cale-se de uma vez por todas! – Gritou um dos rebeldes. – Tudo se acabou, agora só nos resta confiar unicamente em nós.

Jade se levantou e olhou ao seu redor.

- Nada está perdido. O Príncipe de Inverno está vivo! E além do mais, eu sei onde nos espera.

Tomou fôlego e ordenou seus pensamentos. Por onde começar? Começou, em fim, por seu reflexo no rio que a saudava desde as águas. A desconfiança recorreu todos os rostos, logo seguiu a incredulidade, a surpresa e, por fim, o desconcerto. Quando terminou, se fez silêncio durante um bom tempo.

Unicamente Ben se balançava para frente e para trás enquanto cantarolava uma melodia em voz baixa.

Tañía ficou de pé e se aproximou de Jade com os braços cruzados.

- Acha que é verdade que surgem dos reflexos?

Jade assentiu.

- Durante muito tempo, não compreendi. O Eco que vi debaixo da ponte tinha uma cicatriz na bochecha, como se houvesse se olhado em um espelho quebrado e adotado essa forma. Quantos fragmentos de espelho pode haver no fundo do rio? O Príncipe de Inverno tem o poder de invocar estes reflexos.

- Assim que, quando adotam uma forma podem ser abatidos, igual aos humanos? – Perguntou Tañía desconfiada. – E o que significa isso de que o príncipe está vivo? Quer dizer que os caçadores erraram?

- O homem que mataram com um tiro, de nenhum modo pode ser o príncipe.

O olhar de Tañía pousou nas mãos de Jade, que estavam entrelaçadas por puro nervosismo. Ao sentir-se observada, as soltou e tentou manter a calma. O que ia dizer a continuação era tão atroz e inconcebível que precisava de todas as suas forças.

- O príncipe não tem corpo nem sangue. Não é humano.

Recorreu com o olhar aqueles rostos tensos.

- É um Eco e também espera sair de seu esconderijo para chamar aos demais.

O silêncio que seguiu quase resultava doloroso para os ouvidos.

- Mas é filho de um dos reis Tandraj. – Disse Tañía.

Jade se limitou a assentir.

Parecia que aquela verdade atroz abria espaço com dificuldade na mente dos rebeldes. Não queriam admiti-la, enrugavam a testa e suspiravam com desdém, como se Jade quisesse convencê-los de que o céu era verde.

- De verdade você pretende que nós acreditemos que os reis eram Ecos? – Perguntou um homem.

- Eram. – Respondem Jade. – E o príncipe vive, ainda que não esteja nem na Cidade Morta nem no rio. Está no Palácio de Inverno.

- E como você sabe? – Perguntou Tañía.

Jade umedeceu os lábios, nervosa. Desejou que ao menos Ben a olhasse, mas o ancião tinha o olhar cravado no chão de barro, e continuava cantarolando sua canção absurda, como se a reunião não fosse com ele.

- Nenhum sentinela foi assassinado na Cidade Morta, nem no ossuário. – Explicou. – Só na Porta Dourada, e perto do Palácio. Inclusive aquele homem que encontramos no rio fazia guarda no canal junto ao Palácio. Eu acho que os Ecos se dirigem ali porque é onde o príncipe está.

- Por que não tem poder suficiente para chamar a todos os Ecos? – Leja quis saber.

- É um reflexo sem corpo, mas lhe falta o espelho em que possa tomar forma. Antes no palácio havia água, Arif me explicou que antes do ataque a Lady mandou fechar o fornecimento de água. Havia fontes e muitos espelhos. Pense então, por que a Lady retirou os espelhos do palácio, e com eles, tudo que brilha inclusive o ouro que, evidentemente, pode provocar reflexos? Quis ter certeza, desde o princípio, que nenhum Eco poderia aparecer em seu palácio. É só por isso que bebe vinho, inclusive, mesclado com cinza para que fique turvo. Lady venceu os reis Ecos e fez apagar tudo que os recordava. Depois da

Guerra de Inverno, matou os humanos da cidade e só deixou uns poucos. Perdoou a vida das crianças, que não iam se lembrar dos reis, e criou contos de terror sobre os Ecos.

Taíña apertava os lábios com raiva. Tinha o rosto pálido, e a luz vacilante da vela, parecia mais clara e mais sombria. De repente, virou-se e agarrou Ben pelo pescoço. O ancião gemeu quando ela o obrigou a ficar de pé.

- Você! Você os conhecia, não? Os reis Tandraj eram como eles?

- Assassinos antigos, sangue novo. – Disse Ben em tom apagado.

Jade se aproximou com um pulo dele, e pousou as mãos em seu ombro em uma atitude protetora.

- Deixa-o em paz! – Disse a Taíña. Logo fez Ben se virar para ela e cravou seu olhar nos olhos de cor verde acinzentada. – Ben, lembra. Eram os que governavam a cidade, certo?

Ben partiu o olhar, como se observasse uma imagem de um tempo remoto.

- Lady Morte. – Murmurou com voz trêmula. – Toda a cidade ardia em chamas, e o Wila transbordava sangue humano. Os peixes se intoxicaram e chegavam mortos ao mar.

- Os reis! – Insistiu Jade. – Os reis não eram pessoas, eram Ecos, não?

Ben a olhou como se acabasse de voltar de um lugar remoto e se alegrava de ver um rosto conhecido. Logo, adotou, de repente, uma expressão grave e disse com voz totalmente clara:

- Dois reis Ecos, gêmeos, severos e coléricos. Sim, lembro.

Suspeitar era uma coisa, mas ouvir sua confirmação era outra muito distinta. Jade, atordoada, soltou Ben e ficou petrificada. Sentiu-se invadida por uma sensação de triunfo, assim como pela satisfação de ter resolvido o enigma.

Com vontade teria começado a rir.

- Impossível! – Chiou um dos rebeldes. – Não acredito! Estamos lutando por um trono que havia sido ocupado pelos Ecos?

De repente, todos começaram a falar e gritar. Os rebeldes ficaram de pé. Taíña negou, retirou-se e deu um soco contra a parede.

- Mente louca! – Espetou aos gritos uma mulher a Ben. – Você soube disso esse tempo todo e nos tomou por idiotas?

Taíña se aproximou dela com três passadas, e a empurrou pelo ombro.

- Silêncio! – Grunhiu.

Ao ouvir a ordem, os rebeldes se calaram imediatamente.

- Sabe o que significa se está certa? – Perguntou Tañía com a voz gélida.

Jade endireitou o corpo e ergueu o queixo.

- Estavam dispostos a se aliar ao príncipe enquanto acreditava que era humano. O que muda agora?

- Tudo. – Disse Tañía. – Simplesmente tudo. Se tirarmos a Lady do trono, logo teremos que nos submeter aos Ecos?

- Quem disse que tens que se submeter? Quem disse que eles querem subordinados? E quem disse que um príncipe humano não teria se aproveitado de vocês para chegar ao poder?

- Com os humanos podem negociar. – Retrucou Tañía impertérrita. – Um humano se pode derrotar quando seu agradecimento se converte em ânsia de poder.

- Então era esse o seu plano? – Disse Jade com ironia. – Como medida de alcançar um objetivo os Ecos valem, mas não confiam neles como aliados?

- Quem é você? A defensora dos Ecos?

- E quem é você, Tañía? Uma lutadora contra a tirania, ou talvez seja alguém não muito melhor que os lordes, capaz de cravar, sem mais, uma faca nas costas de seus aliados quando deixam de requerer seus serviços?

Apenas havia acabado de falar quando se deu conta de que a cólera, nesse caso, tampouco havia sido uma boa conselheira. Então inclusive Leja a olhava com os olhos entrecerrados e um olhar cheio de desconfiança.

- Não vai conseguir sem a ajuda dos Ecos. – afirmou Jade se dirigindo ao grupo. – E com os Ecos também é possível negociar: um deles falou comigo. Não se deixem impressionar pelos contos de terror que a Lady divulga sobre eles.

Tañía arqueou as sobrancelhas, e ao instante, deu-se conta, horrorizada, de que, sem pretender, havia dito. Mordeu a língua e maldisse sua lerdeza. Os rebeldes cruzaram olhares eloquentes entre eles. Tañía se limitou a sorrir com frieza.

- Conseguiremos sozinhos, pode ter certeza.

Com um gesto de despeito, mostrou seu pedaço de espelho e o jogou no chão de barro. Um murmúrio de assombro recorreu o grupo quando, a continuação, a líder pisoteou o pedaço com toda sua raiva. O rugido do vidro estralando fez Jade estremecer.

- Ficou louca? – Falou a Tañía. – Se jogou de cabeça a morte! Não tem nem armas nem pessoas suficientes para atacar o palácio, você mesma disse.

- Ah sim?

Por um instante, Jade vislumbrou por trás dessa aparência dura, a jovem desesperada que temia pela vida de sua irmã.

- Você não sabe tudo, princesa. – Retrucou Tañía. – Temos mais aliados do que você suspeita. E também, o resultado de uma batalha não decide os melhores dotados, mas sim os que agarram as armas de um modo mais decidido.

No local, o silêncio era tal que Jade não ouvia sequer respirar. Compreendeu que, pelo menos entre esses rebeldes, não importaria tanto o número de armas, mas sim, sobretudo, à medida que eles se deixariam levar pela audácia de Tañía.

- E bem? – Perguntou Tañía ao seu redor. – Os Ecos morreram. O que estão esperando?

As mãos sumiram no interior dos bolsos, pregas de saias, jaquetas e botas, e logo todos jogaram os pedaços de espelho no chão. Uns reflexos de luz de formas diferentes recorreram às paredes. A fraca luz da vela, os cascalhos pareciam arder. Jade tragou saliva para conter as lágrimas de decepção.

- Você vai morrer. – Disse em uma nova tentativa de fazer Tañía mudar de opinião.

- É possível. – Retrucou Tañía. – Ou pode ser que não. De todos os modos, independente de como acabe tudo o que não faremos de nenhum modo é entregar o trono a um Eco.

Jade percorreu com o olhar os rostos que a rodeavam. Muitos rebeldes pareciam tão decididos como Tañía, mas outros conservavam ainda os pedaços de espelho na mão, sem saber se o abandonava ou não.

Ninguém a deteve quando Jade deu a volta e foi cruzar a fenda na parede. Esteve a ponto de chocar com Nell, que entrou no lugar nesse momento praticamente sem fôlego. Ao topar com Jade, teve um sobressalto, mas era evidente que estava alterada demais para reconhecê-la naquela escuridão.

- A Lady! – gaguejou. – Ordenou levar os detidos a praça da igreja. Há detenções em todas as partes! E temos que partir daqui logo, porque os caçadores estão forçando as janelas da casa ao lado.

Capítulo Dezessete – Igreja e Prisão

Os rebeldes, como sempre que fugiam, dispersaram-se em todas as direções como um bando de peixes, sem mais objetivo que encontrar outro esconderijo. O último que Jade viu de Tañia, enquanto a rebelde se arrastava frente a ela em um túnel, foi um pedaço de espelho que levava preso na sola do sapato. Quando chegaram a uma curva no pátio traseiro, Jade preocupada buscou por Ben, mas o ancião havia desaparecido, como se houvesse se desvanecido.

Nell sabia avaliar muito bem a situação. A cidade estava fervendo. Produziam-se prisões em muitas casas, como se a ordem acabasse de ser dada nesse mesmo instante, os carros barrados se agitavam pelos becos, e as pessoas resistiam ao serem detidas gritando e lutando com pés e mãos.

Nessa parte da cidade, Jade contava com bastantes possibilidades para esquivar-se dos caçadores, pois havia muitos nichos e saliências. Subiu em uma ponte de pedra que se estendia por uma rua. Ali, resguardada dos olhares por uma viga que sobressaía, recuperou o fôlego e tentou ordenar as ideias. Seus pulmões ainda ardiavam pela rapidez com que havia corrido a última parte do caminho.

“Tañia é uma mais – se dizia para se tranquilizar. – Não pode convencer a todos os rebeldes. Tenho que falar com Nell e com os líderes dos demais grupos”.

De repente, o vento mudou de direção, e no lugar da poeira das ruas, levantou o cheiro do ar marinho e os ruídos e gritos procedentes da zona do palácio. Jade se agachou, sem querer, quando ouviu um ruído grave e brilhante. Um corno de caça? Vinha da igreja. Como se aquele som houvesse despertado aos animais, estes começaram a rugir em todas as casas de feras. Os cachorros responderem então aos predadores, e inclusive, as ordens retumbaram naquele nítido ar matutino. Jade sentiu muita pena ao pensar em Ruk, e em todos os demais presos. Não se atrevia a imaginar o que lhe aguardava na praça da igreja. Havia também outras preocupações que a incomodavam cada vez mais: Jakub. Estaria bem? Os caçadores haveriam respeitado o Larimar? Jade piscou um minuto, logo, decidida, afastou-se da ponte e tomou um caminho.

“Vou limitar-me a comprovar que não há problemas”, se disse.

Nessa ocasião, procurou percorrer com calma os últimos metros de forma intencional, mas, um pouco antes de alcançar as últimas curvas, já não pôde resistir por mais tempo. Começou a correr sobre o chão empedrado de mármore, e seguiu correndo quando os seixos da margem rugiram debaixo de sua sola. O primeiro que vislumbrou foram às janelas abertas.

Ouviam-se chiados e rugidos de madeira. Várias janelas estavam torcidos pelos parafusos, e no rio, flutuava um armário destorcido. Jade teve que tampar a boca com a

mão para não proferir um grito. Seu lar! As lágrimas afloraram em seus olhos, como se presenciasse o maltrato de um ser querido.

A porta traseira estava aberta, e os caçadores e os sentinelas se amontoavam em torno dela. Uns poucos passos mais a frente aguardavam um carro com barreiras. Os prisioneiros estavam sentados em seu interior; Jade não reconheceu ninguém, mas vislumbrou entre eles um homem corpulento. Ao ponto, abandonou o último resquício de prudência que lhe restava.

- Jakub! – Gritou começando a correr.

Os rostos se viraram para ela, e se acumularam contra as barreiras. Mas Jakub não estava ali, e ela não conhecia nenhum outro dos demais presos. Ao instante seguinte, dois caçadores lhe impediam a passagem e a agarravam pelos ombros.

- Proibido passar!

- Eu moro aqui! – Respondeu Jade. – Tenho que ver o meu pai, Jakub Livonius!

Os caçadores trocaram olhares eloquentes, mas não a soltaram.

- Se é assim, feche o bico até que o registro termine e se acalme. – Murmurou o mais jovem dos dois. – Não se trata de Livonius. De fato, ele nem sequer está aqui.

Aquilo tranqüilizou Jade. De repente, lembrou-se de que essa manhã Jakub tinha previsto ir ver ao prefeito. Os caçadores, ao parecer, notaram seu alívio, porque a afastaram para trás, ficaram diante e voltaram a fechar as filas.

Jade tinha que olhar por cima das costas dos homens para poder ver a porta. Nesse instante, dois transportadores saíam da casa. Com os rostos transformados pelo esforço, arrastavam um objeto plano envolvido em um tecido que colocaram em outro carro. A brisa levantou um pedaço do pano, e quando o sol ficou preso em um espelho redondo e reluzente, produziu-se uma faísca. Não era um espelho decorativo de bronze, mas sim de prata! Jade revirou os olhos, jamais havia visto aquele espelho no Larimar. Na borda inferior do marco, que aparecia por debaixo do pano, vislumbrou um símbolo: um escudo com duas coroas dispostas sobre uma linha vertical, a modo de original e reflexo.

“Tandraj?” se perguntou no instante.

“Dois reis, duas coroas” um murmúrio recorreu às filas de caçadores. E os curiosos que se amontoavam a um tempo ao lado da rua, também esticaram o pescoço.

- Deixa meu espelho! – Gritou uma voz de mulher desde o interior do prédio. Tinha um tom agudo e alterado.

Jade não podia crer no que viu em seguida. Era certo. Não se tratava de Jakub, nem tampouco do Larimar. Tratava-se de Lilinn.

A mulher se debatia com todas as forças, enquanto dois caçadores a arrastavam para fora da casa. Era uma luta muda e desesperada que Lilinn executava com uma prática surpreendente. Jade soltou um suspiro quando, ao fim, um dos caçadores conseguiu dobrar o braço da cozinheira por trás de suas costas. Ela apertou os dedos, mas não proferiu nenhum ruído. O ódio refletiu em seu olhar quando o outro caçador desembainhou a faca, e lhe abriu a bandagem com um corte rápido. Um grito de triunfo retumbou em uma dúzia de gargantas quando o homem alcançou o braço da mulher, e deixou que as pessoas ao redor o vissem: por cima do pulso esquerdo, Lilinn tinha três cortes paralelos que quase estavam curados. Jade repreendeu um dos caçadores.

- Não pode fazer isso! É nossa cozinheira! Por que está prendendo ela?

O mais alto dos dois a olhou por cima dos ombros com desprezo.

- Era uma maçã podre. Não era um plano ruim se esconder justo ante o nariz da Lady.
- O homem sorriu. - Vê as feridas? São da arma do Lorde Minem uma espada de três fios. Parece que aqui temos a uma das rebeldes do grupo que assassinou o Lorde Minem.

- De todos os modos, o espelho e os planos que ocultava no sótão, são de sobra, suficientes para algo mais que uma execução. - Acrescentou o outro caçador.

Jade retrocedeu com um resvalo. Apenas sentia as pernas e teve que se apoiar na parede do prédio para não cair. Lembrou-se da fonte sangrenta e tentou imaginar a Lilinn ante o Lorde com uma adaga, mas sua mente se negava a completar essa cena.

Uma enxurrada de lembranças fugazes veio a sua mente. Lilinn jogando a faca na cozinha. Sua afetada afabilidade com Tam e Faun. Seu interesse por Jakub e sua zanga sobre a fidelidade a Lady para afastar dela qualquer suspeita. E viu também a uma Lilinn na Cidade Morta, perto da ponte do Gato, tentando advertir a dois Ecos da presença dos caçadores. Tudo aquilo cristalizou em um convencimento que a deixou sem fala, e ao mesmo tempo, profundamente irritada.

"Traída e vendida – pensou sem mais. – Tañía estava certa: não sei de tudo. Na verdade, não sei nem sequer uma ínfima parte".

Estaria Nell sabendo disso?

Mas então pensou que naquela história tão clara, havia algo que não acabava de encaixar. Que significava que Lilinn ocultasse no Larimar um espelho dos reis Tandraj? Conhecia a natureza dos Ecos e não havia contado nem a Tañía nem aos demais? E havia outra coisa que não acabava de encaixar: o espelho e uns planos no sótão... Aquela parte da casa estava inundada e não havia espaço suficiente para planos, sendo de papel ou de couro. Ao menos, não nos quartos aos que Jade tinha acesso. E era incapaz de imaginar, nem com o maior empenho, que Jakub outorgara a sua amante a chave do quarto cego que tão cuidadosamente custodiava.

- Aonde a levam? – Gritou Jade quando Lilinn, com as mãos atadas, foi arrastada até o carro.

- Com os demais. – Respondeu o caçador maior.

De longe, a aglomeração de pessoas fazia que parecesse que o Mercado da Igreja havia renascido. Os carros descarregavam, e os carregadores se apressavam entre a multidão. Era uma imagem de normalidade enganosa que ficava evidenciada pelo sem fim de armas, e ordens que ressoavam na praça. Jade tentava abrir espaço entre alguns curiosos, quando uma mão a agarrou pelo ombro. Virou-se e se encontrou com a cara inchada de Manu. Era evidente que alguém havia lhe dado um soco na maçã do rosto.

- Não se aproxime. – Ele lhe advertiu.

- O que aconteceu com você? – Ela lhe perguntou em voz baixa.

Manu tentou cuspir com indiferença, mas o gesto não saiu especialmente bem.

- Me deram uma surra quando tentei me aproximar das jaulas. Olha que vergonha!

Jade ficou na ponta dos pés e olhou para onde ele apontava. Umas jaulas de ferro. Diante da porta da igreja, havia umas cinquenta, na maioria havia apenas espaço suficiente para um cachorro grande.

- Detiveram o Simón, do Mercado Negro. – Murmurou Manu, tocando com cuidado sua bochecha ferida. – Mas é um pobre imbecil! Quando está bêbado, lança grandes discursos, mas colocaria a mão no fogo de que ele não forma parte da conspiração. Ao tentar me aproximar de sua jaula, me deram uma surra.

Jade olhou inquieta para a igreja de Cristal.

Também o edifício parecia estar cativo, coberto como estava de cordas acabadas em ganchos de ferro que pendiam tanto das saliências como dos pequenos parapeitos de cristal do telhado alargado que formava a nave da igreja.

Os carros descarregavam justo ao lado do edifício, e as cordas se tencionavam por meio de polias. Parecia um espetáculo perfeitamente ensaiado.

Não muito longe de lá, fizeram sair dois prisioneiros de um carro. Estavam mirrados e apenas se sustentavam de pé. Tinham a pele tão pálida que parecia que estava há meses sem ver a luz. Piscaram confusos com o sol, e a fraqueza apenas lhes permitiu resistir quando foram empurrados ao interior de uma jaula. Jade observou a silhueta mais baixa, que era de uma mulher de cabelo muito curto de cor castanha, que levava dois furos nos lóbulos das orelhas. No antebraço, acima do selo do lírio, levava tatuado uns barrotes pretos: era o sinal que se fazia em todos os condenados quando chegavam a Ilha da Prisão. A porta de ferro da jaula foi fechada, e logo depois de um sinal com a cabeça de um dos soldados, a corda se tencionou e levantou essa estrutura de barrotes entre rápidas sacudidas. Continuando, chegou o seguinte transporte de prisioneiros. Uma e outra vez, entre a multidão, estralavam vozes, prantos e gritos quando alguém distinguia, entre os prisioneiros, a amigos e familiares que haviam dado por mortos.

- Os pendurarão na igreja. – Murmurou Manu antes de cuspir outra vez. – Sem água nem comida. A pleno sol. Com muito, resistirão três dias. Que monstruosidade!

- Então esse é o prazo. – Pensou Jade.

Deveria se sentir aterrorizada e estar fora de si de indignação, mas curiosamente, de repente, invadiu-a uma grande tranquilidade. Só experimentava duas coisas: uma determinação fria e calculada, e uma ira crescente e raivosa.

- É! O que você pretende? – Manu segurou Jade pelo braço. – Não vá por ali! Agrupam as pessoas e...!

- Solte-me Manu! Tenho que encontrar alguém!

Sem reparar na negação dele, Jade se enfiou na multidão, encaminhando-se até a igreja.

Jamais havia visto tantas pessoas armadas. Continuamente chegavam carros a praça. Os caçadores, entretanto, haviam formado uma barreira em torno das jaulas e da igreja. Suas armas e os cães, que haviam soltado, mantinham as pessoas distantes. Jade aguardou que uma caçadora recorresse com o olhar à multidão em atitude vigilante para lhe fazer um gesto e chamar sua atenção.

- Sou Jade Livonius! – Gritou com voz firme e decidida. – Trago uma notícia para Moira.

Talvez a caçadora conhecesse realmente seu nome, ou talvez a impressionou o controle de Jade, em qualquer caso, a mulher assentiu.

- No carro de correntes, atrás da igreja – Gritou com apatia.

"Um bom farol" se felicitou Jade em silêncio. Não foi fácil rodear a igreja guardando a devida distância. A quantidade de pessoas que os caçadores haviam convocado com o instrumento de caça era excessiva. Jade viu pessoas descalças pessoas com apenas um casaco sobre sua roupa de dormir que procuravam desesperadas, ao marido, ao irmão ou a mãe detida.

Sofreu vários empurrões até que, por fim, viu a Moira. A caçadora, com o braço enfaixado, encontrava-se junto a um carro, e com a mão direita ilesa comprovava os ganchos antes que seus ajudantes levantassem as correntes do carro e as levasse a igreja.

- Moira! – Gritou Jade por cima do tumulto.

A caçadora interrompeu sua tarefa e se virou. Jade se equivocava ou realmente o rosto dela se iluminou um pouco? Com um movimento com a mão, deu-lhe a entender que a esperasse uns passos mais além da rua. Jade assentiu e se retirou. A espera, de quase meia hora, pareceu-lhe um ano inteiro.

Entretanto, prenderam-se também jaulas na parte lateral da igreja: não a uma altura que qualquer um pudesse tocar nos presos, mas sim o suficientemente perto para que todos pudessem ver bem o seu rosto. Ao final, Moira fez um gesto para que se aproximasse. Dois caçadores foram para o lado para deixar Jade passar. Foi uma sensação sinistra deixar para trás a multidão e adentrar na zona desocupada do centro.

- Que? Ansiosa para se meter de novo em problemas? – Falou Moira.

- Dessa vez é Lilinn quem está em um aperto. – Respondeu Jade sem rodeios. – Eles a prenderam!

Moira não se mostrou especialmente surpreendida.

- Eu ouvi sobre isso. Por isso você está aqui? Jade, você não pode ajudá-la. Vá para casa.

- Não penso em fazer isso. Tenho que vê-la! Só um momento, uma palavra.

Tentou adivinhar o que passava por trás desses olhos de cor parda aveludada, mas, como sempre, Moira não deixou entrever nenhuma emoção.

- Peço-te Moira. – Acrescentou. – Poderia me levar até as jaulas?

Fechava as mãos com força por puro nervosismo, e já se dispunha a discutir quando a caçadora assentiu.

- Ok. – Disse então com voz seca. – Sinto-me em dívida contigo depois daquele baile com o touro.

Em seu interior, pareceu a Jade que poderia voltar a respirar. Contudo, foi muito angustiante rodear a igreja acompanhada de Moira e se aproximar das jaulas. Teria gostado de poder afastar o olhar dali, mas tinha que encontrar a Lilinn. Moira se dirigiu a um homem prostrado junto à polia. Ao ouvir sua solicitação, produziu-se uma discussão acalorada. Jade vislumbrou o primeiro rosto conhecido. Não se tratava de Lilinn, mas sim de um dos rebeldes que trabalhava na casa de feras de um lorde.

Havia também outras pessoas que lhe eram familiares: pessoas do Mercado Negro, vendedores, pessoas que só conhecia de vista, e aliados.

“Também meu tempo se esgota – se disse inquieta. – Um deles vai me delatar”.

- Vamos Jade! – A voz de Moira a tirou de seus devaneios. – Ande!

Jade quase tinha que correr para se manter no passo da caçadora. Depois de deixar para trás os sentinelas prostrados junto a uma das entradas laterais da igreja, entraram na sala do altar.

O lugar era fresco e estava envolto em um silêncio quase inquietante. O incensário ardia e emitia uma fumaça oscilante no ar. Cheirava a incenso duro e doce. Jade se sentiu como em um sonho irreal, do qual esperava despertar a qualquer momento.

- Moira. – sussurrou. – Não iremos subir a torre.

A caçadora a olhou por cima dos ombros.

- Aonde mais? A jaula está pendurada ali.

Os degraus da escada em caracol estavam desgastados e apenas resultavam visíveis. Moira os subia de dois em dois, e olhava a todas as janelas para vislumbrar o lado de fora. Ao chegar à quarta janela, deu com o que buscava e fez um gesto para que Jade se aproximasse.

- Teve sorte. – Disse indo para um lado. – Seja breve. Não tenho muito tempo.

Jade assentiu e se aproximou da janela. Uma rajada de vento a fez piscar. No entanto, ao instante, abriu bem os olhos. Jamais havia visto a cidade dessa perspectiva. Centenas de pessoas tinham a vista cravada nas jaulas. Naquele mar de rostos, Jade pôde distinguir alguns rebeldes.

Nell estava ali abaixo, junto a Manu, e viu também algumas pessoas que, apenas uma hora antes, havia tentado convencer.

Os rostos sombrios e terrivelmente serenos dos rebeldes eram tão parecidos, que Jade temeu que os caçadores pudessem reconhecê-los facilmente entre a multidão. Tañía era a que mais se arriscava. Sem ter em conta que alguém poderia vê-la e logo denunciar, havia aberto espaço até a primeira fila, e tinha a vista cravada em uma jaula. Jade supôs que ela havia encontrado a irmã desaparecida. Quando a mulher deu a volta com firmeza e abriu espaço na multidão, Jade soube que era tarde demais para dissuadir os rebeldes de seu plano. A Lady passaria ao contra-ataque.

E Tañía aceitaria o desafio. A vista das jaulas, não teria problemas para convencer os demais líderes rebeldes. Não havia mais volta atrás.

Jade praguejou em silêncio.

- Não a vê? – Perguntou Moira. – Acima, à direita!

Jade virou a cabeça quando, de soslaio, chamou-lhe a atenção outra prisioneira que ia ser metida em uma jaula. Seu cabelo vermelho e curto brilhava debaixo da luz do sol. A mulher mantinha a cabeça erguida com orgulho, e não olhava nem à esquerda nem à direita. Quando o sentinela lhe ordenou agachar-se para entrar na jaula, ela cuspiu em sua cara.

Ao instante, se produziu uma luta. Jade fechou os olhos. As pessoas do rio. Elanor. Então ela também.

“Como vou contar a Arif?”, pensou com o coração cheio de pesar por sua companheira da embarcação.

- Jade? – Lhe perguntou uma voz incrédula.

Lilinn estava encolhida em uma jaula que ficava a uma boa distância da janela, e se agarrava as barras. Seus olhos pareciam ser de um cristal duro e azul.

- O que você faz aqui? – Sussurrou.

Seu tom tosco apenas podia dissimular seu terror. Pouco antes, Jade havia se sentido ainda muito irritada com a cozinheira, mas então nada lhe importava mais que estar perto dela. Estendeu a mão, e Lilinn raciocinou de imediato e passou o braço entre as grades. O esforço lhe fez desenhar um sorriso forçado, a jaula oscilou levemente, e as gemas dos dedos se tocaram de modo fugaz.

- Não se desespere! – Lhe gritou Jade. – Moveremos céus e terra para te ajudar!

Mas Lilinn, resignada, negou com a cabeça, afastou a mão e se dobrou sobre si mesma, completamente abatida. Apenas podia permanecer sentada na jaula. Sua petição tinha o tom desesperado de um lamento.

- Vá ver Jakub!

“Jakub não vai poder te ajudar” esteve a ponto de responder, mas então se deu conta de que Lilinn não falava por ela.

- Vá logo! – Gritou Lilinn.

Jade negou com a cabeça.

- Não.

- Ouça. – Gritou Moira irritada quando Jade apoiou o joelho na beira da janela. Equilibrou-se com agilidade sobre esta, e desde ali, passou ao lado de fora, pelo parapeito da janela, até ter Lilinn na altura de seus olhos.

Ainda que até o momento houvesse conseguido se reprimir, deu-se conta de que, em muitos sentidos, era totalmente a filha de Jakub.

- O que pretende? – Perguntou a Lilinn. – Foi tudo mentira? Se fez de minha amiga só para entrar no Larimar? Que histórias se supõe que tenho que contar a Jakub?

- Livonius! – Lhe ordenou Moira desde a janela. – Desça aqui! Já basta!

A cozinheira olhou a Jade como se tivesse ficado louca, e logo, dirigiu um olhar de advertência em direção a Moira.

- Sinto muito. – Disse em voz alta. – É certo que me infiltrei em sua casa. Mas nunca quis colocá-los em perigo. E sou consciente de que isso é o que fiz ao esconder no sótão de vocês o espelho e os mapas.

Lilinn fez um sinal discreto para Jade. Uma gota de suor lhe recorria à têmpora, e tinha as mãos, que se aferravam a grade, brancas como o mármore.

Jade compreendeu e devolveu o sinal.

- Mas, por quê? – Perguntou em voz baixa. – Por que Lorde Minem? De verdade você o assassinou?

- Assassinei? – Lilinn riu com amargura, apertou a mão em um punho e lhe mostrou os três cortes. – Lorde Minem teve uma oportunidade. Meu irmão e minha mãe não tiveram nenhuma quando ele os lançou aos tigres.

Jade mordeu o lábio. A família de Lilinn... Jamais havia falado deles.

A cozinheira engoliu em seco e se afastou.

- Livonius! – Gritou Moira. – Desce, ou te disparo aqui mesmo!

Jade se apressou em voltar à janela. Apenas havia tocado o chão, quando Moira a agarrou pelo pescoço e a apertou contra a parede.

- Ficou louca? – Reprovou-a. – Teve sorte de que nenhum dos caçadores ali debaixo tenha disparado em você.

Jade se deixou cair pela parede de vidro, até que ficou sentada no chão.

- Sinto muito. – Murmurou apenas. Não tinha forças para discutir. Lilinn, Elanor e a guerra que acabava de começar, se disseram. Era mais do que poderia suportar em um dia.

Moira suspirou e se sentou na escada. Parecia cansada, e sem dúvida, a ferida a incomodava.

- Bem? Valeu à pena? – Disse. – Sua cozinheira morrerá de todos os modos.

- Você não tem nem um pinga de compaixão? – Perguntou Jade.

- E os rebeldes têm compaixão? – Retrucou Moira. – Pergunta ao meu melhor amigo, que está em seu quarto gravemente ferido sem saber se chegará a amanhã. Sabe como é duro perder o teu único amigo? Ou pergunte ao Lorde Minem. Mas, não, espera que como não tem cabeça não poderá te dizer nada...

Ainda que Jade tivesse a resposta na ponta da língua, conseguiu se conter a tempo.

- E isso aí fora te importa? – Perguntou em voz baixa. – De verdade? Quero dizer que você é...

- Um momento! – Moira a interrompeu. – Acha que é fácil para mim ver morrer pessoas da minha tropa? Pensa que tudo que vejo me cai bem? De todos os modos, a esse saco de cabelos vermelhos aí de fora, peço que lhe aguarde um final muito duro sim, o que? A final de contas, nós, os caçadores, somos tributos vivos dos lordes. Nossas famílias nos entregaram quando apenas sabíamos andar, e muitos nem sequer conseguem superar o treinamento até que são adultos. Existem lordes temíveis, é certo, mas, em mais de uma ocasião, alguns deles me protegeram de um destino pior. Olhe ao seu redor, Jade. Olhe bem as pessoas e verá que cada pessoa nessa maldita cidade tem motivos para matar. E, no entanto, não é todo mundo que agarra uma faca.

Jade olhou a caçadora totalmente perplexa.

- Não se trata de servir, Jade. A liberdade não é mais que um sonho bonito de uma vida calma. Acredite, amos e criados estão em todas as partes, ainda que tenham outros nomes. E tudo o que é e tem nessa cidade, é resultado de negociações e de lutas, todos os dias, todas as horas. Às vezes não é fácil manter o equilíbrio. A pergunta é: como devo atuar? Digo a mim mesma: vale à pena lutar cada dia pelo equilíbrio, por minha tropa, por um dos lordes mais temíveis que estou a serviço... Ou é melhor fazê-lo por mim, simplesmente, para poder viver? Deveria me dedicar a matar as cegas por uma causa confusa?

Jade a olhou com os olhos arregalados de assombro. Desejou, nesse instante, ter podido conhecer essa caçadora em outra cidade e em outro tempo, onde não fossem mais que duas mulheres que se encontravam e sorriam.

Moira pareceu se dar conta de que havia falado demais. Afastou o olhar de Jade, ficou de pé e se dirigiu até a escada. Jade se levantou também e a seguiu. Acreditava que Moira já não lhe diria nenhuma palavra mais, mas a caçadora a surpreendeu quando, já diante da porta, virou-se e se dirigiu a Jade com um sorriso zombeteiro.

- Você é uma sentimental e está louca, Livonius, e acima de tudo, é uma exaltada. Mas, de certo modo, me cai bem. – O sorriso se converteu em uma careta irônica. – Não me espanta que desde que Faun já não se hospeda no Larimar, esteja tão perdido em seus lamentos de amor que já não sirva para nada.

Capítulo Dezoito – Por trás dos espelhos

Na margem, o Larimar parecia um animal abatido. O vento entrava pela porta aberta e as janelas, de uma delas pendia uma cortina que raspava na fachada entre rugidos. Jade entrou na ponta dos pés no que, até o dia anterior, havia sido seu lar. Nos corredores se viam as pisadas empoeiradas de botas e patas de cachorros, os móveis haviam sido afastados para um lado e estavam destorcidos. Jade teve a sensação de ter se tornado incorpórea, como os fantasmas cujos lamentos se deixavam ouvir pelos corredores. Os antigos moradores haviam dançado, rido e sofrido entre essas paredes, mas então tudo formava parte do passado. Era evidente que haviam pegado Lilinn desprevenida. Na cozinha se via sinais de luta.

O chão coberto de pedaços quebrados de louças, e inclusive o formo ainda desprendia um pouco de calor. Em uma panela sobressaía, como pedindo auxílio, uma pata de caranguejo.

- Jakub? – Gritou Jade pelo corredor e na caixa do elevador. Ninguém respondeu.

A água no sótão estava mais turva que nunca. As botas haviam levantado o lodo do sótão. Jade vadeou angustiada pelas salas. Por todas as partes se encontrava fechaduras forçadas e portas quebradas, que deixavam ver os cômodos. As estantes para o vinho há tempo haviam se convertido em lugares de crias, uns olmos cegos de cor branca fugiram ao notar seus passos. A porta que conduzia ao quarto de Jakub estava entreaberta. No lugar onde, antes, havia tido uma fechadura sólida, agora se abria uma brecha produzida por uma machadada.

Jade abriu a porta com cuidado, levantou a lâmpada de óleo e olhou o interior prendendo o fôlego. Esperava encontrar uma sala inundada, uma cova ou um lago, mas era um armazém. Amontoados em um canto havia sacos vazios de batatas. Jakub havia trabalhado muito ali. Um murinho que chegava a altura de seus joelhos estava situado justo atrás da porta que continha à água do rio. Sem dúvida, seu pai havia dedicado muito tempo drenando o lugar. A areia e as lajotas preenchiam o espaço até onde terminava o murinho, sobre ele, umas tábuas de madeira formavam o chão elevado. Dentro dele, envolto em areia e papel encerado, havia um cofre.

Sem dúvida, era um bom lugar para esconder planos e o espelho dos reis Tandraj.

“Estava a serviço dos reis? – se perguntou Jade, baixando a luz vacilante. – Era um de nós e inclusive fingiu ante sua filha?”

Vadeou rapidamente, voltando sobre seus passos e fugiu escada acima. Só se deteve quando chegou ao quarto do primeiro andar. As pessoas da Lady também haviam causado estragos ali, tirando caixas e abrindo, desordenadamente, arcas e armários. No entanto, a cama de ébano estava quase igual como a havia deixado: o lençol estendido e os objetos

que ela havia separado se encontravam sobre ela. Jade se deixou cair na cama, fechou os olhos esgotados, e fundiu o rosto na colcha. Só então se deu conta de que buscava a presença de Faun, um pouco de seu cheiro de musgo, o perfume do bosque e a neve, mas Faun havia desaparecido igual há seus anos no Larimar.

A garota havia voltado. Tinha os braços de cristal e os apertava em torno de Jade com suavidade, em ato de consolo. A água se derramava como uma carícia sobre a pele de Jade, e ela apoiava a bochecha no ombro de sua própria imagem.

- Tenho que salvar Lilinn e Elanor. – Dizia. – E tenho que encontrar o príncipe. Sem eles, os rebeldes morrerão e todos nós estaremos perdidos.

A garota não respondeu, mas, quando Jade abriu de novo os olhos, encontrou-se, de repente, com o rosto do príncipe de Inverno e retrocedeu assustada.

Ele tinha a boca firmemente fechada, como se tentasse reter nela uma palavra de ouro.

- Ajudarei você! – Lhe sussurrou Jade. – Mostrarei o caminho para sair dos espelhos.

Ele estendeu as mãos para que ela as segurasse. E quando Jade, tremendo, segurou-as começou a girar como presa em um redemoinho observou com assombro que ela levava um vestido de água e que seu corpo desnudo brilhava translúcido. A música a envolveu era a canção que Lilinn e Jakub haviam dançado, mas, quando o príncipe de inverno abriu a boca, os violinos passaram a ser um grito agudo. Inclusive sumida em um sonho, Jade notou como se apertava as mãos contra os ouvidos em um gesto de dor. E então apareceram outras mãos, calejadas e duras, e, contudo, tão familiares que ela sorriu aliviada, estendeu os braços em torno de um corpo e se fundiu em um abraço estreito.

- Minha menina. – Murmurou Jakub contra seu cabelo. – Minha pequena. Achei que não voltaria a te ver nunca mais.

Jade se deixou embalar por seus braços como quando ela apenas tinha dois anos e se sentia desamparada, e cansada. Depois de um bom tempo, soltaram-se, mas se mantiveram tão próximos que Jade notou, inclusive, o calor febril que ele despendia.

- Estive na casa do prefeito. – Disse Jakub com a voz rouca. – E logo, na Casa do Dízimo. Mas não pude fazer nada por Elanor. – Sua voz adquiriu um tom irritado, que Jade tão bem conhecia, e que lhe fez recordar todas as imagens daquele dia. – Então ouvi o corno...

Jade teria gostado de encontrar palavras para consolá-lo, mas o rosto impenetrável de Jakub a desconcertava. Maldizia a Lilinn? Sentia-se traído?

- Eu falei com ela. – Disse, ao fim, em voz baixa. – Disse aos homens da Lady que o espelho do sótão e os mapas que tinhas escondido no sótão eram dela. Salvou-te o pêlo, Jakub.

Irritou-a, de novo, ver que ele apenas reagia e que se limitava a apertar os punhos.

- Mas diz alguma coisa! – Exclamou ela. – Você a ama? Está preocupado por ela? Ou talvez não esteja nem sequer surpreendido?

- Sim e não. – Jakub respondeu com uma voz contida. – Antes de permitir que alguém fique no Larimar, faço minhas averiguações. Logo soube o que havia acontecido com sua família. Ela conseguiu fugir do palácio, adotou um novo nome, viveu de forma clandestina e se apaixonou por um homem que lhe jogou um mau momento. Até aqui, era uma história muito normal. Não te disse nada, porque pensei que queria iniciar uma vida em segredo conosco. Mas fazia tão bem seu papel que jamais suspeitei que, para ela, a vingança fosse mais importante que tudo.

- Mas seu amor por você não foi fingido. – Respondeu Jade.

Jakub engoliu em seco.

- Você esteve no sótão? – Perguntou.

Jade assentiu.

- É hora de tirarmos as máscaras, Jakub. Sei do espelho e dos reis Ecos. Conheço a forma verdadeira dos Ecos e todas as mentiras que me contou durante toda a minha vida. Mas agora quero toda a verdade. Sei que eu... – Jade piscou e tomou fôlego para aquietar seu coração acelerado. Não era muito agradável expressar em voz alta seu temor mais profundo. - ...que tenho um vínculo com os Ecos. Sou a única capaz de ver sua imagem refletida. E, às vezes, os ouço em meus sonhos.

Jakub suspirou e olhou suas mãos.

- Então te encontraram!

- Responda! – Gritou Jade.

- Faz a pergunta adequada. – Retrucou, de repente, Jakub com a mesma raiva. – Vamos, faça-a de uma vez. – Logo acrescentou em voz mais baixa. – Me faça essa pergunta que eu nunca te respondi.

Jade ofegou.

- Está bem. Quem chorava então?

Jakub fechou os olhos.

- Era a garota que você vê na água. – Respondeu. – Sua irmã.

Jade não pôde responder. De repente, teve a sensação de poder captar tudo com uma nitidez cristalina e penetrante. Todos os sons vibravam, todas as cores resplandeciam de tal modo que ela desejava poder fechar os olhos.

- Mas... é impossível. Não tenho sangue de água... – Gaguejou.

- Você é minha filha. – Disse Jakub. – E eu sou humano. Mas a sua mãe, Tishma, era um Eco.

Jade meteu rapidamente a mão no bolso, onde levava a fotografia.

- Já sei. – Disse Jakub. – Na fotografia vê a uma humana. Mas não foi tão simples. Ela optou por esse aspecto, porque se sentia próxima dos humanos. Era mediadora, e estava a serviço dos reis Tandraj. Ela sempre acreditou que os Ecos e os humanos podiam falar o mesmo idioma, e que não devia desconfiar um dos outros.

- De verdade era um Eco? – Murmurou Jade. – Como é possível?

Jakub sorriu surpreso.

- Como é possível que uns seres se apaixonem e que ajam almas que se reconheçam independente da forma que adotam para viver? Não sei. É algo que, simplesmente, experimentei. Em todo caso, tem razão sobre o que descobriu sobre os Ecos. Durante a Guerra de Inverno, muitos deles foram assassinados, mas muitos abandonaram a tempo seus corpos, e desde então, mantêm-se ocultos em outras esferas. No rio, nos espelhos e em lugares que eu não conheço. A maioria das vezes se parecem aos humanos, e inclusive podem escolher ser homem ou mulher. Podem abandonar seu corpo e surgir de novo, a partir de reflexos quando seus reis os chamem. No entanto, se são atacados no corpo que adotam, então são vulneráveis e podem morrer.

- Como... Tishma?

Jakub assentiu.

- Não pode voltar. Morreu.

Jade precisou de um momento para assimilar completamente essas palavras.

- Ela gostava dos humanos. – Murmurou Jakub. – Nós dois éramos muito jovens. Eu trabalhava em uma loja de espelhos, um dos poucos negócios que estavam permitidos aos humanos. Víamo-nos apesar de, que para os Ecos, estava estritamente proibido criar relações ou amizades com nós. Os reis eram uns governadores indulgentes. Tishma e eu vivíamos juntos em segredo, sempre com medo de sermos descobertos, mas suficientemente jovens para não abandonar esse amor. E logo... logo aconteceu o incompreensível.

- Nós duas. – Murmurou Jade. – Minha irmã e eu. Filhas de um Eco e um humano.

- Nem nós podíamos acreditar. – Prosseguiu Jakub. – Talvez eu pudesse ter ocultado um filho, mas Tishma me disse que os Ecos só têm gêmeos, que formavam parte de sua natureza dupla. Neles, tudo é um reflexo. As trouxe ao mundo escondidas. Contudo, vocês não eram idênticas: eram tão diferentes como água e fogo. Tishma colocou nomes humanos



em vocês, Jade e Amber. Escondemo-nos na Cidade Morta, que naquele tempo só estava habitada por humanos. Eu as escondi. Durante um ano, tudo foi bem, mas então os Ecos nos descobriram. Um dos fabricantes de espelhos nos delatou aos Tandraj.

Jade apenas notava como as lágrimas percorriam as bochechas. Os disparos, o outro choro... fechou os olhos.

- Nunca foi um sonho. A outra vez... era ela!

Jade pronunciou aquele nome em sua mente. Todavia não se atrevia a pronunciá-lo em voz alta.

Jakub assentiu.

- Dispararam em nós e nos encurralaram com tochas atrás de um armazém. A única saída era pelo telhado. Mas Tishma estava ferida e não podia subir. Sabia que se subisse ao telhado não poderia sustentar a nós dois, ela me disse.

Jakub esfregou os olhos e permaneceu em silêncio uns minutos sem que Jade lhe apressasse para continuar.

- Tive que escolher então. – Disse então com a voz entrecortada. – Ou teriam matado as duas. Você é só meio Eco. Não poderia abandonar seu corpo e fugir pelos espelhos. E Tishma não teria abandonado nenhuma de vocês para se salvar. Só havia uma saída. Então peguei você no colo e fugi.

Jade abriu os olhos. Olhava a seu pai com a vista nublada.

- Por que eu?

- Teria gostado de dizer que foi casualidade, mas seria mentira. Amber era mais Eco que você, seu aspecto a delatava. Via-se em seus movimentos, seus traços, em seus olhos. E havia herdado o sangue claro de sua mãe, o sangue de cristal. Sei que um pai não deveria dizer essas coisas, mas pensei que, se conseguia te livrar da morte, você poderia viver entre os humanos. Sem que ninguém te reconhecesse e sem perigo. Ela, em troca, não teria estado a salvo nem entre Ecos nem entre humanos.

- Então você dizia a verdade. – Murmurou Jade. – Minha mãe foi morta pelos Ecos...

- A sua mãe, e também a sua irmã. Amber só se reflete em você, Jade, é um Eco do passado. Não voltará nunca. Mas, o dia em que minha alma cruze o rio, então, com a ajuda de Styx, ela estará me esperando.

Era estranho. A raiva que sentia no peito era cada vez menor. Jade sabia que deveria estar infinitamente irritada e afetada, mas, ao invés disso, sentia um alívio ilimitado.

- Você ainda não sabe toda a história. – Prosseguiu Jakub com a voz embargada. – Fugi contigo ao bosque. Ali vivemos como selvagens, sempre com medo de que os Ecos

pudessem seguir nossa pista. Porque nos seguiam, isso eu sabia. Um dia topamos com uns espiões. Achei que eram Ecos, mas logo me dei conta de que eram soldados humanos forasteiros, uma patrulha de reconhecimento com cachorros rastreadores. Levaram-nos a um acampamento e me interrogaram.

- A Lady!

Ele assentiu.

- Compreendo a Lilinn melhor do que você imaginava. Estava desesperado e levava no coração a vingança como se fosse uma flor venenosa, que não espera outra coisa mais que poder se abrir. Havia visto os planos do Palácio de Inverno de Tishma, conhecia o idioma dos Ecos e muitos de seus segredos. Sabia que os reis irmãos não simpatizavam que as rivalidades do Palácio impediam reconhecer os iniciados. Lady Mar reuniu as tropas e aguardou a ocasião. Quando vi que poderia vingar a morte de Tishma, a aproveitei.

- Você traiu aos reis! – Disse Jade, estupefata.

- Sabia que não poderia sobreviver muito tempo mais nos bosques contigo. Está é minha cidade, e queria que você vivesse nela entre humanos, como mais uma. Ninguém te reconheceria ninguém poderia suspeitar da história que se ocultava por trás de nosso destino. Então ajudei Lady Mar. Disse-lhe que tinha que cortar o fornecimento de água do Palácio. Mostrei-lhe as portas traseiras e os corredores secretos, os pontos fracos e a natureza dos Ecos.

Então essa era a parte mais secreta de Jakub. Jade, de repente, entendeu tudo, aquela opacidade que sempre havia existido entre ela e seu pai. Os pesadelos de Jakub e seu temor pelos Ecos. Sentiu-se mais desgarrada que nunca.

- E essa é a vida que você queria para nós? – Lhe perguntou.

- Os humanos sempre foram escravos, de um ou outro modo. – Respondeu Jakub. – Mas na cidade Tandraj, estávamos em minoria. Baixo o governo da Lady Mar, procurei não por provas a seu favor. Encarreguei-me de que estivéssemos em contato com as pessoas do rio, porque são próximos da Lady. Fui falar com o prefeito e a Lady se mostrou agradecida. Tivemos que nos ocultar até que os últimos Ecos foram vencidos, e a cidade deixou de estar perdida no caos. Depois da Guerra de Inverno, romperam-se todos os espelhos. Eu consegui ficar com um de forma ilícita. Tenha-me por louco se quiser, mas durante muito tempo desejei encontrar nele um rosto conhecido. E guardei também os planos que consegui desenhar de memória. Sem dúvida, foram tempo difíceis, mas, ao final, a Lady Mar nos demonstrou seu agradecimento. O único motivo para que hoje nós não estejamos pendurados em uma jaula na torre da igreja, é que a Lady confia em mim e não sabe quem você é na verdade.

- Sinahe... – Disse Jade.

Jakub sorriu com tristeza.

- No idioma dos Ecos significa: aos humanos é possível enganar, mas os Ecos te reconhecem quando te vêem.

Jade fundiu a cabeça entre as mãos e tentou ordenar suas idéias. Jamais havia se sentido tão cansada e vazia, mas aquele vazio era benéfico, era o vazio de um campo assolado por um incêndio, onde por fim, se pode começar a brotar algo novo.

Levantou a cabeça e olhou a Jakub com surpresa. Com boa vontade teria começado a rir.

- Os reis! – Exclamou. – Tam encontrou, de fato, um dos príncipes. A história era verdadeira. Sobreviveu a Guerra de Inverno e foi expulso da cidade. Mas seu irmão abandonou sua forma no palácio e fugiu em um reflexo.

A outra conclusão lhe provocou um estremecimento que lhe recorreu todo o corpo. Faun! Ainda que ele soubesse que o príncipe era Eco, não havia dito nada a ela. E ademais, havia tentado com todas as forças manter Jay afastado dela. E Jay era capaz de cheirar o rastro dos Ecos.

As noites voltaram a sua memória, e lhe mostraram baixo uma nova luz.

Então se desvaneceu o último resto de rancor que restava.

- Por que você sorri? – Perguntou Jakub, assombrado.

Jade sacudiu a cabeça e adotou um ar sério.

- Acho que é o momento de você também saber a minha verdade.

Jakub nem se irritou nem se horrorizou, nem sequer se surpreendeu tanto como ela havia imaginado.

- A Lady propõe uma guerra sem quartel. – Concluiu ela, logo. – Os rebeldes perecerão em um combate inútil. Não tenho muito tempo.

O rosto de Jakub era mais sombrio que nunca. Tinha os olhos acesos, como se tivesse febre.

- De verdade você quer entrar no palácio?

- Às vezes não há mais que uma opção. – Respondeu ela com a voz dura. – Eu já me decidi. De fato, não posso vencer a Lady, mas sim posso dar uma oportunidade aos Ecos. Vou entrar no palácio, de algum modo, talvez mediante uma caçadora. E tenho que convencer Martyn e Arif para que me ajudem. Se não posso levar o príncipe ao rio, então preciso que seja o Wila quem entre no palácio. Sangue de cristal, você o chama assim, certo?

Jakub não se deixou levar pelo entusiasmo. Levantou-se e lhe deu as costas, como se precisasse refletir sozinho.

- E se você encontra o príncipe e chama os Ecos? Então, o que vai acontecer Jade? Pode que, ao final, aliem-se aos humanos, mas, o que vai ser de você? Você é mestiça. Vão te matar.

- Como você sabe? – Perguntou Jade, irritada. – Faz muito tempo que me encontraram! Tiveram oportunidades para me matar, e em troca, me chamam Sinahe. Talvez os reis tenham sido terríveis e inconstantes, mas Tishma não. As coisas mudam e temos que mudá-las! Se não, Lilinn morrerá em três dias, e com ela, Elanor e tantos outros.

Jakub não respondeu.

- Que foi? – Gritou Jade. – Não quer me ajudar ou é covarde demais para isso? Sei o que tenho que fazer e o farei igual sem você. Mas preciso dos planos, Jakub, e você terá que me contar tudo o que sabe dos Ecos.

- Pequeno dilema! – Murmurou. – Dois caminhos, dois abismos. As pessoas da Lady me matarão se sabem que você tem sangue de Eco. E, se os Ecos ganham, irão se vingar de mim por minha traição.

- Se os Ecos não ganharem Lilinn, Elanor e os rebeldes morrerão. – Respondeu Jade sem compaixão. – Já perdeu Tishma, agora terá que ver se o medo por sua própria vida pesa mais que o amor que você sente por Lilinn.

Partia-lhe o coração ter que forçar Jakub desse jeito, mas, quando seu pai se virou lentamente para ela, deu-se conta de que aquele homem, que durante muitos anos ela havia acreditado que tinha que proteger, era um homem forte.

Tinha o olhar aceso e uma expressão que ela nunca havia visto.

- Então você me tem por covarde. – Resmungou. – Pois pode estar bem segura de que não vamos entrar no palácio como os covardes por uma porta traseira. – Sorriu, e Jade sentiu tanto amor por ele que inclusive lhe doeu. – Iremos pela via direita, através da Porta Dourada. Sem dúvida, a Lady permitirá de boa vontade a seu delator se este lhe trás notícias. Previamente, você terá que convencer as pessoas do rio para que ponham de novo em funcionamento todas as bombas de fornecimento, eu desenharei o sistema de condução de água e os canais. E logo teremos que rezar para que, ao menos, uma parte das tubulações tenha se conservado intacta.

- Obrigada! – Disse Jade de coração.

Jakub negou com a cabeça.

- Não me agradeça tão rápido, Jade. E te advirto: os Ecos não são todos bons. São um povo guerreiro.

Jade começou a rir.

- Já sei disso. A final de contas sou uma deles.

Capítulo Dezenove – A Decisão

Arif, Martyn e Jade haviam navegado rio abaixo com o bote pequeno ao amparo da escuridão, até chegar à escada do Larimar. As portas duplas que davam ao salão de banquetes estavam abertas. Para não chamar a atenção, e para evitar que as patrulhas vissem o bote, haviam entrado com ele pelas escadas e o haviam colocado em uma sala as escuras. Os quatro estavam no quarto de Jakub, com as janelas e postigos bem fechados. Havia desenhos de Jakub espalhados por todo o chão, mas, nesse instante, os dois irmãos só tinham olhos para a fotografia de Tishma. A cor vermelha intensa do vinho que Martyn havia servido brilhava a luz da única vela.

Reinava um ambiente estranho, de tribulação e cautela, como se, de repente, Jade e os irmãos não se conhecessem. Jade se deu conta de que Martyn a olhava com certo respeito. Tinha o lado direito do rosto às escuras, enquanto que no esquerdo a luz da pequena vela fazia seus traços claros brilharem como chamas.

- Realmente, sua mãe parecia humana. – Disse Arif. Jade quase podia ouvir seus pensamentos. Jade, a das pessoas do rio, ou Jade, a Eco?

Como tantas outras vezes nessa tarde, Arif esfregou a testa dolorida, perdido em seus pensamentos. Levava uma mancha roxa no olho, fruto de uma disputa ante a igreja posto que, naturalmente, havia enfrentado os caçadores para se aproximar de Elanor.

- Não sei o que mais me custa acreditar. – Resmungou. – Que você seja uma deles, ou que tenha ajudado aos rebeldes.

A raiva de sua voz intimidou inclusive a Jade. Ela pensou em Elanor, sofrendo de fome e sede na jaula, e voltou a sentir essa pontada de vergonha.

- As coisas são como são. – Disse Jakub, em tom seco. – Agora mesmo, culpar uns aos outros não nos ajudará. O tempo corre, também para Elanor. Se tivermos de fazer caso a Ben, os rebeldes já estão reunindo suas armas.

Jade topou com o olhar de Martyn. Pela primeira vez na vida, não podia nem sequer intuir o que ele estava pensando. Ele ficou olhando-a cismado, até que ela ruborizou e afastou o olhar.

- A Elanor a “pegaram de baixo custódia”. – Disse Jakub com ênfase. – Nada menos que “baixo custódia”. Segundo dizem, ela não é mais que um aval para que vocês trabalhem rapidamente e com mais esmero. Bom, que lhes parece? Quando as turbinas voltarem a funcionar, deixarão Elanor livre.

- Isso é um pacto sanguinário! – Grunhiu Martyn. – Necessitaríamos pelo menos dez dias. E ainda que dêem água a Elanor, e ela consiga sobreviver tanto tempo, eu já não acredito em promessas.

Jade sentiu um grande alívio nesse mesmo instante. Teria gostado de abraçar a Martyn, mas Arif resmungou com desdém e afastou a um lado dois esboços de Jakub.

- O que pretendem? E se as bombas deixam de funcionar? E se a corrente muda? Os caçadores estão nos vigiando: não podemos pegar a embarcação sem chamar sua atenção. E, ainda que coloquemos as bombas em marcha, quem nos assegurar que o plano surtirá efeito? Quem disse que o príncipe de sangue d' água conseguirá emergir?

- Ninguém! – Exclamou Jade. – Mas há algo que ocorrerá certamente se não tentarmos pelo menos: Lady ficará com o rio. E Elanor não será a única a sofrer.

A expressão dura em torno da boca de Arif se agravou.

- E se os Ecos regressam nos afogariam no rio, igual em seu tempo fez a Lady com seus inimigos?

“Não posso acreditar!” gritava Jade em sua cabeça.

- Mas, como pode duvidar? Elanor vai morrer, e você ainda não se deu conta?

Jakub lhe advertiu com um gesto para que se refreasse. Ela prosseguiu se contendo com dificuldade.

- Não se trata de passar o príncipe ao trono, mas sim de tirá-lo da Lady. Nada é como antes. Em outros tempos, os Ecos eram os amos da cidade, mas hoje esta pertence aos humanos.

- Nada é como antes. – Murmurou Arif. Sua voz tinha um quê amargo e resignado, e Jade não pôde mais suspeitar que ele pensava em seus pais e em gerações passadas, que haviam seguido a Lady de um rio ao outro.

Martyn olhou a seu irmão de soslaio, Jade se deu conta de que ele também ardia de impaciência. Como irmão menor, tinha que esperar que o mais velho decidisse, mas era evidente que essa noite também para as pessoas do rio regiam outras normas.

- Podemos fazê-lo. – Assegurou Martyn, se bem que ao dizê-lo não se dirigiu a seu irmão, mas sim a Jade. – Se Arif decide contra, eu respeitarei, mas então acontecerá algo comigo. Não estou disposto a ceder a Lady uma vida sem mais.

Jade e Jakub prenderam o fôlego.

Arif ficou olhando seu irmão, como se nunca o houvesse visto.

- Agora é você quem diz o que tenho que fazer? – Trovejou ficando de pé em um ato ameaçador.

Martyn se levantou e cruzou os braços.

- Direi o que farei. Vou olhar detalhadamente os planos, e buscarei um bote que não chame a atenção. Nas Red Rocks temos a barca de reposição para cargas pequenas. Se os planos e descrições de Jakub estão certos, esses condutos aguentarão cem anos. E aqui... – Levantou uma página e apontou a um canal. – Há inclusive um acesso aos bloqueios adicionais.

- Nessa época você tinha apenas um ano. – Disse Arif com tom sombrio. – Não se lembra de nada. Você não teve que ver como os mergulhadores tentavam resgatar, sem êxito, os nossos pais.

Jade tinha as mãos entrelaçadas, e Jakub estava tão nervoso que a ruga na testa lhe partia a frente, formando um sulco profundo.

Os irmãos estavam de pé cara a cara, sol e lua, irreconhecíveis e a várias léguas de distância.

Martyn estava pálido.

- Tem razão. – Murmurou em voz baixa, mas com energia. – Claro que tem razão, mas, Arif, eu não penso em me agarrar ao passado. Por menor que seja a oportunidade, tenho que tentar.

Jade poderia jurar que, a qualquer momento, Arif arremataria a gritos contra Martyn ou o socaria, no entanto, nesse preciso instante, no rosto desse homem rude se desenhara um sorriso desgostoso.

- De verdade pensa que você conseguiria? Não tem a menor escolha! Você, pirralho, não tem nem idéia de como vão às correntes. Para isso precisamos de Nama.

Jade e Martyn começaram a sorrir ao mesmo tempo.

- Quanto tempo? – Jakub perguntou, ajuizado.

- Pelo menos, meio dia. – Respondeu Arif sem otimismo. – E isso se for possível.

Capítulo Vinte – A Festa

Quando Jade, acompanhada de Jakub, percorreu a Praça da Igreja em direção ao palácio, deu-se conta de que a situação dos presos havia piorado. Ao menos, as nuvens de chuva, suspensas sobre a cidade abaixo do céu vespertino de cor celeste, aliviavam um pouco o calor.

Contudo, muitos gritavam de sede e outros jaziam imóveis, nas jaulas.

Jade e Jakub diminuíram o passo de modo involuntário, e ela observou que seu pai tentava encontrar a jaula de Lilinn. Ela não a viu, mas pensou que talvez fosse porque estava longe demais.

- Venha, vamos. – Lhe ordenou com energia. Jakub engoliu em seco e se apressou.

As ruas em frente ao recinto palaciano pareciam varridas de pessoas. Jade deu uma olhada de soslaio às persianas dispostos em barricadas das janelas e, perguntou-se se os rebeldes estariam observando. O vestido de cor azul acinzentado que havia desencantado rangia a cada passo. Levava o cabelo preso, atado a nuca com uma fita de seda. Nenhum dos cintos que tinha lhe havia parecido adequado para uma ocasião festiva, assim havia cortado um pedaço lilás de uma cortina. Sentiu de novo um formigamento incômodo na nuca ao imaginar os canos de fuzis os seguindo, a cada passo, como cachorros de guarda.

“Por favor, agora não – rogou em silêncio. – Por favor, que não seja nas próximas horas. Que os rebeldes aguardem tempo suficiente para atacar”.

Havia mais outra coisa que a preocupava: nas poucas horas de sono inquieto que havia tido, não havia recebido nenhuma chamada do príncipe.

- Põe um rosto mais alegre. – Jakub lhe advertiu. – Não vamos à força, mas sim nos sentimos honrados por poder trair a nossa cozinheira, e aos seus seguidores, ou por acaso esqueceu?

Jade sorriu com nervosismo e assentiu. Sua postura era um consolo para ela.

Tinha que admitir que se sentia infinitamente orgulhosa de Jakub. Havia se arrumado, e ia vestido com seu casaco de veludo azul e calças claras. Aos olhos de Jade, tinha a aparência de um rei, e manifestava uma confiança em si mesmo que a assombrava.

O muro liso do palácio surgiu ameaçador ante eles. Uma fileira de sentinelas fechava a passagem ao interior. Jakub, sem vacilar, aproximou-se do primeiro soldado na porta, e lhe mostrou sua autorização com o selo do lírio.

- Jakub Livonius. – Disse tranquilamente. – Esperam a mim e a minha filha no palácio.

O sentinela arrancou o selo, e observou durante um tempo o rosto de Jade que, a ela, pareceu que seu sorriso amável passava a ser uma máscara rígida.

- Reviste-os! – Gritou o sentinela.

Dois homens deram um passo à frente, apalpam Jade e Jakub em busca de armas. Chegaram a revistar até a saia de Jade, futucando inclusive nas dobras para ver se não havia nenhum objeto preso ali. Jade contava com tudo aquilo, mas quando um sentinela tocou seu cabelo, teve que se dominar para permanecer quieta e com a boca fechada. Estremeceu ao pensar que havia considerado a possibilidade de levar consigo um pedaço de espelho

- Adiante! – Gritou o sentinela.

A primeira surpresa foi a Porta Dourada. Vista de perto, não era dourada, mas sim de uma cor amarela que não reluzia. Parecia esperá-los com um sorriso de bares muito apertado, e Jade se sentiu sobressaltada quando passou por ela e entrou no pequeno e sombreado pátio interior, escadas, salas de audiência... Enquanto avançava junto a Jakub, ia repetindo mentalmente a ladinha que havia gravado horas antes.

Havia também outra coisa que a preocupava, apesar de que até o momento havia conseguido afastá-la de sua cabeça: tomara que Faun esteja no palácio. A idéia de que pudesse acontecer algo com ele a fazia se sentir inquieta e nervosa.

“O príncipe – se repreendeu. – Pensa só no príncipe”.

Concentrou-se em aguçar o ouvido, perceber sua chamada, e no momento, se tranquilizou.

O recinto palaciano era outro mundo. Dentro do pátio pequeno que atravessavam inclusive os ruídos pareciam diferentes. Fora, no mercado, todas as palavras ressoavam com clareza, enquanto que ali, em troca, tudo se ouvia suave e apagado. Atrás das janelas tampadas com cortinas, Jade só podia adivinhar os movimentos. Viam-se arcadas e galerias de pedra, que conduziam aos salões de festas.

- Assim era antes todo o palácio. – Murmurou Jakub. – Atrás das arcadas do grande pátio interior, estão os salões antigos.

Jade inclinou a cabeça para trás e contou cinco andares. Em algum lugar atrás daqueles muros estava o príncipe, ainda que, ao ver as enormes dimensões do edifício, desanimou.

“Terá água suficiente? E se Martyn e Arif não conseguirem?”

Jakub mostrou de novo sua autorização ante uma porta estreita, ali lhes permitiram passar e os fizeram esperar. Ao fim, apareceu um criado ancião que os convidou a segui-lo.

Jade acreditava ouvir música ou vozes, mas no palácio reinava um silêncio sepulcral. Não havia elevadores, e não havia nada pomposo. Tudo eram sem brilho, as paredes e chãos, em outros tempos resplandecentes, estavam sem brilho, os tetos havia sido pintado de preto, e as cortininhas que cobriam as janelas eram de cor esbranquiçada.

- Espere aqui. – Disse o criado apontando uma grande porta dupla.

Jakub assentiu, e o homem desapareceu apressadamente. As paredes absorveram com rapidez o ruído de seus passos. Jade fechou os olhos. Nenhum sinal. Não ouvia nem sentia nada. Mentalmente viu avançar seu relógio e ficou nervosa, ademais, aquele silêncio espesso ao seu redor agravava sua inquietação.

Como se houvesse esperado ter um momento de tranqüilidade, seus temores assomaram de repente, entoando uma ladainha descompassada de todas as catástrofes possíveis.

- E se chamam nós dois? – Murmurou Jade.

- Seria a primeira vez. – Respondeu Jakub. – Como me conhecem, certo que me deixam entrar. Tentarei entretê-los ao menos durante meia hora, mas não temos mais tempo. Só podemos rezar para que Arif e Martyn consigam. – Sua voz transmitiu a Jade sua inquietação. Ele olhou com cautela ao seu redor e se inclinou tanto até Jade, que ela notou seu fôlego na orelha. – Preste atenção. De verdade está aqui? Chama você?

Jade mordeu os lábios.

- Não sei. – Jade respondeu de modo vago.

La lhe dizer mais coisas, mas Jakub lhe fez um gesto de advertência e pousou o dedo indicador sobre seus lábios. Ela então ouviu algo: passadas firmes de botas, dando ritmadamente contra o chão.

Eram quatro lordes seguidos por um grupo de caçadores. Avançavam pelo corredor como um cortejo fúnebre, ainda que seu ritmo fosse rápido demais para sê-lo. Suas vestes negras apenas destacavam das paredes unicamente seus rostos, que eram tão luminosos que pareciam máscaras. Contudo, a Lady, que ia ao centro, era a única que levava uma máscara de verdade.

Jade sentiu, de repente, que as pernas lhe falhavam.

Havia visto em inumeráveis ocasiões a Lady em seus pesadelos e também, de longe, em sua nave dourada. Sua aparência então havia sido majestosa e temível, por isso a surpreendeu se encontrar com uma mulher esbelta com passos flexíveis e rápidos de uma caçadora. O cabelo avermelhado caía sobre sua roupa preta, marcando assim sua máscara de ferro.

- Meia hora. – Lhe disse Jakub com um murmúrio.

Apertaram as mãos um segundo, para se darem ânimos, e logo se soltaram.

Jakub se inclinou, e Jade fez a reverência que aquela mesma tarde havia praticado com Jakub. Entre sua escolta de lordes, a soberana passou como uma exalação ante eles, sem nem sequer lhes dirigir um olhar. Quando Jade abaixou a cabeça em ato humilde, observou que a Lady levava inclusive luvas negras. Sua vestimenta não permitia entrever nem um pedaço de sua pele. A mão negra se levantou, de repente, no alto, e os seus seguidores se detiveram ao instante.

- Levantem-se! – Ordenou um lorde.

Jade se incorporou trêmula e ficou petrificada. Lady a olhava fixamente, lúgubre como o quarto afumado, e com um olhar tão penetrante e nítido como uma pedra preciosa. Jade sentiu um arrepio que lhe percorria as costas.

- Jakub! – disse a Lady. – De todos os meus delatores, o mais entretido.

Tinha uma voz melodiosa e sonora, e quase parecia que sorria por trás da máscara. No ar pareceu que retumbava um tom surdo, e os pêlos de Jade se eriçaram. De repente, teve a impressão de que Lady se erguia entre eles, e que uma aura de escuridão capaz de cegar atraía até si toda palavra e ruído.

“Por que detrás da máscara sua voz não soa mais surda e menos nítida?” Jade se perguntou, intrigada.

Se Jakub sentia algum medo, não deixou ver.

- Milady. – Disse voltando a se inclinar. – Agradeço a honra de poder lhe falar.

Lady virou a cabeça. Seus olhos frios e cinzas voltaram a se cravar em Jade. O coração de Jade deu uma volta. Durante um segundo teve a certeza de que primeiro convocaria a ela a Sala de Audiências. Mas então a Lady afastou o olhar. A mão negra fez uma indicação, apenas perceptível, a um lorde.

- Siga-nos. – Ordenou ele, e virando-se para Jade acrescentou: - Só ele, você não.

Jakub lhe dirigiu um olhar autoritário, e Jade, obediente, fez de novo uma reverência e murmurou:

- Encantada, milorde.

Tal como Jakub a havia recomendado encarecidamente, ficou quieta nessa posição e com a cabeça abaixada. Aguentar tanto tempo imóvel pôs em prova o domínio de Jade, posto que a inquietação a fazia tremer.

As portas duplas demoraram uma eternidade para serem fechadas. Apenas se ouviu o ferrolho, levantou-se e correu até o final do corredor. Deteve-se naquela cruz de corredores e aguçou o ouvido. O silêncio a exasperava.

E se, apesar de tudo, havia se equivocado? Depois de outros cinco minutos não pode aguentar mais.

“Onde eu me esconderia”? – se perguntou.

Talvez na antiga sala do trono? Em todos os casos, tinha que ser em alguma sala em que houvesse vivido antes. Desenhou em sua mente a planta que havia memorizado, e visualizou rapidamente o caminho. Ainda restavam quatro corredores para chegar ao prédio do pátio interior de mármore, que constituía o núcleo do palácio. Ver os corredores esboçados no plano de Jakub era uma coisa, mas ter de percorrê-los era outra muito diferente. Ao chegar ao segundo, estava ofegando. Deteve-se e empenhou todos os sentidos para tentar captar qualquer vibração, mas a chamada do príncipe estava muda, como se nunca houvesse existido.

“Por onde andas?” – sussurrou.

Apesar de que ainda não havia topado com ninguém, ouviu vozes e risos, e inclusive música. O barulho aumentou e notou que algo vibrava perto dela. Eram os convidados de uma festa! Procurou freneticamente por alternativas, segurou a saia e dobrou a esquina correndo.

Quando a porta que tinha ao lado se abriu, soube que a acústica daquele estranho edifício já havia gasto. Os risos se prenderam no silêncio do corredor, e um grupo de pessoas mascaradas saiu atropeladamente de uma sala. A seda mate e sem brilho rangeu. Uma dama nobre gritou quando bateu contra Jade e deu um tropeço. Jade retrocedeu e quis fugir, mas era tarde demais. Um braço a tinha firmemente agarrada pela cintura.

- A quem temos aqui? Mas sim é à flor de meus desejos!

Um fôlego que fedia a cinzas e vinho deu em seu rosto, enquanto o mascarado ria a gargalhadas de sua própria graça. Ao ver o modo que seu acompanhante secundava sua graça, Jade soube que aquele era o senhor.

- Por que ainda não está na festa?

O homem fez Jade girar, como se estivessem dançando, e a saltou no meio do impulso. Outro homem a agarrou.

- Deixe-a Davan! – Disse em tom aberto.

Davan! O mascarado era um lorde. Jade o havia visto um pouco de longe, sentado em sua carroça. Então, apesar da máscara, reconheceu sua figura baixa e gorda, e o cabelo curto, escuro e suntuoso como a pele de uma planta.

Como ela não havia respondido, a amabilidade do lorde se desvaneceu de imediato.

- Exijo uma resposta! – Resmungou.

- Não fui convida milorde. - Respondeu Jade, tão submissa quanto pôde. – Espero ao meu pai, que tem uma audiência...

- Em tal caso, agora será teu pai esperando por você. – Exclamou o lorde. – Traga ela. Quero vê-la dançar.

Jade esteve a ponto de soltar uma maldição, mas não tinha outra opção. Ao instante, viu-se rodeada pelo grupo. Mãos a ergueram e empurraram, sem delicadeza alguma, enquanto as damas nobres zombavam de seu vestido e puxavam seu cinto. Jade olhou ao homem que a havia agarrado, e para sua surpresa, reconheceu nele outro lorde. Lembrou que se chamava Lomar. Apenas se deixava ver na cidade, mas, como havia perdido um olho em uma luta de espadas contra a Lady, era o único que se mantinha circunspecto e prudente.

Jade era conduzida na direção errada, e pelo menos, a dois corredores dos salões antigos. Seu pensamento fervia. Tinha que buscar o momento oportuno e fugir. A música soava: umas flautas agudas e quase estridentes, e tímboles surdos. Ao instante seguinte, Jade se viu empurrada ao interior de uma sala muito iluminada. As velas estavam acesas, mas nas longas mesas do banquete havia também lâmpada de vidro fosco. O ambiente cheirava a açafraão, mel e carne assada, e, contudo, o banquete parecia estranho.

As bandejas eram de prata, esmeradamente sem brilho, e nenhum copo de vinho resplandecia debaixo da luz das velas.

- Bem, florzinha. – Murmurou lorde Davan, rindo. – Aqui é onde você vai dançar.

Jade olhou ao seu redor. Notou que a brisa da tarde refrescava suas bochechas ardentes, e entreviu umas janelas altas e portas duplas sem vidro. Aquilo explicava por que a sala parecia tão vazia a primeira vista: os convidados estavam fora, no corredor da galeria. Em meio de todo aquele caos, vislumbrou uma possibilidade.

- É! – Gritou lorde Davan a um dos criados. – Mais vinho!

O líquido escuro se derramou fresco sobre a pele de Jade quando um dos nobres pôs em sua mão em um copo, sem nenhuma delicadeza. O lorde ficou olhando-a muito fixamente, e a ela não restou mais remédio que obedecer. Quanto tempo lhe restava até que Martyn conseguisse abrir as comportas? Quinze minutos? Vinte por acaso? O temor por Martyn fez um nó em seu estômago, rapidamente pôs o copo nos lábios e tomou um gole. O pó de cinza tinha um sabor seco e algo amargo, e o vinho ficou preso em sua língua como um óleo pesado e doce. O aroma de incenso e framboesas subiu até seu nariz.

- Que festa é essa, milorde? – Perguntou em voz alta.

Todos a olharam assombrados, e o lorde se engasgou. Então se lembrou da advertência de Jakub. Teve a certeza de que, continuando, o lorde a faria prender, mas ele começou a rir a gargalhadas, como se aquilo fosse uma ocorrência muito bom.

- E ainda por cima, indiscreta! Vem, dê uma olhada à festa que estamos celebrando.

Jade passou ante o lorde ao corredor da galeria, e imediatamente, buscou uma via de escape. O lugar estava lotado de pessoas que amontoavam no balaústre de pedra, olhando o pátio interior. Eram muitos para abrir espaço, e passou sem chamar a atenção.

Lorde Davan agarrou Jade pelo pulso, e a levou até a grade. Os nobres abriram espaço com respeito.

- Ai embaixo, – Disse então ele com os olhos acesos. – Se celebra a Festa da Vingança.

Jade seguiu seu olhar e ficou petrificada. Um as tochas iluminavam o pátio. Os papagaios estavam pousados em postes de um metro de altura, como se fossem flores decorativas de cores, e eriçavam nervosos a plumagem.

Ali, os rugidos dos leões e os grunhidos e bufos das panteras da neve soavam com tal intensidade, que Jade sentiu náuseas. Contudo, o pior eram as jaulas. Havia cinco. E em seu interior, os presos se apertavam contra as grades. Foi então quando Jade se deu conta do porque de não ter visto a jaula de Lilinn na igreja. Seu cabelo loiro brilhava debaixo da luz das tochas.

- Isso é a arena. – Lorde Davan apontou com um gesto para todo o pátio. – E mais abaixo estão os assassinos e vão receber o que merecem. Morrer de sede haveria sido muito pouco para eles. Quem mata como uma besta merece morrer nas mãos de outra.

Jade teve que afastar o olhar das jaulas. Então reparou nos nobres que estavam de pé na galeria, do lado oposto.

Só havia um que não usava máscara. E não olhava a arena, mas sim, incrédulo, tinha a vista cravada em Jade. De repente, teve a impressão de estar se precipitando sem remédio até a boca de um abismo.

Faun!

Havia perdido peso, estava mais magro, e isso não fazia mais que destacar sua sóbria beleza. Durante um longo e mágico instante, seus olhares se encontraram por cima do pátio. Jade sentiu como se tocasse ao mesmo tempo gelo e fogo: desespero, amor, preocupação... E a decisão estratégica e controlada de atuar a todo custo.

A voz do Lorde Davan a trouxe, subitamente, de volta a realidade.

- Já podem rezar assassinos! – Vociferou ele até o pátio. – Esses são seus últimos minutos de vida!

Jade retrocedeu vacilante, e tomou fôlego. Lorde Davan se inclinou por cima do balaústre buscando, com o olhar, os animais de caça. Jade aproveitou a distração, girou e se meteu de novo no interior do salão. Enquanto corria, pegou uma faca da mesa e se dirigiu até a porta.

Primeiro pensou que o grito que acabava de ouvir as suas costas era pelas bestas, mas então soou o primeiro disparo.

Jade ia cruzar a porta a toda pressa, quando uma escolta de caçadores entrou apressadamente na sala. As manchas de fuligem na pele daquela tropa lhes davam uma aparência demoníaca. O cheiro a couro queimado percorreu o lugar. Jade engoliu em seco. Tañía havia atacado. Quando Moira a viu, seus cinzentos olhos se abriram de assombro, no entanto, a caçadora não vacilou nem um instante e atravessou a sala, passando diante dela.

- Um traidor na própria fila! – Gritou aos lordes. – Os rebeldes entraram no palácio pela casa de feras. Afastem-se da galeria!

Naquele instante se ouviu o segundo disparo. O grupo de convidados ficou mudo e retrocedeu. Só um dos nobres, que usava uma máscara de zorro, permaneceu em seu lugar. Virou-se lentamente para Moira e então agarrou seu peito. O sangue tingiu os dedos. Abriu a boca como se fosse dizer algo, logo caiu no chão. Desde a arena, um grito se elevou por cima dos rugidos dos leões. Então se fez o caos. Os nobres retrocederam até o interior da sala, e os caçadores e os sentinelas foram ao corredor da galeria.

- Para o chão!

Moira deu um golpe em Jade. Esta se cobriu, arrastou-se até uma das mesas do festim e desde ali se dirigiu até uma das portas laterais mais estreitas que davam a galeria.

Sua mão então tocou algo úmido e se sobressaltou. Vinho derramado? Jade olhou a mão e esteve a ponto de gritar de alívio. Martyn havia conseguido! Levantou a cabeça. De fato: a água brotava por uma das paredes e deslizava pelo chão. Ainda que as outras três paredes ainda estivessem secas, também ali o líquido estava começando a chegar, desenhando primeiro uma borda dentada escura, uma mancha na pedra, como se dedos pretos atravessassem os resquícios entre o teto e a parede para apalpar a sala. Os dedos foram se alargando cada vez mais, até que se converteram em jorros. Assim que aquelas haviam sido as fontes dos reis: umas paredes feitas de água onde eles podiam se refletir. Esteve a ponto de começar a rir do simples que era a solução.

No entanto, nesse mesmo instante, um ruído estridente e metálico atravessou seus ouvidos.

“É a chamada” – se disse.

Um movimento a sobressaltou e não pôde mais que sorrir. Era Amber, com o aspecto de Jade, sorria e apontava aos salões antigos.

- Obrigada! – Sussurrou Jade.

Ao momento, uma detonação surda sacudiu o chão. Em algum lugar do palácio, havia se produzido uma explosão. O pó surgiu por debaixo da porta. Jade se levantou e correu agachada até a galeria.

Ainda que, possivelmente, teria que se arrastar, aquela era sua única saída.

Na galeria ninguém havia reparado na explosão, e a luta inflamada.

Jade deu um passo para trás quando um rebelde se pendurou pela grade e disparou perto de um caçador. O homem caiu contra o parapeito batendo de costas. Em um segundo, a cor abandonou seu rosto contrito, mas, ainda assim conseguiu se manter de pé. No momento seguinte, o rebelde gritou e levantou os braços. A arma caiu de sua mão e deslizou pelo chão até cair em frente aos pés de Jade. No ato seguinte, o rebelde se precipitou de novo a arena. Moira abaixou a arma. Jade pegou com decisão a arma, e se balançou até o parapeito. Viu que, nesse momento, Moira se lançava para frente para afastar o caçador ferido da linha de tiro, no entanto, Lorde Davan se adiantou, e rindo, empurrou sem mais o caçador pela grade ante o olhar atônito de Moira. O grito de estupor do homem ao cair estremeceu Jade. Subitamente calou.

- Nade de perdedores! – Murmurou Lorde Davan. – Lutaremos até o último caçador.

Os disparos ressoaram nos ouvidos de Jade quando se pendurou na grade e seguiu até a sala seguinte. Debaixo dela, a arena estava fervendo. Jade contemplou a ancoragem feita com ganchos de carne que sustentavam as cordas das galerias. Os rebeldes, como piratas a abordagem, subiam com agilidade sinistra. Tañía estava certa. Talvez fossem pouco mais de trezentos, mas lutavam com tudo o que tinham: facas, armas, espadas e inclusive flechas. No entanto, mesmo numerosos e decididos que fossem, estavam em franca desvantagem frente às patrulhas que avançavam.

De repente, perto de Jade surgiu um rosto conhecido. A rebelde resmungou enquanto saltava pela grade com expressão resoluta. Não se dava conta de que um caçador a havia descoberto. Logo tudo ocorreu muito rápido.

Jade apoiou a perna direita entre as colunas da balaustrada de pedra.

Com a mão que restava desocupada, pegou a faca do cinto, a lançou com todas as forças e esperou acertar o alvo. O caçador se dobrou ao lado com o objeto cravado no braço. O disparo retumbou.

- Nell! – Gritou Jade. – Aqui!

A rebelde abriu a boca de assombro ao ver Jade, mas reagiu com agilidade surpreendente e agarrou sua mão. Com todas as forças, ajudou Jade a passar por cima do parapeito, e juntas, correram os últimos metros até chegar à seguinte sala.

- É uma deles! – Ouviu que gritava lorde Davan.

As balas vaiaram perto de seu ouvido, caindo em cima de vários cascalhos, e uma bala raspou na roupa de Jade, uma dor intensa a atravessou o ombro, então se jogou ao chão com Nell, e ambas se arrastaram fora da linha de tiro passando por cima de uma poça.

- Te acertaram? – Gritou Nell.

Ainda que seu ombro ardesse, Jade apertou os dentes e negou com a cabeça.

- Vamos, vem comigo! – Resmungou Jade ficando de pé. Nell se calou e obedeceu.

- Chama o caçador! – Ordenou uma voz sinistra de mulher, que percorreu como um arrepio nas costas de Jade. Era a Lady!

Enquanto corria, trocou um olhar nervoso com Nell. Logo, ambas redobram seus esforços. A água salpicava conforme avançavam a toda velocidade pelos corredores inundados. Jade ouviu disparos, gritos e o ruído de cristais quebrados.

Detrás das cortininhas relampejavam luzes, acaso o festim de armas. Ou... talvez fosse a crepitação das chamas. Acaso os rebeldes havia posto fogo no palácio?

- Estão ali! – Grunhiu lorde Davan.

Jade agarrou Nell pelo pulso, que ofegava, e a trouxe até si. A uma velocidade de vertigem, dobraram a esquina e entraram no corredor seguinte.

Pelo menos uma pausa breve para tomar fôlego! Continuando, outra explosão fez Jade gaguejar. A onda expansiva bateu nas águas.

- Diga, que demônios você pretende? – Murmurou para Nell.

A rebelde a olhou com espanto.

- O líder artilheiro está do nosso lado. Tañía queria ter acesso pelas muralhas. A casa de feras só foi uma manobra de distração.

"E você é a cabeça de turco de Tañía?" esteve a ponto de acrescentar Jade, com irritação.

O corredor estava vazio e só se ouvia a crepitação. Água contra a pedra tosca.

Cresceu, aproximou-se, prosseguiu pelas paredes, e finalmente, ocupou toda a sala.

- Por ali! – Disse Nell apontando para uma porta ampla. Jade repassou mentalmente a planta do palácio e assentiu. Era a antiga Sala do Trono!

As duas começaram a correr. Chegaram justo a tempo. O último que conseguiu entrever pela fresta da porta, – antes que ela e Nell a fechassem com um estrondo e a

bloqueando com batente de madeira, – foi um grupo de caçadores e lordes correndo. A porta era tão grossa que apenas vibrava debaixo dos chutes de raiva que recebia.

Jade deu a volta e olhou ao seu redor. A água brotava da parede, e se estendia pelo chão como uma superfície refletiva. As cortinas se enchiam pela presença do líquido frio naquele ar cálido de verão.

No entanto, havia algo que não encaixava. A água do Wila fluía pelas salas, mas continuava sem acontecer nada. Jade olhou ao chão sem saber o que fazer, e não encontrou nenhuma imagem, nenhum Eco, nenhum reflexo. Nem sequer Amber estava ali, em seu lugar, só viu uma Jade pálida que lhe resultava terrivelmente desconhecida.

- Onde está? – Gritou Jade.

Seu ombro doía, e de repente, sentiu-se tão fraca e desanimada que caiu de joelho no chão. Fechou os olhos e aguçou o ouvido. Naquela sala, os tiros soavam amortecidos.

- Vão entrar. – Disse Nell com voz aguda pelo espanto. – Vamos, continue. Ali adianta há outra porta.

- Shh. – Sussurrou Jade.

Percebeu debaixo das águas, apenas um murmúrio. Notou também uma sacudida no peito, ainda que soubesse que não era uma chamada. Jade torceu o rosto, ficou de pé e avançou tentando a um lado, com os olhos fechados. Ali, a sacudida era mais intensa, como uma pontada de agulha na têmpora, gemeu, e afastou o rosto.

Logo notou uma suave sacudida nos ombros e nas pernas, como se estivesse nadando no Wila e se deixasse levar pela corrente.

Jade resistiu atordoada, mas, ao final, cedeu e se deixou guiar por essa sensação. Tinha que sair da Sala do Trono!

Jade deu um tropeço e esteve a ponto de perder o equilíbrio. Apenas ouviu como Nell fechava a segunda porta atrás delas, e tentava persuadi-la de alguma coisa. Avançava com as pálpebras firmemente apertadas, cada vez mais rápido, e de repente, esteve situada no centro de um redemoinho invisível. Esperava se encontrar com um Eco, e abriu os olhos, mas teve uma decepção. Não havia mais que um corredor amplo, e resultava evidente que havia deixado de ser útil. Aos seus lados se viam colunas douradas, postes de madeira, e restos de móveis cortados para serem queimados. Em um canto, havia um monte desordenado de peças ricamente forjadas. Contudo, do príncipe não havia nem rastro.

Jade levantou olhar com estupor. Uma gota gélida foi cair em sua testa. E logo outra. Piscou e olhou com atenção. No teto havia um arco de roupa pendurado, o tecido estava empapado. Era evidente que o teto havia sido coberto com uma tela escura.

Depois de comprovar as cortinas, Jade ajustou a dobra de sua veste no cinto para liberar as pernas, pegou a tela das cortinas, retorceu-a e formou uma corda.

- Mas, o que você pretende? – Gritou Nell.

- Vigie a porta! – Exclamou Jade tirando a arma do cinto e jogando-a para a rebelde.

Então começou a subir. Tomou fôlego, seu ombro doía muito, mas isso não a deteve e foi partindo até chegar perto do teto. Agarrou-se fortemente com as pernas naquela corda improvisada, e estendeu a mão até a tela do teto, que escapou entre seus dedos.

Jade praguejou.

Os golpes contra a porta no final do corredor cada vez eram mais fortes, e a madeira oscilava e rugia.

- Jade! – Gritou Nell. – Seja o que for que você está fazendo, apresse-se!

Jade engoliu em seco. Deixou-se resvalar um pouco para baixo, e logo tomou impulso para se afastar tanto como pôde da parede. Continuando, agarrou com as mãos o tecido com toda a força que foi capaz. Duas unhas quebraram e logo seu próprio peso a levou para baixo. A corda de tela oscilou atrás sem ela, voltou sobre si mesma e se abriu como uma bailarina graciosa.

Por uns instantes, Jade ficou surpreendida, debatendo-se desesperada enquanto a tela se estendia, e seus dedos ameaçavam se soltar. Apertou os dentes com força, e impulsionando-se ainda com as pernas, o tecido por fim se rasgou com um chiado. A água gélida do Wila a empapou penetrou em seu nariz e seu sabor amargo empapou sua língua. Agarrada ao farrapo partido desceu com tal rapidez ao chão que teve de gritar. Ouviu o gemido de espanto de Nell, e ao final, o impacto a deixou sem fôlego. Chegou ao chão dolorida, deu a volta e ficou de costas, junto ao lado de um monte de lenha.

Umas ondas batiam em seus ombros, e acariciavam seu cabelo.

Sobre ela, oscilava um céu de pedra que refletia através da ampla fenda de roupa. Sorriu com vontade. Os reis Tandraj eram uns soberanos vaidosos. O que aquele pedaço de roupa ocultava era um fresco teto.

Nele se viam umas nuvens cheias e brilhantes de cor prata. A faixa verde do Wila atravessa em longitude toda a cena. E no centro das correntes, sentados em tronos feitos de flores de lótus e madeira flutuante, havia dois homens coroados.

Não. Na verdade não eram homens, mas sim umas silhuetas semelhantes aos humanos e muito luminosas. Ecos.

- Tandraj. – Sussurrou Jade.

No trono, os futuros reis davam as mãos: eram gêmeos de apenas um ano de idade. O artista havia dado a todos os personagens olhos de ouro brilhante e polido. O tempo havia gastado a pintura. A imagem do príncipe da direita estava murcha e só parecia uma cópia



sem vida. Em troca, pareceu a Jade que o príncipe da esquerda a olhava com seus olhos dourados.

Atordoadada, ficou de pé. A água resvalava pelo cabelo como uma corrente.

A imagem refletida da pintura oscilou no chão, até ficar quieta. Em certas ocasiões, os gêmeos Ecos pareciam sorrir com o vai e vem da água, enquanto que em outras olhavam furiosos. Então o reflexo se deteve. Não aconteceu nada, mas tudo mudou. O ar se voltou mais brando e mais espesso.

Ocorreu uma espécie de inalação invertida, que de repente, parecia aspirar tudo e esvaziar o peito. A água se deteve como se estivesse gelada. Por um instante, tudo ficou calmo. Houve um suspiro de alívio. E começou.

Capítulo Vinte e Um – Sangue de Água

A silhueta de um menino emergiu daquele espelho d'água, não muito longe de Jade. Primeiro foi um ombro e logo a cabeça e os braços que se alargaram e afinaram. Jade observou com assombro como o rosto ia perdendo sua inocência e se tornava mais marcado e adulto. E quando, com gesto ágil, o Príncipe de Inverno se incorporou e inspirou profundamente, já havia alcançado os dezoito anos. Ante Jade se ergueu um homem jovem de olhos verdes como o rio e a pele branca. Ainda que irradiasse o frio das águas, não era isso o único que a fazia bater os dentes. Ela se lembrava da advertência de Jakub: "São um povo guerreiro".

E nesses olhos havia dezoito anos de ira. Quando o príncipe deu um passo até Jade, ela retrocedeu imediatamente. Ele a olhava com hostilidade, era evidente que a havia reconhecido. Jade era meio Eco e meio humana, iria matá-la?

- Não somos inimigos. – Sussurrou ela.

Ainda que não soubesse se ele a compreendia, notou de novo a sacudida no peito, e uns pensamentos que se estendiam até ela como dedos invisíveis.

Então ele se precipitou para frente. Jade caiu para trás no chão com um grito, e levantou o braço para proteger seu rosto. Ouviu a voz de Nell e um chiado metálico, mas não notou golpe algum. Quando se atreveu a olhar, viu que o príncipe só havia pegado uma barra de ferro que estava junto a ela.

Enquanto Jade, todavia aterrorizada, tinha a vista cravada na arma, ele a saudou com a cabeça e correu até o centro do corredor, com o andar flexível e deslizante dos Ecos. Seu grito no sonho de Jade havia sido um som discordante, mas então, quando o príncipe dobrou a cabeça para trás e abriu a boca, foi tão nítido, penetrante e intenso, que inclusive a água se agitou.

Jade fechou os olhos e notou seu coração estremecido.

"Sinahe" pensou, e por um instante, foi simplesmente feliz.

Uns rugidos e crepitações a afastaram daquele arrebatamento. Ao instante, voltou a si e ficou de pé. A água ao seu redor borbulhava como em plena tormenta. Umas silhuetas emergiram da água, perderam sua transparência e adotaram faces de pessoas e olhos verdes que brilhavam de raiva. Pareciam humanos, mas a agilidade de seus movimentos os delatava.

No mesmo instante em que os caçadores derrubaram a porta, e se lançaram ao interior da sala, os Ecos voltaram por completo à vida. Um dos caçadores deu um tropeço de surpresa, e inclusive os cinco lordes que os seguiam enfurecidos, vacilaram.

Encontraram-se, de repente, com uma tropa de homens e mulheres, guerreiros armados com varas metálicas e paus de madeira. Por sua expressão, os Ecos os haviam reconhecidos, e segundo Jade pôde ver também os lordes se deram conta de que a guerra iniciada dezoito anos atrás ainda não havia terminado. Só havia alguém cujos pensamentos eram impossíveis de adivinhar. A inexpressiva máscara de ferro da Lady marcada um curioso contraste com seus gestos autoritários, e sua voz.

- Matem-nos!

Jade ergueu uma vara metálica gasta, que possivelmente em outros tempos havia sido uma arma. No instante em que a hasteou, um bando de pássaros revoaram por cima de sua cabeça. As gralhas azuis de Tam.

“Faun!”

A ira acumulava durante tantos anos estalou, como se o ataque ao palácio dos reis Ecos, houvesse sido há apenas uns minutos. Custava a Jade seguir com os olhos nos Ecos, tal era sua rapidez sobre seus adversários.

Ouviram-se alguns disparos, estralaram alguns vidros e no lugar penetrou uma fumaça negra que turvou a visão. No estrondo da batalha, Jade vislumbrou por um instante o rosto de Tam. Um sentinela ergueu sua espada, e Jade levantou a vara a tempo. A sacudida do impacto lhe percorreu o pulso, e chegou até seu ombro. Então um Eco saiu em sua ajuda, e se interpôs entre ela e o sentinela. Jade se agachou e correu até a porta. A rapidez com que o sangue lhe percorria os ouvidos lhe impedia de ouvir o estrépito e os choques das espadas. Topou com o pé com algo brando, e caiu por cima de uma figura tombada no chão. Tinha os olhos abertos e sem vida, e parecia contemplar estupefata a pintura do teto.

- Nell! – Exclamou Jade com a voz afogada. Um soluço a sacudiu.

De repente algo mudou, o ambiente se tornou mais sossegado e os gritos fora um único, e temível, fôlego contido. Só se ouviu um estalo e um chiado metálico. Não muito longe dela, Jade viu como a máscara de ferro batia contra a parede, e bamboleava na água duas vezes de um lado ao outro, e logo ficava imóvel no chão.

Atordoadada, ficou de pé e olhou o centro do lugar. A cena tinha algo de irreal, e não lhe surpreendeu muito ver Moira.

Ainda que as manchas de fuligem lhe manchassem o rosto, Jade se deu conta de que a caçadora estava pálida. Entre os combatentes, viu rostos totalmente retorcidos, os caçadores se retiravam entre tropeços, enquanto os lordes lhes gritavam que seguissem lutando. Inclusive os Ecos vacilaram. E então Jade também o viu.

Porque tal como mandava a lei, a Lady era uma divindade de verdade.

Em qualquer caso, sem dúvida não era humana. Tinha a pele tão translúcida que podiam ver seus ossos. Os dentes brilhavam por trás dos lábios superiores, igual aos ossos de suas bochechas debaixo daquela pele transparente e sem sangue.

“Lady Morte”, pensou Jade com horror.

Ben tinha razão. Alguns caçadores deram um passo para trás, logo se ouviu um disparo. A Lady se sacudiu, mas não caiu no chão. Sua túnica mostrou farrapos no ombro, mas da ferida não brotava sangue. A cinza começou a cair na água.

O primeiro caçador gritou, deu um passo para trás, vacilante, e deixou cair à arma.

- Lutem bando de covardes! – Gritou um lorde.

Continuando, a nuvem de fumaça que entrou pela porta impediu Jade de ver algo mais.

Não soube como chegou ao corredor seguinte. Seus olhos coçavam pelo ar irritante. Jade apenas podia ver as gralhas azuis que agitavam a fumaça com seu bater de asas. Os Ecos passaram ante ela como uma exalação, e entre os combatentes viu uma Tañia enfurecida e outros rebeldes.

Jade repeliu um atacante e esquivou de uma estocada.

Mas no momento em que, quase sem fôlego, foi para um lado, reparou de repente em um rosto retorcido pela raiva. Lorde Davan já não levava máscara. Estava há apenas três passos dela, e segurava uma arma com ambas às mãos.

Jade ouviu o tiro inclusive antes de se dar conta do que acontecia.

Durante uns segundos, ensurdeceu. Viu bocas que se abriam e fechavam, e armas que se chocavam entre elas sem ruído algum.

“É isso”, se disse olhando atônita ao seu redor. Nem ferida, nem dor. Para seu assombro, foi Lorde Davan quem caiu. O barulho voltou então, com uma intensidade que quase a fez cair no chão.

Olhou em torno de si com a boca aberta. À esquerda, junto a ela, Moira erguia a arma com seu braço ileso.

- Respondendo sua pergunta de ontem. – Resmungou. – Me importa. Maldita seja, importa-me muito.

- Obrigada. – Gaguejou Jade.

A caçadora se limitou a assentir, e secou a testa com a manga.

Parecia tão esgotada e abatida, como se acabasse de sofrer uma decepção.

“Como se sente ao se dar conta de que esteve a serviço da morte?” pensou Jade.

- Parta, enquanto te cubro. – Disse Moira.

Jade partiu a toda pressa, passou junto ao lorde Davan, e ao dobrar uma esquina, o assobio agudo de Moira a deteve outra vez. A caçadora deu um chute em um objeto que havia no chão. A água saiu desimpedida e a arma do Lorde Davan, deslizou até os pés de Jade. Ela a pegou. Era a arma de um lorde, com cabo de marfim. Assentiu, pôs a trava e a prendeu em seu cinto. Uma asa lhe acariciou a têmpora, um bico mordeu seu cabelo, e Jade se agachou e correu até o corredor lateral. Ao buscar o pássaro com a vista, viu a Faun.

Jamais havia podido imaginar como maravilhoso era voltar a ver alguém vivo.

Teria gostado de se lançar sobre ele por puro alívio, mas só conseguiu esboçar um sorriso torto.

Faun levava atrás de si um duro combate, seu casaco estava feito farrapo ,e no pescoço reluzia quatro arranhões. Deveria ter demonstrado alegria por ver Jade, mas se limitou a se inclinar levemente, com um gesto tão felino que ela perturbada enrugou a testa.

Havia algo ali que não encaixava. Nos olhos de Faun brilhava uma luz escura.

Sua expressão era distinta, mas dura e desconhecida, como se nela pairasse algo sinistro.

“Os anjos negros têm este aspecto” se disse Jade e deu um passo para trás.

Sem querer, o temor se apossou dela.

“Um anjo vingador” concluiu.

- Faun? – Perguntou vacilante.

- Parta daqui! – Gritou ele.

Essa raiva parecia estar contendo uma onda expansiva capaz de lançá-la para trás. Faun contraía o rosto, como se tentasse se reprimir com muita dificuldade. Ele se virou e quis partir a toda pressa, quando um gesto o deteve. Nesse momento, Tam surgiu da sombra de um nicho. Ia como sempre, acompanhado de um dos cachorros.

“E Jay?” pensou Jade, alarmada.

Uma das gralhas azuis pousou no ombro de Tam, girou a cabeça e contemplou a Jade com esses olhos negros de expressão maligna.

- E você amigo, soube durante todo esse tempo. – Disse o nórdico a Faun.

- Deixa ele! – Gritou Jade. Desta vez sua ira era nítida e gélida. Buscou tentando em suas costas pegar a arma que levava presa no cinto. Tam sorriu com desdém.

- E quem exige isso? Um Eco?

Faun gemeu e apertou os punhos. Jade observou o reflexo desse movimento pelo canto do olho. Voltou então à cabeça para a parede de água. Ainda que seguisse agarrando com força o cabo da arma, o horror súbito a paralisou.

Viu no reflexo de si mesma uma jovem mulher, com um vestido empapado e gasto. Um cabelo escuro caía emaranhado sobre seu pálido rosto. Era humana, mas nesse instante o Eco que havia nela resplandecia com tanta nitidez que se perguntou como ninguém havia reparado antes nisso. Há apenas dez passos, estava Faun, que de novo se virava para ela muito lentamente.

A diferença era que seu reflexo não mostrava a Faun, mas sim a Jay. A pele negra, os olhos brancos e brilhantes, as garras...

Era a besta, que como comprovava nesse momento pavoroso, nunca havia estado frente à janela, mas só era um reflexo no cristal.

O reflexo de Faun. Ele era, na verdade, o monstro que havia estado a ponto de matá-la, o predador que raciocinava ante o sangue de Eco e que na Cidade Morta havia seguido o rastro do príncipe gêmeo. Seu inimigo.

Incapaz de suportar por mais tempo a visão do lado escuro de Faun, o olhou no rosto.

Em seu semblante havia desconcerto, mas também uma hostilidade que a sobressaltou.

- Não. – Sussurrou ela.

- O que está esperando? – Gritou Tam com sua voz cálida e hipnótica. – É um caçador sangrento. Vamos, mate-a! – A ordem ressoou pelo lugar e fez Faun estremecer.

O sangue de Eco de Jade assomou como uma lembrança, essência de muitas vidas passadas. No instante em que nos olhos de Faun se apagou a última chama de claridade, ela tencionou os músculos, girou e começou a correr. Apenas se dava conta da rapidez com que passava junto à parede, o único que ouvia era como Faun se aproximava cada vez mais.

Estava muito perto dela, demais, e então, de repente, deixou de ouvir passos. Jade soube que Faun ia investir contra ela, e no preciso instante em que ele se lançou sobre ela, Jade cedeu por instinto, abaixou-se no chão e girou sobre si mesma.

Abraçados, foram bater contra o chão.

O pânico lhe percorria as veias. Movia-se com tanta rapidez, que sua visão só lhe mostrava uns borrões imprecisos. Caninos roçaram em seu pescoço, mas não conseguiram pegá-la. Ela se defendeu com todas as forças, afastou-se do abraço com a agilidade de um Eco, agarrou Faun pelo cabelo e mordeu seu ombro. Encolheu rapidamente a perna e o golpeou no quadril.

Ainda que ele gritasse raivoso, ela conseguiu se livrar definitivamente de seus braços. Sem refletir apenas, ergueu a vara que havia escapado de suas mãos ao cair e o acertou.

“Isso não deveria ser assim – lhe sussurrava uma voz histérica e desesperada, em seu interior. – Não podemos... Não devemos nos machucar”.

Quando viu como Faun caía no chão, a dor atravessou seu peito. Soluçou, ergueu a vara do chão e fugiu. A fumaça era tão espessa que a fazia tossir. Em sua corrida, voltou a olhar por cima do ombro, e viu que Faun se levantava de novo e a perseguia a toda velocidade. Jade apertou os dentes e correu até o final do corredor que girava para a direita. Uma cálida brisa vespertina lhe acariciou o rosto. Conseguiu não tropeçar a tempo, e saltou por cima de uma avalanche de cascalhos de pedra. O brilho das chamas cintilava sobre os restos de um muro, frente ao qual se abria o azul noturno do mar. Jade se deteve deslizando. Ao fazê-lo, levantou um pouco de água do chão, que salpicou por cima da borda da brecha e derramou como uma cascata sobre o muro do palácio, até as profundezas. Os rebeldes haviam explodido metade do corredor. Havia ganchos e cordas presos nos restos das muralhas, que mostravam o ponto pelo qual as pessoas de Taíña haviam entrado no palácio.

Uma parte do resto do corredor era uma grande brecha, e a outra havia sucumbido debaixo da avalanche de pedras. Jade, horrorizada, deu-se conta de que havia caído em uma armadilha.

Virou-se sem fôlego. As suas costas, o abismo e o mar, diante dela, Faun, que acabava de dobrar a esquina e ainda cambaleava e sacudia a cabeça, como atordoado pelo golpe que ela havia lhe acertado.

Jade agarrou a arma com dedos trêmulos.

“Não faça isso” pensava, fora de si. “Mas você é uma Eco” rebatia a Jade, ajuizada. “Se cheira seu sangue! Matará você”.

- Para trás! – Gritou ela. Faun avançou.

Jade engoliu em seco e levantou a arma. Baixou com o polegar na alavanca de segurança da pistola. Notou o sangue que lhe saía nas têmporas, e de repente, sentiu de novo a ferida no ombro. Talvez Faun não fosse consciente do que significava a arma, mas, em todos os casos, não demonstrou temor algum.

“É uma loucura!” pensava Jade.

- Não quero te matar. – Sussurrou ela. – Peço-te, Faun.

O dedo indicador tremia no gatilho. Ele se deteve a quatro passos delas, mas não olhava a arma, sim o seu rosto.

Tinha a boca desfigurada, e levantava e abaixava o tórax, como se estivesse fazendo um grande esforço.

Jade viu que ele se debatia em seu interior, e viu nele o mesmo desespero que ela sentia. Então abaixou os braços. O cachorro de Tam apareceu, como surgido do nada. Os pássaros revoaram sobre ela.

O sorriso frio de Tam parecia flutuar na penumbra.

- Mate-a de uma vez!

Faun gemeu, fechou os olhos e... abriu os braços. O casaco gasto deixou ver seu peito, e mostrou a tatuagem da gralha.

Jade levantou a arma, apontou e apertou o gatilho. As gralhas se rebateram assustadas, e fugiram a toda pressa. O cachorro retrocedeu gemendo, sacudiu a cabeça irritado e correu até seu amo. Faun não soltou nem um gemido. Não abriu os olhos, só empalideceu e desvaneceu. Tam vacilou.

Apoiou-se com a mão direita no muro, e logo caiu lentamente no chão.

Olhou desconcerto, primeiro seu casaco gasto, e logo a Jade.

- Besta. – Murmurou ela com a voz afogada.

O nórdico caiu de joelhos, girou sobre as costas e ficou caído e imóvel.

Jade deixou cair a arma.

“Assassina” pensou, assustada.

Anéis de água fugiram espantados da arma e fizeram oscilar o reflexo de Faun. Tinha o rosto apertado contra o chão úmido, de maneira que lhe dava a impressão de que ele, e o monstro, estavam deitados bochecha contra bochecha.

Jade pôde contemplar pela primeira vez com tranquilidade o outro eu do seu Faun. Seus traços eram mais duros e cruéis que os de um humano, e a pele, na verdade, não era negra, mas sim tinha um brilho de cor anil. O cabelo preto caía sobre a testa de seu reflexo.

“Fuja!” gritava sua voz interior.

Sentia-se tão fraca e cansada que apenas podia se manter de pé. Aproximar-se de Faun lhe custou mais esforço que tudo que havia feito até esse momento. Por fim, seus joelhos vacilaram e se deixou cair ao chão, junto a ele.

Virou Faun cuidadosamente sobre as costas, e lhe afastou com uma carícia o cabelo úmido. Ao tocá-lo sentiu, a seu pesar, que seus pêlos se eriçavam. Estava gelado. Estava morto? Não pode estar morto! Engoliu em seco e pousou a mão no peito. Quase esperava notar ali uma ferida, mas o único que sentiu foram batidas rápidas e irregulares.

Deslizou as mãos por debaixo dos ombros de Faun, e o aproximou de si.

A cabeça dele repousava pesadamente em seu ombro, e o fôlego acariciava a pele de seu pescoço.

“E se acorda e me mata?” se perguntou.

Ainda que estremecesse, não pôde soltá-lo. Em lugar disso, olhou o mar.

O reflexo do fogo dava as ondas coroas vermelhas. E distante brilhava a embarcação dourada da Lady.

“Lady Morte abandona essa cidade – Jade pensou com amargura. – Logo encontrará novos lordes. Em outra cidade, com outros humanos”.

Faun gemeu e se moveu. O coração de Jade deu uma volta, e notou a boca tão seca que a língua ficava aderida a boca. O terror lhe impedia de respirar bem, e teve vontade de fugir. Faun abriu os olhos. Eram negros como a obsidiana, mais temíveis e não humanos que nunca.

Então as comissuras de seus lábios se moveram e desenharam um sorriso cauteloso. Jade suspirou aliviada. Era Faun. Seu Faun.

- Tam está morto. – Disse ela com um gemido. – Eu... eu o matei. Você é livre.

Faun engoliu em seco com dificuldade e assentiu.

- Você sabia desde o princípio! – Disse ela.

- Que você era um Eco? – Murmurou. – Sim, desde o primeiro momento. Mas você não sabia que era. E me confundiu. Tem o sangue vermelho, e em troca, é como eles.

- Uma vez disse que você é tão humano como eu. Então não compreendi o que queria dizer.

- Você é humana igual a mim. – Faun se levantou trabalhosamente. Seguia sendo inquietante ver em seu reflexo ao outro Faun, esse ser demoníaco.

- E Jay? – Perguntou ela em voz baixa. – Existe de verdade?

Faun sorriu de novo. Tinha olheiras tão escuras que parecia alarmantemente cansado.

- Sim, posso te assegurar que sim.

- Mas... não é um caçador de Ecos.

- Sim e não. É um animal. No entanto, estamos unidos, e por isso compartilhamos muitas habilidades. Percebe como eu sinto o sangue dos Ecos. Ele estava sobre o feitiço de Tam, e eu só podia me rebelar quando tentava exercer sua influência em meu lado humano.

- Nunca pensou em... matar Tam? – Faun gemeu e passou os dedos pelo cabelo.

- Mais de uma vez. E Tam sabia. – Apontou então o selo da gralha azul. – Se eu houvesse feito, teria morrido.

Jade tentou imaginar o que teriam significado para Faun os anos passados junto a Tam.

Não conseguiu.

- Me disse que Jay era seu irmão. O que pode ensinar um animal como ele a vocês... os caçadores sanguinários? – Quis saber ela com cautela.

- Simplesmente a atuar, e a matar como um predador. Sem crueldade. A conter nosso lado selvagem, a viver com ele sem nos abandonar por completo. Por isso temos que abandonar nosso clã, e só nos está permitido voltar a ele quando somos capazes de dominar nosso lado escuro.

Jade tomou fôlego. Era muito difícil formular a pergunta seguinte:

- E... você conseguiu aprender?

- Não sei. – Respondeu Faun muito sério. – Eu saberei quando meu gêmeo morrer. – Sorriu com tristeza. – Não podemos permanecer juntos. Os caçadores sanguinários e os Ecos são inimigos sem reconciliação.

- Mas você e eu não somos.

- Eu sou o que sou, Jade.

- Eu também. – Retrucou – Mas nos amamos, lembra?

Fora se ouviram então uns gritos de triunfo, que os fizeram estremecer.

Uns passos se aproximaram rapidamente. O cachorro de Tam, que não havia se afastado do cadáver, grunhiu. Então Moira apareceu pela curva, desalinhada, despenteada e com uma mão enfaixada de forma provisória. Jade suspirou aliviada. A caçadora estava viva!

Também Moira sorriu ao ver Faun e Jade. Avaliou a situação com um só olhar.

- Graças a Styx! – Disse, e de imediato adquiriu sua atitude séria. – A luta terminou. Decretaram trégua. Ainda que ninguém possa saber como acabará tudo isso.

Jade se pôs de pé com dificuldade.

- Quem venceu? – Perguntou com voz fraca.

Moira cuspiu com desdém.

- A Lady fugiu. Oito lordes lutaram até o final. Lorde Lomar e Lorde Palas se entregaram, os caçadores que não desertaram soltaram as armas. Ficaram ainda os Ecos e os rebeldes. Agora mesmo estão abaixando as jaulas e seu pai fala com o príncipe dos Ecos. – Moira arqueou uma sobrancelha. – O mais fiel dos partidários da Lady domina seu idioma. – Disse com sarcasmo. – Todas as cidades precisam de seus traidores, não?

Jade se sentiu muito aliviada. Moira se dirigiu diretamente até Faun, o segurou pelo pulso e o pôs de pé. Ele vacilou, mas conseguiu se levantar e permitiu que Moira o sustentasse.

- Vamos rebelde! – Gritou Moira a Jade. – É hora de tirá-lo daqui e que consigamos escondê-lo bem antes que os Ecos percebam seu rastro de caçador sanguinário. Não cabem dúvidas de que eles gostam de vingança!

Dispunham-se a partir a toda pressa quando Faun se opôs.

- A chave! – Exclamou apontando para Tam. – Preciso da chave da jaula de Jay.

Capítulo Vinte e Dois – O brilho do desconhecido

Em poucos dias, o Larimar havia mudado mais que em todos os anos anteriores. Com a ajuda de Manu, Jakub havia levado mesas e tapetes ao salão de banquetes, assim como as cadeiras que não estavam quebradas, um sofá velho e uma cama para Ben, porque custava muito para o ancião subir a escada empinada. Já não havia nenhuma janela coberta com madeira, e a luz entrava em todos os cômodos.

Jade ouviu o ruído de passos sobre sua cabeça, e soube que não se tratava de fantasmas, mas sim de pessoas que o Larimar dava alojamento e abrigo desde a vitória dos Ecos e dos rebeldes. Sorriu e apertou a corrente de sua mochila. Teria que esperar ainda um pouco para colocá-la nas costas, porque a ferida de raspão da bala no ombro justo agora começava a sarar. E, graças aos cuidados de Lilinn, cicatrizava bem.

- De verdade, não vai mudar de idéia? Pensou bem? – Perguntou Jakub.

Jade se virou para seu pai, cruzou os braços e sorriu ironicamente ao invés de responder. Já haviam falado por um longo tempo sobre isso, e custando-lhe muito, Jakub assentiu.

- Todo o desconhecido brilha e a atrai, certo? – Resmungou. - Realmente, você é como Tishma. É como as gralhas, que não podem resistir de colher às moedas de prata que encontram no chão.

Jade começou a rir, aproximou-se dele e o abraçou.

- Adoraria levar você comigo, mas os Ecos precisam de seu tradutor, e Lilinn de alguém capaz de lidar com os do segundo andar.

- Na verdade, não preciso dele. – Respondeu Lilinn com um sorriso. – É Jakub que precisa de alguém que aguente seu mau humor quando não puder dormir preocupado com você.

Lilinn ainda parecia esgotada. Apesar das feridas produzidas pelas queimaduras do sol, Jade nunca a havia visto tão feliz.

- Volte. – Murmurou Jakub. – As coisas mudam também nessa cidade. Mas, enfim, o que vou te contar?

Jade assentiu e fechou os olhos enquanto seu pai beijava suas bochechas e sua testa, logo se despediu de Lilinn. Abraçar Ben foi o que mais doeu. Nos últimos dias, o ancião parecia cada vez mais frágil.

Jade engoliu em seco e olhou, pela última vez, o salão de banquetes. No chão de mármore se viam as marcas que a jaula de Jay havia deixado ao ser deslizada.

Martyn a esperava na escada d'água. Jade lhe passou a mochila, e logo pulou no bote preto. Ainda que fosse uma manhã fresca e havia neblina desde o rio, viu que Amber a saudava. E de novo não houve outra coisa que desejasse mais que poder contemplar a forma real de sua irmã.

“Seguirá comigo quando eu abandonar o rio?” se perguntou.

- Pronta? – perguntou Martyn.

Jade esboçou um sorriso e assentiu. Até então, e apesar da nota de nostalgia que a embargava, havia se alegrado por abandonar em fim o Larimar, mas agora lhe pesava. Tentou não voltar a olhar para trás, mas, quando já deslizavam pela curva do rio, virou-se de novo. Jostan Larimar e sua ninfa continuavam ainda na escada d'água e agitavam o braço para ela.

A margem estava deserta, muitos habitantes ainda duvidavam sobre abrir as janelas que tinham protegido com barras, e de se aproximar de novo da Praça do Mercado, e do recinto palaciano. Inclusive Jade havia se sentindo incômoda quando, no dia anterior, havia ido à igreja com Ben. Ainda que todos os incêndios houvessem sido sufocados há tempo, o fedor da madeira e cabos queimados não escapavam facilmente. De duas vilas nobres apenas restava o cimento, e a igreja estava enegrecida pela fuligem. As jaulas continuavam na Praça da Igreja, vazias e abandonadas, como se inclusive os traficantes do Mercado Negro tivessem desconfiança por tocar esses ferros. O mais estranho, no entanto, era ver todas as portas do palácio abertas, apesar de que ninguém, exceto os rebeldes e os caçadores, se atrevia a entrar.

- Novas caras, novos amos. – Havia murmurado Ben. – Está por ver se dezoito anos e duas guerras bastaram para que os humanos sejam um pouco mais preparados.

- Humanos e Ecos. – Respondeu Jade com ênfase.

- Ecos humanos. – Ben lhe corrigiu com seu sorriso desdentado.

Andava muito erguido, tinha o olhar despojado, de novo desta vez havia tido razão: todavia não era hora de celebrações. Nada havia adquirido ainda sua forma definitiva. Os Ecos e os humanos poderiam conviver? Haveria amos e criados, ou tal como esperava Jakub, um Conselho constituído pelas distintas partes que tomariam decisões em comum? Ainda era estranho ver os Ecos na cidade, havia pensado Jade ao ver duas figuras deslizando até a Porta Dourada pela Praça da Igreja. Sua pele branca brilhava ao sol. E, ao mesmo tempo, isso fazia que na cidade a ausência de alguns rostos conhecidos resultasse ainda mais dolorosa: Tañía, Nell, Leja, Ruk e outros haviam sido enterrados no ossuário, lembrou Jade.

Engoliu em seco e voltou a olhar a água. No entanto, um assobio forte e um latido rouco a sobressaltou.

- Outra pessoa que também quer se despedir. – Exclamou Martyn apontando para a margem.

Jade revirou os olhos, e em um primeiro momento, ofegou ao ver dois enormes cachorros cinza. Eram os cães de guarda de Tam!

Então vislumbrou Moira.

- Pensei que não te encontraria! – Lhe gritou ela com um sorriso.

Já não usava o uniforme dos caçadores, mas sim calças pretas de linho e uma jaqueta de uniforme que, seguramente, havia pertencido a um oficial.

Seu cabelo castanho e liso ondeava ao vento. Assobiou aos cachorros para que se aproximasse, e continuou o percurso do bote rio abaixo, até que ao fim este se deteve. O seixo rugiu debaixo da quilha. Jade se dispôs a saltar a margem, mas a caçadora a impediu com um gesto com a mão.

- Não há tempo para cenas longas. – Disse. – Vou ao palácio.

- Outra reunião? – Perguntou Martyn.

Moira assentiu.

- Novos mandos, novas tropas. Logo levaremos um novo uniforme, para os humanos, para os Ecos, ou para ambos.

- Por que você faz isso? – Perguntou Jade. – Você já não é obrigada a ser uma caçadora. Poderia partir e ser livre.

Moira fez uma careta zombeteira com a boca, movendo a comissura direita para cima.

- Não dê tanta importância à liberdade, Jade. – Disse estendendo com cuidado o braço ferido, como para provar sua resistência. – Foi necessário um grande combate para consegui-la, mas só é a metade da história. Uma liberdade como esta está sempre por um fio. Agora reina o equilíbrio. Mas ,ainda que se forme esse conselho, alguém deverá se encarregar de que esse equilíbrio se mantenha. É só questão disso, entende?

Jade teria gostado de lhe dizer quão bem a entendia, e o muito que significava para ela aquela amizade estranhamente evasiva,mas conhecia suficientemente bem a caçadora para se limitar a assentir.

- Como está seu amigo? – Perguntou em troca.

Moira encolheu os ombros, mas nos lábios formou, de fato, um sorriso.

- Está melhor. – Um dos cachorros de Tam latiu, e ela passou a mão em sua cabeça. – Realmente, são cachorros excelentes. – Disse com admiração.

Logo saudou Jade com a mão, e partiu dali sem olhar para trás.

As últimas brumas já haviam se dissipado quando Martyn conduziu o bote até o delta. Passaram pela baía do porto, onde estavam congregando todas as embarcações. Martyn então pôs o motor a funcionar, e Jade pôde desfrutar da brisa fresca em seu rosto, enquanto passavam ante o farol e contornaram a costa. A água do mar não era nem verde nem tranquila, mas sim agitada e de um profundo azul anil. As ondas faziam o bote oscilar.

- Ali! – Gritou Jade para Martyn, apontando uma série de rochas calcárias planas.

Seu amigo lhe dirigiu um olhar cético. Com o vento, as mechas despenteadas de Martyn brilhavam como raios de sol, e Jade gravou em seu coração aquela imagem preciosa para poder recuperar essa visão nas horas frias e solitárias, e sentir sua quentura.

- Mas você não queria ir as Red Rocks? – Gritou Martyn para se fazer ouvir por cima do motor. Jade negou com a cabeça.

- Deixe-me ali à frente! Seguirei a pé.

Deu-se conta de que aquela idéia não convencia nada ao seu amigo, mas Martyn se limitou a encolher os ombros e conduziu o bote até a margem. O fluxo das ondas marinhas chocava-se contra uma rocha calcária colada de conchas.

Martyn desligou o motor e levou o bote a remo até uma das rochas mais planas.

- A mochila pesa. – Disse ele. – Descerei para levar para você.

Ficou de pé, mas Jade pousou uma mão em seu ombro.

- Vou sozinha – decidiu.

- Muito bem. – Disse irritado. – Vai com ele se não pode deixá-lo. Mas você já sabe o que penso.

- Como não vou saber! – Retrucou Jade. – Nos últimos dias deve ter me dito umas cem vezes!

- Duzentas. – Martyn a corrigiu, impassível. – De todos os modos, que cabe esperar de alguém tão teimosa que tem metade do sangue das criaturas semi selvagens do rio, e a outra metade de Jakub?

A troca tão familiar para ambos, percorreu o coração de Jade com um cálido estremecimento de confiança. De repente, sentiu muita vontade de começar a chorar e teve que engolir em seco. Martyn adotou também um ar sério e pigarreou, para logo dar um passo a frente e a abraçar com força.

- Cuide-se e fique afastada da Lady Morte! – Logo, abaixando o tom, lhe sussurrou no ouvido: - Vamos! Sai do meu bote!

E Jade começou a rir entre lágrimas.

A luz da manhã, as Red Rocks ainda pareciam pálidas. Jade as havia visto poucas vezes daquele lado, e ficou assombrada com a amplitude de cor azul do mar que se abria atrás delas. Deixou sua mochila no chão e esticou o ombro dolorido. Logo tomou fôlego para serenar um pouco, e se dirigiu até as Red Rocks. Viu Faun de longe. Estava sentado na rocha que penetrava mais fundo no mar, observando a superfície da água. Era evidente que esperava ver o bote. E, por suposto, não estava sozinho.

Jade se deteve de repente. Parecia que o vento a empurrava a continuar, mas ela se opôs e ficou quieta, com o coração agitado.

Nos pesadelos nas noites anteriores, havia imaginado milhares de seres diferentes, o qual mais ameaçador e estranho. Ainda que agora devesse se sentir mais aliviada, curiosamente, ao ver Jay seu coração começou a bater com força. Alegrou-se por ter o vento de costas, porque assim o animal não podia sentir seu cheiro.

Era o maior lobo que ela havia visto em sua vida, deitado, era tão alto como os cachorros de Tam quando estavam de pé. Faun tinha a mão fundida em sua pelagem negra e espessa na nuca. Deles emanava uma confiança tão intensa que Jade ficou muito impressionada.

Ainda que por instinto, Jade deveria ter sido o primeiro a advertir sua presença, mas foi Faun que de repente se virou.

Jay soltou imediatamente, ficou de pé e começou a sorrir. De repente, tudo voltou: as noites, os beijos, o desejo veemente e feroso, a alegria de vê-lo agora. Mas também voltou a ameaça, o tato de marfim e o ferro nas mãos, o retrocesso da arma e esse outro rosto escuro, pensou Jade, estremecida.

Faun, sem fôlego, aproximou-se dela.

- Passei três dias me perguntando se afinal você viria! – Exclamou.

Jay se levantou trabalhosamente da rocha e se dirigiu até eles.

Faun foi abraçar a Jade, mas o leve sobressalto dela o deteve de imediato. Seu rosto escureceu. Jade ardia em desejos de acariciá-lo, mas não conseguia dar o último passo.

Jay se pôs em movimento, e Jade observou que era uma espécie de lobo que ela nunca havia visto. Era de uma raça mais esbelta e de pernas mais altas, com um peito de tamanho maior e manchas por cima dos ombros que confluíam no peito formando um V preto. Seu tamanho chegava ao quadril de um homem. Lentamente, como se andar lhe exigisse uma grande concentração, aproximou-se e submergiu debaixo da mão de Faun.

Jade observou aquele rosto enxuto e belo de lobo com olhos opacos como discos de perola que olhavam o vazio. Deu-se conta, consternada, de que estava cego. Era um animal velho e tinha em torno do focinho uma pelagem de cor branca e felpuda. Visto de perto, não era, nem de longe, tão forte como faria parecer sua pelagem espessa. Tinha as costas marcadas e o barulho da água e do vento pareciam incomodá-lo.

- Passou tanto tempo as escuras que se tornou cego. – Disse Faun em voz baixa. – E depois de tantos anos na jaula, vai precisar de um pouco de tempo para se recuperar.

- Na escuridão, você vê pelos dois. – Disse ela.

Ao ouvir sua voz, o lobo farejou em sua direção e soltou um grunhido de desconfiança. Ela, assustada, retrocedeu. Faun falou suavemente com Jay na língua dos nórdicos.

- Vai se acostumar com você. – Disse, desculpando-se por ele. Mordeu os lábios com nervosismo. O temor brilhava em seu olhar. – Bom isso se você... realmente quiser ficar comigo.

Jade fez uso de toda sua coragem e estendeu a mão até Faun. Jay ficou quieto, mas seu pelo se eriçou. Jade notou que seu coração começava a bater mais rápido. Faun, no entanto, sorriu aliviado e se aproximou cuidadosamente, como temendo afugentá-la. Musgo, neve. E samambaia.

Era como se aquele aroma despertasse nela algo cálido, doce e firme. Seus dedos se roçaram. Jade vacilou por um breve instante, mas logo o abraçou.

Faun lhe rodeou com os braços pela cintura, e a atraiu até si com cuidado de não lhe tocar o ombro. A cor vermelha mel de seus olhos meia noite resplandecia, e Jade se perguntou se nesse momento ele contemplava o Eco e a mulher que amava. Notou que ele também se sentia inseguro.

“Sairá bem? – pensou ela. – Começar de novo?”.

Ao final, ela superou o último limite e o beijou. E experimentou de novo uma sensação de caída, e ao mesmo tempo, de abandono a uma torrente ardente de sentimentos. Notou o perigo daquele beijo, mas, quando Faun se separou um pouco dela e a olhou nos olhos, o sorriso dele voltou a lhe lembrar porque o queria.

- Bem? – Perguntou ele, carinhoso. – Vamos aos Bosques Boreais, ou talvez as Cidades?

- Começamos percorrendo a costa. – Disse ela. – Cruzamos os bosques da margem até a próxima cidade. E desde ali, talvez, partiremos pelo mar até as Ilhas Meridionais.

Faun riu e assentiu, e logo a soltou vacilante. Quando se dispunha a regressar as Red Rocks para pegar mochila com suas coisas, Jade o reteve um instante.

- Faun. – Murmurou. – Você sabe que cheira a neve e bosques?

Ele encolheu os ombros e lhe dirigiu um sorriso irônico que a deixou sem fôlego.

FIM

Créditos

Tradução

Thays Fructuoso

<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=419974946469730342>

Revisão

Thays Fructuoso

<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=419974946469730342>

Simone Costa

<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=16940845770447372255>

Natalia Miranda

<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=8009469118118348953>

Tami S.

<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=15014949637457093814>

Thábata Papini

<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=1224165313819057875>



*A comunidade Traduções After Dark tem por objetivo
a tradução de livros ainda não lançados no Brasil.
Sem fins lucrativos é feita de fãs para fãs !!!
A distribuição desse livro é permitida somente com os devidos créditos!!!*

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=100455503>

Skoob

<http://www.skoob.com.br/usuario/mostrar/155912>

Blog

<http://traducoesafterdark.blogspot.com/>

☺ All Creatures of the night get together After dark ☺

